



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM ENSINO E APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA
E SEUS FUNDAMENTOS FILOSÓFICO-CIENTÍFICOS

**O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA DOMÉSTICA DE
NATAL: contribuições para um diálogo sobre o papel da
mulher Norte-rio-grandense (1911 – 1961)**

MARIA MARONI LOPES

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

Rio Claro

2020

MARIA MARONI LOPES

**O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA DOMÉSTICA DE
NATAL: contribuições para um diálogo sobre o papel da mulher
Norte-rio-grandense (1911 – 1961)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Roberto Nobre

Rio Claro – SP
2020

L864e Lopes, Maria Maroni
O ensino de matemática na Escola Doméstica de Natal :
contribuições para um diálogo sobre o papel da mulher
Norte-rio-grandense (1911 – 1961) / Maria Maroni Lopes. --
Rio Claro, 2020
332 p. : il., tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientadora: Prof. Dr. Sergio Roberto Nobre

1. Formação da mulher. 2. Ensino de matemática. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MARIA MARONI LOPES

**O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL:
contribuições para um diálogo sobre o papel da mulher Norte-rio-grandense
(1911 – 1961)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Sergio Roberto Nobre – Orientador

IGCE/UNESP/Rio Claro SP.

Prof. Dr. Marcos Vieira Teixeira – Membro Interno

IGCE/UNESP/Rio Claro SP.

Profa. Dra. Sabrina Helena Bonfim – Membro Externo.

UFMS/ Paranaíba – MS.

Prof. Dr. Carlos Roberto de Moraes – Membro Externo.

UNIARARAS/Araras – SP.

Prof. Dr. Wagner Rodrigues Valente – Membro Externo

UNIFESP/Guarulhos – SP.

Resultado: **APROVADA**

Rio Claro – SP, 05/05/2020

DEDICATÓRIA

À minha amada mãe (*in memoriam*), que sempre lutou
por acesso a educação de qualidade à todos.

AGRADECIMENTOS

A escrita da Tese é um período solitário que requer isolamento, distanciamento, uma busca de si mesmo para que flua a inspiração e o encantamento com o texto. É nesse momento que o apoio e compreensão da família e dos amigos são indispensáveis. Assim, foram inúmeras as pessoas que contribuíram, de modo direto ou indireto no desenvolvimento dessa pesquisa. Citá-las é um tanto arriscado, pois a memória pode deixar escapar alguém. Desse modo, deixo o meu muito obrigada a todos. Em particular, sou grata:

À minha família que respeitou e conseguiu entender a minha ausência quando as dores foram intensas, meu amor esteve sempre ao lado de cada um de vocês.

Ao professor Dr. Sergio Roberto Nobre, pela oportunidade de ser sua orientanda, pelo carinho, atenção, paciência e pelos ensinamentos que vão além da vida acadêmica, por se fazer sempre presente mesmo com a distância geográfica.

Ao professor Dr. José María Hernadéz Díaz, mi tutor de tesis en Salamanca – Espanha, por ter me acolhido como pesquisadora, dando-me a possibilidade de trilhar novos caminhos.

À comissão examinadora pela leitura cuidadosa e relevantes contribuições na escrita da tese.

Ao amigo Davidson Paulo, a quem este texto deve muito e que foi, nesses últimos anos, um maravilhoso companheiro de ensino, pesquisa e extensão em Natal, Caicó, Ouro Preto, Rio Claro e Salamanca.

À Stefany e Julio, sobrinhos queridos, meus parceiros de viagens, cinema, teatro, futebol e museus, que fazem os meus dias mais leves e felizes.

Às boas amizades que construí em Rio Claro, entre estas: Jorge e Ana, sempre dispostos a ajudar, estando ao meu lado durante todo o percurso da pesquisa. Diego e Francis, Douglas e Weidy, Inajara, Jaimy, Islenis, Paula Perovano e Jonson, Alan Severo, Alissan, Leoni e Elisa – exímia funcionária, amável, cuidou para que tudo ficasse bem. Thiago, Eduardo e Daniela Bille, meus anjos da guarda.

Ao Grupo de Pesquisa em História da Matemática de Rio Claro: Marcos Teixeira, Gustavo Barbosa e Sérgio Gouveia, por quem tenho enorme admiração.

Aos queridos amigos que a academia me proporcionou: Bernadete Morey, Ligia Sad, Fernando Cury, Rafael Montoito, Luciana Vieira, Ana Aires, Juracélio, Lu e Benício.

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituição a qual estou vinculada, pelo apoio financeiro e liberação integral das atividades de docência durante todo o Doutorado.

Ao Professor Wagner Valente e demais pesquisadores vinculados ao GHEMAT pelos momentos significativos em encontros e seminários organizados pelo Grupo.

À Lucila Ramalho, diretora da Escola Doméstica de Natal, pela possibilidade de acesso ao Espaço Cultural Nísia Floresta, no qual se encontra o acervo documental da instituição.

A Seu Paulo e aos demais funcionários do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte, pelo carinho com que recebem os pesquisadores e por partilharem momentos de aprazíveis conversas.

À Keidy e Iris, amigas queridas, que colaboraram gentilmente com a busca e digitalização de documentos sobre a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e Escola Doméstica de Natal.

Ao Rudá que atenciosamente realizou a leitura da tese, com o olhar atento às correções e melhoria do texto.

Aos amigos que, com carinho me acolheram e alegraram o dia a dia na Universidade de Salamanca e em Salamanca. Nossas agradáveis conversas nas cafeterias da cidade, restaurantes, Plaza Mayor, e Pueblos desta cidade permanecem vivas em minha memória. Em especial: Adecir, Suzan e Maitê, Gabi, Racquel, Maria Fernanda e Chema.

À CAPES, pela concessão da bolsa de Doutorado Sanduíche. Assim, vale ressaltar que, o presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta pesquisa é um convite à reflexão sobre a Matemática presente nas práticas educativas no âmbito da Escola Doméstica de Natal, instituição de ensino dedicado à formação feminina, modelada segundo o sistema da École Ménagère de Friburgo (Suíça), idealizada pela Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e inaugurada em 1914, funcionando até os dias atuais. Assim, entre tantas outras inquições é que surgiu a nossa pergunta de pesquisa: como a matemática, enquanto ciência, legitima o discurso de reivindicação de uma escola doméstica, de modelo suíço, no estado do Rio Grande do Norte, nas primeiras décadas do século XX? As respostas foram sendo construídas ao longo da pesquisa, por meio dos documentos analisados nos arquivos inventariados, principalmente, no Arquivo Público Estadual do Rio Grande do Norte, na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, no acervo do Museu da Escola Doméstica e no Repositório do Laboratório de Imagens da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, entre estes: boletins, Atas, Ofícios, Relatórios dos Diretores da Instrução Pública; em Leis, Decretos, Mensagens do Governo do estado, além de artigos de jornais e revistas. Para tanto, entrelaçamos no nosso texto as histórias dos intelectuais, história das instituições de ensino, imprensa pedagógica, ensino de matemática e as práticas a ele relacionadas, para discutir acerca do papel social da mulher norte-rio-grandense, nomeadamente, a respeito dos valores educativos a ela voltados – tão caracterizantes daquela conjuntura. O estudo evidenciou a presença da matemática nas práticas pedagógicas da escola, tanto em disciplinas específicas, como álgebra, geometria, desenho geométrico, aritmética, quanto aos relacionados à economia doméstica, contabilidade, culinária, desenho ornamental, música e corte e costura. Concluiu-se que os programas de ensino e o material didático utilizado, ao longo do nosso recorte temporal, sofreram influências, inicialmente da École Ménagère de Fribourg, seguida de concepções norte-americanas, que notadamente reforçam práticas educativas de caráter experimental e das escolas domésticas agrícolas belgas a partir da saída das alunas para intercâmbios no Instituto Normal Superior de Economia doméstica agrícola de Laeken – Bélgica. A pesquisa nos traz a compreensão que em um ambiente voltado à educação feminina, eram priorizados os mesmos conteúdos matemáticos estudados pelos homens nas demais instituições de ensino do estado, de modo que os programas de ensino, os livros-texto e os exames de ingresso se apresentavam de modo similar. Evidencia-se, com isso, que a matemática fazia parte do grupo de disciplina da área intelectual que contribuía com os princípios da racionalidade das atividades domésticas, promovendo a aplicação da ciência na organização e na administração do lar.

Palavras-chave: Escola Doméstica de Natal. Formação da mulher. Ensino de Matemática. Racionalidade das atividades domésticas.

Mathematical teaching at Domestic School of Natal: contributions to a dialogue
about the role of north-rio-grandense women (1911 - 1961)

ABSTRACT

This research is an invitation to reflect on the Mathematics present in educational practices within the scope of the Escola Doméstica de Natal (Domestic School of Natal), an educational institution dedicated to female training, modeled after the École Ménagère system in Friborg (Switzerland), idealized by the Rio Teaching League Grande do Norte and opened in 1914, functioning until today. Thus, among many other inquiries, our research question arose: how mathematics, as a science, legitimizes the claim of a domestic school, of Swiss model, at Rio Grande do Norte state, in the first decades of the 20th century? The answers were constructed throughout the research, through the documents analyzed in the inventoried archives, mainly in the State Public Archive of Rio Grande do Norte, in the National Library's Hemeroteca, in the collection of the Museum of the Domestic School and in the Repository of the Images Laboratory from Rio Grande do Norte Federal University, including: bulletins, Records, Officials, Reports from the Directors of Public Education; in Laws, Decrees, Messages from the State Government, in addition to newspaper and magazine articles. To this end, we intertwine in our text the stories of intellectuals, the history of educational institutions, the pedagogical press, the teaching of mathematics and the practices related to it, to discuss the social role of women from the Rio Grande do Norte State, namely, regarding educational values aimed at it - so characteristic of that situation. The study showed the presence of mathematics in the school's pedagogical practices, both in specific subjects, such as algebra, geometry, geometric design, arithmetic, as well as those related to home economics, accounting, cooking, ornamental design, music and sewing. It was concluded that the teaching programs and didactic material used, throughout our time frame, were influenced, initially by École Ménagère de Friborg, followed by North American conceptions, which notably reinforce educational practices of an experimental nature and Belgian agricultural domestics after the students left for exchanges at the Normal Higher Institute of Agricultural Domestic Economy in Laeken - Belgium. The research brings us to the understanding that, in an environment focused on female education, the same mathematical content studied by men in other educational institutions in the state were prioritized, so that the teaching programs, textbooks and entrance exams are presented in a similar way. It is evident, therefore, that mathematics was part of the discipline group in the intellectual area that contributed to the rationality of domestic activities, promoting the application of science in the organization and administration of the home.

Keywords: Domestic School of Natal. Women training. Mathematics teaching. Rationality of domestic activities.

RESUMEN

Esta investigación es una invitación a reflexionar sobre las Matemáticas presentes en las prácticas educativas dentro del alcance de la Escuela Doméstica de Natal, una institución educativa dedicada a la formación femenina, inspirada en el sistema École Ménagère en Friburgo (Suiza), idealizada por la Liga de Enseñanza de Río Grande do Norte e inaugurado en 1914, funcionando aún en la actualidad. Así, entre muchas otras inquietudes, surgió nuestra pregunta de investigación: ¿Cómo las matemáticas, como ciencia, legitiman el reclamo de una escuela doméstica, de modelo suizo, en el estado de Río Grande do Norte, en las primeras décadas del siglo XX? Las respuestas se construyeron a lo largo de la investigación, a través de los documentos analizados en los archivos inventariados, principalmente en el Archivo Público del Estado de Río Grande do Norte, en la Hemeroteca de la Biblioteca Nacional, en la colección del Museo de la Escuela Doméstica como también en el Repositorio del Laboratorio de Imágenes de la Universidad Federal de Río Grande del Norte, incluidos: boletines, actas de funcionarios, informes de directores de educación pública; en Leyes, Decretos, Mensajes del Gobierno del Estado, así como artículos de periódicos y revistas. Con este fin, entrelazamos en nuestro texto las historias de los intelectuales, la historia de las instituciones educativas, la prensa pedagógica, la enseñanza de las matemáticas y con ella sus prácticas relacionadas, para discutir el papel social de las mujeres de Río Grande del norte-Brasil, en particular, valores educativos dirigidos a él, tan característicos de esa situación. El estudio mostró la presencia de las matemáticas en las prácticas pedagógicas de la escuela, tanto en materias específicas, como álgebra, geometría, diseño geométrico, aritmética, en cuanto a las relacionadas con economía doméstica, contabilidad, cocina, diseño ornamental, música y costura. Se concluyó que los programas de enseñanza y el material didáctico utilizado, a lo largo de nuestro tiempo, sufrieron influencias, inicialmente de la École Ménagère de Fribourg, seguidas de concepciones norteamericanas, que refuerzan notablemente las prácticas educativas de carácter experimental y de las escuelas agrícolas domésticas belgas desde que las alumnas partieron para intercambios en el Instituto Superior Normal de Economía Agrícola en Laeken - Bélgica. La investigación nos lleva a comprender que en un entorno centrado en la educación femenina, se priorizó el mismo contenido matemático estudiado por los hombres en otras instituciones educativas del estado, de modo que los programas de enseñanza, los libros de texto y los exámenes de ingreso se presentan de manera similar. Es evidente, por lo tanto, que las matemáticas formaron parte del grupo de disciplina en el área intelectual que contribuyó a los principios de racionalidad en las actividades domésticas, promoviendo la aplicación de la ciencia en la organización y administración del hogar.

Palabras clave: Escuela Doméstica de Natal. Formación de la Mujer. Enseñanza de las matemáticas. Racionalidad de las actividades domésticas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Jornais consultados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional	33
Tabela 02: Revistas Consultadas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional	34
Tabela 03: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais – 1914 a 1919.	95
Tabela 04: Matrícula da Escola Doméstica de Natal.....	96
Tabela 05: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais	101
Tabela 06: Escola Doméstica de Natal em Periódicos	104
Tabela 07: Escola Doméstica de Natal no Periódico A Republica, 1914 a 1919.....	105
Tabela 08: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais de 1920 a 1929.....	110
Tabela 09: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais de 1930 a 1939.....	114
Tabela 10: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais de 1940 a 1949.....	114
Tabela 11: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais de 1950 a 1961.....	116
Tabela 12: Diretoras da Escola Doméstica de Natal – 1914 a 1926.....	121
Tabela 13: Diretoras da Escola Doméstica de Natal – 1927 a 2019.....	133
Tabela 14: demonstrativo das cadeiras ofertadas na Escola Doméstica de Natal, 1914	153
Tabela 15: demonstrativo das cadeiras ofertadas na Escola Doméstica de Natal, 1914.	154
Tabela 16: Lista de alunas que fizeram exames finais em 1916.	158
Tabela 17: Cadeiras do Curso Preparatório da Escola Doméstica de Natal, 1918.....	161
Tabela 18: Cadeiras do Curso Doméstico da Escola Doméstica de Natal, 1918.	163
Tabela 19: Cadeiras do Curso Doméstico da Escola Doméstica de Natal, 1919.	164
Tabela 20: rotina diária das alunas do internato da Escola Doméstica de Natal, 1922.	167
Tabela 21: Plano de ensino do Curso Doméstico, 1927.....	175
Tabela 22: Livros-texto 1914 a 1918.....	198
Tabela 23: Livros-textos utilizados no Período de 1919 a 1926.	222
Tabela 24: Conteúdos presentes no Livro Arithmetica Elementar de Antônio Trajano.	237
Tabela 25: Listagem de conteúdos presentes na obra Arithmetica Progressiva.....	240
Tabela 26: Livros didáticos utilizados no período de 1927 a 1945.	242
Tabela 27: Livros textos ligados diretamente as cadeiras de Geometria, Álgebra, Desenho e Aritmética.	249
Tabela 28: publicações das discentes de docentes em periódicos.	270
Tabela 29: Conferências do Professor Malba Tahan em Natal - 1958.	277

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Categoria de Sócios da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte	57
Quadro 2: Adesão de Sócios em Alguns municípios do estado	58
Quadro 03: Revista Pedagogium	69
Quadro 4: Presidentes da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte	81
Quadro 05: Aritmética para o primeiro e segundo ano e metodologia.....	168
Quadro 06: demonstrativo do regulamento, 1927.	176
Quadro 7: Diário de Classe da Escola Doméstica de Natal.....	261

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Início do ano letivo na Escola Doméstica de Natal e Parte do Currículo de Geometria.....	38
Imagem 02: Livro de Escolas Subvencionadas do Rio Grande do Norte – 1924 e 1925	39
Imagem 03: Aula de Jardinagem.....	40
Imagem 05: aula de Química na Escola Doméstica de Natal.....	91
Imagem 06: recepção oferecida ao Presidente Café Filho	92
Imagem 07: recepção oferecida ao Presidente Café Filho	92
Imagem 08: Recorte do Jornal A Republica.....	106
Imagem 09: Anuncios da Escola Doméstica de Natal.....	115
Imagem 10: Diretora Hélène Bondoc na Escola Doméstica de Natal.....	124
Imagem 12: Inspeção da Rampa pela comitiva dos presidentes Roosevelt e Vargas no Jeep 7.....	138
Imagem 13: governador Juvenal Lamartine recebendo as primeiras eleitoras do Rio Grande do Norte, em 1928.	149
Imagem 14: grupo das primeiras eleitoras do Brasil, eleições de 1928.	150
Imagem 14: grupo das primeiras eleitoras do Brasil, eleições de 1928. (verso da fotografia).....	151
Imagem 15: Alunas retornando do mercado	157
Imagem 16: Aula de Puericultura.....	194
Imagem 17: capa dos livros: Manuel de Chimie de MME B. Gauthier –Echard; Le savoir-faire et le savoir-vivre. Guide pratique de la vie usuelle a l'usage des jeunes filles de Miss Clarisse Juranville; Manuel D' Éducation Morale et D' Instruction Civique A L'usage des Jeunes Filles de Miss Clarisse Juranville.....	199
Imagem 18: Exemplo de adição com material didático	203
Imagem 19: capa do Livro Apontamentos de Arithmetica de Francisco Marcondes Pereira.....	204
Imagem 20: Álgebra Elementar de Antônio Trajano, 1922.	225
Imagem 21: capa do livro Arithmética Elementar de Antônio Trajano, 1922.	233
Imagem 22: agrupamento de unidades simples (TRAJANO 1922, p. 14).	234
Imagem 23: adição com recurso didático.	234
Imagem 24: Tábua de Pitágoras (TRAJANO, 1922, p. 20).	235
Imagem 25: exemplo de Frações	236
Imagem 26: Capas do livro Arithmetica Progressiva de Antonio Trajano.....	238
Imagem 27: Capa do livro A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais de Corinto da Fonseca.....	243
Imagem 28: casa de bonecas	247
Imagem 29: anotações no caderno da aluna Alda Azevedo – 1923.	253
Imagem 30: aula de leitura e produção textual.....	254
Imagem 31: aula de enfermagem com os professores: Dr. Varela Santiago e Dr. José Ignácio de Carvalho.	256
Imagem 32: Aula de anatomia – Dr. Varela Santiago.....	256
Imagem 33: Exame final de leiteria – professor Flodoaldo de Gois e alguns visitantes	258

Imagem 34: Exame final de jardinagem – presença de visitantes e imprensa local.....	258
Imagem 35: Exposições de trabalhos manuais.....	260
Imagem 36: Teses defendidas pelas discentes, requisito na conclusão do curso.	265
Imagem 37: fotografia da professora Lourdes Lamartine.	271
Imagem 38: fotografia da professora Elsa Silva – 1925.....	273
Imagem 39: O professor Malba Tahan nas dependências da Escola Doméstica de Natal.	275
Imagem 40: Anúncio da palestra do Professor Malba Tahan na Escola Doméstica de Natal.	276
Imagem 41: Notícia sobre as aulas do curso de Metodologia de Matemática do professor Malba Tahan em Natal.	276

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
APRESENTANDO A PESQUISADORA E O AMBIENTE DA PESQUISA	17
CAMINHOS TRILHADOS NA PESQUISA: RASTREANDO AS FONTES	32
O TRATAMENTO DAS FONTES: BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	40
1 LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE E O PROJETO EDUCACIONAL VOLTADO À MULHER NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	44
1.2 PONDO EM PRÁTICA O PROJETO: CONTEXTO HISTÓRICO E ESFORÇOS DESPRENDIDOS	49
1.3 REGULAMENTOS QUE NORTEIAM A LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE – LERN.....	56
1.3.1 PROGRAMA DE ENSINO DA FUTURA ESCOLA DOMÉSTICA: UM SONHO POSSÍVEL	60
1.4 IMPRENSA PEDAGÓGICA NO BRASIL: CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS, POLÍTICAS E EDUCACIONAIS DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE.....	63
1.5 PRESIDENTES DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE	80
2 ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL: CONTEXTO HISTÓRICO DE CRIAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL	83
2.1 CONTRIBUIÇÕES DA IMPRENSA PEDAGÓGICA NA (RE) CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL	93
2.2 CORPO DOCENTE E PRIMEIRAS DISCENTES: ASPECTOS INOVADORES NA CULTURA ESCOLAR DO RIO GRANDE DO NORTE.....	120
2.3 MULHERES EM MOVIMENTO: DEBATES E EMBATES DAS EDUCADORAS NORTE-RIO-GRANDENSES	140
3 PROGRAMAS DE ENSINO, IDENTIDADE E PRÁTICAS NO COTIDIANO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL	152
3.1 PROGRAMAS DE ENSINO (1914 – 1918).....	153
3.2 PROGRAMAS DE ENSINO (1918 – 1926).....	160
3.3 INFLUÊNCIA DAS MISSIONÁRIAS NORTE-AMERICANAS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL	171
3.4 PROGRAMA DE ENSINO (1927 - 1945)	174
3.5 INFLUÊNCIAS BELGAS NA FORMAÇÃO DAS DOCENTES E DISCENTES DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL	177
3.5.2 A influência belga nas práticas educativas da escola doméstica de natal	183
3.6 PROGRAMAS DE ENSINO (1946 – 1961).....	186
3.7 ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS	188

4 LIVROS–TEXTOS: ARITMÉTICA, ALGÉBRA, GEOMETRIA E DESENHO	
.....	195
4.1 LIVROS –TEXTO UTILIZADOS NO PERÍODO DE 1914 A 1918	197
4.2 LIVROS – TEXTO UTILIZADOS NO PERÍODO DE 1919 A 1926	222
4.4 LIVROS – TEXTO UTILIZADOS NO PERÍODO DE 1945 A 1961	248
5 CADERNOS ESCOLARES, DIÁRIOS DE CLASSE, ESCRITA DE TESE, PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS E CURSOS DE FORMAÇÃO	
.....	251
CONSIDERAÇÕES FINAIS	280
REFERÊNCIAS	291
APÊNDICES	298
ANEXOS	308

INTRODUÇÃO

APRESENTANDO A PESQUISADORA E O AMBIENTE DA PESQUISA

A gênese desse estudo se deu com a sedução da pesquisadora pela história da formação das mulheres, seus movimentos e lutas na participação da vida cultural, social e política no estado do Rio Grande do Norte. Enquanto mulher, filha e sobrinha de professora, com uma mãe engajada nos movimentos de base da igreja católica, ligada à teologia da libertação, sindicalista e defensora da classe trabalhadora, me encantei com a história de luta de mulheres que buscaram sua formação e reivindicaram seus direitos.

Durante a graduação não me vinculei a nenhuma base de pesquisa. Foi somente no mestrado¹ que participei do grupo de pesquisa em História da Matemática e Cultura² e, assim, por meio das leituras e discussões no referido grupo, tive a oportunidade de ampliar os conhecimentos sobre história da educação, história da educação matemática, história das instituições de ensino e gênero e educação, especificamente a respeito de mulheres que conseguiram espaço nas ciências – ambientes historicamente masculinos. Assumindo o papel de professora³, direcionei inicialmente meu olhar às práticas educativas desenvolvidas por mulheres norte-rio-grandenses, entre estas, Nísia Floresta⁴, Auta de Souza⁵, Palmira Wanderley⁶, Julia Barbosa⁷, entre outras, que resistiram na luta pela equidade de gênero e qualidade na educação feminina. Desse modo, ao conhecer a revista *Via Láctea* – publicação feminina que circulou na cidade de Natal de outubro de 1914 a junho de 1915 e analisar alguns exemplares do *Jornal de Moças* (1926 – 1932), folha feminina editada no

¹ Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

² Vinculado UFRN.

³ Atuei como professora da educação básica, ingressando no magistério superior, em 2013 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁴ Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto. Nasceu em 1910 em Papary, Rio Grande do Norte, faleceu em Rouen França em 1885. Educadora, jornalista e feminista, realizou sua militância por meio da imprensa oficial.

⁵ Natural de Macaíba – RN, 1876 – 1901, foi poetisa da geração romântica, considerada por Câmara Cascudo a maior poetisa mística do Brasil, à época. Estudou no Colégio São Vicente de Paula, Recife – PE, onde aprendeu inglês, francês, desenho e poesia, por motivo de saúde precisou afastar-se da escola aos 14 anos (contraiu tuberculose, doença que matou os pais quando ela tinha somente três anos).

⁶ Nasceu em Natal – RN, em agosto de 1899. Pertencente a família Wanderley, grupo privilegiado cultural e socialmente. Teve sua formação inicial no Colégio Imaculada Conceição, estudando neste por sete anos, concluindo os estudos numa escola para moças em Recife – PE.

⁷ Tratamos do seu perfil no tópico 2.1, que versa sobre as educadoras norte-rio-grandense, os embates e debates em relação a equidade de gênero.

município de Caicó/RN, e alguns exemplares da *Revista Pedagogium*⁸, o meu desejo de investigar a participação da mulher no contexto social, político e educacional veio à tona. Algumas interrogações foram surgindo: como eram essas mulheres? O que elas reivindicavam? Qual o lugar social que ocupavam? Notadamente, as pesquisas realizadas em parceria com alunos bolsistas do PIBID⁹ e discentes das disciplinas de Estágio Supervisionado I, II, III e IV, na Escola Estadual Senador Guerra, na cidade de Caicó, antigo Grupo Escolar Senador Guerra, Educandário Santa Terezinha, Grupo Escolar Tomaz de Araújo atual Escola Tomaz de Araújo, em Acari, contribuíram para ampliar minhas inquietações na busca de conhecer mais de perto a história dessas mulheres.

Movida por esse interesse, me debruço sobre a presença do educador, poeta e escritor Henrique Castriciano e irmão da Auta de Sousa, no contexto de construção de uma identidade da mulher brasileira e a sua preocupação com a formação destas, o que me levou ao encontro da escola de moças, no litoral nordestino, idealizada por ele. Nessa efervescência de discussões, entendi ser relevante uma investigação sobre esta escola, com a qual teceria uma junção: a história do contexto de criação e de implantação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte – LERN e a implementação do projeto da Escola Doméstica de Natal, sendo esta ainda uma ideia inicial.

É certo que o contexto de criação da LERN, em 1911, se deu numa Natal¹⁰ que passava por transformações econômicas, sociais e culturais nas quais se evidenciavam pretensões de modernidade e de urbanização, características semelhantes às de outras capitais brasileiras. Como destacado por Cruz (2019), proclamada a República, se intensificaram as ações na crença da necessidade de modernização e de civilização da sociedade e, assim, era necessário conceder estrutura às cidades, ordenando o processo de urbanização, bem como combater eventuais endemias. No âmbito nacional, a palavra de ordem era a educação como transformação social. Melhorar a educação significava uma renovação cultural e social do Brasil. Para tanto, fazia-se necessário renovar os sistemas e métodos de ensino, melhorar as estruturas das escolas primárias, investir na formação dos professores. Silva (2010), Azevedo (2011) e Cruz (2019),

⁸ Revista da Associação de Professores do Rio Grande do Norte, teve o primeiro número publicado em julho de 1921, sob a direção de Nestor dos Santos Lima, Diretor da Escola Normal, à época.

⁹ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

¹⁰ Capital do estado do Rio Grande do Norte.

afirmam que a educação pública passou a ser tratada como instrumento para legitimar a política da República.

Segundo Araújo e Moreira (2006), o bairro da Ribeira, em Natal, era um espaço representativo por congregar as repartições públicas, o Palácio do Governo, as lojas comerciais, as moradias de famílias de alta renda, além de ser contemplado pelas paisagens do rio Potengi e do mar. Enquanto bairro emblemático dessa disposição republicana, a Ribeira aloca as principais escolas da cidade. No bairro Cidade Alta funcionavam o Atheneu Norte-rio-grandense e a Escola Normal de Natal; no Alecrim, bairro mais afastado, o Grupo Escolar Frei Miguelinho¹¹. “*A construção da Praça Augusto Severo, o Jardim da Luz e a estação compunham o cenário que os visitantes descortinavam ao chegar à Cidade* (PINHEIRO, 2005, p. 76). Consequentemente, os principais prédios e serviços públicos se instalaram na Praça. O Teatro Carlos Gomes¹², iniciado em 1898, concluído em 1904 e totalmente reformulado em 1912, competia, em um dos extremos da praça, com as demais construções, despertando a atenção daqueles que chegavam de trem. O Grupo Escolar Augusto Severo¹³, de estrutura arquitetônica imponente, com plano pedagógico e administrativo que imprimia símbolo e código para construção da cultura escolar moderna, foi inaugurado em 1907 ao lado do teatro. Enquanto bairro emblemático dessa disposição republicana, a Ribeira aloca as principais escolas da cidade.

Para Rodrigues (2007), Silva (2010) e Assis (2016), havia, notadamente, à época, um olhar direcionado à educação já na tentativa do Estado em organizar o Ensino Primário, “*desde o governo de Augusto Tavares de Lyra*¹⁴, *o ensino público do estado recebia atenção*” (SILVA, 2010, p. 54). Buscou-se, nessa perspectiva, não somente divulgar noções de educação pública, mas imprimir o espírito de cordialidade, combater a apatia, a morosidade e os vícios, tais como o alcoolismo. Assim, a educação escolarizada era encarada pelos dirigentes como possibilidade para as mudanças comportamentais consideradas necessárias. A escola seria o lugar onde, além de se ensinar os conhecimentos eruditos, ensinavam-se também os modos urbanos e higiênicos de se viver, imprescindíveis ao homem moderno.

¹¹ Hoje Escola Estadual Padre Miguelinho.

¹² Hoje Teatro Alberto Maranhão.

¹³ Conforme Silva (2010), com a autorização da Reforma do Ensino, em 1906, o primeiro grupo escolar de Natal foi construído nos moldes das instituições criadas no estado de São Paulo.

¹⁴ Esteve no governo no período compreendido entre 1904 a 1906, quando renunciou o seu mandato.

Evidência dessa preocupação com a educação pode também ser encontrada no relatório elaborado pelo então diretor do Atheneu Norte-rio-grandense, Francisco Pinto de Abreu, que tratava do quadro do ensino do estado na época, apontando a precariedade na estrutura física das escolas e dos seus quadros de funcionários, que não atendiam aos anseios da população. Destacava-se a necessidade de uma reforma no ensino primário, na qual houvesse uma melhoria das escolas e a valorização do magistério no estado. Ainda no referido relatório, o diretor do Atheneu apresentava uma proposta de reforma – posteriormente conhecida como Reforma Pinto de Abreu – pretendendo formar cidadãos aptos para lidarem com as novas formas de trabalho exigidas pela sociedade republicana que começava a se articular.

Conforme Silva (2010), foi durante o governo de Alberto Maranhão¹⁵ que várias mudanças foram realizadas no Ensino Primário do estado. Na medida em que se criavam grupos escolares e escolas mistas na maioria dos municípios, a Escola Normal de Natal foi reaberta com o objetivo de formar professores de ambos os sexos. É nesse contexto que, em 1909, o Diretor da Instrução Pública do Rio Grande do Norte, Manoel Dantas, profere uma conferência¹⁶ em alusão ao futuro que reservava à capital potiguar, sob o título *Natal daqui a 50 anos*, misturando ideias modernas e utópicas, traçando um perfil da cidade em futuro longínquo:

(...) A Ribeira, cortada em xadrez de ruas, praças e avenidas, é o bairro do alto commercio, da Bolsa, dos grandes estabelecimentos bancarios. O «Banco do Natal», com seu capital de mais de cem mil contos, pode construir, na avenida Tavares de Lyra um edifício soberbo que atesta a sua prosperidade. Os mostradores dos bazares ímmensos ostentam, numa exhibição phantastica as mais variadas mercadorias, destinadas a despeitar a cobiça ou prover as necessidades da gente que por alli passa num vae-vem continuo. Num dos ângulos da praça Augusto Severo, admira-se o palacio da

¹⁵ Nasceu em Macaíba, Rio Grande do Norte. Formou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Pernambuco, 1892 com apenas 20 anos de idade. Eleito governador do estado pelo Partido Republicano Federal, e tomou posse em 25 de março em 1900, com 26 anos de idade. Em 1906 foi eleito Deputado Federal e em 1908 foi eleito, pela segunda vez, ao cargo de Governador do estado. Conseguiu um empréstimo em Paris, 1909, com o discurso que necessitava realizar grandes transformações na capital do estado. Desse modo, instalou luz elétrica em Natal, o serviço de bondes elétricos, saneou, pavimentou ruas, constituiu o serviço de remoção e incineração de lixo, refez a canalização de água. Construiu o Hospital Juvino Barreto, hoje Onofre Lopes, a Casa de Detenção, Inaugurou a Escola Normal Natal, reconstruiu o Teatro Carlos Gomes.

¹⁶ Proferida a convite do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte, tendo, com base nas fontes analisadas, 240 pagantes, foi transformado em livro após uma segunda conferência no palácio do governo, sob o título: título Natal d'aqui ha Cincoenta annos. O livro encontra-se digitalizado no Laboratório de Imagens – LABIM/UFRN.

Republica, com seus vintí andares donde sahem diariamente as tres edições disputadas pelos seus milhares e milhares de leitores. No alto desse edifício, num mostrador enorme que, á noite, a electricidade illumina de cores caprichosas, são exhibidas, de minuto em minuto as noticias de ultima hora que vao chegando de todas as partes do mundo pelo telegrapho sem fio e as linhas especiais. (DANTAS, 1909, p. 13).

Desse modo, imbuído dos ideais republicanos, tendo as mudanças sido implementadas pelo governo Alberto Maranhão¹⁷ como referência de progresso, visualiza uma Natal moderna, similar ao que conheceu dos “*países adiantados*”¹⁸.

À época, alguns jornais e folhetins já circulavam diariamente em Natal. A população tinha acesso às notícias locais, regionais e nacionais. Seus 30.696 habitantes, segundo um recenseamento de 1920 (CÂMARA, 1965, p. 31), dividiam-se nos poucos bairros existentes. No bairro da Ribeira, considerado o berço cultural da cidade nas primeiras décadas do século XX, encontravam-se os armazéns de compra e venda de açúcar e algodão destinados à exportação. Nesse mesmo período instalaram-se indústrias, escritórios de firmas inglesas e americanas, bancos e hotéis na Cidade Alta¹⁹. Os destaques do cenário nacional tinham sua influência na capital do estado do Rio Grande do Norte no que diz respeito à cultura e à economia.

Assim, é nesse movimento de mudanças e de inovações que a Escola Doméstica de Natal é construída no bairro da Ribeira, em frente à Praça Augusto Severo, e inaugurada em 1914²⁰. É um marco importante para a educação da cidade por se tratar de uma instituição destinada, nomeadamente, à educação de mulheres. Modelada segundo o sistema da École Ménagère de Friburgo (Suíça), a Escola Doméstica de Natal – a primeira do Brasil e da América Latina em sua proposta – foi fundada em setembro de 1914, com o apoio financeiro e logístico dos governos de Alberto Maranhão e de Joaquim Ferreira Chaves. As críticas ao apoio financeiro do governo na construção de uma escola privada vieram em tom acirrado, visto que faltavam investimentos nas escolas públicas: a Escola Normal de Natal, por exemplo,

¹⁷ Aquino (2007), Silva (2010) e Assis (2016) afirmam que é durante o governo de Alberto Maranhão que várias mudanças foram implementadas no Ensino Primário do estado do Rio Grande do Norte na medida em que se ampliou o número de grupos escolares, reestruturou as escolas mistas em vários municípios do estado, reabriu a Escola Normal de Natal com o objetivo de formar professores de ambos os sexos, implementou reformas de ensino.

¹⁸ Termo usado, à época, para países da Europa e Estados Unidos.

¹⁹ Bairro vizinho à Ribeira.

²⁰ A criação dessa instituição foi anunciada na Conferência: educação da mulher no Brasil, pronunciada pelo educador em 23 de junho de 1911.

sequer possuía prédio próprio, e funcionava em uma das dependências do Atheneu Norte-rio-grandense. Não obstante, os incentivos do poder público às instituições particulares eram comuns à época e sob forma de subvenções. Em relação a isso, o governo norte-rio-grandense não se constituía como uma exceção. As contribuições à Escola Doméstica não se limitaram apenas a sua construção, mas também a sua dispendiosa manutenção.

É certo que o Brasil não contava com escolas que contemplassem um currículo voltado ao trato específico da formação da mulher. Ademais, a educação brasileira e, em particular a potiguar, precisava cada vez mais de investimentos para a revitalização das escolas públicas, intensificando a formação inicial e continuada dos professores. Como já mencionado, era preciso investir na qualidade do ensino público, uma vez que a população, em sua maioria, necessitava de escolas públicas que atendessem aos seus anseios e aos anseios da República.

Contudo, no início do século XX predominavam as instituições privadas, principalmente àquelas que tinham a proteção ou financiamento da Igreja Católica, às quais poucas pessoas tinham acesso – dentre essas instituições de renome no estado, constavam-se o Colégio Imaculada Conceição²¹ (de 1902), o Colégio Diocesano Santo Antônio (de 1903), o Sagrado Coração de Maria (de 1912) e o Colégio Nossa Senhora das Vitórias (de 1922). Paralelamente às instituições privadas, funcionavam na cidade de Natal as únicas escolas de ensino secundário do estado, a saber, o Atheneu Norte-rio-grandense e a Escola de Educandos e Artífices (Escola do Comércio) – dentre os seus objetivos estava a preparação de jovens com vistas ao mercado de trabalho, oferecendo formação profissional diversificada, como cursos de carpintaria, alfaiataria e sapataria. Segundo Rodrigues (2007), o acelerado crescimento no número das escolas particulares no início do século XX e a grande demanda contribuíram para a ampliação do universo escolar da cidade de Natal e do estado.

Nesse contexto, impulsionados pelo movimento de efervescência política, cultural, social e de mudanças na perspectiva educacional, acreditava-se que muitas transformações referentes à situação da condição da mulher estariam por vir. Seria um novo século de mudanças culturais e sociais, tendo a mulher como agente transformador na educação da família, nos cuidados com a higiene do lar, tendo papel ativo na sociedade, muito embora esse ideário continuasse a privilegiar os homens.

²¹ Primeiro educandário feminino da capital.

Com base no exposto, busquei, na tentativa de leitura e releituras, definir meu objeto de estudo. Assim, inicialmente pesquisei o movimento de luta das mulheres e a sua inserção na sociedade, em específico no Rio Grande do Norte. Compreendendo que uma visada panorâmica nos trabalhos realizados sobre a questão do gênero na educação potiguar e em investigações que abordam a historicidade de instituições educativas durante o século XX, particularmente nas primeiras décadas deste século – quando a Escola Doméstica de Natal foi construída –, nos daria uma fundamentação e nortearia a delimitação do nosso objeto de estudo. Para tal, centrei-me em trabalhos como o de Moraes (2001), que analisou a produção textual e prática educativa de Isabel Urbana de Albuquerque Gondim; destacou sua atuação e dedicação às letras, à educação e à história. A pesquisadora ressalta em seu estudo que Gondim foi autora de livros dedicados à educação e a primeira mulher a se tornar sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN).

Atenta à temática do estudo de gênero, Carvalho (2004) nos brinda com as contribuições das publicações jornalísticas de Palmira Wanderley para a educação potiguar, tendo sido idealizadora e editora da primeira revista feminina a circular na cidade de Natal, a *Via-Láctea*²², que contava com a colaboração de oito mulheres. Por sua vez, Vieira (2005) discute a trajetória da educadora Lia Campos na organização educacional norte-rio-grandense. Constata que esta professora promove, no estado, uma série de atividades relevantes para a formação dos professores e para a educação do Rio Grande do Norte.

Igualmente, Rocha Neto (2007), em seu texto, discute a atuação docente, de mulheres no Rio Grande do Norte, investiga as práticas pedagógicas da professora e jornalista Júlia Medeiros no Grupo escolar Senador Guerra, no município de Caicó/RN, assim como a sua participação no *Jornal de Moças*²³ durante as décadas de 1920 e 1930. Busca compreender a participação da mulher na educação ao longo dos anos e como elas se constituíram enquanto professoras e mulheres letradas. Nessa mesma direção, Gomes (2009) analisa as práticas pedagógicas de Adelle Sobral de Oliveira, visando perceber como ocorreu a sua atuação como professora e administradora do Externato Ângelo Varela, na cidade de Ceará-Mirim/RN.

²² Era uma revista literária de publicação mensal, comprometida com a educação e interesse da mulher.

²³ Era uma publicação semanal, na Cidade de Caicó – RN, dedicada ao interesse da mulher.

Por outro lado, buscando o entendimento da relevância da Escola Doméstica de Natal para a história da educação do Rio Grande do Norte, debruicei-me sobre os estudos que versavam a respeito desta temática. Vasta é a produção sobre Henrique Castriciano e a quantidade de referências em relação a sua atuação enquanto educador, na literatura norte-rio-grandense. Livros, teses e dissertações, artigos, capítulo de livros, memoriais e crônicas. Ele foi citado em inúmeros periódicos pela sua dedicação a educação, em específico à educação da mulher. Dentre os estudos por nós analisados, ressaltamos aqui o livro de Rosa Aparecida (2005), que analisa as concepções de modernização nos princípios educacionais na obra de Henrique Castriciano. A autora defende, em seu texto, que Castriciano se inseriu no espaço público para refletir sobre os problemas da formação da mulher e propor um modelo de educação feminina, afastando-a de uma escolarização para o mero anseio social, como era visto nas escolas religiosas à época.

Os pesquisadores Cosme Marques Neto e Iranilson Buriti (2015), em artigo que traz como título *“Um ninho de cozinheiras?”: Henrique Castriciano de Souza e a “modernidade pedagógica” da escola doméstica de Natal*, investigaram como a influência dos ideais e práticas pedagógicas de Henrique Castriciano circularam nos espaços de formação feminina no estado do Rio Grande do Norte. Os autores destacam que as reformas realizadas por Castriciano, no âmbito da escolarização feminina, trouxeram às moças norte-rio-grandenses aspectos teóricos para o currículo escolar que antes não tinham. Marques Neto (2016) investigou, em sua dissertação, o projeto de modernidade pedagógica implementado por Henrique Castriciano, o que, para o autor, Castriciano havia inaugurado no estado do Rio Grande do Norte outro modo de pensar a perspectiva de educação moderna direcionada à mulher.

José Geraldo de Albuquerque (1981) escreveu a biografia de Henrique Castriciano, em sua dissertação de mestrado, pontuando seus ideais, viagens realizadas a Europa, amigos com quem dialogava. Apresenta o contexto histórico e cultural no ato de criação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e a inauguração da Escola Doméstica de Natal. Andrea Rodrigues (2007), por sua vez, em tese de doutoramento, examina as práticas educativas no âmbito da Escola Doméstica de Natal, descrevendo o currículo adotado pela instituição de ensino e as vivências das alunas. A pesquisadora analisa as disciplinas de ordem prática voltadas aos cuidados com o lar, as quais fortaleciam o ideal de aprender fazendo, na prática. As leituras dos referidos estudos

nos trouxeram a compreensão da Escola Doméstica de Natal enquanto instituição de ensino que se preocupava em propor práticas pedagógicas que possibilitassem à mulher a inserção social.

Contudo, foi durante o estágio doutoral no Departamento de Educação da Universidade de Salamanca, na Espanha, que tive a possibilidade de realizar leituras, participar de discussões e orientações, enquanto membro do grupo de pesquisa Helmantica Paideia²⁴, sobre as influências suíças sobre as educações espanhola e ibero-americana, influências belgas em países como Itália, Portugal, Espanha e Brasil. Acessei os documentos da Junta para la Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas (JAE)²⁵, analisei livros do arquivo MENES²⁶, fiz leituras de pesquisas que tratam do ensino doméstico, da profissionalização da mulher e das escolas domésticas no início do século XX, o que nos trouxe uma clareza em relação às escolas domésticas em países como Suíça, França, Bélgica e Espanha.

Para tal, os estudos da pesquisadora Isabel Pérez-Villanueva Tovar (2015) sobre as escolas do lar e profissionais na Espanha e o livro de Amadeo Pontes Lillo (1914) a respeito das escolas profissionais femininas na França, Bélgica e Suíça possibilitaram uma visão inicial no tocante à função que as escolas profissionais e domésticas exerciam no fortalecimento do discurso da atuação da mulher enquanto agente ativo nas transformações sociais e culturais da sociedade europeia. Não tive como intensão tecer comparações entre a Escola Doméstica de Natal e as escolas do lar e profissionais na Espanha, École Ménènger na Suíça, Bélgica e França, mas entender como se deu a criação e implementação destas.

Assim, as escolas nessa modalidade de ensino na Europa surgem tendo dupla funcionalidade: formar a mulher para os cuidados com o lar e possibilitar, a estas, um ofício como fonte de renda. Nessa direção, Tavor (2015) pondera que:

(...) las mujeres aparecen como los agentes imprescindibles para favorecer toda forma de intervención social así como para encauzar las arrolladoras consecuencias de las transformaciones que provocan

²⁴ Grupo de pesquisa coordenado pelo professor Dr. José María Hernández Díaz, Catedrático de História da Educação da Universidade de Salamanca.

²⁵ Criada em 1907, por meio do decreto do Ministro da Instrução Pública, objetivava integrar a ciência e a cultura espanhola a de outros países europeus, desse modo, o programa científico e cultural desenvolvido pela referida instituição apresentou não só um projeto inovador para a Espanha, entre 1907 e 1939, mas por ter posto em contato com os principais pensadores e professores espanhóis com os de outros países, entre eles, França, Bélgica, Suíça e Alemanha e de outros continentes, possibilitando uma nova forma de aproximação dos povos através da cultura e da ciência.

²⁶ Centro de Investigación Manuales Escolares.

*el desarrollo industrial y el crecimiento urbano. (TAVOR, 2015a, p. 314)*²⁷.

Desse modo, o lar, as práticas domésticas e a profissionalização feminina surgem como bases indispensáveis para manter a estabilidade e a ordem social. A exaltação aos valores da família respondia de imediato às inquietações com a saída das mulheres às fábricas e com o ingresso delas no mercado de trabalho, o que foi interpretado como uma ameaça, visto que as esposas e mães deixavam suas casas para ingressarem em um trabalho árduo de remuneração inexpressiva. Representava o sacrifício do lar em favor dos interesses da indústria. O pensamento era de que as famílias poderiam ser prejudicadas sensivelmente e, com o passar dos anos, seriam grandes os malefícios à sociedade. Para Tavor (2015), a resposta a este contexto veio por meio do prestígio da escola e da capacidade transformadora da educação. De modo que “*Un conjunto de materias, codificadas bajo la denominación de enseñanzas domésticas, y una institución nueva, desconocida hasta entonces, la escuela del hogar, podían aportar, según se creía, soluciones satisfactorias*” (TAVOR, 2015a, p. 316)²⁸. Aplicou-se, assim, a racionalidade, a organização e administração científica ao trabalho doméstico, o que significava ordem e disciplina à função de dona de casa.

Nos Estados Unidos, essa integração entre ciência e o lar foi denominada de *Domestic Science*. Desse modo, o ensino doméstico e o doméstico profissionalizante foram impulsionados por organizações com financiamento público e por iniciativas privadas femininas como, por exemplo, o *Domestic Science Moviment* norte-americano, que partiu de um movimento conservador a respeito do papel da mulher, ganhou força nas associações e conseguiu inserir nos cursos universitários as ciências do lar, abrindo espaço para novas profissões relacionadas à alimentação e a indústria têxtil. Enquanto isso, na Espanha, as primeiras escolas denominadas inicialmente de escolas para mulheres, eram de iniciativas privadas, tendo estas alguns cursos que preparavam para o trabalho, com aulas de costura, pintura e bordados. A primeira escola que trata das ciências do lar foi inaugurada em Madrid em 1908, modelada segundo as *École Ménangère* de Paris. Não obstante, é por meio da *Junta para*

²⁷ Livre tradução: “As mulheres aparecem como agentes indispensáveis a toda forma de intervenção social, assim como, para absorver as importantes consequências das transformações que provocam o desenvolvimento industrial e o crescimento urbano”.

²⁸ Livre tradução: “Um número considerável de disciplinas organizadas com a denominação de ensino doméstico, e, uma instituição nova, desconhecida até então, a escola do lar, podiam contribuir, segundo se acreditava, soluções satisfatórias”.

Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas que acontece um incentivo maior da criação de *Escuela del Hogar y Profesional* na Espanha, com o financiamento da saída de professores para estudarem nestas escolas em diferentes países europeus, como aconteceu com Rosa Sensat, que realizou visitas de estudo nas escolas *ménagères* na Suíça e o Engenheiro Amadeo Pontes Lillo que se dedicou às escolas dessa modalidade na França, Bélgica e Suíça.

Os referidos textos e outras leituras nos trouxeram alguns indícios de como estas instituições foram sendo implementadas, tendo o discurso científico como reforço a sua consolidação. Pontes Lillo (1914) afirma em seu estudo que o ensino doméstico e profissional na Suíça começou a se consolidar no final do século XIX. As associações femininas desempenharam papel significativo na reivindicação de criação de cursos que, de forma imediata, preparasse as moças na luta contra o alcoolismo e que recebessem orientação de como elaborar uma alimentação mais adequada, além das noções básicas de higiene, fatores impeditivos da disseminação da tuberculose – sério problema à época –, bem como na diminuição da mortalidade infantil.

A reforma de ensino que instituiu os cursos profissionais, comerciais e industriais em Genebra. Ela propôs a criação de cursos comerciais e industriais para rapazes e moças maiores de catorze anos, com duração mínima entre dois a três anos. O documento traz em seus dezesseis artigos as normatizações para o funcionamento dos referidos cursos. Entre estes, a de que o professor e o empregador deve possibilitar ao estudante o tempo necessário para seguir suas classes, sem o prejuízo de diminuir o salário nem obrigá-lo a repor as horas que dedicasse aos estudos, ficando a cargo do departamento de instrução pública a função de selecionar os professores responsáveis por cada disciplina e estabelecer os programas de ensino, tendo como referência as necessidades do comércio e da indústria. O autor ressalta ainda que os cursos profissionais, comerciais e industriais eram ofertados de modo gratuito, tendo o conselho do estado autonomia em organizar cursos de instrução geral para os municípios rurais sobre a petição da autoridade do município. Em resumo, o ensino constava de: cursos itinerantes rurais, cursos noturnos para operárias, classes populares, escolas domésticas e escolas normais para formar professores especializados.

Igualmente na Suíça, Bélgica e França, as escolas destinadas à formação doméstica e profissional de mulheres foram resultado de reivindicações por parte de associações femininas. As escolas domésticas belgas eram subsidiadas pelo Estado, tendo este o direito de inspecionar os regulamentos e programas, assim como os professores que nestas atuavam. Como exemplo, a *École Bischoffsheim* – Escola Profissional de Bruxelas, fundada em 1865. Notadamente, a maioria das profissionais do referido país foram criadas por uma entidade particular, neste caso, pela *l'Association pour l'enseignement professionnel des femmes*. Sendo esta até 1867 uma instituição privada, passando a ser subvencionada pelo governo, pelo o município e por particulares. O ensino profissional na instituição contemplava uma parte geral e uma parte específica. Na França, a escola profissional e doméstica *La Martiniere*, de Lyon, teve início em 1872, com dois cursos: um de química e outro de física. Contudo, em 1879 é transformada em escola primária superior, unindo-se o ensino doméstico e profissional.

Nessa direção, várias associações se mobilizavam em prol da implementação do ensino profissional na Suíça. Em 1895, o ensino de economia doméstica e de instrução profissional ministrado às mulheres nas fábricas e estabelecimentos existentes ou a serem criados, passou a ser subvencionado pelo poder público, o que significava a institucionalização do ensino voltado ao lar e a profissionalização feminina. Em 1897, dois anos após a decisão federal, a sociedade de utilidades públicas das mulheres suíças decidiu pressionar as autoridades cantonesas²⁹, enviando petição para que o ensino doméstico, cobrindo um leque maior de funções de organização, prevenção, competências econômicas e sociais obrigatórias, fosse efetivado.

Desse modo, as *Écoles Ménégère* e Profissionais passaram a ser, na Suíça, instituições mantidas pelo Estado, municípios e algumas por organizações particulares, o que as diferenciavam das *Écoles Ménégère* na Bélgica, que inicialmente, não dependiam do Estado, e das francesas, que em Paris, por exemplo, todas estavam a cargo do município. Em geral, as escolas suíças dessa modalidade não se conformavam apenas com instalações bem arejadas e iluminadas, como recomendado pela instrução de ensino. Suas instalações iam bem além dos cuidados com a comodidade e amplitude de seus edifícios, chegando a ter prédios majestosos, com luxo e conforto em suas classes e demais dependências.

²⁹ A Suíça está dividida administrativamente em vinte cantões e seis subcantões.

De acordo com Pontes Lillo (1914),

en general, en las Escuelas del Hogar y Profesionales suizas no se conforman con una instalación bien iluminada y aireada, sino que, rindiendo verdadero homenaje á aquel culto de que al principio hablamos, sus instalaciones sobrepasan bastante al solo cuidado de la comodidad y amplitud de sus edificios, llegando al lujo en el confort de sus clases y de sus dependencias. (PONTES LILLO, 1914, p. 8 – 9)³⁰.

Seguindo esses mesmos preceitos, Marie Sophie Emile de Gottrau-Wetteville, em 1898, fundou, juntamente com outras mulheres pertencentes à associação de mulheres do Cantão de Friburgo, a École Ménégère de Fribourg. Instituição tida como modelo pela liga de ensino na implementação do projeto da Escola Doméstica de Natal. A École Ménégère idealizada por Marie Sophie foi pioneira no modo como o ensino doméstico era trabalhado. Tinha como objetivo formar instrutoras para essa área, o qual foi base para que essa ideia florescesse na Suíça dando à escola uma dimensão internacional. Mantinha em sua composição curricular os conhecimentos a serem estudados e preconizados como relevantes para adaptação às mudanças que a sociedade capitalista europeia atravessava.

Sob a organização de Gottrau-Wetteville, acontece na Suíça, em 1898, o primeiro Congresso Internacional de Ensino Doméstico, sediado no cantão de Friburgo, por meio do qual se reforçou o discurso da necessidade de uma formação adequada às mulheres, sendo estas agentes imprescindíveis para favorecer toda forma de intervenção social. O que possibilitou, também, a divulgação da modalidade educacional, já em funcionamento em alguns países da Europa e Estados Unidos.

De acordo com o exposto, as leituras dessas pesquisas contribuíram de modo efetivo na construção da pergunta norteadora do nosso objeto de estudo, tanto os estudos a respeito das práticas educativas desenvolvidas por mulheres no estado do Rio Grande do Norte – uma vez que tecem um diálogo sobre como essas educadoras atuavam e influenciavam nas práticas educativas do estado – quanto, no tocante a implantação e divulgação das escolas domésticas em países da Europa e dos Estados

³⁰Livre tradução: “Em geral, as escolas do lar e profissionais suíças não se limitavam a instalações bem iluminadas e arejadas, mas rendiam verdadeira homenagem ao culto a educação ao qual falamos no início do texto. Suas instalações iam além dos cuidados com o bem estar e amplitude de seus edifícios, chegando ao luxo e ao conforto de suas classes e de suas dependências (PONTES LILLO, 1914, p. 8 – 9).

Unidos, nas primeiras décadas do século XX e como as instituições femininas influenciaram na regulamentação do ensino doméstico profissionalizante.

Nessa direção, algumas inquietações relativas à implantação de modelos educacionais no estado do Rio Grande do Norte, por vezes no Brasil, vão se consolidando e outras surgindo. Nesse sentido, nos questionamos sobre o porquê da necessidade de se criar escolas domésticas de modelo europeu em um estado que carecia de mais investimentos na educação pública, além de compreender melhor como se dava a integração, de modo sistemático, das tarefas do lar aos novos instrumentos que a técnica ofertava, sobretudo na aplicação dos critérios da racionalidade e cientificidade sobre as práticas domésticas. Por exemplo, como se estruturava o ensino de matemática, física e química com as atividades do lar? Que conhecimentos eram necessários contemplar para que uma instituição nessa modalidade de ensino não caísse no discurso que preparava a mulher somente para ser dona de casa? Que relação existia entre o programa de ensino das escolas domésticas e os cursos secundários ofertados no estado? Que características tiveram as propostas inovadoras da escola para a matemática? Agregam-se, a estes, muitos outros questionamentos. Desse conjunto de inquietações é que surgiu a nossa pergunta de pesquisa.

Como a Matemática, enquanto ciência, legitima a reivindicação de uma escola doméstica, de modelo suíço, no estado do Rio Grande do Norte, nas primeiras décadas do século XX?

Para tanto, objetivamos investigar como a matemática, fortaleceu o discurso de necessidade da criação da Escola Doméstica de Natal. Particularmente, entender o contexto de criação e de implantação do projeto da Escola Doméstica de Natal, assim como suas práticas educativas, a partir de reflexões sobre o ensino de Matemática e as práticas a ele relacionadas que, por sua vez, participavam/participam desse projeto educacional; bem como refletimos sobre o papel social da mulher no início do século XX, nomeadamente, a respeito dos valores educativos a ela voltados – tão caracterizantes daquela conjuntura.

Notadamente, foi nosso interesse estudar de forma mais sistemática as práticas educativas desenvolvidas no âmbito da Escola Doméstica de Natal, no Rio Grande do Norte (RN), no período de 1911 a 1961, do século passado e seus desdobramentos no presente. Sobre a delimitação temporal de nossa investigação, o recorte inicial (1911)

demarca a criação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, instituição que criou a Escola Doméstica de Natal. O recorte final (1961), por sua vez, é balizado pelo redirecionamento do ensino promovido pela primeira Lei de Diretrizes e Bases em 1961. Especificamente, na medida em que surgiu a possibilidade de, com o projeto de doutoramento em Educação Matemática, estudar a história das instituições de ensino, bem como tratar da historicidade das disciplinas, versando, assim, sobre as contribuições das ferramentas matemáticas em disciplinas, tais quais: contabilidade doméstica, desenho ornamental, economia doméstica, música, corte e costura, de modo a subsidiar na formação de mulheres em uma época de grande expansão desse modelo de instituições de ensino.

Trata-se, desse modo, de um trabalho dentro da linha da História da Educação Matemática. Portanto, levamos em conta os métodos de investigação histórica, tendo como características específicas a história da educação. Assim, do nosso tema central e àqueles que deste decorrem se baseiam na investigação da implantação e do funcionamento da Escola Doméstica de Natal, os panoramas econômicos, políticos e culturais da época. Desse modo, pude, por exemplo, identificar o movimento nas cercanias dessa instituição, a influência que a escola exercia e ainda exerce na comunidade educativa, tendo como cenário os aspectos culturais e sociais da cidade.

Investigou-se, por meio dos documentos analisados no decorrer da pesquisa, os programas de ensino, os livros textos e orientações pedagógicas, os quais faziam parte do conhecimento teórico e prático da instituição. Nesse contexto, a questão norteadora e os nossos objetivos de pesquisa nos possibilitaram uma análise e compreensão mais detalhada do ensino de matemática. Para isso, estudamos os cursos ofertados pela escola, conferências, palestras, publicações em periódicos, viagens de intercâmbios nacionais e internacionais. Tratou-se, assim, não apenas de um olhar sobre, mas de um olhar em movimento, posto que a Escola Doméstica de Natal é, ainda hoje, uma instituição ativa no contexto potiguar. Significa, portanto, registrar não somente a história do passado dessa instituição, mas sua história no tempo presente, assim como os desdobramentos desse projeto educacional.

CAMINHOS TRILHADOS NA PESQUISA: RASTREANDO AS FONTES

Realizei nossa busca, seleção, organização e análise dos documentos no período de agosto de 2016 a maio de 2018, em Natal/ RN e de novembro de 2018 a março de 2019 em Salamanca e Madrid, na Espanha. Consultamos alguns arquivos localizados, principalmente, no acervo do Museu da Escola Doméstica, Arquivo Público Estadual do Rio Grande do Norte, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), Laboratório de Documentação Histórica – LABORDOC/UFRN – Caicó, entre estes: Atas, Ofícios, boletins, Relatórios dos Diretores da Instrução Pública, em Leis, Decretos, Mensagens do Governo, além de artigos dos jornais: *A República*; *A Ordem*; *Diário de Natal*; *Jornal o Lar*, revista *Pedagogium*, edição da Associação de Professores.

Como ressaltado por Duarte e Villela (2014), os arquivos institucionais virtuais abrem um leque de possibilidades aos pesquisadores. Em história da educação e história da educação matemática, estes arquivos têm possibilitado um aumento significativo na produção historiográfica e troca de experiências. Nessa direção, acessamos os documentos do repositório temático, referente à História da Educação Matemática, da Universidade Federal de Santa Catarina, especificamente, os livros textos de Matemática. Outro acervo institucional digital que tivemos a possibilidade de pesquisar foi o repositório do Laboratório de Imagens – Digitalização de Documentos – LABIM/UFRN, o qual conta com um rico acervo sobre a História da Educação do Rio Grande do Norte³¹. Assim como na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, neste espaço, conseguimos ter acesso a um número significativo de jornais e revistas, dos quais organizamos em duas tabelas ressaltando aqueles que nos foi possível analisar.

³¹ Para maiores informações acessar: <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/>.

Tabela 01: Jornais consultados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Período	Jornais consultados
1910 – 1959	Diário de Pernambuco (PE)
1930 – 1939	Diário de Notícias (RJ)
1935 – 1952	A Ordem (RN)
1835 – 1930	Collecção das leis Proviciaes de Mato Grosso
1910 – 1919	Jornal do Commercio (RJ)
1909 – 1922	Jornal do Commercio edição da tarde (RJ)
1905 – 1979	Jornal do Commercio do Amazonas (AM)
1919	O Jornal (RJ)
1902 - 1953	O Malho (RJ)
1872 – 1919	A Província: órgão do Partido Liberal (PE)
1920 – 1919	O Paiz (RJ)
1858 – 1938	Jornal de Recife (PE)
1890 – 1930	Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros (RN)
1890 – 1930	Mensagens do Governador do Rio Grande do Norte para a Assembleia (RN)

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Tabela 1³²: Jornais consultados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Período	Jornais consultados
1890 – 1930	Mensagens do Governador do Rio Grande do Norte para a Assembleia (RN)
1910 – 1919	Correio da Manhã (RJ)
1899 – 1953	O puritano (RJ)
1910 - 1921	Gazeta de Notícias
1905 – 1950	A União (RJ)
1920 – 1929	Gazeta de Notícias (RJ)
1920 – 1959	Jornal do Brasil (RJ)
1920 – 1929	Correio Paulistano (SP)
1948 – 1961	Diário de Natal (RN)
1940 – 1949	Correio da Manhã (RJ)
1925 – 1935	A Manhã (RJ)
1954 – 1959	O Poti (RN)
1954 – 1987	A Luta Democrática: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar (RJ)

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

³² Por uma questão de estética a tabela 1 foi dividida em duas, de modo que aparece duas tabelas com a mesma numeração.

Vale lembrar que os periódicos, presentes nas tabelas 01 e 02, foram consultados por trazer artigos sobre a Escola Doméstica de Natal, bem como o período que está ressaltado se refere a quando uma ou mais matérias são publicadas. Como exemplo, o *Diário de Notícias* (RJ), entre 1930 a 1939 consta 45 notícias. Na tabela 03 destacamos as revistas que continham um ou mais artigos tratando da instituição, objeto de nosso estudo.

Tabela 02: Revistas Consultadas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Revistas	Período que circulou com notícias sobre a Escola Doméstica de Natal
America Latina: Revista de Artes e Pensamentos (RJ)	1910 – 1919
Revista Nacional de Educação (RJ)	1932 – 1933
Revista de Imigração e Colonização (RJ)	1940 – 1955
Cultura Política	1941 – 1945
ABC: Política, Atualidades, Questões Sociais, Letras e Artes (RJ)	1915 – 1934

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Nessa perspectiva, inicialmente em 2016 realizamos a pesquisa das fontes bibliográficas em que conseguimos localizar artigos, livros, dissertações e teses relacionados à Escola Doméstica de Natal, à Liga de Ensino do Rio Grande do Norte – LEERN e ao respeito do idealizador da escola, Henrique Castriciano de Souza. Produzimos assim, um estudo em estado da arte, buscando compreender alguns aspectos historiográficos da Escola Doméstica de Natal, o qual contribuiu para estabelecermos parâmetros no recorte temporal para o inventário dos documentos da pesquisa, delimitando nossa questão de estudo.

A busca por documentos, informações e pistas que possibilitasse a (re)construção da Escola Doméstica de Natal, nos levou ao encontro do Museu da referida instituição, que contém vários elementos a serem estudados por pesquisadores interessados na historiografia da escola, da Liga de Ensino e da educação Norte-rio-grandense. Entre os materiais organizados no museu, constam: cadernos das alunas; livros textos; álbuns de fotografias, louça, mobília; painel com exposição de fotografias; livros de tombo da biblioteca; livro de visitas; livro com notas das alunas; boletins das alunas; boletins da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, boletins

comemorativos da Liga; Revista de Liga de Ensino, coletânea de publicações do jornal *A Republica*.

Recorremos em nosso estudo a fontes diversas. Assim, debruicei-me sobre os materiais que nos foram possíveis analisar no museu da Escola Doméstica de Natal. É um espaço organizado, que dispõe de muitos recursos. Contudo, não é possível ao pesquisador fotografar. Desse modo, fez-se necessário a anotação de todo estudo realizado no referido espaço. Como nos aponta Soares (2006), o trabalho do historiador, em alguns momentos, é semelhante ao de um detetive, de um jornalista investigativo. Necessita de um olhar atento, de uma sensibilidade ao escolher analisar um material em detrimento de outro. Nessa perspectiva, fomos escrevendo em um caderno de campo³³ as leituras realizadas, as análises feitas do material, que foi possível ter acesso. Este foi um período de idas e vindas, de refinamento das leituras, de voltar, por inúmeras vezes, ao espaço, tentando, sobretudo, a tomada de consciência daquilo que era relevante.

Paralela à pesquisa no museu da Escola Doméstica de Natal, buscamos o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN, por ser este um espaço com muitos arquivos do estado, bem como do país. O acesso ao material do instituto ainda é muito difícil, são inúmeras as limitações para quem necessita dos documentos do IHGRN como fonte para estudos. Enfrentamos problemas que são comuns aos arquivos no Brasil, o instituto foi fechado para reforma, não sendo permitido o acesso a pesquisadores. Após reforma, foi aberto à visitação, mas continuou fechado para pesquisa. Assim, por recomendação de funcionários do IHGRN buscamos o Arquivo Público do estado do Rio Grande do Norte, que atualmente conta com mais de 300 mil itens. No período que estivemos realizando a pesquisa, o arquivo se encontrava em estado precário. Não obstante, o acolhimento dos funcionários foi algo que deu impulso à pesquisa. Igualmente, a parceria com os inúmeros pesquisadores que daquele espaço dependiam, possibilitou a circulação de informações, de documentos, e construímos uma rede de contatos. Este foi um período rico, de muito trabalho, que precisou de persistência, paciência, organização, e, de se estar atento às especificidades dos materiais.

Como pontuado anteriormente, analisamos os documentos que se encontram digitalizados no LABIM, arquivo institucional digital, ligado ao Departamento de

³³ Estes, cadernos de campo uma de nossas fontes.

História da UFRN, entre estes, os acervos das subcomunidades; como exemplo, os materiais encontrados no Instituto Tavares de Lyra, documentos do IHGRN, acervo fotográfico, documentos sobre Nestor Lima e Manoel Dantas. Em relação aos arquivos pessoais, aqueles considerados fundo de arquivo, os quais foram produzidos e acumulados por uma pessoa, este fez parte do nosso estudo, tendo em vista que, buscamos na casa de Câmara Cascudo³⁴ livros, jornais, cartas³⁵ e revistas.

A segunda etapa da pesquisa centrou-se nos arquivos em Salamanca e Madrid, na Espanha. Assim, acessamos os documentos do centro de memórias da Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas – JAE. Entre os documentos analisados constam: os anais da JAE³⁶; arquivos; exposições e, documentação referente comemoração aos 100 anos da instituição. Analisamos alguns dos manuais escolares que constam no Centro de Investigación Manuales Escolares – Archivo MANES³⁷.

Buscamos auxílio no entendimento do historiador Jacques Le Goff, quando afirma que “*devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos*” (2003, p. 109). Fizemos, desse modo, o diálogo entre as fontes encontradas, as que nos foram possíveis analisar, ressaltando em nosso texto as dificuldades e ausências dos documentos. Compreendemos documento como apontado por Febvre (*apud*, Le Goff, 2003), enquanto tudo que a nossa habilidade, observação e análise consegue captar na construção historiográfica.

Não obstante, o documento, na perspectiva de Le Goff, “*não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações que aí detinham o poder*” (2003, p. 520). De fato, o que sobrevive é aquilo que foi tido como prioridade, à época, dependendo de como se concebia o que era essencial. Nessa direção, Marc Bloch, em *Apologia da História ou o ofício do historiador*, ressalta que é um equívoco considerar que a cada problema histórico

³⁴ LODOVICUS – Instituto Câmara Cascudo, funciona na casa de Cascudo, mantido por particulares. Todo material da casa foi catalogado, possibilitando o pesquisador ter acesso rápido aos documentos.

³⁵ As cartas de Cascudo foram digitalizadas e, estão disponíveis ao pesquisador.

³⁶ A junta compilou como anais as memórias e trabalhos de investigação que realizaram seus bolsistas entre 1909 a 1924. Tivemos acesso a toda documentação.

³⁷ Centro de investigação entre Universidades, dedicado ao estudo histórico de manuais escolares: Espanha, Portugal e países da América Latina, especialmente nos séculos XIX e XX.

corresponde um tipo de documento. Desse modo, a escrita do nosso texto foi tendo como base a documentação que nos permitiu fazer uma leitura sobre a Liga de Ensino e seus membros e que nos trouxe alguns vestígios a respeito da Escola Domésticas de Natal e as práticas educativas que nela foram desenvolvidas ao longo do nosso recorte temporal. Consideramos assim, todos os documentos pesquisados como uma forma de buscarmos respaldo às respostas aos nossos questionamentos, em específico, a nossa questão norteadora que, igualmente, contemplasse os nossos objetivos.

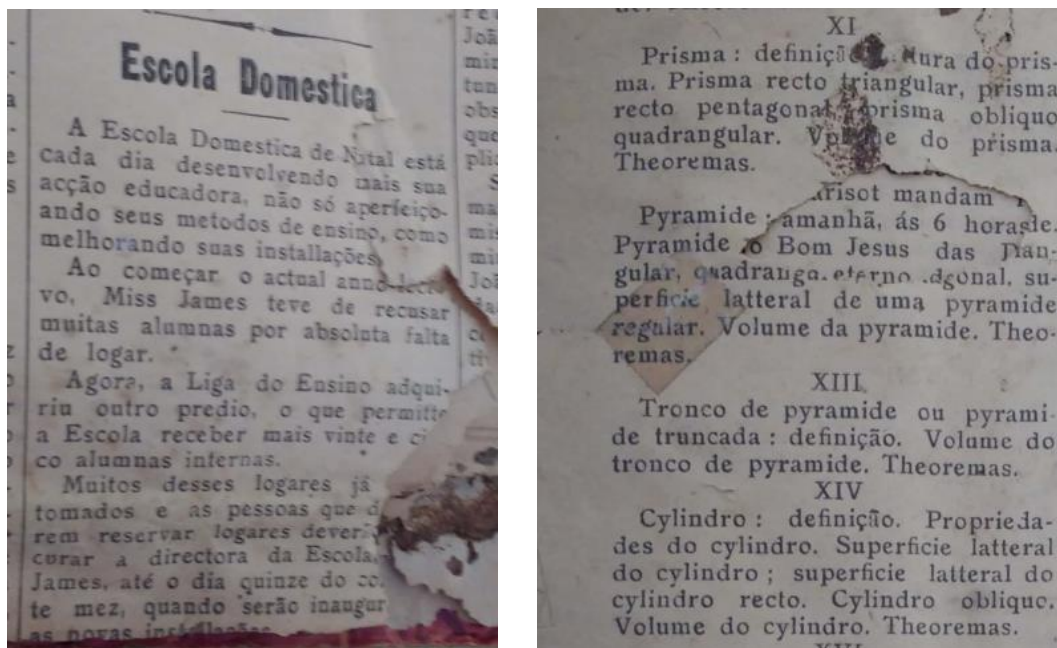
Recorremos aos vestígios das fontes pesquisadas, próprias da cultura escolar, por estarmos em consonância com o que defende o pesquisador Wagner Valente (2012), quando este pondera que:

esses vestígios por circunstâncias as mais variadas, podem ser encontradas ao lado de toda normatização oficial que regula o funcionamento da escola, como leis, decretos portarias, etc. há toda uma série de produção da cultura escolar: livros didáticos, cadernos de alunos de professores, diários de classe, provas, etc. (VALENTE, 2012, p. 11).

Nesse sentido, as publicações dos jornais nos apontaram indícios do número de alunas matriculadas; os artigos em revistas educativas ressaltam algumas práticas no âmbito da escola, como a escrita de tese ao concluir o curso na instituição; o livro das escolas subvencionadas descreve os valores que cada escola recebia do estado, o responsável pela escola, o nome dos professores, disciplinas ministradas e, se era ou não uma instituição de ensino gratuito; as correspondências trazem o entendimento de como foi idealizada, inicialmente, a Escola Doméstica de Natal. Quanto às fotografias, como evidencia Peter Burke (2017), elas representam outro aspecto da escrita da história, que é a leitura e interpretação das imagens.

O encantamento com o estudo surgiu a cada material encontrado, com as leituras, análises e a organização das ideias. No entanto, as dificuldades na interpretação dos textos e as leituras de documentos escritos à mão nos fez passar horas buscando entender o significado da escrita. Ressaltamos algumas imagens de documentos que utilizamos em nosso estudo, exemplo das limitações nas nossas análises.

Imagem 01: Início do ano letivo na Escola Doméstica de Natal e Parte do Currículo de Geometria



Fonte: *A Republica* 1921.

O Jornal *A Republica* tem como características físicas: 80 cm x 60 cm, contando com oito páginas. Os exemplares que tivemos acesso são os que se encontram no arquivo público do estado. Analisamos os jornais de 1911 a 1958. Os mesmos estavam acondicionados em espaço apropriado, sendo estes encadernados por semestre. No entanto, por um problema estrutural, alguns periódicos foram danificados, como o destacado na imagem 01. Os exemplares de 1918 não tinham condições de acesso e os de 1921 aparecem com partes as quais estão impossíveis de se realizar leitura, por terem sido danificadas pelo cupim. Outros jornais tiveram as folhas rasgadas com o manuseio e outros estragaram com o tempo. A imagem 02 refere-se ao livro das escolas Subvencionadas do estado, o que foi bastante difícil realizar a leitura, em virtude de ter sido escrito com uma letra cursiva bem pequena, ou o tempo ter apagado parte do texto. No entanto, trouxe significativas contribuições ao nosso trabalho.

Imagem 02: Livro de Escolas Subvencionadas do Rio Grande do Norte – 1924 e1925

Escola Domestica de Natal (Liga de Ensino)		Subvenções: Anual: 35.000\$ - mensal: 3.000\$
Responsável	Dr. Liga de Ensino por seu presidente Dr. Manoel Dantas.	Alterações
Sede	Praça Augusto Severo, sem numero. Natal.	
Sexo	Feminino.	
Aulas	Curso domestico e curso auxiliar, divididos em seis annos.	Observações: (Inspeções)
Prof. Docentes	Edwiges Adalberto (directora), profs. D. M. Dantas, D. V. Santiago, D. M. Balbino, D. A. Leitão, D. F. Varela, D. M. Dantas, D. M. Balbino, D. A. Leitão, D. F. Varela.	Higiene
Ens. Nacional	Na escola de lingua Materna, Historia e Geografia da do Brasil.	Moralidade
Ens. Privado	-	Nacionalidade
Al. gratuitos	-	

Fonte: Arquivo Público do estado do Rio Grande do Norte/ Livros da Instrução Pública

Responsável pela instituição: Manoel Dantas, período que o mesmo assume a presidência da Liga de Ensino, nos traz mais um indício que o mesmo atuou como presidente nos anos de 1923 e 1924, quando faleceu. Em 1925 já tem como responsável Felipe Guerra. Sede da escola: Praça Augusto Severo, SN, Natal. Escola do sexo feminino; Aulas: Curso Doméstico e Curso Auxiliar, distribuído em seis anos. O Ano letivo iniciava dia 1º de fevereiro indo até 30 de novembro. A escola estava sob a direção de Edwiges (o sobrenome não conseguimos entender), o corpo docente contava com os seguintes professores: Doralice Barros; Eulália de Oliveira; Ignez Dantas; Dr. Varela Santiago; Dr. Manoel Dantas; Tomaz Balbino; Adelina Leitão. As disciplinas que compunham o ensino nacional: curso de língua materna; história e geografia do Brasil. Entendemos que parte do texto foi apagando com o tempo, existem manchas, o que nos faz não poder assegurar que sejam comentários em relação à instituição.

Outro tipo de documento que recorremos foram as fotografias. Estas nos transmitiram informações no tocante à parte estrutural da escola, ressaltam o reforço do discurso científico como justificativa da necessidade de escolas domésticas na formação da mulher. Da mesma forma, as concepções educacionais que a escola adotava, à exemplo, quando em voga no país, era a escola ativa, a instituição adota um currículo voltado para a ordem prática, priorizando disciplinas como: jardinagem, leiteria, puericultura, bordados; pinturas.

Imagem 03: Aula de Jardinagem



Fonte: Laboratório de Imagens e Digitalização de Documentos Históricos – LABIM/ UFRN.

Desse modo, em nosso texto, assim como explica Burke (2017), compreendemos que as imagens, igualmente aos textos e testemunhos orais são formas relevantes de evidenciar a historiografia de uma instituição de ensino, bem como as práticas educativas que nelas foram implementadas.

O TRATAMENTO DAS FONTES: BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O nosso texto, cuja ênfase situa-se nos domínios da historiografia das instituições de ensino e, em suas práticas formativas, fundamenta-se, entre outras contribuições, nas teorizações de Justino Magalhães (2004), quanto ao seu entendimento de que a história de uma instituição educativa é permeada por interesses públicos e pelas normas e compromissos sociais com a realidade a que essa instituição se destina. Essa perspectiva teórica se expressa de modo relacional e multidimensional, conforme nos esclarece o referido autor:

compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição [...] é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus

públicos e zonas de influência. A sistematização e a (re) escrita do itinerário histórico de uma instituição educativa na multidimensionalidade e na construção de um sentido encontram nessa relação a sua principal base de informação e de orientação (MAGALHÃES, 2004, p. 133 - 134).

As concepções do autor nos auxiliaram na seleção e análise das fontes documentais, em especial no esclarecimento das múltiplas nuances que permeiam as relações entre história da educação, história das instituições de ensino e práticas educativas.

Magalhães (2004) assume em seu texto alguns conceitos, como o de *instituição*, que em sua forma escolar, estabelece relação com propósitos formativos, dá significado a uma visão de mundo, gera afinidades e constitui fator de identidade; *materialidade*, que se ativa em instâncias objetivas e de funcionamento: espaços, meios didáticos e pedagógicos, modos de organização, regulamentos, currículos; *representação e apropriação*, que estão relacionadas com as memórias, normas e agentes, ativados pelo grau de mobilização e de aplicação; enquanto que a *apropriação*, na perspectiva do autor, refere-se ao ideário, a construção da identidade dos sujeitos e da instituição, as dimensões materializadas em aprendizagens, expectativas e concepções de vida.

Evidenciamos vínculos das concepções de Justino Magalhaes com a História Cultural compreendida por Michael de Certeau (2002) e Roger Chartier (1990), (2007), (2009) e (2014). Os autores nos chamam atenção à articulação da história com o lugar social, tomando isto como condição ímpar para uma análise da sociedade. Desse modo, ao estudar a cultura escolar e as práticas educativas de uma instituição de ensino, não podemos tratá-las de modo desvinculado da sociedade que as produziu.

Nessa direção, Certeau (2002) compreende que toda pesquisa histórica se articula como um lugar de produção social, político, econômico e cultural e está submetido a imposições ligadas a privilégios enraizados, de certo, em particularidades próprias. De igual modo, Chartier (2007), (2012) em seus textos que remetem à preocupação com os diferentes tipos de livros, advoga que a escrita é o resultado da leitura, o texto existe na perspectiva do leitor que a interpreta de acordo com as suas vivências culturais e sociais. Os autores nos trouxeram luz na escrita das práticas educativas no âmbito da Escola Doméstica de Natal, no que se refere à cultura e à cultura escolar. A cultura de uma escola não pode ser estudada sem precisarmos o

contexto que envolve os sujeitos, as relações estabelecidas, vínculos firmados, circulação de ideias que extrapolam os muros da escola.

É preciso ter em vista, antes de mais nada, que o nosso estudo se inscreve na área da História da Educação, tomando como alicerce teórico uma historiografia escrita sob a perspectiva da história social e cultural. Apesar de tratarmos da história das práticas no cotidiano da escola e discutirmos sobre o papel da escola na cultura do estado, tratamos, no mesmo texto, da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, das concepções dos seus intelectuais, do entendimento que tinham sobre educação, formação feminina, do papel da mulher na sociedade, a partir de seus escritos. Assim, buscou-se entendimento nas discussões de Jean-François Sirinelli (2003) a respeito do ideário dos intelectuais, tentando estabelecer uma relação da ideia de Valente, Hosfstetter e Schneuwly (2017) de *expert*.

Compreendemos, assim como Hernández Díaz (2019), que existe na escrita da nossa tese um imbricamento de histórias e, desconectá-las, é escrever o texto de modo fragmentado. A história das mulheres está intimamente ligada ao intercâmbio de ideias, aos intelectuais, à imprensa pedagógica e às práticas desenvolvidas nos diferentes espaços da instituição. Em resumo, defendemos que não existem fatos que sejam exclusivamente econômicos, sociais, culturais, educacionais ou políticos. Todos se articulam mutualmente.

Com base nesse entendimento de sistematização das ideias e de organização da tese, realizamos a seguinte estruturação: no primeiro capítulo, nos detivemos em uma análise da história da criação e implementação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, instituição mantenedora da Escola Doméstica de Natal, trazendo para o contexto de discussão o idealizador da instituição, Henrique Castriciano, bem como alguns de seus membros colaboradores e dos presidentes, desde o início da instituição aos dias atuais. Entendemos ser necessário evidenciá-la neste momento inicial do trabalho para que o leitor compreenda o fato histórico que levou à fundação da Escola, sendo a Liga de Ensino a divulgadora e impulsionadora da necessidade de uma escola de ensino doméstico no estado do Rio Grande do Norte, nos moldes das instituições europeias. Destacamos, ainda, as concepções desses intelectuais, por meio dos seus escritos na imprensa pedagógica.

No segundo capítulo, elaboramos uma narrativa histórica do contexto de criação e implementação do projeto educacional da Escola Doméstica de Natal, investigando as contribuições da imprensa pedagógica na (re)construção histórica da

escola e traçado o perfil do corpo docente e das primeiras discentes. Apresentamos, no texto, o entendimento dos divulgadores da escola como aspecto de modernidade na cultura escolar do Rio Grande do Norte, a contratação das primeiras diretoras, sendo estas de origem europeia e norte-americana. Discutimos na conclusão do capítulo o movimento das educadoras potiguares na reivindicação da equidade de gênero e as práticas educativas que estas desenvolviam.

O terceiro capítulo apresenta ao leitor uma discussão acerca dos programas de ensino, detalhando-os em períodos distintos, em virtude das mudanças ocorridas, seja por meio das reformas de ensino do estado, seja por influências de educadoras vindas dos Estados Unidos ou de países da Europa. Para tanto, ressaltamos as influências das missionárias norte-americanas e do ensino doméstico belga na formação das discentes e docentes da Escola Doméstica. Ressaltamos as orientações pedagógicas ao longo do nosso recorte temporal, que contribuíram na construção da identidade das discentes formadas na instituição.

Os livros textos que foram adotados na escola, seja como orientação para os professores ou de uso direto com as alunas, tendo por base os documentos analisados, são apresentados no quarto capítulo, dos quais destacamos os compêndios de Aritmética, Álgebra e Geometria, tendo o autor Antônio Trajano como um dos escritores de livros didáticos mais usados na escola. Analisamos a obra *A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais* produzida por Corinto da Fonseca. Foi analisado, na mesma ótica, três livros de Antônio Trajano, *Algebra Elementar*; *Arithmetica Elementar Illustrada* e *Arithmetica Progressiva* e, a partir dos seguintes elementos que compõem a estrutura dos livros textos: capa, contracapa, prefácio, índice, conteúdo abordado nos livros, exemplos, exercícios, problemas propostos, imagens, demonstrações e notas.

O quinto e último capítulo traz uma discussão sobre os cursos de formação realizados pelas docentes e discentes da Escola Doméstica de Natal, especificamente a ida à capital do país, bem como a saída a Europa e Estados Unidos. Tratamos a respeito dos cadernos escolares das discentes, dos diários de classe das professoras, e, analisamos as teses de conclusão de curso e publicações das alunas em periódicos.

1 LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE E O PROJETO EDUCACIONAL VOLTADO À MULHER NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

O presente capítulo trata de como se deu o contexto de constituição da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte – LERN, associação responsável pelo projeto de criação e implementação da Escola Doméstica de Natal, em setembro de 1914. Optamos por trazer, inicialmente, uma discussão a respeito das concepções filosóficas, políticas e educacionais dos membros da LERN, o que, em nosso entendimento, se faz necessário por ter sido por meio desta associação que a Escola Doméstica de Natal foi organizada, emergindo, assim, no cenário educacional norte-rio-grandense. Estudamos suas ações em diversos âmbitos da Educação a partir de seus escritos e práticas publicados na imprensa e imprensa pedagógica, principalmente as atividades que desenvolveram em prol de assuntos sobre a instrução pública, nas primeiras décadas do século XX. Isso visa a fortalecer a hipótese contida no título do capítulo: a circulação de ideias estabelecidas entre um grupo de intelectuais *experts* em educação³⁸ traz relevantes contribuições a formação da mulher norte-rio-grandense.

Fundada em julho de 1911, A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte – LERN funciona até os dias atuais como instituição reguladora do complexo educacional Noilde Ramalho, composto de duas escolas: Escola Doméstica e Henrique Castriciano. Idealizada e implementada por Henrique Castriciano de Souza³⁹, com o apoio educacional, cultural, logístico e financeiro de lideranças políticas, religiosas, educacionais, empresariais, militares, agrícolas e de funcionários públicos, elite social e cultural que pensava a educação do Rio Grande do Norte à época.

Inspirado nesses ideais, Castriciano, ao retornar de uma viagem à Europa⁴⁰, passou a publicar, em periódicos locais, por vezes regionais e nacionais, as impressões a respeito da educação europeia. Em seus escritos esteve sempre presente uma preocupação com a educação da mulher brasileira. Assim, em sua estada pela Europa,

³⁸ A definição de *expert* que utilizamos neste texto se inscreve nos estudos de Rita Hosfstetter e Bernard Schneuwly ao tratar da institucionalização dos *experts* em educação na Suíça (século XIX e XX). “Uma instância atribuída, em princípio a um ou a vários especialistas – supostamente distinguidos pelos seus conhecimentos, atitudes, experiências – afim de examinar uma situação, de avaliar um fenômeno, de constatar fatos” (HOSFSTETTER ; SCHBEUWLY, 2017, p. 57).

³⁹ Trago uma biografia dos presidentes da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte no Apêndice, ver página 298.

⁴⁰ Nos documentos analisados encontramos vestígios de viagens de Henrique Castriciano à Europa no período de 1909 a 1914.

dedicou-se a estudar sobre as escolas voltadas à formação da mulher, em específico as escolas profissionais e de economia domésticas, principalmente em países como Suíça, França, Alemanha, Holanda e Bélgica.

Recebeu, inicialmente, subvenções do estado para passar um ano na Suíça, entre 1909 e 1910, a partir de um prêmio concedido com base no Decreto nº 234, de 1909, que trata da organização do ensino público do Rio Grande do Norte. Em seu Art. 43 o referido decreto ressalta a possibilidade do Governo em conceder recompensas aos educadores e pessoas do estado dedicadas, de modo direto ou indireto, à educação, sendo estas em forma de viagens, fora do estado e até mesmo do país, para observar e relatar as inovações e avanços na educação, especificamente no que concerne às novas concepções da psicologia aplicada ao ensino, os novos métodos de ensino e os progressos do país em virtude das novas políticas educacionais⁴¹.

Durante o período que esteve na Suíça, debruçou-se em estudos que tratam da economia, educação e cultura do povo helvético. Assim como outros estudiosos, de diferentes estados brasileiros, bem como de diversos países, viveu a sinergia pedagógica na Suíça e se impregnou o mais intensamente possível das reflexões sobre temas educacionais e ligados à psicologia. Em visitas realizadas aos estabelecimentos de ensino, não se limitou a ver os edifícios e as instalações, mas buscou discutir a respeito das aulas ministradas nas Escolas Normais e escolas profissionais para mulheres, na tentativa de inteirar-se das metodologias empregadas, currículos, manuais e normas escolares.

Castriciano (1911) compreendia que o povo Suíço, nesse período, rendia um verdadeiro culto a escola. Em qualquer cantão⁴², que visitasse, onde encontrasse um edifício majestoso de belíssima arquitetura, podia-se quase assegurar que era uma escola. Este culto à escola, que o autor fala, se percebe dentre outras coisas, na importância que o referido país dispense ao ensino, que se manifesta por meio das leis da instrução pública, que torna obrigatório o ensino dos seis aos quinze anos, sendo dividido em três momentos: o ensino primário; o ensino secundário e profissional e o ensino superior. Hofstetter e Schneuwly (2017) afirmam que, igualmente a outros

⁴¹ À exemplo do que era realizado por outros educadores do estado e país. Viagens que fizeram parte de projetos oficiais do governo potiguar e tinham como objetivo a organização do sistema de ensino do Estado, tendo como base experiência que trazia a compreensão de um viés moderno a educação.

⁴² O território da Suíça está dividido em 26 unidades independentes e soberanas – os cantões com suas respectivas capitais. Diferem em relação, a população, cultura orientação religiosa e estruturas socioeconômicas.

países ocidentais, a Suíça e, em particular, a capital Genebra, organizou, no século XIX, uma instrução pública orgânica e juridicamente ligada ao poder público, tratando de garantir a eficácia do sistema educacional, assegurando a todos o acesso ao conhecimento e saberes considerados elementares.

Observador privilegiado, igualmente aos demais intelectuais brasileiros que viajavam a outros países nas primeiras décadas do século XX, como pontuado por Mignot (2010), estes se inteiravam da arquitetura escolar, dos livros, cadernos, métodos de ensino, objetos didáticos. Castriciano se debruçou sobre a importância que a educação da mulher suscitava na Suíça, sobretudo, no cantão de Fribourg com a Escola Ménagère. Castriciano buscou entender como se davam as práticas educativas no interior da referida instituição. Segundo seu ponto de vista, toda a organização escolar, o ambiente harmônico e sereno, a estrutura espacial da escola, que descreveu⁴³ como sendo simples, asseada, bem organizada, os preceitos de higiene trabalhados no ambiente, os modos de falar educado das discentes e das docentes, bem trajadas e limpas, tranquilas e atenciosas, além do espaço físico – que contava entre outros espaços de aperfeiçoamentos, com gabinete, sala de costura, recinto de aula, dormitório, sala de diretoria, laboratório de química e física, museu escolar, salas para seções de lavagem e engomado, copa, cozinha, jardim, galinheiro, pomar, sala de medicina e higiene, sala de puericultura – a estrutura curricular e o funcionamento transparecendo com ares de tranquilidade, cultura e ciência, refletem no papel que a escola exerce de modo ativo na sociedade. Esse discurso de encantamento de Castriciano com a École Ménagère pode ser percebido no trecho destacado:

ao penetrar a Escola Normal Ménagère de Fribourg senti logo o encanto, o bem estar que dá a casa Suíça, em que, não raro, a decoração vegetal imprime uma nota pacificante de bucolismo, dando ao espírito do hospede um como aviso de tranquilidade, de trabalho silencioso, de ternura forte. (SOUZA, 1911, p. 29).

“Essa e outras escolas congêneres impulsionaram a libertação das mulheres suíças do confinamento no lar, fazendo com que elas saíssem às ruas e participassem ativamente do mercado de trabalho” (LIMA, 2004, p. 332). Assim, para Castriciano, os espaços escolares ofertados pelas escolas de ensino doméstico na Europa, em

⁴³ Entre outras publicações a respeito da École Ménagère de Fribourg, encontra-se a conferência: Educação da Mulher no Brasil (1911). Transformada em livro pela Typografia do instituto – Natal/RN.

específico na Suíça, não eram apenas meros observatórios, mas possuíam uma função, um efeito transformador na vida do indivíduo.

De posse de vários livros, artigos e do vasto conhecimento que construiu ao longo do tempo que esteve em viagem pela Europa, regressou ao Brasil carregado de ideias transformadoras para a escola e para a educação em âmbito geral. Castriciano escreveu artigos que tratam, em específico, da importância da melhoria da educação voltada à mulher no Brasil, utilizando como argumentos a precariedade da educação no país, fazendo um paralelo com o que conhecera da educação feminina na Suíça. Ressalta esse ponto de vista na Conferência sobre Educação da Mulher, proferida no ato de inauguração da LERN, onde pondera que,

não havia sexo frágil, pois nas escolas femininas trabalhavam-se os aspectos: educacional, mental, físico, cultural e moral contribuindo para a formação de uma mulher mais ativa e atuante na sociedade. Da educação resulta a aptidão para o trabalho, ampla e clara noção do dever, ausência de preconceitos ridículos e dessa aptidão individual saiu a energia coletiva, o civismo por norma, a honestidade na vida social, o respeito a si próprio e aos outros (ALBUQUERQUE, 1993, p. 289).

Os estudos de Castriciano não se limitaram somente às práticas educativas, aos manuais escolares e às leis de instrução. Ele buscou autores que embasavam as concepções educacionais à época na Suíça, que circulavam e influenciavam a educação europeia, como: Rousseau, Pestalozzi, Claraparède e Ferrière. Em seu discurso pode-se perceber a influência em argumentos de Pestalozzi que demonstram a ação decisiva do lar, principalmente os cuidados da mãe para com seu filho, e a relevância desta na formação educacional da criança. É possível que tenha tido acesso às discussões das cartas de Pestalozzi⁴⁴ sobre a educação infantil.

Ao longo do discurso, reforça as concepções que defendia em relação a formação integral da mulher, preparando-a para o lar, bem como para o ingresso no mercado de trabalho. *“Em Berna, por exemplo, depois de visitar as escolas, universidades, as livrarias, os restaurantes, os estabelecimentos industriais, a gente se sente com vontade de perguntar em que se ocupam os homens”* (CASTRICIANO, 1911, p.13). O autor segue discorrendo a respeito do impacto positivo que tivera ao visitar a Suíça e, desse modo, pondera sobre o papel decisivo da mulher na sociedade

⁴⁴ Livro como Gertrudes educa seus filhos.

e que o investimento público e privado no aperfeiçoamento de funções que as moças da zona rural, e, em escala menor da zona urbana, já exercem contribuiria para a renda da família, à longo prazo, na economia do estado. Ressalta, assim, que a mulher helvética não se envergonhava em trabalhar⁴⁵, porque todas têm uma boa formação. De modo que a felicidade, sempre tão lembrada, do povo suíço está presente também na educação das mulheres.

A conferência de Castriciano nos auxiliou no entendimento de como ele buscou apresentar suas impressões em relação às vivências na Suíça. Conduziu seu discurso tecendo considerações a grande relevância que a formação da mulher trouxe para cultura e economia suíça. Ao passo que expressa críticas no que concerne a instrução pública no estado do Rio Grande do Norte, em específico a direcionada ao sexo feminino, identifica possibilidades de mudanças. Apropria-se do reconhecimento de *expert* em educação, dado pelo governo, para propor mudanças significativas no estado, incentivando criar escolas de ensino doméstico nos moldes das já existentes na Europa. Afirma que a educação doméstica é uma ciência e, por isso, pede conhecimentos, intuição clara da vida em seus múltiplos aspectos. Desse modo, o objetivo destas instituições de ensino é aproximar ao máximo a família da escola, baseada em fundamentos da melhor pedagogia contemporânea.

Como posto, Castriciano expôs suas ideias aos amigos e populares, por meio de publicações em periódicos do estado e, em especial, no Jornal *A República*⁴⁶. Discutiu com amigos próximos⁴⁷, grupo com os quais dialogava, entre eles, nomes como Manoel Dantas, Varela Santiago, Fabricio Maranhão, Francisco de Salles Meira e Sá e Romualdo Galvão, a possibilidade de organizar uma sociedade de homens com a finalidade de trabalharem em prol da melhoria da educação norte-rio-grandense. Desse modo, os integrantes da LERN vislumbravam um projeto educacional que trouxesse mudanças significativas a Natal e, em larga escala, ao estado. Dava-se ênfase

⁴⁵ Algumas funções exercidas por mulheres, seja no campo ou na cidade, era de certo modo, para a elite cultural e social local, um tanto degradante, até mesmo vergonhosa. Além de obter renda irrisória.

⁴⁶ Fundado por Pedro Velho, como porta-voz das ideias republicanas no estado, cujo primeiro número circulou em 1º de julho de 1889. Com a proclamação da República o jornal passa a ser um veículo oficial informação.

⁴⁷ Médicos, advogados, juízes de Direito, ligados direta ou indiretamente a administração pública e a questões educacionais, imbuídos de um ideário republicano. Na perspectiva de Sirinelli (2003, p. 248), “o meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora”.

a educação da mulher, tendo como embasamento pedagógico questões ligadas à higienização, economia doméstica, puericultura, música, cultura física. Idealizava-se criar, inicialmente, na Escola Doméstica de Natal, um modelo para as demais escolas que seriam construídas no estado, em um projeto mais ousado, em todo o país.

É fácil prever o que será a nossa querida terra quando em todos os Estados houver escolas populares em que sejam ensinadas às moças diversas profissões, de acordo com as necessidades regionais, além das ciências domésticas. Si podermos fundar a Escola a que nos referimos no prospecto conhecido, esta não será nos moldes do Simons College de Boston, um grande estabelecimento em que as moças americanas podem se dedicar aos mais elevados estudos. É cedo ainda para tanto, e nem o meio social do Brasil tem necessidades de sábias Doutoras. (CASTRICIANO, 1911, p. 27 – 28).

O trecho reflete a sistematização do projeto educacional de Henrique Castriciano, na busca pela remodelação pedagógica das escolas destinadas às mulheres, que fora assumido pelos demais intelectuais da LERN. Desse modo, para entendermos o modelo educacional da Escola Doméstica em Natal, buscamos saber um pouco a respeito dos membros da instituição que idealizou e implementou seu projeto, em Natal capital do Rio Grande do Norte, em setembro de 1914.

1.2 PONDO EM PRÁTICA O PROJETO: CONTEXTO HISTÓRICO E ESFORÇOS DESPRENDIDOS

Com o objetivo de compreender melhor os processos de idealização e implementação da Escola Doméstica, nos é oportuno adentrar nas origens da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. Foram inúmeros os esforços e energias desprendidas na instauração da mesma. Aqueles que consideraram uma ideia relevante ao estado e em larga escala ao país, passaram a divulgar suas concepções a respeito da possível sociedade, bem como sobre a importância da formação da mulher para a melhoria da economia, do combate ao alcoolismo e a mortalidade infantil. Era semelhante ao que acontecia em países como Espanha, que tinha no discurso de alguns de seus representantes públicos um debate acirrado no tocante à melhoria da educação feminina, tendo como perspectiva uma mulher ativa, preocupada com a economia doméstica e a saúde das crianças.

Como exemplo, encontramos vários artigos, em periódicos, que dão destaque a educação da mulher. “Não conheço nada mais nocivo do que a nossa educação feminina, os nossos hábitos excessivamente caseiros, macambúzios, traduzindo uma existência sem arte e sem civilização” (ASPECTOS NATALENSES, CRÍTICAS DE COSTUMES, José Braz, 1911). Outro texto que nos chamou atenção foi uma publicação que trata das Escolas Domésticas na Holanda no periódico *A Republica*, que data de 1911, e assinado por K⁴⁸. (A ortografia da época foi conservada, de acordo com a fonte consultada):

Um dos países que mais têm cuidado da educação das moças é a Holanda. Nesse particular os holandeses conseguiram alguma coisa mais que os outros povos europeus e os norte-americanos, alcançando melhores resultados sem grandes espalhafatos. A título de curiosidade (na falta de outra aplicação), damos a seguir, em resumo, o programma do exame que se sujeitam as candidatas ao honroso diploma de ménagère: 1º Cozinha – conhecimento de alimentação, no que diz respeito às exigências da boa nutrição, a composição dos alimentos e ao maior ou menor gráo de digestibilidades. Conhecer as necessidades da alimentação especial das crianças, dos enfermos dos vegetarianos. Distinguir os gêneros de consumo, os preços, os utensílios de cozinha. Preparar “menus” para diferentes preços; conhecer as sopas, entradas, carnes, legumes, pratos frios, pratos “populares”, saber conservar os alimentos. 2º Trabalhos manuais – Cortar e coser as peças de vestuario mais usados em casa; fazer consertar e reparos. 3º Trabalhos manuais – Cortar e coser as peças de vestuario mais usados em casa; fazer concertos e reparos. 4º Economia domestica – Saber cuidar da casa, do mobiliário; conhecer todos os utensílios de uso comum e os meios de ornamentar as paredes, arrumar um aposento. 5º Hygiene – Conhecer a estrutura e as funções do corpo humano, medidas e providencias a tomar em caso de accidentes; tratar de pequenas contusões e ferimentos resultantes de quedas, etc. Cuidados especiaes que exigem as crianças e os doentes. 6º Contabilidade domestica – Conhecimento de dinheiro, suas divisões e do accertado emprego do mesmo. Redigir um “diário” das despesas da casa: saber fiscalizar os gastos, orçá-los e prevel-os. Conhecer os meios porque se recebe ou se expede qualquer quantia pelo correio. O programma é extenso e abrange vários outros pontos, mas o que ahi fica é suficiente para dar uma idéa exacta do rigor com que os holandeses tratam as futuras mães de familia. Segundo o exemplo de Fenelon, “qui parle de messe et d’aiguilles” elles vão alem exigindo conhecimentos de mil pequeninas cousas da vida pratica, conhecimento cuja real utilidade as jovens de hoje reconhecerão quando se virem no desempenho das alevadas funções que lhes compete em seus futuros lares. (A REPUBLICA, 1911).

⁴⁸ Um dos pseudônimos usado por Henrique Castriciano de Souza ao escrever para o periódico *A Republica*.

Uma citação grande, que nos trouxe o entendimento de um texto marcado pela ênfase dada as instituições de ensino doméstico, com particular destaque aos países que vinha adotando esse modelo de ensino. Reforça a percepção que o autor tem do extenso currículo voltado aos cuidados da criança e do lar à formação integral da mulher. O artigo nos reforça a ideia de que existia uma consonância entre os intelectuais que participavam de modo direto ou indireto da Liga de Ensino, no que se refere à necessidade de uma melhoria na educação feminina do estado. Sendo a imprensa um dos espaços que utilizavam para defender seus ideais, apresentando a sociedade os avanços resultado dos esforços coletivos. Segundo Morais (2018), o ideário republicano imbuído de um pensamento de significativas mudanças tinha na educação um dos seus veículos de transformações sociais, o que possibilitou a educação um espaço significativo. Os representantes do republicanismo, no estado, entre estes os membros da Liga de Ensino, difundiam suas ideias por meio de periódicos como, o jornal *O Povo*, na cidade Caicó, região do Seridó, lançado em abril de 1889, o jornal *A Republica*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Recife*, *O Paiz*, do Rio de Janeiro e *Jornal Pequeno*, de Pernambuco.

O ano de 1911 foi de intensivas campanhas na tentativa de concretizar o projeto de criação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, como posto, a imprensa era um dos meios de divulgação das propostas dos republicanos, que em sua maioria pertenciam às elites locais. Assim, antecedendo o ato de inauguração da LERN, encontramos no jornal *A Republica*, várias publicações que trazem como título *Liga de Ensino*. Os textos tecem elogios, descrevem e apoiam as propostas da associação:

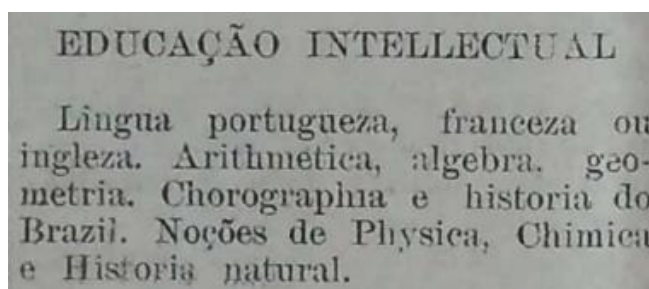
Está sendo geralmente aceita com o mais generoso entusiasmo a idéia que um numeroso grupo de distintos cavalheiros da nossa elite social, interessado pelas coisas que dizem respeito ao levantamento do nível intelectual e moral da sociedade brasileira, resolveu mudar em promissora realidade, fundando, nesta capital, a Liga do Ensino, com o intuito de propagar e difundir pelo Estado escolas em que a mulher seja preparada, ao mesmo tempo theorica e praticamente, para ocupar o lugar que lhe assiste na comunhão humana, aproveitadas as suas aptidões naturaes. (A REPUBLICA, 1911, p. 4).

O autor do artigo ressaltado anteriormente pondera que o jornal tem acolhido bem a iniciativa do grupo que forma a LERN. Isto acontece, pois no entendimento dos que compõem a redação do referido periódico, é somente por meio de uma educação

de qualidade que se resolve os problemas econômicos brasileiros. “*Note-se que falamos de educação e não simplesmente de instrução*”. (A REPUBLICA, 1911, p. 4).

Nessa linha de compreensão, também é constatada a intencionalidade das publicações, seja na imprensa local ou nacional de colunistas ligados ao grupo que compõem a administração pública do RN. Chartier (2004), em seu livro *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*, esclarece-nos como os objetos escritos puderam representar o modo de agir e de se relacionar de membros ligados ao Antigo Regime, ou em outras palavras, como a cultura escrita exerce influência no meio social daqueles que tem acesso aos textos, como na sociedade em geral. O que pode, por nós, ser observado, como já mencionado, nas publicações do periódico *A Republica*, ao longo do ano 1911, em especial nos meses de junho e julho.

No dia 07 de julho de 1911 foi publicado no referido jornal um prospecto da liga de ensino, trazendo os objetivos da associação, bem como o programa que pretendiam desenvolver. Entre os mais diversos tópicos apresentados pontuamos aquele que tem uma ligação direta com os nossos objetivos:



Fonte: A Republica, 06 de junho de 1911.

Observa-se entre os estudos ressaltados no referido prospecto, o que é entendido como parte intelectual do currículo, da escola doméstica, idealizada pela associação. No tocante à Matemática, eram contemplados os estudos de Aritmética; Álgebra e Geometria, contudo, não aparece uma descrição detalhada dos conteúdos a serem estudados. É destacado, no texto, que todo o ensino seria intuitivo, concreto, com exercícios voltados aos fins domésticos.

As duas citações a seguir afirmam o que discurremos no tocante a importância dada a criação da Liga de Ensino e os seus projetos aos norte-rio-grandenses:

Hontem, à noite, após a distribuição do nosso jornal avidamente procurado por todos quantos cuidam da prosperidade da Liga, a humanitária associação que tanto interesse vai despertando em nosso meio, era assumpto obrigado nas palestras familiares o programma que publicamos hoje, na 2ª página, de varias pessoas já conhecido. (A REPUBLICA, 1911)⁴⁹.

Está sendo geralmente aceita com o mais generoso entusiasmo a idéa que um numeroso grupo de distinctos cavalheiros da nossa elite social, interessado pelas coisas que dizem respeito ao levantamento do nível intelectual e moral da sociedade brasileira, resolveu mudar em promissora realidade, fundando, nesta capital, a Liga do Ensino, com o intuito de propagar e diffundir pelo Estado escholares em que a mulher seja preparada, ao mesmo tempo theorica e praticamente, para occupar o logar que lhe assiste na communhão humana, aproveitadas as suas aptidões naturaes. (REPUBLICA, 1911)⁵⁰.

Com a intensa propaganda, o evento de inauguração da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte chamou a atenção das classes mais abastadas do estado, sendo essa uma sessão concorridíssima, presidida pelo governador Alberto Maranhão. Integraram o grupo, “*Francisco de Sales Meira e Sá, (1856 – 1920), Juiz Federal, formado pela escola de Direito de Recife*⁵¹, *primeiro presidente, também orador na solenidade*” (Cascudo, 1965, p. 133). Em seu discurso, Meira e Sá ressalta que a Liga de Ensino tem um programa próprio e íntegro, e que a sua ação não se limita apenas à capital do estado, mas que a preocupação com a educação é destinada a todos os municípios do Rio Grande do Norte. Fez parte da inauguração, além dos demais membros da elite local, o idealizador Henrique Castriciano, Manoel Dantas, Diretor da Instrução Pública, José Augusto Bezerra de Medeiros, professor do Atheneu Norte-rio-grandense, à época. Ele escreveu um folheto sobre o assunto Liga de Ensino, que foi publicado no Jornal *A República* de julho de 1911:

A Liga de ensino, cuja instalação anuncia-se para breve, nesta capital visa justamente reunir os esforços de todos os que, amando sua terra e a sua família ame-la vê-las prósperas e felizes, da prosperidade e da

⁴⁹ Artigo publicado no Jornal A Republica no dia 06 de junho de 1911.

⁵⁰ Artigo publicado no Jornal A Republica no dia 06 de junho de 1911.

⁵¹ Criada em maio de 1828, inicialmente funcionava no Mosteiro de São Bento, em Olinda – Pernambuco. Em 1854, foi transferida para Recife, capital do Estado, e, incorporando-se à Universidade do Recife em 1946, ano que foi criada a Universidade Federal de Pernambuco. O curso de Direito funcionava em duas seções distintas, as ciências jurídicas que correspondia as cadeiras de direito natural, romano, constitucional, civil, criminal, comercial, legal, teoria e prática do processo. Às ciências sociais que correspondia às cadeiras de direito natural, público, universal, constitucional, eclesiástico, administrativo, diplomacia, história dos tratados, ciência da administração, higiene pública, economia e política.

felicidade que somente soem ter os povos que estão solidamente aparelhados para uma sadia educação. (*A REPÚBLICA*, julho de 1911).

Em seu discurso, José Augusto se apropria do pensamento político que permeava o contexto histórico no início da República no Brasil, o que também era possível observar nas efervescências das ideias dos jovens estudantes norte-rio-grandenses oriundos das escolas de Direito do Recife, da Escola de Medicina na Bahia e da Escola de Direito do Rio de Janeiro. A situação do estado e do país, no imaginário desses jovens republicanos, diferia da realidade. Os aspectos sociais, econômicos, educacionais e culturais ainda se encontravam atrelados à mentalidade da colônia e do império. Por outro lado, havia um movimento de mulheres que usavam a imprensa como forma de reivindicar um papel ativo na sociedade. No entanto, essas discussões não aparecem nos textos publicados em prol da criação da Liga de Ensino.

Após o ato de inauguração, o jornal *A Republica* publica detalhes a respeito do evento, ressaltando a importância que tem a instituição para a educação do estado.

Foi uma festa brilhantíssima, promissora dos mais seguros triumphos, a sessão inaugural da Liga do Ensino, a futura associação devido à iniciativa e ao esforço de um benemérito grupo de conterraneos. Instituição utilíssima moldada nas bases das principaes escolas menagère do velho mundo, a Liga começa a interessar verdadeiramente a nossa terra e a prova disso foi a concurrencia numerosa e selecta de cavalheiros e senhoras que afluio ao edificio do Natal-Club, a assistir a inauguração. (*A REPUBLICA*, p 4. 24 de julho de 1911).

Em outro trecho é pontuado que tinham como pretensão aproximar a escola da família, fundamentado na melhor pedagogia contemporânea, e possibilitar que a mulher fosse educada na simplicidade, no trabalho intelectual e manual bem orientado. Isto é percebido no decorrer do período de constituição da Liga de Ensino, o reforço do discurso da escola enquanto espaço de apoio aos cuidados com o lar e com a educação das futuras gerações:

Em uma phase do mais completo utilitarismo como seja esta que atravessamos, outra, muito differente da que actualmente é posta em pratica, deve ser a educação da mulher que precisa preparar-se de um modo mais positivo para o perfeito desempenho do governo de sua casa e principalmente para a educação racional e completa das gerações que se hão de formar ao influxo bondoso do seu conselho, do

seu carinho, do seu exemplo e do seu amor. A mulher é a patria mesmo, já disse alguém com a perfeita instituição de uma grande verdade. Ella é a formadora do nossos character e das nossas acções: pois bem, eduquemol-a racionalmente de acordo com as tendencias do seculo. Applaudimos francamente a patriotica idéa da fundação da LIGA DO ENSINO e fazemos desde já que cheguem aos seus promotores as nossas mais justas e mais sinceras felicitações. (A *REPUBLICA*, p 4. 24 de julho de 1911).

Dentre outros objetivos, a LERN pretendia auxiliar os poderes públicos em todos os pontos que dissessem respeito à instrução e educação do povo, sobretudo, fundar escolas para instrução e formação feminina, e fundar escolas maternas, primárias, secundárias e profissionais, bibliotecas, cooperativas e promover a criação de Ligas Regionais, criar uma escola doméstica em Natal/RN, modelada segundo o sistema da *Ecole Mánagère de Fribourgo – 1889 – (Suíça)*:

Manifestavam a necessidade de renovar o ensino potiguar que consideravam arcaico, ultrapassado em seus métodos de ensino, quando no Brasil eram fundadas, em várias cidades, Ligas e/ou entidades congregadoras de ideias, na sua maioria, de cunho nacionalista, cívica e embrionariamente partidária. (MARQUES NETO, 2016, p. 78).

Acreditavam, assim como outros intelectuais da época, que é por meio da educação que resulta a aptidão para o trabalho, a ampla e clara noção do dever, ausência de preconceitos e o civismo por normas de honestidade na vida social. Observa-se, assim, que existia um tom de modernidade no discurso, à época, no que se refere a educação da mulher, criar escolas que preparam para o trabalho, mas sem esquecer os preceitos da família, ou seja, de prepará-las para o lar. É, contudo, importante ter em mente que a educação a ser ofertada não era sinônima de igualdade de direitos, ou de dotar a mulher de argumentos para lutar contra o preconceito e as desigualdades sociais. Isto pode ser entendido como uma maneira de deixar transparecer à sociedade que estava havendo um protagonismo em relação a atuação feminina no meio social, mesmo se omitindo a participação destas nas decisões tomadas pelos membros da LERN no tocante a sua educação:

O fim da Liga, porém – accentuam desde já os seus promotores – não é prepara a emancipação da mulher nem encaminhal-a para a solução do que se convencionou apellidar feminismo, consistente na aquisição de certos direitos políticos; bem longe disso, seu principal objetivo pode ser resumido

em quatro palavras – aperfeiçoar a educação doméstica. (A REPUBLICA, 5 de junho de 1911).

A citação anterior nos faz inferir sobre algumas questões. Em primeiro lugar, o trecho representa o pensamento dos autores do periódico, em contrapartida não aparece uma resposta rebatendo essa publicação, ou seja, não há um contraponto no tocante ao que o periódico publicou, nos permitindo entender que essa era também a visão dos homens que compunham a LERN. Outra questão diz respeito ao fato de se atrelar o feminismo⁵² às questões políticas, de modo que o autor do discurso documental deixa claro que o propósito de uma educação voltada para a mulher não tem como fim a emancipação feminina. Em síntese, a criação, pelos homens, da associação, tinha na sua essência quase como um princípio o distanciamento das mulheres dos protagonismos, já que idealizavam não permitir o acesso destas aos cargos da administração pública. Portanto, se antecipam que elas não estariam preparadas para a emancipação, seja esta social, profissional ou pessoal.

1.3 REGULAMENTOS QUE NORTEIAM A LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE – LERN

Destacamos neste tópico os princípios norteadores da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, as bases mantenedoras, e como se deu sua composição. Desse modo, é destacado o primeiro estatuto, que foi discutido e aprovado no dia 08 de julho de 1911. A LERN era composta de sócios divididos nas seguintes categorias: efetivos; remidos; beneméritos; correspondentes; escolares e regionais.

No quadro a seguir apresentamos as diferentes categorias de sócios, as contribuições que eram destinadas a instituição, bem como as funções que desempenhava.

⁵² O feminismo estava ligado ao campo político, portanto no campo de reivindicação, no campo de luta, no campo do diálogo em que possibilitasse a mulher exercer cargos na administração pública. Cumpre lembrar que o movimento em defesa do voto feminino, que teve à frente Bertha Lutz, é tido, por alguns pesquisadores, entre estes: Pinto (2010); Costa (2005); Galvão; Toneli e Maluf (2011), como o foco da primeira tendência do feminismo no Brasil. Desse modo, concordamos com a afirmação tendo em vista que, no período de criação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, em 1911, existia um movimento de mulheres denominado de feminismo, o qual foi possível, em nosso estudo, encontrar publicações nessa direção. Ver publicações em anexo.

Quadro 01: Categoria de Sócios da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte

CATEGORIAS DE SÓCIOS EXISTENTE NA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE	
Sócio Efetivo	Faz contribuições mensalmente, tem direito exclusivo de tomar parte na Assembleia Geral e ser eleito para os cargos da Liga, tinha o direito de indicar pessoas para fazer parte da Liga, por escrito, ao conselho.
Sócio Remido	Pagava uma única contribuição, ficando isento de qualquer taxa futura.
Sócio Benemérito	Era todo aquele pertencente ou não a Liga, tendo feito doações em bens ou em dinheiro.
Sócio Correspondente	Residiam em outro Estado e pelos serviços prestados ao ensino, eram agraciados com esse título. Esse tipo de sócio era isento de fazer doações a organização.
Sócio Escolar	Podia ser qualquer estudante de ambos os sexos, residentes em Natal ou nos municípios onde iam sendo fundadas as Ligas regionais.
Sócios Regionais	Denominação para os sócios que faziam parte das Ligas fundadas nos municípios, os quais poderiam frequentar as sessões, conferências da Liga sem direito a voto.

Fonte: Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. Estatuto. Natal, Typografia do Instituto. 1911, p. 115 – 118.

Nessa perspectiva, a Liga inicia suas atividades se mantendo com valores financeiros doados pelos sócios e, mais tarde, passou a contar com subvenções do estado e da federação. Isto pode ser comprovado por meio dos documentos do Ministério da Fazenda – como, por exemplo, o balanço geral da união de 1937 da Contadoria Central da República. No referido relatório encontramos algumas doações feitas à Liga de Ensino do Rio Grande do Norte⁵³.

Com as subvenções da União e o apoio logístico do estado, a Liga pôde implementar, em parte, seu projeto de educação no estado. A campanha de incentivo à filiação da Liga foi realizada em todo o estado, o que se pode comprovar por meio dos artigos publicados nos periódicos, em específico, o *Jornal A República*⁵⁴. Destacamos no quadro a seguir a adesão de Sócios em alguns municípios do estado.

⁵³ Ver página 308, anexos deste texto.

⁵⁴ Ver página 308, anexos deste texto.

Quadro 2: Adesão de Sócios em Alguns municípios do estado

Matéria publicada no periódico A Republica	Município do Rio Grande do Norte	Nomes dos associados
<i>Associaram-se hoje à Liga, remetendo-nos seus nomes a esta redação.</i>	<i>Município de Areia Branca – 19 de julho de 1911</i>	<i>Arcelina Fernandes, Sebastião Fernandes, Francisco T. Bezerra da Trindade, João Amancio de Souza e Alfredo Herculano Barbalho.</i>
<i>A Installação da Liga continua a ser esperada ansiosamente e adheriram à benemérita instituição mais alguns dignos conterrâneos</i>	<i>Ceara - mirim – RN, agosto de 1911.</i>	<i>Coronel Felismino Dantas, Dr. V. de Lemos Filho, Coronel Manoel Hypolito Dantas.</i>
<i>Adherimos a excelsa idéia Liga de Ensino</i>	<i>Apodi – RN, 20 de julho de 1911.</i>	<i>João de Brito, João Josino, Francisco Diogenes, Antônio Lopes.</i>
<i>Gremio Litterario 3 de Maio adhire a Patriotica Idéa Liga de Ensino.</i>		<i>Diogenes Filho, Presidente</i>
<i>Adheriram à Liga os nossos talentosos patrícios</i>	<i>Mossoró – RN, agosto 1911</i>	<i>Drs. Mathias Maciel Filho e Fabio Dantas</i>

Fonte: Jornal A Republica, julho e agosto de 1911.

Os Sócios da Liga, em sua maioria, eram ex-governadores, senadores, deputados, desembargadores, juizes, professores de renome e bispos. De modo geral, pessoas influentes na sociedade que poderiam, por meio de amizades e laços políticos, conseguir apoio ao Projeto da Liga de Ensino. O primeiro conselho administrativo, de acordo com o relatório dos Presidentes dos estados brasileiros (RN) /1890 – 1930, contava com os seguintes nomes:

Dr. Francisco de Salles Meira e Sá, presidente; Coronel Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão, vice-presidente; dr. Henrique Castriciano de Souza, secretário; Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, bibliothecario; coronel Avelino Alves Freire, thesoureiro; dr. João Dionysio Filgueira, coronéis Pedro Soares de Araújo, João Juvenal Pedrosa Tinoco e Romualdo Galvão. Como se vê, a escolha da Assembléa recahiu em pessoas de alta capacidade e real influencia no nosso meio social para conseguirem dentro em breve os benefícios de ordem educativa e moral a que se destina a Liga de Ensino. Estou informado de que é pensamento da Directoria, da qual fazem parte representantes de importantes casas commerciaes, conseguir dessa prestigiosa classe e das outras contribuintes um requerimento ao Congresso para incluir no orçamento da receita 3% additionaes com aplicação especial de subvenção à Liga para auxiliar o custeio das escholas primarias e profissionais que se propõe crear em todo o Estado. (RELATÓRIO DOS PRESIDENTES DA PROVÍNCIA – 1889 – 1930).

O relatório é apresentado pela Diretoria da Instrução Pública do Rio Grande do Norte, à época, sob a administração de Dr. Manoel Dantas colaborador da Liga de Ensino, o qual posteriormente exerceu o cargo de presidente. Os membros da LERN reforçavam em seu discurso a ideia de implementar o projeto de uma escola doméstica semelhante às existentes na Europa, os quais desde as últimas décadas do século XIX, vinham sendo fundadas em larga escala. Argumenta que ao lado do ensino teórico, fossem ministrados, na futura escola, conhecimentos práticos que possibilitassem à mulher a orientar física, moral e intelectualmente seus filhos. Semelhante ao que acontecia nos Estados Unidos, na Suíça, Holanda, França e na Bélgica.

Havia resquícios de abandono dos aspectos higiênicos e de cuidados com a educação, até mesmo nas capitais. A população estava concentrada em sua maioria no campo, afinal o país ainda era majoritariamente rural. Os pais que tinham condições encaminhavam seus filhos aos grandes centros para estudar. Mas a escola não tinha um currículo que contemplasse o cotidiano e as práticas sociais concernentes à vida no campo e os cuidados com a lavoura. Ao retornar às suas origens, muitos desses alunos tinham problemas de adaptação, sem saber como contribuir com o desenvolvimento das atividades campestres. É nessa perspectiva de dotar a aluna de conhecimentos que pudessem contribuir, além de outros aspectos, com a sua permanência no campo, que os membros da LERN elaboraram o currículo da futura escola Doméstica. Isso, contudo, não diferia do discurso na implantação das escolas para o lar em outros países.

Os elogios à dona de casa eram um tema recorrente nos discursos moralizadores da burguesia, existia uma necessidade de formar a mãe e esposa moderna, reforçar o papel do lar e da família para se adaptar às exigências de um novo tempo. Eram ideias que se difundiram e solidificaram nas primeiras décadas do século XX. As mulheres apareciam como as agentes imprescindíveis para favorecer toda a forma de intervenção social, assim como para assumir as consequências das transformações que provocavam o desenvolvimento industrial e o crescimento urbano. Assim, o lar e o meio familiar eram considerados as bases indispensáveis para a estabilidade e a ordem social.

Com um discurso moralizador e contrário ao movimento feminista, como já discutido ao longo do texto, a LERN monta o currículo da futura escola, tendo como base o currículo e as práticas educativas da *E'cole Mánagère de Fribourg*.

1.3.1 Programa de ensino da futura Escola Doméstica: um sonho possível

Durante a conferência de inauguração da LERN, foi apresentado o currículo da escola modelo, que pretendiam criar na capital do estado. O currículo foi publicado na íntegra no Jornal *A Republica*. A ideia dos membros da Liga, de início, era usar como base o currículo da *École Ménagère de Fribourgo*. Assim, o programa que fora divulgado era composto de disciplinas de ordem teórica, chamadas de educação intelectual e de uma parte prática, que seria o ensino doméstico propriamente dito. Sendo assim distribuídas:

Educação Intelectual:

Língua Portuguesa, Francesa ou Inglesa. Aritmética, Álgebra, Geometria, Geografia, Chorografia e História do Brasil. Noções de Física, Química e História Natural.

Educação Moral Compreendendo:

- a) *Moral individual: deveres pessoais, sensibilidade e vontade. O trabalho.*
- b) *Moral doméstica: deveres para com a família, os criados e os animais.*
- c) *Moral social - Justiça, caridade -, iniciação experimental nos deveres para com os desvalidos; colaboração nas obras de educação popular, de beneficência, de assistência pública e privada. A pátria, o estado, o cidadão.*

Educação Física

Ginástica pedagógica, visando principalmente combater a preguiça física e corrigir a deformação do tórax. Esportes, Natação.

Educação Estética

Desenho ornamental, decoração das salas de visitas e de jantar, dos quartos e da cozinha. Decoração vegetal das janelas, das varandas, dos aposentos. Confecção de buquês. Estética do toilete, música e canto.

Educação Técnica, Profissional e Social

I – Contabilidade doméstica: *despesas diárias, contas correntes, faturas, orçamento mensal, vantagens da mutualidade, a caixa econômica.*

II – Costura: *roupas de crianças e de senhoras, modas.*

III – Agricultura: *noções de botânica, o solo, diferentes adubos, a horta o jardim, o pomar: plantação, replantação, enxertia, mergulhia, plantas medicinais do Brasil*

IV – Avicultura: *incubação e criação das aves domésticas, moléstias e parasitas. As melhores raças.*

V – A cozinha [parte teórica]. *Condições de uma boa alimentação, valor nutritivo da carne de diversos animais, do peixe, ovos, legumes, cereais, frutas.*

Preparação dos alimentos de acordo com as estações, a idade, a saúde, as profissões.

O leite: sua composição e constituição. Condimentos, vinhos, cerveja, chocolate, café, chá, falsificações.

Perigos do alcoolismo e da superalimentação, transmissão alimentar de certos parasitas. Cozinha vegetariana: sua influência sobre a solução do problema econômico da alimentação diária.

VI – A cozinha (parte prática): *instalações e asseio. Os utensílios, carne, peixe, legumes, ovos, cereais, frutos, farináceas, meios de os preparar e conservar. Cozinha simples e cozinha fina. Queijos, creme, manteiga: preparação e conservação. Fabricação de pão, doces, pasteis, bolos. Regimes dietéticos.*

VII – Higiene individual: *a pele, a respiração, a circulação. Higiene intelectual, relação entre a higiene pessoal e coletiva. Higiene familiar: a casa, suas dependências. Ar, luz e água. Desinfecção habitual e no caso de moléstias contagiosas.*

VIII – Medicina pratica e de urgências: *o quarto do doente, o leito e acessórios. Antissepsia e assepsia. Primeiros cuidados em caso de envenenamento, fraturas, hemorragias e queimaduras. Medicamentos tópicos. Observação dos doentes: temperatura, pulso, entre outros. Precaução nas doenças contagiosas profilaxia da tuberculose. Farmácia doméstica.*

IX – Puericultura: *cuidados aos recém-nascidos. Peso e temperatura, alimentação. O berço, os vestidos. Vacinação. Dentição. Higiene da pele, da boca, do nariz, da garganta, dos olhos, dos ouvidos. Cuidados em casos de acidentes. O choro, a palavra, o andar. O nervosismo das crianças, psicologia experimental aplicada a educação infantil. Prejuízos em relação à saúde e higiene das crianças. Cumpre lembrar, que anexo a Escola Doméstica será criado um jardim de infância e uma Escola de criadas, composto de três classes: cozinheiras, copeiras e criadas de quarto*

e de meninos. Outro ponto que deve ser ressaltado é que todo o ensino seria intuitivo⁵⁵, concreto com exercícios graduados e diretamente aplicados aos fins domésticos.

O programa de ensino da futura escola traz consigo aspectos de modernidades da época, tanto no que diz respeito a uma perspectiva intelectual, propondo disciplinas como Francês, Álgebra, Desenho e Geometria no currículo de uma escola para formar moças – o que não era comum à época nas escolas mistas e para meninas no Rio Grande do Norte – quanto em seu aspecto prático, com as disciplinas voltadas aos cuidados com o lar, às crianças e aos aspectos culturais. Apresenta uma consonância com os conteúdos presentes nas enciclopédias adotadas para as escolas femininas na Bélgica e Suíça. Um reflexo das experiências e concepções culturais e sociais dos membros da LERN, os quais deram ênfases determinados conteúdos em detrimento de outros. Na parte prática isso é mais visível, tendo em vista as concepções de Castriciano e dos demais membros da LERN em relação ao papel da mulher na família e na sociedade. Encontram-se disciplinas voltadas aos cuidados do lar, das crianças e das finanças da casa. O currículo pode ser visto como um elemento cultural, reflexo da manipulação social que seleciona uns conteúdos em função de outros.

Castriciano, em sua fala, ressalta a urgência de abertura de escolas domésticas, principalmente as de caráter rural, tendo também a urgência de se criar curso de puericultura e medicina prática nessas escolas. Teve como perspectiva que as moças formadas nas referidas escolas pudessem orientar suas famílias e mulheres das comunidades as quais estivessem inseridas sobre os cuidados com as crianças, que morrem aos milhares, por falta de conhecimento das brasileiras sobre a higiene infantil. Assim, a LERN surgiu da necessidade de intelectuais e políticos norte-rio-grandenses, como mencionado anteriormente, em organizarem uma entidade que congregasse os seus ideais e reunisse esforços em função da concretização dos seus propósitos sociais e republicanos (RODRIGUES, 2007). Nesse sentido, propunham através de um estatuto próprio, nos artigos I e II, suas finalidades:

Art. 1 – É fundada em Natal, capital do Rio Grande do Norte, uma associação denominada “Liga de Ensino”, visando, em geral, auxiliar os poderes públicos em tudo quanto disser respeito à instrução e educação do povo, e, em particular, fundar escolas para a instrução e educação da mulher.

Art. II – Para atingir o fim a que se propõe, a Liga fundará escolas maternas, primárias, secundárias e profissionais, estabelecerá bibliotecas e cooperativas em todo o território do Estado e

⁵⁵ Para alguns dos membros da LERN o ensino intuitivo era tido como metodologia.

promoverá a criação de Ligas Regionais, promovendo igualmente festas cívicas, conferências, congressos, excursões escolares, exposições e publicações de livros e revistas (LIGA DE ENSINO DO RN, 1911, p. 1).

Percebe-se que manifestavam a necessidade e o interesse em renovar o ensino potiguar. Consideravam que o estado se encontrava em atraso, tanto em relação a aspectos estruturais, quanto culturais e educacionais. Diferenciando das transformações que passavam os grandes centros.

1.4 IMPRENSA PEDAGÓGICA NO BRASIL: CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS, POLÍTICAS E EDUCACIONAIS DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE

O uso da imprensa como fonte historiográfica nas pesquisas em história da educação e educação matemática vem sendo incorporado na medida em que novos métodos de análise de dados vão sendo utilizados aos estudos apoiados em argumentos teóricos de outras áreas, como a sociologia, a linguística, a psicologia, a tecnologia digital, proporcionando uma variedade de fontes de informação e documentação. Assim, a imprensa pedagógica na perspectiva de Hernandez Dias (2013) tem sua identidade construída no contexto informativo e hermenêutico dos problemas dos professores, de suas associações, dos sindicatos de professores, nos avanços e retrocessos do sistema educacional, na informação e análises de outras instituições educativas diferentes das instituições escolares, movimentos estudantis, em associações de apoio à criança e ao adolescente, em movimentos sindicais, dentre outros. Outros esses, que possam estar ligados de modo direto ou indireto ao processo educativo.

Desse modo, a imprensa pedagógica apresenta uma identidade própria. Ao passo que se aproxima dos documentos formais dos problemas educacionais, se apresenta também como questionadora, tendo em vista as publicações de associações de professores, sindicatos, associações de alunos, jornais de movimentos de bairros, de pais de alunos: “*La prensa pedagógica se convierte en un capítulo diferenciado de la historia de los sistemas educativos, de la difusión de las ideas y del pensamiento pedagógico, de las practicas y métodos de enseñanza*” (HERNADEZ DIAZ, 2015, p.10). Percebe-se que o uso da imprensa como material informativo para o estudo histórico, em processos educativos e de diferentes manifestações da vida social já é uma realidade inquestionável.

Debruçamo-nos em variados impressos nacionais, na perspectiva de analisar e entender os significados dos diferentes discursos dos membros da LERN como contribuição ao entendimento da nossa pesquisa. Não nos limitamos na identificação e descrição das publicações, mas buscamos fazer a análise de modo crítica do discurso, na perspectiva de construir uma narrativa sobre as concepções políticas, filosóficas e educacionais dos diferentes membros da Liga, em específico dos seus presidentes. Em nosso estudo, compartilhamos das concepções de Oliveira (2014), Farias (2014) e Borges (2014) que ressaltam a relevância dos periódicos: jornais, boletins, revistas das associações de professores, como espaço de manifestações culturais, sociais e políticas, os quais expõem o modo de pensar e atuar de determinadas comunidades em diferentes épocas. *“A imprensa periódica, tais como jornais e revistas, procura produzir uma maneira de pensar, uma certa maneira de ver, no seu destinatário, constituindo um público leitor”* (OLIVEIRA, 2014, p. 45).

Assim, para a escrita da história da sociedade mantenedora da Escola Doméstica de Natal, de seus sócios-fundadores e presidentes, nos pautamos em March Bloch (2001) quando este afirma que temas do presente condicionam e delimitam o retorno possível ao passado. Também em Nobre (2002), ao afirmar que as investigações históricas se renovam e, de tempos em tempos, as verdades se modificam e se atualizam. Dessa forma, afirmações tidas como verdade absoluta, transformam-se em verdades relativas, o que possibilita aos historiadores realizarem análises críticas em obras escritas no passado, com o intuito de acrescentar pontos de vista e novas informações históricas. Como nos aponta Roger Chartier:

[...] a história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar -, dirige-se as práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação, de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultura como formas diferenciadas de interpretação (CHARTIER, 2002, p. 27 – 28).

Busca-se, desse modo, adentrar nas concepções ideológicas dessa instituição formada por homens ligados à administração pública, que de certo modo, se apresentavam como especialistas nas causas as quais defendiam. Tomamos como base

os estudos de Jean-François Serinelli⁵⁶ a despeito da história dos intelectuais, o qual ressalta que, *“todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”* (SIRINELLI, 2003, p. 248). Para tanto, foi por meio da demonstração do conhecimento da cultura europeia, que os futuros membros da LERN buscavam encontrar pessoas adeptas à formação da instituição. Assim, em 1911 conseguem formar um grupo que se dedicam a esse fim.

Estudar as concepções educacionais, por meio das publicações dos membros da Liga de ensino e de seus colaboradores, é também falar dos seus ideais, uma vez que a narrativa não era neutra, mas emitia opiniões, trazia posicionamentos contundentes. Similar a outros intelectuais brasileiros, os membros da LERN, nas primeiras décadas do século XX, inspiravam-se na literatura europeia, em específico em escritores franceses como Honoré Balzac, Victor Hugo, Ernest Renan e Jules Michelet. Identificavam-se com as ideias pedagógicas e a visão de mundo que perpassava no cenário europeu e norte-americano, que circulavam fortemente no debate dos intelectuais brasileiros nas primeiras décadas do período republicano. Essa realidade materializa-se em projetos, debates políticos, legislações e produções arquitetônicas das cidades, evidenciando com isso o discurso de apropriação desse ideário.

Discutiam, ainda, sobre as concepções da psicologia pedagógica, debatiam Platão e entendiam, embasados neste autor, que o fim da educação é dar ao corpo e a alma toda a beleza e toda a perfeição de que são capazes. Em leituras de Emanuel Kant, compreendiam que a educação é o desenvolvimento no homem de toda a perfeição que a sua natureza admite. Apropriavam-se das concepções de Hebert Spencer para defender a educação como preparação para o viver completo; nas perspectivas de Rousseau e Pestalozzi, percebiam a educação como a arte de criar bem os filhos, como consistente na formação e desenvolvimento harmonioso de todos os poderes do homem.

Assim, a visão dos membros da LERN a respeito da educação escolar e sobre elementos que davam um ar de modernidade ao estado advinha de suas leituras e

⁵⁶ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). Por uma História Política. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 234.

viagens aos países, aos quais os chamavam de adiantados e em vivências com outros intelectuais brasileiros, fosse da capital do país ou em encontros e congressos, os quais frequentavam como representantes do governo do Rio Grande do Norte, e em diversas viagens realizadas ao exterior. À exemplo disso é possível destacar os congressos de Geografia que o Diretor da Instrução Pública, membro da LERN, participava, e em seu retorno fazia uma conferência, ou publicava um artigo, traçando um panorama da educação dos diferentes estados brasileiros. Como exemplo, constam no periódico *A Republica* publicações sobre o Congresso Brasileiro de Geografia em Belo Horizonte, havendo continuidade e sequência nessas informações em vários dias seguidos, nos jornais que foram consultados.

Cascudo (1965) afirma que na biblioteca de Henrique Castriciano existiam livros que em Natal não encontraríamos em livraria alguma, principalmente os escritos dos autores franceses. Ainda no testemunho de Cascudo, Castriciano sentia prazer em comentar as obras selecionadas de sua biblioteca particular, bem como em disponibilizá-las aos amigos, comentando e mantendo atualizados aqueles com quem dialogava através do relato de suas viagens, dos estudos feitos, dos projetos desejados para as mudanças na cidade.

Isto não o difere dos demais membros da LERN, contemporâneos de Castriciano. À exemplo, Manuel Dantas, caicoense⁵⁷ e Francisco de Sales Meira e Sá, paraibano, ambos formados pela faculdade de Direito de Recife, ainda durante o Império. Manoel Dantas iniciou suas atividades, como redator, no jornal *O Povo*⁵⁸ de Caicó, redator e diretor do jornal *A Republica*, foi advogado, jornalista, escritor, historiador e geógrafo. Instrutor de ensino por mais de 20 anos, nesse período participou de modo ativo da LERN, o qual orientou e contribuiu com as práticas desenvolvidas no âmbito da escola. Conferencista de “Natal daqui há 50 anos”. Traduziu o Manifesto Futurista de Marinetti em 1909. Foi sócio fundador do IHGRN.

Meira e Sá foi também um nome de destaque no cenário político do estado, e na atuação da LERN, cursou humanidades no Colégio São Bernardo e bacharelou-se, como posto, em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife em 1878. Na área cultural, foi sócio fundador do Popular Instituto Literário, o qual foi

⁵⁷ Denominação dada a quem nasce na cidade de Caicó – Rio Grande do Norte, RN.

⁵⁸ Periódico fundado na cidade de Caicó no estado do Rio Grande do Norte por jovens republicanos naturais da cidade. Abordava em suas páginas textos direcionados para a saúde, política, recursos públicos e a temática da instrução pública em pequenas cidades como a de Caicó.

presidente, uma organização dotada de bom acervo bibliográfico para os padrões da época, e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, inclusive compondo a primeira diretoria (1902). Fundou e dirigiu o periódico *Escola*, a respeito do qual Rocha Pombo⁵⁹ destaca que, em Ceará-Mirim/RN, iniciou-se a imprensa com o referido periódico, em 1887. Publicou os seguintes trabalhos: *Simplex Notas* (monografia, Natal, 1903); *A Reforma da Justiça Federal - Unidade de Direito Privado*; *Recurso Extraordinário (Carta Aberta ao Ministro Amaro Cavalcanti)*. Rio de Janeiro; *Ecos do Sertão* (tese). Natal; *O Direito Invertido*. Natal (1914). Este livro foi bastante divulgado na imprensa do país, o *Diário de Pernambuco* do dia 21 de julho de 1914 destaca,

Com o título “o direito invertido” dr. F. de S. Meira e Sá, um minucioso estudo sobre a proposição da camara federal, referente à aposentadoria dos funcionários públicos. No decorrer do seu apreciável trabalho, o autor revela acurados conhecimentos jurídicos e constitucionaes, argumentando com proficiência e clareza sobre o assumpto que tomou por thema. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 21 de julho de 1914).

Em contrapartida, a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, edição do dia 19 de julho de 1914, traz uma discussão ampla sobre o livro⁶⁰. Percebe-se no discurso que se trata de uma pessoa com amplo conhecimento no Direito Público e com leituras de autores norte-americanos em Direito. O artigo aparece com o mesmo título do livro, o autor traz inúmeros elogios ao magistrado e a sua obra. Ressaltamos partes do texto em para entendermos a essência da discussão que vinha sendo apresentada pela imprensa:

O Direto Invertido

(...) nesse trabalho, que é talvez o mais completo que se tem escripto sobre esse assumpto, o ilustrado juiz revela uma erudição admirável e não uma só face da magna questão que escape à sua competente apreciação. Todas as classes do funcionalismo publico são distintamente tratadas nesse valioso trabalho, sendo digna de maior atenção a parte referente à magistratura, que, diz o Dr. Meira e Sá, não constitue, absolutamente uma simples classe no funcionalismo público. (GAZETA DE NOTÍCIAS, do Rio de Janeiro, edição do dia 19 de julho de 1914).

⁵⁹ Formado em Direito pela faculdade de Direito do Rio de Janeiro, jornalista – foi redator e fundador de alguns jornais -, professor, lecionou no Colégio Pedro II e na Escola Normal. Escreveu entre outros livros, *História do Brasil*.

⁶⁰ o autor do artigo não assina a matéria.

Encontramos em outros periódicos como, o jornal *A EPOCA*, Rio de Janeiro; *Jornal do Comércio*, Amazonas 1914; *Correio Paulistano*, 13 de julho de 1914, comentários sobre o livro de Meira e Sá. Nossas análises para estes periódicos trazem a percepção dos jornais como um espaço de propaganda de livros didáticos, publicados por autores brasileiros, e de uma literatura mais geral, algumas vezes apresentando, em específico, o título do livro, o autor e a editora e em outros, uma narrativa crítica, como os apontados anteriormente em relação ao texto do professor Meira e Sá.

Como posto, debruçamo-nos em variadas fontes na tentativa de construir a história dos intelectuais, pertencentes à Liga por meio de seus escritos. Como nos aponta Jacques Le Goff (2003) os documentos fazem parte da produção de um grupo social, de uma parcela da sociedade que estabelece por meio das publicações as relações de força e poder que detinham. “*Só a análise do documento enquanto monumento permite a memória coletiva recuperá-la e ao historiador usá-la cientificamente, isto é, como pleno conhecimento de causa* (LE GOFF, 2003, p. 535 – 533). Concordamos com as compreensões do referido autor, ao analisarmos os documentos e buscarmos tecer uma narrativa crítica, entendendo que a história é a forma científica da memória coletiva, que vai sendo construída por meio das relações estabelecidas e das escolhas do historiador. Desse modo, entre os periódicos que tratamos de analisar alguns dos seus artigos publicados, destacamos a revista *Pedagogium*⁶¹, o jornal *A Republica*, *Diário de Natal A Ordem*, *O Poty*, nos quais encontramos textos de membros da LERN, e de seus colaboradores. Esses textos nos apresentam resquícios das suas concepções educacionais, à época, expressas nas mais variadas publicações.

⁶¹ Todas as edições analisadas encontram-se no Repositório do Laboratório de Imagens da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/>

Quadro 03: Revista Pedagogium

Número da Revista/página / data	Título do artigo
Anno I Num, p. 9 - 25/ Natal julho de 1921	Synthese do nosso movimento pedagogico.
Breve descrição - O autor do texto ressalta a relevância dos 10 anos da Escola Normal de Natal, o papel que a instituição tem desempenhando na formação de professores em todo o estado. Faz uma análise crítica da educação brasileira, apontando a ausência completa das ações oficiais pertinentes ao ensino. “Da sorte do povo, porém da sua cultura, do seu melhoramento e do seu interesse mental e moral quem haveria de cuidar, se os que o governam tinham o maior empenho na sua ignorância e na sua completa escravidão?” (LIMA, 1921, p. 12) ⁶² . As autoridades voltaram as vistas, segundo Lima (1921) ao ensino secundário, direcionando o interesse para a educação das elites e desprezando a preparação das massas populares. Tece críticas ao longo do texto a administração pública, por outro lado, ressalta a importância da criação da associação de professores para o estado, em suas palavras, a associação representava a união de todo o magistério num só pensamento e num só esforço que pode resultar profícuo e vantajosos ganhos a educação, beneficiando toda a coletividade.	
Anno I Num, p. 32- 35/ Natal julho de 1921	Escolas Rudimentares
Breve descrição - O artigo aponta dois dos problemas recorrentes no Rio Grande do Norte: a seca e a instrução pública. No entanto, ressalta que existia algumas iniciativas na tentativa de mudanças no que se refere à instrução pública, como por exemplo, a criação do Grupo Escolar Modelo Augusto Severo em 1907 a implementação do projeto da Escola Normal de Natal, em 1908. Assim, ao longo do texto continua pontuando os feitos da administração pública, que por meio da reforma de ensino de 1916, ampliou e disseminou os grupos escolares pelo interior do estado, organizou e aperfeiçoou os diversos ramos do ensino público, o qual comportava o ensino rudimentar, em escolas distribuídas pelos núcleos de população rural, ensino primário elementar, nos grupos e escolas isoladas, criadas nas sedes dos municípios, ensino primário superior, e, cursos complementares criados nas cidades mais importantes do estado. Por último, traz um panorama geral de como foi organizado o ensino nas escolas rudimentares. “Uma lei do Congresso, de 3 de dezembro de 1919, ampliou o dispositivo da Lei da reforma, autorizou a criação das escolas rudimentares em todos os povoados com uma população escolar superior a cinquenta pessoas (DANTAS, 1921, p. 34) ⁶³ ” Sendo as escolas rudimentares fixas, noturnas e ambulantes, obedecendo, porém, à mesma organização o mesmo programa, de modo a dar, em dois anos, o ensino, em curso graduado, de leitura, escrita e contabilidade, até as quatro operações, com ligeiras noções de conhecimentos gerais e instrução cívica.	
Anno I Num, p. 15 - 18/ Natal julho de 1922	Discurso de Manoel Dantas na abertura do Congresso Pedagógico
Breve Descrição - O palestrante pondera que é uma honra proferir o discurso de um evento da magnitude do congresso pedagógico, contudo, entende que o convite tenha sido feito em função do cargo que exerce. Há 25 atua como Diretor da Instrução Pública do estado, durante esse período tem conquistado admiradores do seu trabalho, mas percebe o cargo como inútil, o que poderia ser desenvolvido por um secretário de educação. Dantas (1922) afirma que o seu interesse são as questões de ensino, por isso, ver com bons olhos a criação da associação dos professores, em virtude desta vim se dedicando aos cuidados com a formação docente e o ensino de qualidade. “Há um capítulo interessante no desenvolvimento dos povos que é a ação social do professor, maior do que parece. Ação que não está nas leis e regulamentos, mas do trabalho do professor” (DANTAS, 1922, p. 17). Nessa direção, considera que no Rio Grande do Norte algumas ações pontuais tem sido implementadas, como a criação de Grupos Escolares no inteiro do estado, criação das escolas rudimentares e complementares, institutos profissionais de agronomia, de farmácia e de ensino normal no interior do estado.	

⁶² **Nestor dos Santos Lima**, nasceu na Cidade de Açu – RN, bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito do Recife, professor e diretor da Escola Normal de Natal, no período de 1911 a 1923, e Diretor do Departamento e Educação do Estado do Rio Grande do Norte, de 1924 a 1928. Nessa direção, Nestor Lima ocupou lugar de destaque na educação potiguar por quase três décadas.

⁶³ DANTAS, Manoel. Revista Pedagogium. Anno I Num, p. 32- 35/ Natal julho de 1921.

Número da revista/página / data	Título do artigo
Anno I Num, p. 31- 32/ Natal julho de 1921	Ação Social e Educativa das Escolas Domésticas
Breve descrição - A Narrativa do autor é construída mediante explicações sobre o que é o ensino doméstico e a sua relevância. Para tanto, destaca as mudanças nas concepções das mulheres a respeito do seu papel na sociedade, transformando o velho conceito em princípio moderno de dona de casa. Destaca que países como a França consideram o papel da mulher nas fazendas como de grande relevância, de tal modo que em 1918 regulamentaram a criação do ensino para moças em paralelo ao que existia para os rapazes, porque a instrução profissional da moça era socialmente necessária no interesse superior da coletividade. “Nos termos dessa lei, o ensino doméstico na França é dado em escolas fixas, escolas ambulantes e na Ecole Supérieure et ménagère de grignon, em casos que vão de seis meses a seis anos” (DANTAS, 1921, p. 32). Apresenta o currículo das escolas, as quais eram compostas de parte teórica e prática, compreendia geralmente cursos e trabalhos manuais adaptados às condições econômicas da região. É salientado que, após a formação nas escolas domésticas, as moças francesas continuam seus estudos em cursos de fazendeiras tendo como finalidade a difusão da ciência doméstica e agrícola. Conclui o artigo ressaltando que a Escola Doméstica de Natal criou, em 1919, círculos de extensão que funcionam mais ou menos ao estilo das escolas francesas.	
Anno I Num, p. 3 – 5/ Natal março e abril de 1924	Elementos de Educação Cívica O voto – O sufrágio feminino – Abstenção eleitoral
Breve descrição - Na perspectiva do autor do texto, o voto é a manifestação consciente do cidadão, sendo a função do eleitor uma das mais importante numa sociedade, pois é este que escolhe os seus dirigentes, pessoas as quais considera aptas a exercer função pública, de modo a cuidar do bem estar de uma coletividade. Assim, no entendimento de Oscar Wanderley (1924) ⁶⁴ , a legitimidade da opinião do eleitor é posta nas urnas, quando este exerce a sua cidadania. Vale ressaltar que, havia no período um movimento nacional em prol do voto feminino, o que pode ser compreendido no trecho: “o feminismo pleiteia o direito do voto, pondo em foco, dest’arte, opiniões de todos os feitos e controvérsias de todos os matizes”. (WANDERLEY, 1924, p. 18). Para o movimento em prol da emancipação política da mulher, a constituição não era um empecilho, resultando assim, na possibilidade da mulher votar e ser votada. O artigo ressalta que em alguns países já vem acontecendo, a exemplo, na França, Estados Unidos e Inglaterra a participação feminina nos pleitos eleitorais já uma realidade. Não obstante, existe entre os constituintes, aqueles que são contrários, compreendem que as questões políticas são em específico para os homens. O autor deixa claro que a intensão não é combater o feminismo político, mas dotar a mulher de uma boa educação para que esta seja disseminada na escola e na família. Wanderley (1924) conclui pontuando que o voto é facultativo por lei, contudo, é inadmissível que um cidadão não exerça suas obrigações eleitorais.	

Fonte: *Pedagogium*, revista da Associação dos Professores 1921 – 1924.

Analizamos outros artigos publicados na revista *Pedagogium*⁶⁵ por educadores, ligados de modo direto ou indireto à LERN. Ressaltamos, desse modo, o texto de Nestor Lima, no qual o autor trata do Celibato Feminino. O texto é construído baseado nas reformas do ensino primário de alguns estados brasileiros e discorre de maneira detalhada sobre a reforma em Minas Gerais. Lima (1921) compreende que a reforma mineira só permite o acesso ao magistério às professoras solteiras ou viúvas, sem filhos. Assim, o texto tece críticas às reformas do ensino em vários estados

⁶⁴ Professor, membro da Associação dos Professores do Rio Grande do Norte, participando da Diretoria da instituição, bem como, da editoração da Revista da referida associação. Formou-se na primeira turma da Escola Normal de Natal, logo em seguida assumiu algumas cadeiras na escola.

⁶⁵ Por uma questão de organização e estética do nosso texto optamos por descrever os demais artigos publicados e analisados em anexo.

brasileiros que adotaram medidas semelhantes ao estado de Minas Gerais, medidas estas que proibiram as professoras públicas de se casarem, sob a pena de perda do cargo. Pontua que até mesmo em países como França e Alemanha esta proibição ao casamento de professoras havia sido frequente. Em contrapartida, os professores eram livres para escolher o seu estado civil.

Um traço marcante nas publicações da revista são as críticas ao sistema educacional, em âmbito nacional, com intuito de dar visibilidade às ações que vinham sendo desenvolvidas no Rio Grande do Norte. Nessa direção, o autor discorre que o Rio Grande do Norte tem se posicionado de modo diferente: não só possibilita a mulher casar-se, como regulamentou a sua licença maternidade por meio da reforma de ensino de 1916. Lima (1921) afirma que mesmo o matrimônio feminino sendo regulamentado, a situação é preocupante, visto que as leis são criadas e alteradas pelo congresso e este é constituído somente por homens.

Mergulhar nos escritos dos membros da LERN e dissertar sobre eles, em nosso entendimento, é semelhante a se fazer um prefácio, uma apresentação. Estes ocuparam lugar de destaque na política do estado e, em específico, na instrução pública, imprimiam sempre propostas modernizadoras à época, seja no âmbito das políticas educacionais, relacionado a implementação do ensino público, na esfera das práticas pedagógicas, concernentes ao desenvolvimento de metodologias de ensino. De modo que escreviam em diversos periódicos com variadas publicações, entre estas artigos em jornais e revistas, conferências, entrevistas, relatórios e publicações oficiais, poesias, livros, folhetins, em sua maioria atreladas a questões políticas, administrativas, econômicas, educacionais, culturais e sociais do estado e no contexto nacional, *“estamos diante de escritos de outros, de poesias narradas, de silêncios traduzidos, de pesquisas transformadas em letras, em expressões, em textos”*. (OLIVEIRA, 2011, p.14).

Entendemos, por meio desses escritos, que os membros da LERN aparecem nos elementos da configuração de um discurso estabelecido no contexto das reformas educacionais, políticas e administrativa do RN, nas primeiras décadas do século XX, que marcaram o quadro extra discursivo da cultura pedagógica construída ao longo desse período. É nessa direção que buscamos refletir sobre a produção divulgada no primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, organizado pelo Departamento da Criança no Brasil, que teve lugar no Rio de Janeiro, de 27 de agosto a 5 de setembro

de 1922. As conferências do evento foram sistematizadas em um boletim, impressos em quatro mil exemplares, com edição esgotada em pouco tempo. A justificativa para que o volume de impressos terem sido esgotadas refere-se ao grande interesse das causas da criança no Brasil, entre estas, os cuidados com o lar e com a família, a erradicação da mortalidade infantil e escolarização de meninos e meninas, reforçando o discurso do movimento higienista.

O evento teve um caráter plural e aglutinador com discussões divididas em cinco eixos de investigação: sociologia e legislação; assistência; pedagogia; medicina infantil e higiene. Um dos boletins, do qual tivemos acesso, se encontra em uma publicação da Coleção das Províncias do Mato Grosso.

O ensino de puericultura nas escolas domésticas foi apresentado e defendido por Henrique Castriaciano de Souza, autor do artigo. O mesmo discorre sobre a relevância do ensino doméstico, e a criação de escolas que priorizem o ensino doméstico, como estratégia de orientações na erradicação da mortalidade infantil. O autor ressalta que a educação feminina vinha sofrendo significativas mudanças em quase todos os países da Europa e Estado Unidos, tanto no aspecto teórico quanto no prático.

Na visão de Castriaciano, os estudiosos da educação feminina têm conhecimento de que na França houve uma campanha acirrada em relação à formação da mulher, que resultou na criação de Liceus secundários femininos semelhantes aos Liceus secundários masculinos, o que possibilitou uma mudança significativa no nível intelectual da mulher francesa em consequência dessa nova orientação. Mas, por outro lado, não houve ênfase aos estudos de ordem prática. Descreve de modo entusiasmado a necessidade, na França, de uma reforma por meio da qual a mulher pudesse, quando bem instruída, adquirir hábitos menos intelectuais e com uma perspectiva mais prática. Para ele, deveria se incentivar hábitos que estivessem de acordo com os interesses positivos e imediatos da vida caseira, como tem sido praticado em países do centro e do norte da Europa.

Com um olhar atento, o autor narra as condições da educação no país, destaca a necessidade de uma transformação radical no ensino, ressaltando mudanças bruscas nas ideias que reforçam falsos princípios de uma formação que subjuga a mulher a um papel secundário na sociedade. Contudo, percebe resquícios no interesse de mudanças na educação do país e, assim, pondera que,

na hora presente, observa-se, por felicidade nossa, entre os vários sintomas do despertar nacional, a tendência promissora de se facultar às nossas compatriotas uma instrução capaz de lhes iluminar o espírito, sem que disso resultem os conhecidos males da França de hoje, onde são bem visíveis os efeitos da educação deformadora porque incompleta dos atuais liceus femininos. (SOUZA, 1922, p. 550 – 580).

No entanto, dada a situação que se apresenta a educação no país e a situação do povo brasileiro em quase completo abandono, sob o ponto de vista higiênico, nas cidades e nas áreas rurais do interior, ele compreende que, em um Brasil dito moderno, ainda há características de atraso em vários aspectos. Com um olhar atento à educação da mulher, ressalta:

[...] a mulher, a quem estão confiados os misters mais delicados do governo da casa, desde os cuidados às creanças à hygiene alimentar de toda família, não pode continuar na ignorância dos alludidos phenomenos. Dst'arte, se faz necessária uma transformação radical no ensino que lhe é facultado entre os latinos, principalmente entre nós que lhe imbuímos o espírito de ideias românicas e a guiamos segundo os falsos princípios de uma educação que não raro a torna um ser frívolo, mal adivinhando o imenso papel que lhe cabe na formação da pátria. (SOUZA, 1922, p. 550 – 580).

Destaca, nessa perspectiva, a urgência da fundação de escolas domésticas, principalmente as de caráter rural, bem como, a necessidade de se abrir nestas escolas um curso de puericultura, onde as mulheres adquiririam conhecimentos que possam orientar as famílias nos cuidados com as crianças, *“que morrem aos milhares, não somente de pobreza, mas em consequência da ignorância que, no actual momento, diga-se a verdade, é partilha de quase todas as nossas compatriotas em relação à hygiene infantil”* (SOUZA, 1911, p. 581). Diante desses preceitos, o Rio Grande do Norte deu um passo à frente, criando a Escola Doméstica de Natal, com uma formação semelhante às escolas domésticas europeias. Inicialmente, três anos antes de a escola iniciar suas atividades, foi planejado um currículo similar ao que era estudado nas escolas da Suíça e Bélgica. As questões ambientais e a formação das alunas, assim como as peculiaridades locais não permitiram que o mesmo fosse implementado nos moldes do que acontecera na Europa. Assim, foi necessário fazer uma adaptação no currículo da Escola Doméstica de Natal. O conferencista pontua a rotina da escola, o currículo adaptado para a realidade local e como é realizado o curso de puericultura, o qual funciona em estabelecimento anexo à Escola Doméstica, e discorre sobre as alunas do quarto ano doméstico, as quais se encarregam, desde as seis horas da manhã,

de banhar as crianças, de lhes preparar o leite, as camas, entre outras atividades que são próprias dos cuidados de uma criança.

Uma aluna era designada pela Diretora da escola a visitar a seção de puericultura de hora em hora durante o dia, dedicando-se às observações precisas, verificando a temperatura das crianças, ministrando os medicamentos se necessário e seguindo todas as instruções do médico sanitaria da Associação de Assistência à Infância, Dr. Varela Santiago, e pela professora Rose James, diplomada pelo Watts Hospital nos Estados Unidos. Isso em muito se assemelha ao que era realizado, por exemplo, na Escola Mons, na Bélgica e na Escola Normal Ménagère de Friburgo, na Suíça. A escola belga Mons enviava as alunas do terceiro e quarto ano a uma creche próxima, onde um médico as orientava no tratamento com as crianças, sendo essa a parte complementar do ensino teórico ministrado no instituto. Como podemos perceber,

Não obstante, são magníficos os resultados, já tendo a Escola diplomado no anno ultimo a primeira turma, de cinco alunas, paronymphadas pelo ministro Oliveira Lima, que em dois longos artigos insertos no Jonal do Brasil teceu grande elogios ao estabelecimento. (SOUZA, 1922, p. 550 – 580).

Assim, o autor propõe a reforma do ensino feminino no Brasil de acordo com o programa adaptado na escola de Natal, instituição que tem priorizado a cadeira de medicina prática e de puericultura, com práticas desenvolvidas na creche em prédio anexo à escola.

Após a leitura e análises do texto de Henrique Castriciano, versamos, de modo breve, sobre os demais artigos presentes no boletim. O combate ao alcoolismo e a Escola Doméstica de Natal foi apresentado pelo deputado federal norte-rio-grandense Juvenal Lamartine⁶⁶. O autor inicia sua fala ressaltando a ação educativa desenvolvida pela escola no estado do Rio Grande do Norte e cercanias, sendo este o único estabelecimento do gênero no Brasil, o qual visa preparar, por meio das futuras mães

⁶⁶ Estudante do Atheneu Norte-rio-grandense (1891-1893), Professor de Geografia e Vice-Diretor do Atheneu (1898), Deputado Federal (1907-1926), Senador Federal (1927), além de Vice-Governador (1904- 1906) e Governador do Rio Grande do Norte (1928-1930). Foi um político engajado com o universo da educação escolar. Com suas ideias e intervenções na sociedade republicana, implementou projetos culturais e políticos no estado do RN. Defendeu arduamente o voto feminino, “Lamartine reanimou e reacendeu a campanha favorável as mulheres, principalmente, aquela que reconhecia os direitos políticos das mesmas, em todo Brasil”. (MELO, 1994, p. 57).

de famílias, uma geração nova, revigorada pela saúde do corpo e do espírito. Tece seus argumentos com base nos estudos que tem realizado sobre o papel desenvolvido pela mulher na Europa e nos Estados Unidos.

Segue traçando um panorama geral do que tem sido trabalhado na Escola Doméstica de Natal enquanto instituição de referência no estado, tanto nos aspectos intelectuais, quanto em aspectos práticos. A instituição desempenha um papel relevante, de modo a possibilitar que as mulheres sejam libertas dos currículos superficiais,

Não se compreende mais hoje a mulher ignorante e desinteressada das grandes questões que dizem com o futuro da nossa raça, como sejam a hygiene, a hereditariedade, a influencia de certos hábitos e vícios sobre a saúde dos indivíduos e, sobretudo, de sua descendencia. Entre esses vícios, e hábitos, o mais generalizado, o mais perigoso, é o do alcoolismo, responsável principalmente dos grandes males physicos e morais que afligem a humanidade. (LAMARTINE, 1922, p. 935).

Em sua visão, a escola tem se tornado um espaço de combate ao alcoolismo, tendo como colaboradores o seu corpo docente. Concluiu sua fala pontuando que essa postura visa proteger a criança da ação destruidora do alcoolismo, e que, se os demais estabelecimentos de ensino no país tivessem a mesma iniciativa, muito cedo veríamos a erradicação do alcoolismo.

O presidente da Liga de Ensino, Francisco de Sales Meira e Sá discorreu sobre o temado problema urgente inadiável do Brasil nas suas duas faces: difusão o mais larga possível da instrução popular – primária obrigatória, profissional e agrícola; saneamento geral, nas cidades e nos campos. Tratou no seu discurso de aspectos variados e relevantes às questões por ele elencadas. Deu início a fala pontuando que a academia de medicina do Rio de Janeiro, sob a presidência de Miguel Couto, buscava discutir e dedicava cuidados aos temas ligados à saúde pública. Contudo, teceu críticas a administração pública ao trazer parte do discurso de Eptácio Pessoa, “[...] *a ação deficiente, manca e falha dos poderes públicos federais, relativamente à saúde publica e, no tocante à criança, para bem dizer – quase nula, lastimavelmente apagado*” (MEIRA E SÁ, 1922, p. 435).

Nessa direção, ressalta que nada possuímos de realmente eficaz em matéria de assistência à criança e de portadores de deficiência. Assim, este problema médico e social não pode continuar sendo esquecido pelos poderes federais. Meira e Sá (1922) afirma que o governo necessita direcionar o olhar para as necessidades da população,

Bemdito o Governo que não se faz surdo aos brados de taes necessidades e à opnião de homens competentes, de patriotas e sábios como Miguel Pereira, Oswaldo Cruz, Afranio Peixoto, Carlos Chagas, Belisario Penna, Moncorvo Filho, Miguel Couto, Ennes de Souza, e muitos outros dessa destemerosa e brilhante cohorte que deseja ver a nossa terra digna de ser uma verdadeira nação, já pela instrucção e educação do seu povo, assim centuplicado pela capacidade para o trabalho inteligente e profícuo, e para a vida do progresso; pelo saneamento da população nas cidades e nas zonas rurais (MEIRA E SÁ, 1922, p. 435).

Continua ao longo do texto tecendo críticas à administração pública, usando como referência as leituras e vivências em cidades brasileiras e em parte da Europa, que tem adotado a instrução pública como um dos pilares na erradicação da mortalidade infantil. Nesse sentido, os objetivos da educação não se limitam apenas a aprender a ler e escrever, mas possibilitar a consciência da sua utilidade. Sendo assim, em todo Brasil a formação educacional das nossas crianças tem sido falha. Algumas são tão ineficientes em aspectos intelectuais, morais e econômicos, que equivalem a ser analfabeto. Meira e Sá destaca que em países como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Suíça e Austrália, até os 18 anos os rapazes e moças frequentam a escola. No Brasil, a maioria que frequentava as escolas primárias deixava o curso antes dos 14 anos, com poucas exceções.

O texto traz várias discussões sobre os problemas do saneamento básico no Brasil, fazendo um paralelo com o que tem sido prioridade em outros países, como a instrução pública, os cuidados com as crianças, a erradicação de doenças que estão diretamente ligadas a uma má educação e a problemas estruturais das cidades. Concluiu sua fala pontuando como exemplo iniciativas que têm dado certo no aspecto educacional: a “*Escola Doméstica de Natal, a pérola do estado, modelo e exemplo para os demais estados da federação*” (MEIRA E SÁ, 1922, p. 435). Assim, para o autor, quando forem implantadas escolas aptas e suficientes por toda parte – sendo as profissionais e agrícolas as primeiras a serem implantadas – seremos, então, uma verdadeira nação, uma grande e genuína democracia.

Outro membro da Liga que participou do evento na posição de conferencista e representante do estado do Rio Grande do Norte foi o instrutor de ensino Manoel Dantas, que tratou em sua conferência sobre a assistência e proteção à mulher grávida. Em sua visão, para assistir e proteger a criança não se deve cuidar dela somente depois do nascimento, faz-se necessário acompanhar as mães, assistindo-as, protegendo-as.

Seus argumentos não diferem dos demais conferencistas norte-rio-grandenses. Dantas (1922) explica como tem sido tratada a mulher, de acordo com as novas reformas da previdência social em países como a França. A referida reforma, em alguns dos seus artigos, se refere à licença maternidade das mulheres operárias, mas de modo geral de qualquer outra, em estado de gravidez ou parto, desde que viva do seu salário ou emprego. A lei protege as mulheres grávidas que necessitem deixar o trabalho sem licença a prazo fixo e sem ter, por isto, que pagar uma indenização por abandono do serviço. No Brasil, segundo Dantas (1922), São Paulo foi um dos estados brasileiros que buscou cuidar do direito das mulheres grávidas, embora restrito somente às professoras públicas. Nessa mesma direção, o Rio Grande do Norte, desde 1916, estabeleceu a lei da reforma do ensino a qual,

Em seu artigo 224 destaca que – A professora publica, em estado de gravidez, será concedida, com todos os vencimentos, uma licença especial de dois meses, correspondente ao ultimo mez que precede e ao primeiro que sucede ao parto. (DANTAS, 1922, p. 225).

O conferencista compreende que houve avanços em relação à maternidade e os cuidados com o recém-nascido, mas ainda existem muitos outros a serem feitos. Existe a lei para proteger as mulheres que são funcionárias públicas, inclusive em âmbito nacional, mas esse direito pode ser negado caso cada estado não esteja disposto a seguir. Nessa perspectiva, destaca:

Mas a mulher operária, essa espécie de serva da gleba que, nas fabricas, nos atelieres, no interior das casas de família, vive, exclusivamente, do salário?” Nada tem por si, quando lhe chegam os percalços da maternidade. É obrigada a trabalhar até os últimos dias da gravidez e a recommençar o trabalho antes de refazer o organismo dos abalos do parto. Dahi o grande numero de abortos provocados que, si nas classes elevadas, é, às vezes, uma imposição do luxo, nas classes operárias é, quase sempre, uma exigência cruel da miseria. (DANTAS, 1922, p. 256).

Continua pontuando as dificuldades das mulheres em ter uma maternidade tranquila, protegidas pelo poder público. As que exercem função fora do lar têm mais visibilidade. No entanto, as mães solteiras, as que não conseguem ter orientações durante a gravidez, bem como durante o parto, sofrem com problemas higiênicos tanto para elas quanto para seus filhos, o que tem aumentado de modo considerável a mortalidade infantil. Assim, se faz necessário que as leis protejam não só as crianças, mas que os representantes públicos direcionem o olhar de modo efetivo para as mães,

como forma de erradicar doenças durante a infância, e contribuir com diminuição da mortalidade infantil no país. Conclui sua explanação destacando algumas medidas que devem ser tomadas, sendo elas: licença de dois meses a todas as mulheres, possibilitando a igualdade de direitos; e orientação sobre a higiene necessária à conservação da saúde da mulher grávida e os cuidados a empregar para não ser prejudicada a vida intrauterina.

O médico sanitarista Dr. Varella Santiago, professor das cadeiras de Medicina Prática e Puericultura na Escola Doméstica de Natal, realizou duas conferências no referido evento. Em um dos temas debatido, pondera a respeito das atividades que vem sendo desenvolvidas na proteção à criança, no estado do Rio Grande do Norte, em específico na clínica infantil anexa à Escola Doméstica, a qual presta assistência em parceria com professoras e alunas da referida escola. A instituição assentava-se nas bases da assistência à infância vinculada ao binômio assistência médica/assistência social. Mesmo tendo um caráter mais ligado ao atendimento médico, as ações passavam pelo campo social, vinculado diretamente às possibilidades educativas.

De acordo com Ferreira (2011), o médico Varella Santiago era sócio da Caixa Escola⁶⁷, onde trabalhava voluntariamente no atendimento aos alunos do Grupo Escolar Frei Miguelinho, escola localizada no Bairro do Alecrim, bairro mais afastado do centro da cidade, à época. O trabalho foi evidenciado no seu artigo do congresso, quando o mesmo destaca que se faz necessário o atendimento especializado aos alunos na escola, sendo esta uma obra complementar da educação dos futuros elementos da sociedade. Dessa forma, a assistência devia ser exercida no ambiente escolar, onde o médico e o professor procuravam aperfeiçoá-la pelos métodos que consideravam mais modernos. Seu outro texto é intitulado *Primeiro ano da “Polyclínica de Creações” do Instituto de Proteção e Assistência à Infância*⁶⁸, sendo esta policlínica, uma

⁶⁷ A Caixa Escola foi uma criação do professor Luiz Soares, então diretor do Grupo Escolar Frei Miguelinho, com o intuito de auxiliar as crianças pobres da capital, inclusive aquelas incapacitadas de frequentar as escolas por falta de roupas e livros. Nesse caso, a caixa escola do grupo acabou ainda por exercer outras funções, como, por exemplo, prestar assistência médica e fornecer medicamentos e certidões de nascimento, além de funcionar como caixa econômico, em que os alunos com melhores rendas podiam fazer depósitos de dinheiro e recebe-los ao final do ano com correção e juros. Cumpre lembrar, que a iniciativa do Professor Luiz Soares influenciou a reforma do ensino realizada em 29 de novembro de 1916, tornando uma das medidas que deveriam ser estendidas a todas as escolas públicas do Estado. (A REFORMA DO ENSINO: texto e comentários da Lei nº 405, de 29 de novembro de 1916. Natal: Typ. d’ A REPUBLICA, 1917; NOBRE, P. Caixas escolas. Revista Pedagogium, Natal, anno I, n. 2, novembro de 1921.

⁶⁸ Hoje Hospital Varela Santiago, instituição filantrópica dedicada ao atendimento a crianças com câncer, que em 12 de outubro de 2018 fez 100 anos.

instituição criada e mantida pelo médico, com subvenções do estado e colaborações de particulares.

Nessa esfera, evidenciamos nas publicações dos membros da LERN e de seus colaboradores uma consonância com os fundamentos do projeto republicano, que idealizava uma sociedade com ares de modernidade, livre de tudo que se reportasse o atraso que tinha vivido o país durante o império. Assim, se assentavam na tese de que o campo da higiene promovia a melhoria das condições de vida da população, tanto urbana quanto rural, o que tornou as práticas higiênicas a materialização dos saberes no campo da medicina e tinha, na educação, o seu apoio efetivo por meio de práticas educativas que valorizavam os princípios higienistas. *“É nesse cenário que a ideia de transformar a sede administrativa e as cidades em lugares higienizados e ordenados passou a fazer parte do projeto dos brasileiros”* (VIVEIROS, 2011, p. 115).

Constatamos por meio dos escritos que os intelectuais norte-rio-grandenses, especialmente os que são objetos de nosso estudo, estavam imbuídos pelo chamado movimento higienista, deflagrado a partir do período republicano no Brasil. A compreensão de seus ideais nos direciona a um discurso refletido nas leis e reformas educacionais – um contexto que era desenhado pela imprensa pedagógica ao ressaltar a ampliação dos grupos escolares em todo o estado, e as atividades as quais desenvolviam. Como exemplos, a ênfase dada às publicações com descrição detalhada da parte estrutural dos grupos escolares: *“As áreas destinadas a recreio são muito espaçosas e divididas por um muro, ao meio, com divisões para ambos os sexos, sendo alpendradas. Como vê, as condições hygienicas do grupo são as mais favoráveis possíveis”* (A REPUBLICA, 1911, p. 4)⁶⁹.

Os textos aqui apresentados contribuíram de um modo ou de outro para uma melhor compreensão das concepções dos membros da LERN, ao passo que atribuímos a estes o entendimento que as causas públicas eram de sua responsabilidade, impulsionando-os a investir na melhoria da instrução pública, como uma forma de contribuir com o progresso do estado. Rodrigues (2007) pondera que este grupo formado por homens *experts* em educação, também participou com muita relevância do Movimento Renovador da Educação não só no Rio Grande do Norte, mas também em outras partes do Brasil.

⁶⁹ REFORMA DO ENSINO de 1911, In: jornal A Republica, p. 4

Assim, a LERN surgiu da necessidade de intelectuais, *experts* nas causas da educação pública, como posto anteriormente, em organizarem uma entidade que congregasse os seus ideais e reunisse esforços em função da concretização dos seus propósitos sociais e republicanos (RODRIGUES, 2007).

Nesse sentido, propunham, através de um estatuto próprio, nos artigos I e II, suas finalidades:

Art. 1 – É fundada em Natal, capital do Rio Grande do Norte, uma associação denominada “Liga de Ensino”, visando, em geral, auxiliar os poderes públicos em tudo quanto disser respeito à instrução e educação do povo, e, em particular, fundar escolas para a instrução e educação da mulher.

Art. II – Para atingir o fim a que se propõe, a Liga fundará escolas maternas, primárias, secundárias e profissionais, estabelecerá bibliotecas e cooperativas em todo o território do Estado e promoverá a criação de Ligas Regionais, promovendo igualmente festas cívicas, conferências, congressos, excursões escolares, exposições e publicações de livros e revistas (LIGA DE ENSINO DO RN, 1911, p. 1).

Percebe-se, por meio das análises dos seus textos e do estatuto da associação, que manifestavam a necessidade e o interesse em renovar o ensino potiguar, os quais consideravam atrasado em relação aos grandes centros. Compreendemos, com base nas ideias de Sirinelli (2003) que ao nos debruçarmos sobre os ideais dos intelectuais necessitamos perceber estes a partir de uma concepção ampla e sociocultural, que integre não apenas o envolvimento do sujeito, mas a influência que ele exerce enquanto criador e mediador cultural no contexto em que está inserido.

1.5 PRESIDENTES DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE

O quadro a seguir apresenta os presidentes da Liga e o período que estiveram na sua administração. Optamos por traçar o perfil, o qual se encontra anexo ao nosso texto, de cada um dos presidentes da LERN por estes terem sido decisivos na implementação e manutenção da escola, nosso objeto de pesquisa.

Quadro 4: Presidentes da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte

PRESIDENTES	PERÍODO
Francisco de Sales Meira e Sá	1911 a 1920
Henrique Castriciano de Souza	1920 a 1921
Manoel Gomes de Medeiros Dantas	1921 a 1924
Felipe de Brito Guerra	1924 a 1942
Manuel Varela Santiago	1942 a 1972
Onofre Lopes	1972 a 1984
Osório Bezerra Dantas	1985 a 1999
Manoel de Medeiros de Brito	1999 aos dias atuais

Fonte: quadro organizado pela pesquisadora, com base nos documentos analisados.

Algumas ponderações sobre a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte

Traçamos o perfil dos presidentes da LERN, personagens históricos que são indissociáveis do nosso objeto de estudo e apresentam peculiaridades, sendo em sua maioria figuras multifacetadas. Torna-se difícil circunscrever os diversos aspectos da vida pública de cada um, mas, no entanto, sentimos a necessidade de problematizar sob o prisma das funções que exerceram as contribuições que possibilitaram a história da educação do estado.

Para Sirinelli (2003) a reconstituição dos itinerários viabiliza o mapeamento dos territórios de engajamento intelectual, permitindo não só o estudo dos grandes intelectuais como, também, dos indivíduos de menor expressão em uma dada época, além de permitir a identificação da evolução de um grupo de intelectuais oriundos de uma matriz comum. É nesta ótica que buscamos entender o engajamento dos intelectuais que idealizaram e puseram em prática a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, e anos depois, a Escola Doméstica de Natal. Estes faziam parte do grupo descrito por Albuquerque Junior (2012) em seu estudo sobre o Nordeste como espaço da saudade. O autor destaca que a instituição de ensino de Direito de Olinda e o mosteiro de São Bento se constituíam em lugares privilegiados para a formação das elites de Pernambuco e estados vizinhos, sendo espaços onde as figuras influentes em

nível nacional se conheciam, bem como os futuros representantes dos estados. Ali trocavam ideias e discutiam sobre política, economia, educação, cultura e arte, traçavam o destino político dos estados e da região, bem como discutiam sobre o futuro da nação.

Desse modo, eram conscientes do privilégio que tinham com o acesso à educação, que era restrito às minorias abastadas da população local, o que pode ser confirmado, por meio dos documentos da Liga de Ensino:

A nossa Liga é nada mais, nada menos, que uma grande sociedade composta de todos os elementos progressistas do Estado, tendo por ideal supremo e único a criação, nos diferentes municípios, dessas Escolas Domesticas que são o segredo da felicidade daquela Suissa, hoje invejada por todas as nações do Orbe, devido as suas instituições maravilhosas e, sobretudo à beleza moral e à capacidade de seus habitantes, em todos ramos da atividade humana. (LIGA DE ENSINO DO RN, 1914, p.1).

Nessa ótica, os intelectuais, *experts*, formadores da LERN uniram-se em defesa da implementação do projeto de criação e manutenção de escolas de ensino doméstico em todo o Rio Grande do Norte. Estes adotam como projeto pessoal a luta pela reforma da sociedade por meio da educação da mulher, pela racionalização da aprendizagem escolar e do trabalho junto à família, na formação e educação dos filhos.

2 ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL: CONTEXTO HISTÓRICO DE CRIAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL

Este capítulo traz uma discussão sobre o contexto histórico de criação da Escola Doméstica de Natal. Traçamos o perfil do corpo docente e primeiras discentes, discutindo a perspectiva de modernidade na cultura escolar do Rio Grande do Norte, tendo a escola como referência. Analisamos as influências das missionárias norte-americanas nas práticas educativas da instituição e os confrontos, debates e reivindicações das educadoras norte-rio-grandenses no movimento de mulheres. Para tanto, nos fundamentamos, dentre outros documentos, nas contribuições da imprensa pedagógica na (re)construção historiográfica da Escola Doméstica de Natal.

Modelada segundo o sistema da *École Mánagère*⁷⁰ de Friburgo (Suíça), a Escola Doméstica de Natal, “foi pioneira no Brasil e América Latina no que diz respeito à organização curricular. Diferenciava-se das demais instituições existentes no país no que se refere a sua proposta de ensino doméstico” (RODRIGUES, 2007, p. 14). Como posto anteriormente, a escola foi idealizada por Henrique Castriciano de Souza e inaugurada em setembro de 1914, funcionando até os dias atuais. É considerada por pesquisadores um marco importante para a educação do estado e região, haja vista se tratar de uma instituição destinada, especificamente, à educação feminina, inaugurada em um período em que a educação da mulher no Rio Grande do Norte e, de modo geral, no Brasil, era precária.

Não obstante, modelada segundo concepções da educação suíça, a Liga de Ensino, juntamente com as gestoras da instituição, procurou adaptar as práticas curriculares da instituição à realidade norte-rio-grandense. Autores como Barros (2000), Lima (2007), Rodrigues (2007) e Marques Neto (2016) afirmam que a intenção de Castriciano não era reproduzir a Escola da Suíça em Natal, mas trazer aspectos de modernidade à educação do estado, com prédios imponentes, programas escolares e práticas educativas que valorizavam a cultura europeia. Por outro lado, Castriciano e os demais membros da LERN, ligados ao movimento regionalista⁷¹ divulgado pelo Sociólogo Gilberto Freyre, defendiam uma integração não apenas de elementos europeus à cultura brasileira, mas a valorização do saber local. Assim, preservavam

⁷⁰O termo foi traduzido para o português como Escola Doméstica.

⁷¹ Movimento iniciado na região nordeste em meados dos anos 20 no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo realizado na cidade do Recife – PE.

nos programas de ensino a confecção de rendas, bordados, arte com o barro e a leitura de autores locais, regionais e nacionais.

De acordo com Alburquerque Jr (2003), os avanços em qualquer área da atividade humana, ao longo das primeiras décadas do século XX, oriundas de países da Europa e Estados Unidos chegavam ao Brasil, primeiramente, nos Estados do Sul e Sudeste, ficando o Nordeste relegado a um segundo plano. Não por falta de interesse dos nordestinos, porém por dificuldades inerentes às desvantagens estruturais que sempre acompanharam a região. O referido autor pondera que, o final do século XIX e início do século XX é um período marcado por um novo regionalismo, que reflete na forma de como as diferentes regiões do país são representadas:

Com mudanças substanciais no campo econômico e técnico, como a industrialização, a urbanização, a imigração em massa, o fim da escravidão, o Centro-Sul, notadamente São Paulo, vai se tornando uma área bastante diferenciada do restante do país. Somem-se a isso as novas formas de sensibilidade artística e cultural trazidas pelo modernismo; os novos códigos de sociabilidade que aí se desenvolvem mais intensamente. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 52).

O Nordeste vivia, à época, uma crise acentuada pela seca⁷², tornando-se dependente em diversos aspectos de outras regiões do país. Desse modo, uma escola dedicada à formação da mulher, modelada segundo uma instituição suíça, trazia um viés inovador e até inusitado. Nessa ótica, a concretização do projeto da escola se constituiu em um dos eventos de absoluto pioneirismo para o estado, haja vista que o ensino dedicado às mulheres, com ênfase nos estudos de economia doméstica e com caráter profissional, abordando questões ligadas ao higienismo, aos cuidados com a criança e a preocupação com a mortalidade infantil, era uma inovação para a formação feminina no país, além de trazer em seu currículo um caráter de racionalidade com disciplinas voltadas a parte intelectual, como o estudo de química, física, álgebra, geometria, francês e inglês.

Assim, é em meio ao entusiasmo de inovação, curiosidades, dúvidas e críticas que a Escola Doméstica de Natal foi construída no bairro da Ribeira, em frente à Praça Augusto Severo. A instituição era de interesse dos intelectuais norte-rio-grandenses por seu ineditismo na organização de educação escolar se distinguindo das demais existentes no Brasil. Do ponto de vista desses *experts*, a modernização dos velhos

⁷² A exemplo, o livro o quize da escritora cearense Rachel de Queiroz.

métodos já bastante ultrapassados no tocante às propostas de formação feminina, se dava com a criação de um estabelecimento de ensino nos moldes do que estava sendo proposto. Era, inclusive, tida como símbolo de uma nova organização pedagógica para as escolas existentes e conduziria a cidade a novos patamares mais elevados de cultura e civilidade, uma forma de justificar a sociedade que a administração pública buscava dotar do que havia de mais moderno em relação a organização educacional a nível de estado, bem como em âmbito nacional. Estava presente também a representação de que a escola contribuiria predominantemente para a formação educacional da mulher para que esta atuasse na sociedade de maneira ativa:

É nesse contexto de mudanças e preocupações com a inclusão de novas demandas sociais que a educação do sexo feminino apareceu como uma prioridade, questão de possível quebra das hierarquias de gênero, redefinindo novos discursos sobre as hierarquias de sexo, entre as ocupações sociais do homem e da mulher, sem solapar a ordem social. (RODRIGUES, 2007, p. 81).

Pensava-se a educação enquanto instrumento de reconstrução social e estabilidade política na tentativa de superação do atraso cultural do estado e numa perspectiva mais ampla do país: “*A Liga de Ensino propunha que a educação fosse instrumento coadjuvante na reconstrução social, porque isto traria garantias de continuidade de valores, de formação da mulher para com os filhos*”. (RODRIGUES, 2007, p. 82). Nesta direção, Albuquerque Junior ressalta que

a estratégia para concretizar esses anseios seria dar às mulheres não o mesmo ensino que os homens, mas um ensino específico voltado para reforçar o papel tradicional da mulher de ser mãe e dona de casa, prepará-la melhor para servir ao seu futuro marido e a futura família e não a preparar para deles se afastar. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 130).

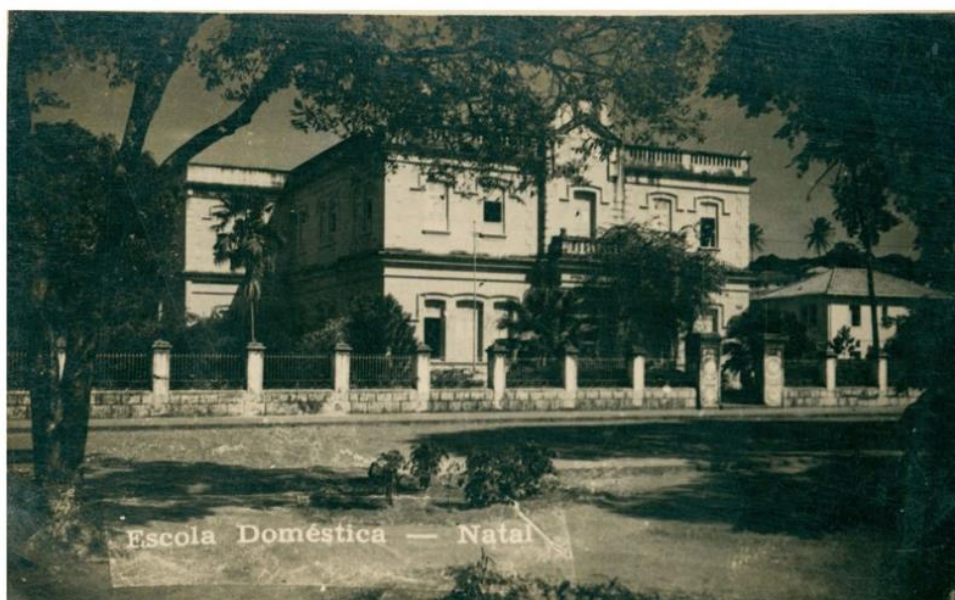
Nesse entendimento, a Escola Doméstica de Natal tinha, igualmente aos centros europeus que a LERN tomou como exemplo, uma dupla finalidade: preparar a mulher para o cumprimento de suas funções de mãe e esposa; dispor de uma formação considerada modelo ideal feminino, regrada numa formação alçada na cientificidade, pautada de valores virtuosos, cívicos e socioculturais, atendendo aos anseios da República. Na visão de Araújo (1997, p. 139),

o remodelamento da educação escolar levou por parte das vanguardas dirigentes reformadoras, a preocupação em fundar uma Escola Doméstica destinada à educação da mulher visando à sua integração

na vida cotidiana moderna. Foi a Primeira Escola Doméstica, em seu gênero, no Brasil e na América Latina, nos moldes da chamada pedagogia moderna, preconizadora de processos de ensino em que se aprende, fazendo.

Desse modo, a escola passou a integrar parte da formação profissional que, embora pouco atendida e pouco solicitada no Rio Grande de Norte, foi suscitando maior interesse à medida que se consolidava entre a classe média a necessidade de instruir a mulher de modo utilitário e de capacitá-la para sua integração no mundo do trabalho: *“Apesar de não objetivar a emancipação política da mulher, a Escola Doméstica trouxe a lume uma nova pedagogia, “outra forma de pensar” a educação e as práticas femininas”*. (Marques Neto, 2015, p. 230).

Imagem 04: Faixada Principal da Escola Doméstica de Natal⁷³, 1939.



Fonte: Acervo particular da Escola Doméstica de Natal/RN.

A instituição, desde a sua inauguração, não conseguiu atingir os anseios de seus idealizadores, por não se propor a ser uma escola popular. Para Rodrigues (2007) e Marques Neto (2016), foi dado um caráter seletivo e elitista. O rigor no número de vagas, a exigência de um valor mensal a ser pago e um enxoval dispendioso afastava do seu corpo discente as meninas que não dispunham de recursos financeiros para arcar com as despesas, bem como aquelas que a família aspirava o imediato ingresso no

⁷³ Hoje o prédio pertence à Prefeitura de Natal, o qual se encontra desativado, em condições precárias. Ao lado onde funcionava a clínica de atendimento a criança

magistério do estado, tendo sua formação nas escolas normais sem ser necessário despende de grandes quantias.

O prédio da escola era composto de dois pisos, com arquitetura imponente de estilo italiano, planejado pelo arquiteto cearense João Thomé Saboya. Contava com lustres vindos de Paris, mobiliário simples, mas de estilo clássico. Como explica Rodrigues,

A imagem da fachada principal da Escola Doméstica de Natal com traços neoclássicos, visualizada na época em que fora fundada, nos transmite ares de poder e pujança, com típica arquitetura ensinada pelos republicanos no Brasil que almejavam construir no cenário nacional estruturas arquitetônicas com ares de modernidade e progresso, exemplos materializados na construção dos primeiros grupos escolares. (RODRIGUES, 2007, p. 254).

Para tal, a construção original, a manutenção e a ampliação da instituição ficaram a cargo do governo do Estado do Rio Grande do Norte. Em uma conversa informal com o atual presidente da Liga de Ensino, o senhor Manoel de Brito, o mesmo nos fala que a LERN, dentre outros recursos, recorreu ao poder público para auxílio na construção do prédio. Tal fato nos foi confirmado, por meio do relatório do Diretor da Instrução Pública:

Não devendo protelar-se, por mais tempo, a inauguração da Escola Doméstica, cujas professoras, vindas da Suíça, já se achavam, desde muito, aqui, tive de reconstruir, em grande parte, o respectivo prédio, dotando-o de mobiliário e utensílios, reclamados por esse importante instituto de educação e ensino. Pena é que me não fosse possível ordenar também, desde logo, a construção da fachada e de mais duas salas necessárias ao seu regular funcionamento. (RELATÓRIO DA DIRETORIA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1914).

A Diretoria da Liga era composta de pessoas influentes junto ao governo, os quais usaram essa influência para conseguir o auxílio necessário. Para a doação do prédio da Escola Doméstica⁷⁴, firmou-se um acordo com o governo do estado. Em uma das cláusulas do acordo constava que se a escola viesse a passar por um processo de dissolução do empreendimento, o seu patrimônio se reverteria a favor do governo do Estado, voltando o recurso aos cofres públicos.

A Escola Doméstica não era a única instituição a receber ajuda financeira estadual. O ensino particular subvencionado pelo estado mantinha algumas escolas e

⁷⁴ Informações obtidas por meio da documentação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte datada de 1911.

ginásios no início de século XX. Conforme relatório do Diretor da Instrução Pública é possível entender como se davam esses auxílios do governo:

O regimen das subvenções as escolas particulares, que num meio mais desenvolvido seria provavelmente de maior utilidade, tem sido também praticado, mas ainda não é possível saber com segurança si a vantagens lhe justificam a preferencia. Como é sabido, a maior parte dos mestre-escolas do interior são pessoas das mais elevadas intensões e da mais estricte indoneidade moral, mas a capacidade profissional, ou até a simples cultura própria são das mais problemáticas. Ainda assim, após as sindicancias e informações, necessárias para garantir-nos contra a possibilidade de se estabelecer uma indústria com o único objetivo do auxilio pecuniário do Estado, foram concedida no corrente anno subvenções a mais 11 escolas. (RELATÓRIO DA DIRETORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA, 1922).

Mesmo sendo favorável às subvenções ao ensino privado, a Diretoria da Instrução Pública via com desconfiança os pedidos de auxílio por parte dos particulares aos seus estabelecimentos de ensino. Assim, no período de implementação do projeto da Escola Doméstica de Natal o estado apresentava, segundo os relatórios da instrução pública, 404 escolas, sendo que, na capital, existiam duas instituições federais, três estaduais, quatro municipais e 18 particulares, tendo uma matrícula de 2.842 alunos, com uma frequência média de 2.111.

Desse modo, registrava-se uma matrícula total em todo o estado de 15 mil alunos e uma frequência de 12 mil. Segundo o Diretor da Instrução Pública, esses números eram sensivelmente maiores que os obtidos nas estatísticas de anos anteriores, mas nada tinham de lisonjeiros ainda. Calculada a população escolar do estado que eram de 45 mil crianças, apenas 33% estavam matriculadas. Entendemos, por meio do relatório da instrução pública e artigos em periódicos, que o censo escolar contabilizava as aulas ministradas por particulares como escola formal. Assim, a quantidade de crianças estudando não refletia o número de alunos regularmente matriculados em uma instituição de ensino formal.

Contudo, os investimentos por parte do poder público à Escola Doméstica foram bastante intensos. A preocupação com a manutenção da mesma era visível, mesmo o estado passado por crises financeiras e a educação básica em condições precárias:

(...) na última visita que fiz a Escola Doméstica, verifiquei a impossibilidade de ser todo o ensino dirigido somente por duas professoras, sendo para lamentar que a precária situação do Thesouro não permita, no momento, a aquisição de mais uma educadora que se

encarregasse da parte do curso pertinente à indústria de laticínios, a qual não foi, isso, ainda iniciada. Faz-se necessário um acréscimo ao prédio em que funciona a Escola, afigurando-se-me também da maior vantagem a criação de uma classe exclusivamente destinada à revisão do curso primário, nem sempre ultimado, no interior do Estado, com o critério preciso. Tudo isso, porem, exige despesas que a Liga, provavelmente, não poderá realizar com a subvenção que, actualmente, percebe do Thesouro, por sua vez tão onerado em consequência da crise que atravessamos; entretanto, a Escola, sobretudo pela sua real acção educadora, merece todo apoio e estímulo dos poderes públicos estadoaes. Assim pensando, baixei o decreto nº 34, de 26 Janeiro deste anno, considerando de utilidade publica a Liga do Ensino. (RELATÓRIO DA DIRETORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA, 1915).

Como discutido no primeiro capítulo desta tese, o Diretor da Instrução Pública, Manoel Dantas, era colaborador da Liga de Ensino, ingressando na instituição de modo efetivo ao assumir em 1923 o cargo de Presidente, sendo os intelectuais associados à LERN pessoas com quem dialogava. A defesa pela manutenção da escola podia também ter uma ligação afetiva, tendo em vista que esta era a instituição a que recebia suas filhas. Assim, a Escola Doméstica de Natal era vista como um bem do estado que todos deviam zelar. Marques Neto (2015) nos esclarece que quando o projeto da escola foi implementado, o apoio da administração pública foi fundamental. Não obstante, mesmo contando com o suporte financeiro do estado, Castriciano enfrentou resistências, visto que boa parte dos ricos fazendeiros não via com bons olhos o acesso da mulher à instrução.

Por outro lado, as críticas vieram também do grupo de moças intituladoas feministas, que defendiam a participação efetiva da mulher na sociedade, que lutavam pelo protagonismo feminino. Assim, um ano após a Escola Doméstica ter sido inaugurada a periodista Dinese publicou um artigo na revista *Via Láctea* tecendo duras críticas às concepções educacionais de Castriciano:

Quando nos morrer a derradeira illusão, de nossa alma se desvanecer a última esperança e o mundo nos apresentar o espectro frio da realidade em toda sua nudez então nos voltaremos para as gallinhas, guínés, para as couves, alfaces, batatas, e tudo o mais que seja necessário exclusivamente à vida prática. (JOÃO CLÁUDIO, 1915, p. 1)⁷⁵.

⁷⁵ Os trechos do artigo de Dinese foi ressaltado no texto de reposta de Castriciano no periódico *A Republica* de 09 de fevereiro de 1915. O autor usa o pseudônimo de João Cláudio.

Creia, pois o Jacynto que pregou muito bem mas qual um Batista moderno, pregou no deserto. Seria para ele de melhor êxito externar sua autorizada opinião às distintas alumnas da Escola ménégèr, de onde sahirão para o futuro perfeitas donas de casa capazes de lhe satisfazerem no seu grande amor aos bons pratos e aos galinheiros. (JOÃO CLÁUDIO, 1915, p. 1).

Compreende-se que a escola apresentava limitações, não conseguia atingir algumas camadas da população. Até mesmo à época recebia críticas por ter um currículo que priorizava os cuidados com a família.

Castriciano publica um artigo no periódico *A Republica*, 1915, respondendo o texto da revista *Via Láctea*. Para este a visão que Dinese tinha da escola se assemelhava o entendimento da aristocracia brasileira às questões de ordem prática. Desse modo, os governantes eram os maiores culpados da existência desse tipo de compreensão no país, pois admitiam o ensino com ênfase em concepções teóricas, tendo como resultado uma educação precária. Em toda parte, onde a mulher age com energia e orientação prática definida e segura, faz-se forçosamente a política social (JOÃO CLÁUDIO, 1915, p. 1).

Buscando conhecer melhor os espaços físicos da escola, tentamos localizar a planta arquitetônica ou algum documento que descrevesse detalhadamente como estavam distribuídos os cômodos. Compreendemos que conhecendo a planta, teríamos uma visibilidade melhor da distribuição espacial do local: disposição das salas de aula, local reservado à direção escolar, sala de professores, pátio, entre outros, que integrava a organização física da instituição. Contudo, esse documento não foi localizado nos arquivos dos quais tivemos acesso. Assim, recorreremos à imagem cinco por entendermos que esta nos traz um resquício de que a instituição tinha um ambiente específico para as aulas de química, o que não se pode afirmar que era um laboratório como os existentes atualmente para os estudos da disciplina de química.

Vale destacar que, em nosso estudo defendemos o uso de imagens como uma forma importante de evidência histórica, de modo a dialogar com outros documentos, sem, contudo, deixarmos de nos preocupar com a intencionalidade da fotografia, se esta reflete a cultura da escola ou se demonstra apenas um momento isolado como forma de reforçar o discurso daqueles que defendiam o ensino doméstico com aspectos de cientificidade. Compreendemos igualmente a Burke (2017), que as pesquisas históricas têm lançado mão, cada vez mais, do uso de imagens como evidência ao lado

dos textos, oferecendo novas respostas ou suscitando novos questionamentos, de modo a trazer significativas contribuições na interpretação e entendimento do objeto de estudo.

Assim, interpretamos na imagem apresentada, que o professor aparece como figura principal, no centro da mesa com vários objetos de um laboratório, tendo as alunas no seu entorno, atentas aos experimentos, o que pode nos transmitir o caráter de praticidade e investigação que era dado às disciplinas.

Imagem 04: aula de Química na Escola Doméstica de Natal



Fonte: Repositório do Laboratório de Imagens da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Entre outros espaços, a escola dispunha de um salão de festas, sendo este destinado às recepções, onde eram realizadas comemorações, banquetes, lugar que eram recebidas as autoridades as quais visitavam o estabelecimento de ensino. Mas ali também era um ambiente de construção do conhecimento, as alunas tinham a oportunidade de colocar em prática o que estudavam, em específico no tocante ao planejamento orçamentário, decoração do espaço, apresentação cultural, preparo do cardápio e todos os aspectos da organização geral de um evento.

Imagem 05: recepção oferecida ao Presidente Café Filho



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

Imagem 06: recepção oferecida ao Presidente Café Filho



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

Evidencia-se, nas fotografias que antecedem esse parágrafo, um traço comum no papel da mulher no início da República no Brasil. É uma recepção organizada pela escola, tendo as estudantes como as anfitriãs em um almoço oferecido ao então Presidente da República, Café Filho. As duas fotos por nós escolhidas reforçam o papel assumido pela mulher na sociedade norte-rio-grandense, à época. Eram coadjuvantes

em relação às discussões políticas e administrativas do estado, assumindo o papel de cuidar para que os atores, homens das elites locais e nacionais, desfrutassem dos preceitos adquiridos por elas na Escola Doméstica de Natal. Elas permanecem em pé, o que constitui uma demonstração de que estão a serviço deles. Chamou-nos a atenção o fato de nenhuma mulher aparecer sentada à mesa, mesmo tendo a escola uma administração feminina e com o quadro de professores composto por algumas mulheres.

2.1 CONTRIBUIÇÕES DA IMPRENSA PEDAGÓGICA NA (RE) CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL

A Escola Doméstica de Natal, no entendimento de Rodrigues (2007) e Marques Nete (2016), trouxe representações que simbolizara aspectos de modernidade, civilidade e progresso, os quais circulavam e se entrecruzavam com valores ainda arraigados e permanentes na sociedade. E assim, percebia-se a escola como instrumento modelo, específico em sua função, que iria trazer para a cidade, e particularmente para o estado, ideias de sociabilidade e desenvolvimento tão almejadas para os que neste residiam.

Divulgações na imprensa local, regional e nacional de uma escola dedicada à formação da mulher no pequeno estado do Rio Grande do Norte foram propagadas com entusiasmo. A ideia levada ao público, por meio da imprensa, era nessa mesma direção – o novo, o inusitado, progressista – como ressaltamos na matéria publicada no *Jornal do Recife*, sob o título de *Uma Escola Moderna* em setembro de 1914:

Nos últimos jornaes que me chegaram de Natal, leio com essa alegria indefinível que nos comunicam as cousas pátrias, em terras alheias, a inauguração naquela cidade, da primeira Escola Doméstica da Liga do Ensino, esse bello anseio de Henrique Castriciano, cujo espírito à moda de chrystal extranhamento talhado em múltiplas faces, possue innumeras arestas, cada qual mais saliente e rutilante, resplendendo luminosamente em todo o domínio da arte e do saber. A nossa Liga é nada mais, nada menos, que uma grande sociedade composta de todos os elementos progressistas do Estado, tendo por ideal supremos e único a criação, nos differentes municipios, dessas Escolas Domesticas que são o segredo da felicidade daquella Suíça, hoje invejada por todas as nações do orbe, devido às suas instituições maravilhosas e, sobretudo, à beleza moral e à capacidade de seus habitantes, em todos os ramos da atividade humana. (GRILO, *Jornal do Recife*, 1914).

Desse modo, a escola inicia suas aulas em prédio próprio, como ressalta o artigo no jornal *A Republica* em 15 de agosto de 1914, sob o título de *Escola Doméstica*:

Começaram a funcionar, hoje, os cursos da Escola Domestica, ultimamente fundada nesta cidade, sob a direcção das distintas professoras Hélène Bondoc e Jeanne Negulesco. Estão matriculadas as seguintes senhoritas de nossa sociedade: Amelia Dulce Cavalcanti (interna); Maria Galvão Filha, Esther de Fontes Galvão, Doralice Lustoza Barros, Maurila de Brito Guerra, Maria Mafalda de Miranda Galvão, Maria Guiomar de Meira Lima, Maria Geruza Lustoza da Camara, Evangelina Lustoza da Camara e Anna Santina Soares de Araujo (semi-internas). A diretora da Escola, mademoiselle Hélène Bondoc, antes de dar início aos trabalhos dos cursos, fez uma preleção às alunas sobre os deveres que lhes incumbe naquela casa de instrução. As alumnas e demais pessoas presentes mostraram-se agradavelmente impressionadas. (A REPUBLICA, 15 de agosto de 1914).

De acordo com a matéria do jornal, a escola iniciou suas atividades em 15 de setembro de 1914, contando com as duas professoras – Hélienè Bondoc e Jeanne Negulesco – e 11 alunas, as quais são apresentadas no artigo destacado anteriormente. O sobrenome das alunas nos permite entender que algumas são filhas dos colaboradores e membros da LERN, como por exemplo, Maurila de Brito Guerra filha do desembargador, membro da LERN, Felipe de Brito Guerra.

O discurso mantido por meio da mídia impressa afirmava a constituição da instituição, sua estrutura física, os conteúdos privilegiados e ministrados, os valores morais e sociais ressaltados, estruturação do corpo docente, a organização e a administração que iriam confluir para um modelo de escola tão esperado ansiosamente por aqueles que aspiravam o novo, o progresso e o moderno. A imprensa exerceu papel importante na divulgação da escola em todo o país, contribuindo com o fortalecimento da implantação e ampliação do ensino doméstico no Brasil, tendo a Europa como referência, sendo a escola de Natal o modelo a ser seguido.

Desse modo, selecionamos alguns periódicos dos quais tivemos acesso, sendo o recorte temporal 1914 a 1961, desde quando a escola entrou em funcionamento até a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira, de n.º 4.024/1961 (Brasil, 1961). A escola passou a ser caracterizada como instituição de ensino profissional, possibilitando suas alunas a ingressarem no mercado de trabalho e de prosseguirem seus estudos assim que concluíssem o curso na instituição.

Tabela 03: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais – 1914 a 1919.

Momento	Jornais	Periodicidade	Título do Artigo
Primeiro momento (1914 – 1919)	Diário de Pernambuco (PE)	13 notícias	Os artigos sobre a escola aparecem todos na coluna: O Diário no Rio Grande do Norte ⁷⁶ .
	Jornal do Commercio (RJ)	05 notícias	O jornal contava com uma coluna intitulada: revista dos estados. Nesta tínhamos as notícias do RN.
	Jornal do Commercio Edição da Tarde (RJ)	04 notícias	As notícias aparecem com títulos variados ⁷⁷ .

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

O *Diário de Pernambuco* trazia notícias breves dos estados brasileiros, ressaltando o que é comunicado via os correspondentes ou por meio de amigos da imprensa local. O primeiro artigo, que trata do nosso objeto de estudo, destaca que a Escola Doméstica iria fechar suas portas por quatro meses para uma pequena reforma, uma vez que necessitava ampliar os espaços dado o número de alunas que estava recebendo. Com o subtítulo *A Instrução Pública do Rio Grande do Norte*, o texto traça um panorama geral das escolas públicas e privadas no estado, pontuando as escolas primárias em funcionamento e as escolas secundárias, sendo a Escola Doméstica classificada, segundo a instrução pública, como escola de ensino secundário. Assim, em 1917 a instituição oferecia um curso de quatro anos e diplomas reconhecidos pelo governo, custeada pelo estado e administrada pela Liga de Ensino.

⁷⁶ O jornal traz uma coluna que trata dos estados brasileiros e, por meio desta, as notícias do Rio Grande do Norte são apresentadas.

⁷⁷ Ao tecermos uma breve discussão sobre do que tratava cada artigo, pontuamos os títulos. Por uma questão de estética, consideramos ser esse formato mais fácil de ser lido.

Tabela 04: Matrícula da Escola Doméstica de Natal

Matrícula	1º ano	2º ano	3º ano
(1917)	26 alunas	9 alunas	7 alunas
Total de alunas em 1917	42 alunas		

Fonte: Diário de Pernambuco, 1º de outubro de 1917

Outra informação que consideramos relevante ao nosso estudo, pontuada pelo jornal diz respeito às disciplinas que eram ofertadas na escola, sendo estas: matemática; noções de física e química; história natural; contabilidade e higiene doméstica; medicina prática e enfermagem; puericultura; cozinha; lavagem e engomado; arranjos domésticos; horta; jardim; leiteria; desenho; costura e música. A matéria ressalta ainda que a escola estava fechada para uma reforma, tendo em vista que as solicitações de matrículas para 1918 quase excede o número máximo de alunas que a escola pode comportar.

Encontramos, no *Diário de Pernambuco*, com data de dezembro de 1917, um artigo que destaca a contratação de mais uma professora para a Escola Doméstica de Natal, sendo esta a professora norte-americana Leora James, com curso completo no *Peace Institute* nos Estados Unidos, onde obteve o grau de Bacharel em Artes, tendo se especializado em metodologia das ciências físicas e matemáticas na Universidade de Columbia, em Nova York. O jornal afirma que a referida professora mantinha contato com os mais notáveis líderes da instrução pública em seu país. A mesma iria auxiliar em tudo que for possível para possibilitar uma formação de qualidade às norte-rio-grandense. Nessa direção, os demais textos inventariados no referido periódico ressaltam notícias e tecem elogios à Escola de Natal. Assim, o artigo do dia 18 de janeiro de 1918 anuncia a abertura da instituição e que a mesma teria como administradora a professora norte-americana Leora James.

Ao passo que fomos analisando os textos dos jornais, passamos a tecer o diálogo com as demais fontes. Algo que nos chama atenção se refere ao fato de que em outros documentos nos deparamos com a indicação da Professora Leora James na administração da escola a partir de 1919. Passamos a buscar mais referências que nos confirmem a data do seu ingresso na instituição. Os demais artigos reafirmam a ideia

de que a Professora Leora James ingressara nos quadros da instituição em 1918. Como por exemplo, o texto destacado a seguir,

(...) desde sábado, 2 do corrente, está funcionando a Escola Doméstica de Natal, sob a direção de Leora James, que tem como auxiliares as professoras Jeanne Negulesco e Beatriz Carneira Leão, a qual chegou recentemente para lecionar Português, Francês, Inglês e História do Brasil. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1918, p.4).

À medida que fomos (re)construindo a história da escola, buscamos, por meio dos periódicos, informações que nos possibilitasse entender como a instituição se constituiu em referência para o estado e repercutiu de modo positivo no país, fortalecendo um discurso em defesa do olhar voltado à formação da mulher. A discussão sobre a necessidade de uma educação de qualidade no país se aproximava aos ideais dos *experts* da LERN, que defendiam na formação da mulher uma mudança significativa na sociedade.

A aproximação com as publicações dos periódicos nos possibilitou entender o reforço no discurso da instrução feminina como meio de se formar homens sadios de corpo e de espíritos, sentimentos e disposição para o trabalho, livres dos malefícios dos vícios: “*A mulher cabe o justo título, uma situação de tal destaque que, em hipótese nenhuma poderia ser preenchida pelo homem, é que a ela compete a defesa e a direção do ser humano no período inicial de sua vida*” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1918, p.6). Nesse âmbito, é possível dizer que, do mesmo modo como havia em países da Europa a defesa do ensino doméstico como forma de preparar a mulher para o lar e para o ingresso no mercado, o mesmo pode-se dizer dos educadores e intelectuais, *experts* brasileiros, que por meio da imprensa defendiam seus ideais.

Assim, o texto destacado no periódico *Diário de Pernambuco*, traça um perfil de superioridade para a mulher, que é revelado, enquanto dona de casa e mãe, na preparação inicial de seus filhos e que dela depende indubitavelmente o futuro dos mesmos. É desses ideais apresentados no periódico que vêm a constatação do reforço do discurso, à época, de ser imprescindível a necessidade de se destinar todo o carinho na educação que se deve ministrar à mulher. O autor do texto pondera que foi convencido dessa verdade que o poeta e literato Henrique Castriciano, que visitara há

pouco tempo a Suíça, fundou em Natal uma escola de ensino doméstico, com apoio entusiástico dos dirigentes da Liga de Ensino, visando a propaganda e a realização de obras educativas, sobretudo as que tivessem por fim uma perfeita formação doméstica da mulher.

Na objetivação do seu programa, a Liga do ensino, sob a presidência de um homem que é um modelo de devotamento às grandes causas condizentes como o bem coletivo, o Sr. Meira e Sá visou preferentemente a fundação de uma Escola doméstica moldada pela famosa E'cole Ménagère de Fribourg na Suíça, em que a mulher Norte-rio-grandense pudesse encontrar uma educação à altura das exigências da sociedade contemporânea e em harmonia com a relevância do papel social que lhe importa desempenhar (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1918, p. 6).

O texto nos aponta que o estado doou o prédio para o funcionamento da escola, tendo feito recentemente uma reforma, transformando-o em um dos melhores da capital, e consignou no seu orçamento uma subvenção anualmente renovada de 30 contos de réis à instituição. Com os auxílios e com recursos próprios da Liga, a escola foi fundada em 1914, sob a direção de duas professoras diplomadas pela École de Fribourg, que nela se conservaram até 1917, época em que terminara o contrato que firmaram com a diretoria da sociedade. O autor pondera que, naquele momento, a instituição tinha à sua frente uma notável educadora americana que, com o auxílio de um pessoal docente realmente capaz, possibilitava à escola uma direção de tal maneira eficiente que é certo aos norte-rio-grandenses da extraordinária transformação porque vão passar os costumes de sua terra, tendo confirmação de uma educação sistemática e segura a qual possibilitaria à mulher o conhecimento de sua função na vida social.

É ressaltado ainda que a escola tem caráter ao mesmo tempo teórico e prático, ensinando efetivamente português, francês, inglês, aritmética, álgebra, geografia e história do Brasil e contabilidade doméstica. Destaca, “*a música de paz com a cozinha, a costura a jardinagem a medicina caseira, criação de aves, laticínios a puericultura e ministrada a excelente e adequada educação física*”. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1918, p. 6). O autor conclui ressaltando que no sentido da efetivação de uma política elevada e superior, o primeiro passo deve consistir exatamente em uma perfeita educação feminina.

Outro texto inventariado no referido periódico diz respeito a uma crítica à mulher que não se prepara de modo adequado aos cuidados para com o lar e com os filhos. As escolas em outras partes do país se especializam em formar as mulheres

melindrosas, estas que cuidam apenas da parte estética, conhecem de moda, mas de nada na vida prática. Em contrapartida, as mulheres norte-rio-grandense estão preocupadas com uma formação adequada, com os cuidados para o lar, como se tem visto no caso da Escola Doméstica de Natal.

Os demais artigos trazem notícias breves, como por exemplo, o convite para a formatura da primeira turma das alunas da escola e a programação da festa. Identificamos, no mesmo periódico, uma carta do então diplomata Oliveira Lima⁷⁸, recém-chegado dos Estados Unidos, onde realizou um curso de história política do Brasil à convite da Universidade de Havard. O mesmo escreveu ao Henrique Castriciano em relação as suas impressões sobre a Escola Domestica de Natal, acentuando o grande alicerse social da referida instituição.

Fechando o nosso garimpo no período citado, no tocante ao jornal *Diario de Pernambuco*, encontramos o discurso do então diplomata, Oliveira Lima na formatura das primeiras discentes da Escola Domésticas de Natal. Lima pontua que sentiu-se lisonjeado pelo convite, em especial por ter sido eleito por um grupo de mulheres, como homenageado. Inicia sua fala destacando o papel da mulher na sociedade e que tem se posicionado favorável à emacipação política desta. “*Eu sou, devo dizer-lo, um velho adepto do sufrágio feminino e da independencia da mulher*” (OLIVEIRA LIMA, 1919, p. 1). Destaca que na noite da primeira eleição do Presidente Wilson Churchill, achava-se em Whashington e, não só tomou parte, como falou numa grande reunião, no *Ebbit House*, em prol dessas ideias que eram, então, nas palavras de Lima, perigosas de professar como os do anarquismo, mas sofrivelmente originárias.

Segue nessa direção destacando que a mulher não é intelectualmente inferior ao homem. Se lhe falta poder criativo, sobra-lhe o dom de assimilação, e se lhe escasseia vigor físico – tudo isto comportando exceções – convém lembrar que a finura vale muitas vezes mais do que a força. Se a mulher não tem logrado praticar feitos notáveis de domínio e inteligência quanto o homem, é muito porque tem lhe faltado opotunidade. Ele questiona se a mulher tem recebido a mesma educação que o homem e pontua que atividades comumente delegadas a elas são, em alguns países, realizadas

⁷⁸ Manoel de Oliveira Lima nasceu em Recife, 1867 e morreu em Washigton, 1928. Historiador, escritor, exerceu as funções de diplomata, jornalista e professor, representando o Brasil em vários países. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, foi professor visitante da universidade de Harvad. “Amante dos livros, montou um dos melhores acervos particulares do país, a famosa Biblioteca Oliveira Lima, com 58 mil livros, a qual doou à Universidade Católica da América, em Washigton,” (Lima, 2018, p.4).

por homens. Na China eram os homens que cozinhavam, no Japão eram eles que bordavam, em todo o mundo eles também cozinharam, primando até na arte culinária como teóricos e como práticos.

Pondera que conheceu as E'coles Ménengèr na Belgica e que nos Estados Unidos estas já eram realidade. Contudo, a cidade de São Paulo não conseguiu aderir a esta ideia. “*Tudo é cozinhar, mas cozinhar mal ou bem são para quem come causas diversas*” (OLIVEIRA LIMA, 1918, p.6). Parte do discurso evidencia as ideias iniciais do projeto da Escola Doméstica de Natal, quando o mesmo coloca em cena a troca de cartas, que à época, mantinha com o educador Henrique Castriciano. “*Annos há que elle em Bruxellas se entreteve descrevendo-me o seu projeto, no qual pos em execução*” (OLIVEIRA LIMA, 1919, P.6). Encerra o discurso reforçando não ser possível organizar uma democracia sobre as bases da equidade e da verdade, com 80% de analfabetos na sua população. Assim, pondera que o deputado federal que no Congresso se fez conhecidamente o paladino do progresso da União da instrução publica é um deputado norte-rio-grandense. Ele se referia ao então deputado José Augusto⁷⁹.

No tocante ao *Jornal do Commercio* (RJ), encontramos cinco matérias que tratam da Escola Doméstica de Natal. São em sua maioria breves notícias, destacando a abertura de matrícula, encerramento do ano letivo e a contratação de mais uma professora. Mas todas tecem elogios à preocupação do estado em manter uma instituição voltada à formação da mulher. Contudo, a edição de 7 de outubro de 1919 nos apresenta um texto intitulado *Prospecto da Escola Doméstica de Natal* – Typ *Jornal do Commercio*, Rio, 1919, artigo assinado por Tristão de Athayde. O artigo é iniciado com críticas à educação brasileira que era precária. Assim, se a formação do homem ao longo dos anos tem se apresentado de modo falho, o que pode ser dito da educação feminina?

Segundo Athayde (1919), após estudar as escolas de ensino doméstico na Suíça e Alemanha, Henrique Castriciano pôs em prática o projeto de uma escola para formar

⁷⁹ Natural de Caicó – RN (1884 – 1970), com formação inicial em Caicó e Acari, cursando o secundário no Atheneu Norte-rio-grandense. Em 1901 ingressa na Escola de Direito de Olinda e Recife, concluído o curso em 1905. José Augusto integrou o primeiro conselho eleito da Liga do Ensino, ocupando a função de bibliotecário. “Adepto da Escola Nova, José Augusto pertenceu à chamada geração ilustrada nascida com a República, portadora de sólida cultura intelectual e erudita” (ARAUJO, 1998, p. 4). Deputado Federal por três mandatos e governador do estado, integrava o grupo dos intelectuais junto com o tio Manoel Dantas, o amigo Henrique Castriciano, Alberto Maranhão, entre outros.

a mulher no Brasil, sendo ela nos moldes das intuições européias, com um viés norte-americano, no qual a novidade residia no empenho de integrar de maneira sistemática, nas atividades do lar, os novos instrumentos que a técnica oferecia e, sobretudo, de aplicar regras de racionalidade e de eficiências e regras científicas. Nesse meio acanhado de província, existe hoje uma escola única em todo o Brasil, que está formando a verdadeira mulher brasileira, grande de coração, de vontade firme e com inteligência orientada cientificamente (ATHAYDE, 1919, p. 7). O autor ressalta que o programa de ensino privilegia a harmonia do preparo intelectual das alunas com a finalidade prática do estabelecimento. Destaca que o curso tem duração de seis anos, sendo o corpo docente pequeno, contando com professoras vindas dos Estados Unidos e França. No entanto, há discordância em relação ao ensino de História, visto que, o estudo de História do Rio Grande do Norte é estudado antes de História do Brasil e esta, precedendo História Geral. De acordo com o autor, o inverso seria mais lógico, ou seja, nos primeiros anos contemplar o ensino de História Geral, depois História do Brasil e, nos anos finais do curso História do Rio Grande do Norte. Para Tristão de Athayde a solução do problema do saneamento básico do país depende em grande parte da educação da mulher. Desse modo, “*a Escola Doméstica de Natal orientando a mulher sobretudo para a vida campestre é um grande exemplo do patriotismo inteligente, realçado pelo recato do empreendimento*” (ATHAYDE, 1919, p. 7).

Pontuamos na tabela a seguir os demais textos encontrado no período.

Tabela 05: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais

Momento	Jornais	Periodicidade	Título do Artigo
Primeiro momento (1914 – 1919)	Jornal do Commercio (AM)	04 notícias	Mala do Sul: vários fatos e notas. A primeiro Escola Doméstica no Brasil. Os Estados – Rio Grande do Norte
	América Latina: Revista de Artes e Pensamento (RJ)/ 1919 – 1920	04 notícias	Educação Nacional: Escola Doméstica de Natal
	O Jornal (RJ)	02 notícias	Bibliographia – Prospecto da Escola Doméstica de Natal – 31ps typ jor. Comm. Rio – 1919. Escola Doméstica
	O Malho	02 notícias	O ensino nos estados O ensino Profissional nos estados

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

O primeiro artigo que encontramos no *Jornal do Comercio do Amazonas* traz uma discussão sobre a chegada ao Brasil de uma professora vinda da Europa contratada para dirigir a Escola Doméstica de Natal. O autor tece críticas às escolas normais do Rio e São Paulo no que tange ao currículo. Contudo, pondera que a escola de Natal tem no seu currículo o preparo para a vida prática, para as pequenas indústrias de caráter familiar, dando ênfase a um currículo destinado às práticas agrícolas. Assim, percebe que o pequeno estado tem se preocupado com a formação feminina.

As demais notícias aparecem na coluna destinada ao estado, trazendo breves informações a respeito da intuição, sendo estas: destaque para a chegada de viagem aos Estados Unidos da Diretora Leora James; subvenções destinadas às instituições privadas, entre elas a Escola Doméstica de Natal e uma notícia que se refere a algumas conferências proferidas pelo então Diretor Geral da Instrução Pública à época, Manoel Dantas, na Escola Doméstica de Natal.

Encontramos na revista de *Artes e Pensamento da América Latina* um texto que trata da Escola Doméstica de Natal, sendo este um artigo em três páginas, escrito pelo Deputado Federal José Augusto. O autor é um entusiasta na missão da escola em relação à educação feminina e tece inúmeros elogios, tanto em seus aspectos estruturais quanto ao corpo docente, que tinha em seu quadro, professoras oriundas da Europa e dos Estados Unidos, tendo elas estudado nos melhores colégios e universidades de seus respectivos países. Isto pode ser notado no trecho que destacamos a seguir,

A Escola Doméstica de Natal está agora installada em predio magestoso que lhe foi doado pelo governo do Rio Grande do Norte que para esse fim o fez contruir, e conta com um corpo de professores à altura das exigências da função educativa que lhe é reservada. (AUGUSTO, 1919, p. 296).

O texto segue nesse mesmo estilo pontuando como tem sido as práticas no âmbito da escola, as mudanças implementadas com a chegada das professoras norte-americanas, o que demonstra aspectos de modernidade, destacando o papel que tem desempenhado a educação do estado. Embora hajam algumas críticas ao fato de importar educadoras de outros países, poderiam optar por formar as brasileiras na Europa e Estados Unidos. Assim, as brasileiras teriam uma boa formação com amplo

conhecimento local. O artigo é concluído com o destaque de que do ponto de vista das instituições nacionais, a Escola Doméstica de Natal representa alguma coisa de novo e de fecundo na vida educativa do país.

O periódico *O Jornal* (RJ) traz duas matérias que tratam em específico sobre a escola de Natal. A primeira diz respeito a uma publicação do jornal *O Comercio*, do Rio de Janeiro, em relação a um prospecto da Escola Doméstica de Natal ressaltando o papel da instituição na formação da mulher norte-rio-grandense, o qual já comentamos anteriormente. O segundo se refere a um artigo de Jackson de Figueredo⁸⁰, o qual inicia seu texto pontuando que é um dos que não louva, em matéria de educação, tudo quanto com ar de novidade, importa-se da Europa, inclusive quando se busca por meio de contratação de professores e dirigentes para instituições de ensino do país, tendo como perspectiva a modernidade europeia. Discorda da educação oferecida na Escola Doméstica de Natal por em seu currículo tentar des cristianizar a vida moral de suas alunas, isso se dando em um país de maioria católica. As críticas que o autor faz sobre a formação da escola se refere a esta não ter um caráter confessional, visto que não constava no currículo nenhuma cadeira ligada a religião, uma vez que o discurso dos membros da LERN era que a instituição era laica. Pontua que, por meio de suas leituras em periódicos sobre a instituição de Natal, percebe o incentivo dado à criação em todo o país do modelo de ensino destinado à formação de donas de casa. Na perspectiva do autor, os adeptos da Escola Doméstica de Natal reivindicam, que esta deveria ser reproduzida por todo Brasil, de norte a sul.

De acordo com Figueiredo (1919), é evidente que a mulher burguesa poderia obter imensas vantagens de um ensino de ordem prática, bem mais necessário à vida prática, bem mais necessário à vida contemporânea, ameaçada de tantas transformações econômicas, do que o aprendizado de matérias de luxo, como acontecia na maioria das Escolas Normais. No entanto, o autor pondera que se outros estados pretendem imitar a escola de Natal, que o façam, mas não por completo.

A revista ilustrada carioca *O Malho*, publicou, em 1916, fotos das alunas da Escola Doméstica de Natal em sala de aula de Português. Outra matéria trazia uma foto das estudantes voltando das compras. O jornal chama atenção para o ensino

⁸⁰ Bacharel em direito, dedicou-se à política e ao jornalismo. Seu nome é ponto de referência na história do catolicismo brasileiro como organizador do movimento católico leigo. Entre 1921 e 1922, fundou o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*, através dos quais combateu o comunismo, o liberalismo e a revolução de modo geral.

destinado à formação da mulher por meio de fotografias. As demais publicações encontradas nos jornais, período de 1914 a 1919, dizem respeito a matérias breves, pontuando viagens das professoras, convite de formatura (1919), tratam da instrução pública no Brasil e fazem um recorte dos trabalhos desenvolvidos na escola de Natal, pontuando a respeito da função social das escolas de ensino doméstico no país e ressaltam o que tem sido desenvolvido nas práticas educativas da instituição de Natal. Entre estes, temos:

Tabela 06: Escola Doméstica de Natal em Periódicos

Periódico	Ocorrências
A Província: órgão do partido liberal (PE)	02
O paiz (RJ)	02
Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (RN)	02
Mensagens do Governador do Rio Grande do Norte (RN)	02
Correio da Manhã (RJ)	01
Gazeta de Notícias (RJ)	01
A Razão (RJ)	01

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Apoiamo-nos nos artigos publicados em jornais e revistas no período citado anteriormente, tendo como objetivo entender a visão, à época, da instituição. Especificamente, debruçamo-nos nas leituras tecendo um diálogo entre as fontes para que fosse possível a (re)construção da história da Escola Doméstica de Natal e traçar um perfil da instituição em nível local e nacional. Por uma questão estrutural, optamos analisar de modo separado as notícias inventariadas no periódico *A Republica*. Assim sendo, ressaltamos os artigos que foram encontrados neste periódico.

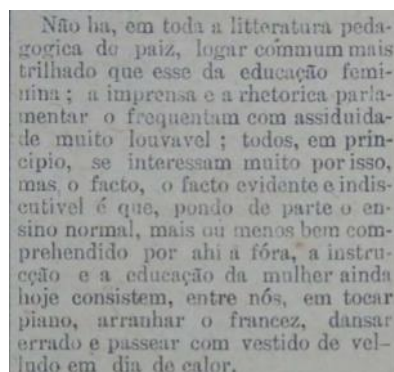
Tabela 07: Escola Doméstica de Natal no Peródico A Republica, 1914 a 1919

Momento	Ano	Periodicidade	Título do Artigo
Primeiro momento (1914 – 1919)	1914	11 notícias	A Escola Doméstica de Natal: uma carta de Henrique Castriciano. Programa da Escola Doméstica de Natal: aprovado pela Instrução Publica. Escola Doméstica de Natal (sete notícias com o mesmo título, diferindo a data e o conteúdo). Uma carta de Henrique Castriciano. Uma Escola Moderna.
	1915	08 notícias	Uma rumaica em Natal Escola Doméstica (quatro notícias) O Ensino Doméstico
	1916	05 notícias	Escola Doméstica: início do ano letivo A Conferência de Henrique Castriciano Henrique Castriciano na Terra Santa Escola Doméstica de Natal A Educação da Mulher: o Rio Grande do Norte já possui sua École Menagère
	1917	02 notícias	Escola Doméstica de Natal Conselho da Liga de Ensino
	1918		Os jornais estão encadernados por semestres, as duas encadernações de 1918 estavam em condições inapropriadas ao manuseio.
	1919	13 notícias	Escola Doméstica de Natal (aparece onze notícias com o mesmo título, diferindo a data e o conteúdo). Educação Doméstica: um instituto modelar O ensino doméstico e o Rio Grande do Norte

Fonte: tabala elaborada pela pesquisadora com base no jornal *A Republica*.

Após leitura detalhada de cada artigo, fomos selecionando aqueles que contribuíam de modo direto com a (re)construção histórica do nosso objeto de estudo. Para tanto, o texto que tem como título *A Escola Doméstica de Natal: uma carta de Henrique Castriciano* ressalta, inicialmente, a relevância do projeto de uma escola destinada à formação da mulher, o que tem sido muito discutido no país, sendo esta uma instituição que difere da educação já ofertada em outros locais. Tal como pode ser visto no trecho do artigo destacado a seguir:

Imagem 07: Recorte do Jornal A Republica



Fonte: A Republica, 03 de março de 1914.

Não há, em toda a litteratura pedagogica do paiz, logar commum mais trilhado que esse da educação feminina; a imprensa e a rhetorica parlamentar o frequentam com assiduidade muito louvavel; todos, em principio, se interessam muito por isso, mas o facto, o facto evidente e indiscutivel é que, pondo de parte o ensino normal, mais ou menos bem comprehendido por ahi a fóra, a instrucção e a educação da mulher ainda hoje consistem, entre nós, em tocar piano, arranhar o francez, dansar errado e passear com vestido de veludo em dia de calor. (A REPUBLICA, 1914, p.6).

No entanto, a Escola Doméstica de Natal, segundo o autor do artigo, delineia uma reforma nesse sentido. Com um currículo baseado nas escolas suíças, busca preparar a educanda para ser dona de casa, ofertando a estas uma formação integral, abrangendo tudo que diz respeito aos cuidados com a família, mas com uma formação intelectual embasada nos preceitos da pedagogia moderna. Como pontuado na tabela 5, a carta de Castriciano destinada à redação do jornal foi publicada no dia 29 de maio de 1914. Ela pondera sobre a necessidade, no Brasil e em específico no Rio Grande do Norte, da criação de pequenas escolas industriais que incentivem o trabalho com a renda, uma das habilidades das mulheres nNorte-rio-grandense, a exemplo do que é feito em alguns cantões na Suíça e na ilha da Madeira, em Portugal. Para tanto, não se faz necessário desprender muitos recursos, apenas o interesse do poder público. Desse modo, detalha o projeto das escolas primárias industriais, tendo a Escola Doméstica de Natal como centro de formação. Conclui a carta destacando que o problema do Brasil não se restringe somente ao analfabetismo, mas à precariedade do ensino primário, que não tem uma preparação para o trabalho.

A edição de agosto de 1914 publicou o programa da escola, com este sendo aprovado pela intrução pública. No tocante às sete notícias que trazem como título *Escola Doméstica de Natal*, traçam o perfil da instituição que recentemente começou

a funcionar em Natal e apresentam o corpo docente e discente. O ultimo artigo que aparece na tabela 07, que data de 1914 diz respeito a uma matéria do correspondente do periódico *A Republica*, no Recife⁸¹. Sob o título *Uma escola moderna*, o texto articula um paralelo entre a nova escola fundada em Natal e as escolas domésticas na Suíça, sendo estas destinadas a educação da mulher no tríplece aspecto: pedagógico, físico e moral. Igualmente idealizada nesse tripé, a Escola Doméstica de Natal inicia seu funcionamento demonstrando que antes de reformas políticas, o Brasil necessita de reformas sociais.

Um dos textos publicados em 1915 se refere a uma carta encaminhada pelo Diretor da Instrução Publica, Manoel Dantas a Mr. G. Compoteka em Bucarest, na Romênia. Ao que nos fez entender, é uma carta em resposta a uma publicação feita, por Compoteka, sobre a vinda da Professora Helene Bondoc para dirigir a Escola Doméstica de Natal. Assim, Dantas esclarece que a referida professora foi contratada pelo ministro do Brasil em Berna, sendo esta uma solicitação do governo do Rio Grande do Norte. Enquanto membro da administração pública, contribuiu recebendo a professora em sua residência, por um ano. Quanto às notícias que tem como título *Escola Doméstica de Natal*, duas são referentes a abertura do ano letivo na escola e as outras, no que concerne o andamento das práticas educativas no âmbito da instituição. A matéria que trata do ensino doméstico é de autoria da professora Helene Bondoc e o texto esclarece os diferentes aspectos de um curso de economia doméstica⁸².

Para o ano de 1916 garimpamos 05 publicações, sendo duas referentes a uma viagem de Henrique Castriciano à Terra Santa. No geral, são dois textos que se diferem, visto que, um se trata de uma carta enviada de Jerusalém, pontuando diferentes aspectos de sua estada no referido país. O outro, escrito ao retornar a Natal, diz respeito a uma conferência no teatro Carlos Gomes, sendo esta publicada no periódico *A Republica*. Nos dois textos Castriciano se apropria dos conhecimentos adquiridos para discutir sobre a relevância da formação da mulher e, assim, ressalta as contribuições do ensino doméstico como meio de transformação social. Na compreensão do autor, a educação é vista como um processo amplo que abrange além

⁸¹ O artigo é assinado por J. Grilo, datado de outubro de 1914. Publicado no jornal *A Republica* em 09 de novembro de 1914.

⁸² Apresentamos de modo detalhado de que trata um curso de economia doméstica, quando discutimos sobre o corpo docente da Escola Doméstica de Natal.

de mudanças nos costumes, a formação social, política e econômica de uma comunidade.

Dois textos concernem em propaganda da escola, destacando o número de alunas e o trabalho das professoras em parceria com as famílias. No que se refere ao artigo *A Educação da Mulher: o Rio Grande do Norte já possui sua École Menagère*, o mesmo é uma entrevista com o Deputado Federal José Augusto, o qual pondera sobre incentivos que a administração pública tem tido sobre a educação, mesmo ainda sendo casos pontuais. Pode-se destacar o encerramento do ano letivo com um excelente rendimento, o que foi refletido nas festas escolares. Entre os incentivos, encontra-se já consolidada a Escola Doméstica de Natal como instituição que presta serviços à formação da mulher.

As duas notícias que nos foram possível ter acesso do ano de 1917 estão interligadas. Ambas tratam das mudanças no estatuto da Liga e pontuam uma reforma na escola, tendo a partir de então a possibilidade de receber sessenta alunas internas, com um número maior de semi-internas⁸³. Desca-se em seguida a contratação de sete educadoras norte-americanas, sendo uma para exercer o cargo de Diretora. Para tanto, contou-se com o auxílio financeiro do governo do estado⁸⁴.

Como destacado na tabela, os jornais do ano de 1918 estavam em condições delicadas ao manuseio e, assim, não foi possível ter acesso. Para o ano de 1919, encontramos onze notícias com o título de *Escola Doméstica de Natal*, diferindo no conteúdo e data de publicação. O primeiro texto, datado do dia 17 de fevereiro de 1919, é uma espécie de propaganda da escola, destacando o currículo, os professores e o perfil das educandas. Outro texto é uma nota que ressalta a chegada dos Estados Unidos da Diretora, à época, Leora James, juntamente com algumas professoras que por ela foram contratadas no referido país⁸⁵. A escola era monumentalizada pela imprensa local e nacional, o que pode ser confirmado com o teor das propagandas de divulgação das festas de abertura, encerramento do ano letivo e recepções oferecidas às autoridades, locais, nacionais e internacionais. Confirmamos este entendimento com os dois trechos do artigo que se segue:

Rabriram-se hontem os cursos da Escola Doméstica de Natal, inteiramente recomendados sob a direção de Miss James, a grande

⁸³ As alunas no sistema de semi-internato entravam na escola às 7h da manhã saindo às 18h.

⁸⁴ Período da Administração de Joaquim Ferreira Chaves Filho, 1914 – 1920.

⁸⁵ Tratamos detalhadamente desta notícia quando discutimos sobre o corpo docente da Escola Doméstica de Natal.

educadora norte americana que dispõe agora de um corpo docente completo, por ella, em grande parte escolhido na America do Norte, prédio vasto e apropriado, os favores do governo do Estado e dedicação ilimitada da Liga de Ensino.

[...] compareceram o exmo desembargador Ferreira Chaves, governador do Estado acompanhado do seu ajudante de ordens, camp. Luiz Julio, o senador Eloy de Souza, dr. Meira e Sá, dr. Henrique Castriciano, desembargadores Dyonisio Filgueira, Hemeterio Fernandes. Coroneis Pedro Fernandes e Romualdo Galvão. Presidentes, secretários e membros da diretoria da Liga do Ensino, dr. Manoel Dantas diretor geral da Instrução Publica e professores da Escola Cônego Dantas. Director do Atheneu e muitas outras autoridades. (A REPUBLICA, 13 de março de 1919).

A solenidade, segundo o redator do jornal, contou com a banda de música do estado. Uma recepção, em um dos salões da escola, foi oferecida aos convidados, seguida do discurso do presidente da Liga de Ensino, Meira e Sá.

Nessa direção, o periódico segue publicando algumas das práticas desenvolvidas no âmbito da Escola Doméstica. Desse modo, encontramos um artigo que trata da primeira aula de puericultura ministrada pelo professor Varela Santiago, tendo o mesmo proferido uma conferência sobre alimentação e educação das crianças destinada às alunas e convidados⁸⁶. A direção segue buscando fortalecer o papel da escola no estado e, assim, firma parceria com as famílias. Para tanto, reuniões, conferências e visitas às aulas de puericultura eram atividades frequentadas pelos pais das alunas.

As diferentes publicações, no período, nos fazem entender o movimento de fortalecimento da escola, tendo a Diretora Leora James como articuladora das atividades que envolvia a sociedade, em temas que exaltam a escola como espaço divulgador do higienismo e dos cuidados com a criança. Nessa perspectiva, a convite da referida diretora, o chefe do saneamento básico federal profere uma palestra sobre higiene. Os demais textos seguem nesta mesma perspectiva, igualmente discutindo as práticas educativas no contexto da escola e atividades ofertadas à comunidade. O ultimo artigo do período ressalta a festa de encerramento do ano letivo⁸⁷, a formatura das alunas, os trabalhos de conclusão de curso, a exposição detalhada dos mesmos no

⁸⁶ Entre os convidados se encontrava o governador Ferreira Chaves, o diretor geral da instrução pública, e, membros da Liga de Ensino.

⁸⁷ Publicado em mais de duas edições do periódico, trazendo detalhadamente os trabalhos desenvolvidos pela escola, bem como, o discurso do paraninfo que foi publicado numa página inteira do jornal. Para mais informações, ver: *A Republica*, edições de 22 de novembro e 26 de novembro de 1919.

teatro Carlos Gomes e o discurso do paraninfo, Oliveira Lima, já pontuado anteriormente em outro periódico da região.

Traçamos em seguida um panorama com base nos periódicos, jornais e revistas, do período de 1920 a 1929. A escola já estava consolidada, vivendo um momento de grandes investimentos, recebendo alunas de diferentes municípios do estado, dos estados vizinhos e de outras regiões do país.

Tabela 8: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais de 1920 a 1929.

Momento	Jornais	Periodicidade	Título do Artigo
Período (1920 – 1929)	O Paiz (RJ)	31 notícias	A mulher e o trabalho; Literatura e ação; Escola Doméstica de Natal
	Coleção de leis e províncias de Mato Grosso	22 notícias	Trata de publicações sobre o primeiro congresso de proteção a infância.
	O Jornal (RJ)	19 notícias	Escola Doméstica de Natal: diplomação das alunas; Dever da Capital da União no ensino público; Instrução feminina no Brasil.
	Diário de Pernambuco (PE)	15 notícias	Coluna: os estados, traz artigos sobre a educação no RN, em específico, a formação da mulher.
	Gazeta de Notícias (RJ)	11 notícias	As escolas femininas da Alemanha: já existe um magnífico exemplo no Rio Grande do Norte.
	Jornal do Commercio (RJ)	09 notícias	A educação da mulher: Escola Doméstica de Natal
	Jornal do Brasil (RJ)	07 notícias	Contra o alcoolismo: propaganda benéfica da Escola Doméstica de Natal
	Jornal do Recife (PE)	07 notícias	Escola Doméstica de Natal
	A Província (PE)	06 notícias	Escola Doméstica de Natal
	América Latina: Revista de Artes e Pensamento (RJ).	04 notícias	Educação Nacional: Escola Doméstica de Natal.
	O Malho	02 notícias	O ensino nos estados O ensino Profissional nos estados
	Revista Feminina (SP)	01 notícia	Rio Grande do Norte: Escola Doméstica de Natal

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

É interessante ressaltar que, para o período de 1920 a 1929, encontramos ao todo 186 artigos trazendo no título ou no conteúdo o termo *Escola Doméstica de Natal*. Tais artigos, sob o ponto de vista de nossas análises, se encontram assim distribuídos: artigos de autores vinculados, de modo direto, à própria instituição de ensino, dos quais são assinados por membros da liga de ensino, diretora da escola, professores; membros da administração pública do estado; correpondentes dos estados nos periódicos; alguns com autores não identificados; e artigos de órgãos públicos como Diretoria da Instrução Pública.

No que tange à seleção destacada na tabela 08, optamos por textos que nos trouxessem subsídios ao entendimento da representatividade da escola a nível local e nacional. Para tanto o artigo de título *A mulher e o trabalho* é um texto referente à conferência proferida por Betha Lutz⁸⁸ no congresso nacional de agricultura. Inicialmente, o autor critica o feminismo defendido por Lutz, mas não se posiciona contrário à emancipação política da mulher, bem como é favorável que a mesma trabalhe. Não obstante, para o autor o poder público tem sido falho na educação da mulher, formando no máximo algumas normalistas e, em casos raros, uma bacharela. O que pode ser compreendido na conferência de Bertha Lutz é que a conferencista apresentou exemplos práticos de experiências bem sucedidas em economia doméstica e economia agrícola, no que concerne ao trabalho feminino, em países da Europa e Estados Unidos, que poderia ser aplicado sem nenhuma dificuldade no Brasil. Em vista disso, ressalta que:

um pequeno estado, o Rio Grande do Norte, quando o governava com irrecusável sabedoria e alto senso prático o Sr. Ferreira Chaves, demonstrou que o problema é de solução fácilima. Lá está a Escola Doméstica de Natal como lição magnífica, mostrando um rumo, garantindo uma finalidade, exaltando um dever, abrindo caminho à mais bemfazeja das emulações. (ALVES E SOUZA, 1922, p.3)⁸⁹.

No trecho transcrito, já se percebe um incentivo ao ensino profissionalizante, recorrente nos artigos selecionados. Desse modo, a Escola Doméstica de Natal é tida como exemplo de instituição que prepara a mulher tanto para os cuidados com o lar, quanto para o trabalho, sendo esta categorizada como instituição de ensino secundário profissionalizante. Considerada a questão do momento, à época, como sugere o texto do jornal *O Paiz* de 1926, “*é assunto do congresso, jornais e nas tribunas, a*

⁸⁸ Traçamos o perfil de Bertha Lutz, das concepções feministas que a ativista defendia no tópico 2.3.

⁸⁹ O Paiz, 10 de outubro de 1922.

necessidade imperiosa da conveniente educação das moças e na solução do problema se impõe como parte maior a obrigatoriedade do ensino profissionalizante” (O PAIZ, 1926, p. 4).

Os demais textos compilados discorrem sobre o papel relevante da escola, como visto no artigo *As escolas femininas da Alemanha: já existe um magnífico exemplo no Rio Grande do Norte*. É um texto de Dioclécio Duarte⁹⁰ que no retorno de uma estada na Alemanha, escreve alguns artigos sobre a instrução pública no referido país, pontuando as últimas reformas no ensino. Entre os artigos publicados encontramos alguns referentes as escolas femininas alemãs, principalmente as que se ocupavam do ensino de economia doméstica e agrícola. Faz um paralelo entre as instituições alemãs que conhecera e a Escola Doméstica de Natal.

“Estamos perfeitamente convencidos que o Brasil, antes de reformas políticas precisa de reformas sociais, tais reformas porém, só se verificam por meio de uma educação sistematizada” (DUARTE, 1927, p. 1)⁹¹. É com o trecho ressaltado que o autor inicia seu artigo. Para tal, recorre às experiências que vivenciou na Alemanha e Suíça, conhecendo de perto os incentivos do poder público à educação. Assim, constatou em Zurique a influência de uma sociedade de mulheres encarregadas de manter uma escola de ensino doméstico⁹². Igualmente, isto estava sendo visto nos colégios para moças no estado da Virgínia, Estados Unidos. Ao passo que descreve a importância dada a formação da mulher em países da Europa e Estados Unidos. Apresenta a Escola Doméstica de Natal como modelo a ser seguido, por formar moças com exata compreensão do seu expressivo papel na sociedade. *“A Escola Doméstica de Natal, à semelhança das que existem na Suíça, deve ser para o legislador e para os estudiosos dos nossos problemas fundamentais, um ótimo ponto de observação”* (DUARTE, 1927, p.1). De mesmo modo, estabelece a importante relação entre família e escola. Assim, atribui papel central à família na missão de desenvolver o indivíduo,

⁹⁰ Nasceu em Natal, 1894, descendente de tradicional família de políticos e proprietários rurais. Com formação no Colégio Diocesano de Natal, Ateneu Norte-rio-grandense e Faculdade de Direito de Recife. Foi colaborador em diversos jornais e revistas literárias. Ainda acadêmico, organizou e dirigiu a Imprensa Oficial de Pernambuco. Embaixador do Brasil na Alemanha, deputado federal por quatro mandatos.

⁹¹ O PAIZ, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1927.

⁹² *“Haushaltungsschule, estabelecimento modelar, instalado em três grandes prédios e destinado a fornecer um curso completo, theorico-pratico de todos os conhecimentos a uma perfeita dona de casa”*. (DUARTE, 1927, p. 1).

pois o lar é o grande aliado da escola na formação integral – sem a contribuição desse não pode haver êxito completo na formação das novas gerações.

Desde o início do seu funcionamento, a Escola Doméstica de Natal apresentava-se à sociedade como uma instituição sem fins lucrativos, apesar da cobrança de uma mensalidade, que era iniciada com o pagamento de uma joia de entrada para assegurar a matrícula e um adiantamento das despesas da Escola com a aluna. Pelo motivo de ter a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte como entidade mantenedora, na Escola Doméstica, o discurso que predominava era que a instituição pretendia auxiliar o governo na expansão do ensino público, sendo esta de utilidade pública, o que nos foi possível confirmar nos artigos analisados e por isso as mensalidades cobradas ao seu corpo discente apenas serviam como forma de contribuição para a escola manter em dia as suas despesas diárias.

Na década de 1920 a Escola Doméstica era um dos poucos colégios femininos da capital do estado que recebia alunas internas. Fora o Colégio Imaculada Conceição, não havia internatos femininos, apenas poucas escolas para moças. Se elas desejavam prosseguir estudos, iam para o Atheneu, colégio misto e o mais frequentado da época. Fernandes (1973) afirma que não havia muito a escolher pelos pais que, residindo no interior, ou mesmo na cidade, quisessem mandar suas filhas, internas, para um educandário modelo:

Era, assim, adotado um critério bastante interessante. A maioria dos católicos, os mais fervorosos, preferia o Colégio da Conceição. Os protestantes, os ateus, os que não tinham uma vida religiosa muito intensa, escolhiam ou aceitavam a Escola Doméstica, se assim o pudessem fazer. (FERNANDES, 1973, p. 10).

Para os períodos seguintes, destacamos as três tabelas – 9, 10 e 11 – com os textos que aparecem nos jornais que conseguimos analisar. É interessante lembrar que o formato dos jornais se transforma ao longo do século XX – tamanho, número de páginas, diagramação, propagandas. Desse modo, compreendemos que as publicações que tratam da Escola Doméstica de Natal também tiveram significativas mudanças, tendo um número maior de propagandas, o que pode justificar um número crescente de publicações.

Tabela 09: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais de 1930 a 1939.

Momento	Jornais	Periodicidade
1930 a 1939	Diário de Notícias (RJ)	45 notícias
	A Ordem	37 notícias
	Diário de Pernambuco	34 notícias
	Jornal do Commercio (RJ)	13 notícias
	A noite (RJ)	09 notícias
	Jornal do Brasil (RJ)	08 notícias
	Jornal do Recife (PE)	07 notícias

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

O *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro publicou alguns textos que são de pessoas que tinham uma ligação com a Escola Doméstica de Natal. Desse modo, destaca o nome da instituição, mas não tratando da escola em específico. No periódico *A Ordem*, são propagandas da instituição ou algumas notas chamando atenção para a festa de formatura, ou início das aulas. Os demais jornais seguem o mesmo estilo, com notas breves em notícias do estado. Não obstante, o *Jornal do Recife* publicou alguns artigos discorrendo à despeito do problema do ensino no Brasil. Como uma das iniciativas aparece a escola de Natal destinada a educação feminina, em funcionamento há vinte anos.

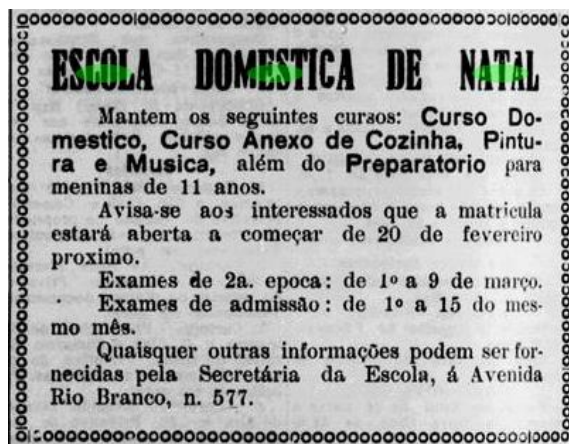
Tabela 10: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais de 1940 a 1949.

Momento	Jornais	Periodicidade
1940 a 1949	A Ordem (RN)	211 notícias
	Diário de Natal (RN)	73 notícias
	A Manhã (RJ)	12 notícias
	Correio da Manhã (RJ)	09 notícias
	Diário de Notícias (RJ)	07 notícias
	Cultura política (RJ)	02 notícias

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Observa-se na tabela que houve um aumento considerável no número de publicações. Contudo, aparecem alguns anúncios como o destacado a seguir:

Imagem 08: Anúncios da Escola Doméstica de Natal



Fonte: A Ordem, 1940, p. 3

Vale destacar a importância dada por esses periódicos às escolas dedicadas ao ensino doméstico, como no artigo que discute a fundação de escolas domésticas no México, do jornal carioca *Careta* (1935). O texto assimila a proximidade entre a Escuela del Hogar mexicana e a Escola Doméstica de Natal por ambas propagarem o ensino de puericultura e de higiene infantil, concorrendo para melhorar os índices de mortalidade infantil no país. Na esfera formativa, esta já atuava há mais de vinte e cinco anos, desempenhando papel relevante na educação do Rio Grande do Norte.

É certo que os artigos do Deputado Federal José Augusto⁹³, são textos políticos, que discorrem a respeito dos problemas sociais brasileiros, sendo a instrução pública parte indissociável nas suas publicações. Escrevia para diversos periódicos nacionais, entre estes *a Revista de Estudos Brasileiros: Cultura Política*⁹⁴. Em um dos seus textos, aponta exemplos bem sucedidos no tocante a educação da mulher, destacando que:

a educação popular desde muito vem merecendo cuidados e desvelos especiais no Rio Grande do Norte. Foi o primeiro estado do Brasil que deu prédios escolares construídos em harmonia com as necessidades e exigências higiênicas e pedagógicas, como foi também o precursor da educação da dona de casa, com a sua famosa Escola Doméstica de Natal, moldada na École Ménagère de Friburgo, Suíça. Tornada realidade, naquela cidade nordestina, desde 1914, portanto, há 30 anos. (MEDEIROS, 1946, p. 17).

⁹³ Presidente da Associação Brasileira de Educação, à época.

⁹⁴ Encontramos, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, edições da revista de 1941 a 1945.

Assim, no contexto das publicações, como já mencionado, tratam em sua maioria, das festas de encerramento de cursos e do início das aulas. São poucas que especificam as práticas no âmbito da instituição. Contudo, a nível nacional observamos uma discussão ampla a respeito da educação profissional e a economia doméstica, como forma de possibilitar à mulher o ingresso no mercado de trabalho, sem com isso, afastá-la do lar. Nas palavras de Nair Fontes, “*a preocupação cada vez maior de tornar a educação uma coisa real – educação como vida – tem levado os diversos países a preocupar-se com a questão do ensino doméstico*” (ABU – MERHY, 1943, p. 75)⁹⁵.

Tabela 11: Escola Doméstica de Natal em Periódicos Nacionais de 1950 a 1961.

Momento	Jornais	Periodicidade
1950 a 1961	Diário de Natal (RN)	136 notícias
	O POTI (RN)	101 notícias
	A Ordem (RN)	73 notícias
	Diário de Notícias (RJ)	15 notícias
	Diário de Pernambuco (PE)	11 notícias

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Cabe, finalmente, o período que encerramos nosso inventário. Conforme pode ser observado na tabela 11, há um aumento no número de periódicos locais, tendo, desse modo, mais notas informativas, tais como: período de matrícula da escola e exames de segunda época e exames de admissão. Por outro lado, observa-se uma diminuição no número de publicações à nível nacional.

José Augusto⁹⁶ escreveu vários textos na *Revista de Estudos Brasileiros: Cultura Política*⁹⁷. Em um dos seus textos, aponta exemplos bem sucedidos no tocante à educação da mulher, destacando que:

a educação popular desde muito vem merecendo cuidados e desvelos especiais no Rio Grande do Norte. Foi o primeiro estado do Brasil que deu prédios escolares construídos em harmonia com as necessidades e

⁹⁵ ABU – MERHY. A economia Doméstica e a reforma Capanema. In: *Cultura Política*, Rio de Janeiro, 1943.

⁹⁶ Presidente da Associação Brasileira de Educação, à época.

⁹⁷ Encontramos, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, edições da revista de 1941 a 1945.

exigências higiênicas e pedagógicas, como foi também o precursor da educação da dona de casa, com a sua famosa Escola Doméstica de Natal, moldada na École Ménagère de Friburgo, Suíça. Tornada realidade, naquela cidade nordestina, desde 1914, portanto, há 30 anos. (MEDEIROS, 1951, p. 35).

Na perspectiva do autor, as mulheres tinham como função primordial educar, sendo estas responsáveis por mudanças significativas na sociedade. Em outro texto publicado no periódico *A Luta Democrática: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar* (RJ), o referido autor aponta dois exemplos bem sucedidos no país, no que concerne à educação: a Associação Brasileira de Educação e a Escola Doméstica de Natal. A primeira já existia há 33 anos, realizou doze congressos e conferências em diversos estados e na capital federal, editou diversos trabalhos e uma revista pedagógica, contribuía com sugestões pertinentes nas várias reformas de ensino público brasileiro. A segunda exerceu seu papel de modo brilhante, nos 43 anos de sua existência, formando a mulher norte-rio-grandense.

O Jornal *Diário de Natal*, traz na edição de 1951 uma matéria acerca das impressões em relação a Escola Doméstica de Natal, a partir do livro de visita da instituição⁹⁸. Para o colunista Aderbal França, a escola tinha reconhecida a sua história nos quarenta anos de funcionamento ininterruptos e, desse modo, acentuava cada dia o verdadeiro sentido que a inspirou. Pondera ainda que:

criada para educar a moça brasileira nos problemas do lar, tomou para si a tarefa de iniciar um movimento que, até hoje reconhecido de grande efeito social, ainda é a única no país nas bases e nos métodos do seu programa. Esse conceito se reflete nitido na impressão que ela tem dado às mais ilustres figuras durante uma visita ou, melhormente, um almoço ou jantar preparado e servido pelas jovens educandas. (FRANÇA, 1951, p.7)⁹⁹.

Nessa direção, vale destacar a importância dada pela escola ao ensino direcionado às moças do interior, o que pode ser evidenciado no programa, “*preparar moças sobretudo para o interior, para que adquiram ações úteis de puericultura, horticultura, avicultura, enfermagem e outros conhecimentos práticos, capazes de orientá-las nos problemas da casa e das profissões rurais*” (FRANÇA, 1951, p.7).

⁹⁸ Um livro grande de capa preta, com inúmeras assinaturas e pequenos textos dos visitantes.

⁹⁹ FRANÇA, A. **Impressões da Escola Doméstica de Natal**. In: *Diário de Natal*, órgão dos diários associados. 1951, Natal RN.

Transcreve cinco¹⁰⁰ impressões deixadas no livro de visitas, as quais ressaltamos a seguir:

[...] cada lar que se forma é uma pedra do edifício da Pátria. Abençoados sejam, pois aqueles que, educando a mulher para a organização feliz do lar, preparam nesta casa, a solidez e a magestade do Brasil de amanhã. (CAMPOS *apud* França, 1928, p. 2).

[...] não é um louvor formal que deixo aqui, mas o testemunho do meu interesse por uma obra de tanta significação social como educativa, que aqui se realiza. A formação feminina para o lar e para a sociedade, sem excluir o preparo intelectual complementar.

(ALMEIDA *apud* França, 1959, p.2).

[...] A Escola Doméstica é mais do que uma realização: é uma ideia, tão perfeita nos seus objetivos, tão bela na sua essência, que soube organizar, manter e desenvolver tão notável instituição. (CLEOFAS & LAFER, 1951, p. 3).

De acordo com o exposto, entendemos que a Escola Doméstica de Natal desde a sua criação e em todo nosso recorte temporal, era vista, em âmbito local, regional e nacional, como referência no que tange a educação da mulher, tendo as suas práticas educativas como exemplo de trabalho que valorizavam aspectos diversos, dando ênfase à teoria, com o programa de ordem intelectual, com disciplinas de música, desenho, artes, química doméstica, física e matemática, quanto às de ordem prática, entre estas: puericultura, cozinha prática, medicina, anatomia. Assim, surpreendia pela amplitude do currículo, o incentivo à escrita com publicação em periódicos locais, como o jornal *O Lar*, de autoria das alunas, a revista *Pedagogium*, o jornal *A Republica*, *A Ordem* e o *Diário de Natal*. Participavam ativamente dos congressos sobre educação, economia doméstica, proteção à infância, pedagogia familiar e, desse modo, tinham contato com os problemas educacionais, culturais e sociais do estado, temas em voga na época.

Por um lado, estas mulheres participavam de um grupo social que, ao longo dos séculos, tem sido marginalizado, subordinado e excluído. Por outro, faziam parte de uma elite que tinha acesso a uma educação de qualidade, à informação e à possibilidade de fazer intercâmbios educacionais dentro e fora do país. Desse modo, assumiam uma posição dicotômica, excluídas e privilegiadas.

Pensar no modelo pedagógico vislumbrado pela Escola Doméstica de Natal é pensar no seu ideal de educação e no discurso que a compõe. Compreendemos que ao

¹⁰⁰ A primeira é de Humberto de Campos, datada de 1928, a segunda do, então ministro Renato Almeida, 1950, João Cleofas, ministro da agricultura e Horácio Lafer ministro da Fazenda.

enunciar uma educação moderna, estava implícita uma proposta permeada por um discurso estabelecido entre o que seria uma educação tradicional e uma educação baseada em novos métodos de ensino voltados para a formação de um sujeito participativo e mais atuante no âmbito social. O conceito de moderno incorporado na escola significava a ultrapassagem de uma educação considerada antiquada e tradicional, que enfatizava o respeito e à memorização dos acontecimentos pela busca de uma educação renovada em suas bases de organização pedagógica, principalmente nos seus métodos de ensino.

A passagem para a uma pedagogia moderna era vislumbrada junto às mudanças sociais, estruturais e econômicas advindas pelas necessidades impostas, na tentativa de ir consolidando-se gradativamente nas atitudes dos indivíduos com novos hábitos e costumes. O jogo argumentativo que se estabelece entre antigo *versus* moderno nasce do sentimento de ruptura com o passado, como assinala Le Goff (2003, p. 172), ao dizer que “*se por um lado, o termo moderno assinala a tomada de consciência de uma ruptura com o passado, por outro, não está carregado de tantos sentidos como os seus semelhantes ‘novo’ e ‘progresso’*”. Novo, para o autor, implica um nascimento, começo. A tentativa de romper com métodos tradicionais de ensino aplicados à educação das mulheres ensejou, na Liga de Ensino, e particularmente em Henrique Castriciano de Souza, a necessidade de fundar uma Escola Doméstica que trouxesse em seus fundamentos ruptura com os modelos de escola existentes no Estado. Entendemos que, naquele momento, a fundação da Escola Doméstica de Natal representou mudanças diante dos modelos curriculares de ensino das poucas escolas femininas existentes, consolidando uma mudança, o enriquecimento e a ampliação do que já estava estabelecido.

Ao recorrermos à imprensa pedagógica, objetivamos localizar publicações que tiveram algum conteúdo relacionado com a Escola Doméstica de Natal, na perspectiva que estas contribuíssem para o diálogo entre as fontes, de modo a se complementarem, tendo assim a possibilidade de (re)construção histórica da referida instituição. É certo que a maioria dos periódicos não eram folhetins educativos. Eles abordavam diversos assuntos, mas a educação era um dos temas presente em quase todos os periódicos analisados. No que se refere à análise dos textos, fez-se necessário entender os papéis desempenhados por aqueles que escreveram os artigos, quem eram estes atores, que

atribuições sociais, culturais, políticas, educacionais, administrativas, entre outras, eram por estes exercidas.

Essa questão também foi expressa por Marchão e Henriques (2018), indicando que, nas últimas décadas, a imprensa pedagógica assumiu um papel fundamental na produção e estruturação do pensamento pedagógico no âmbito da História da Educação. Os autores ponderam que a sua importância está ancorada às múltiplas possibilidades de investigação em diferentes temáticas no campo educativo, dado que aí vamos encontrar muitas informações e opiniões de interesse educativo. Existe uma multiplicidade de pesquisa associada à imprensa pedagógica, como um campo informativo, as questões relacionadas à identidade profissional, as práticas educativas no cotidiano das instituições, a circulação de ideias, as análises dos discursos por meio das publicações, entre muitos outros. Hernández Dias (2013) afirma que:

una publicación periódica puede ser considerada como pedagógica de forma específica cuando en su secuencia temporal mantiene un criterio de atención y estudio expresamente interesado en asuntos que afectan a los procesos de la educación, dentro de la institución escolar o en otras diferentes, pero también educativas y formativas (HERNÁNDEZ DIAS, 2013, p. 16).

Nessa perspectiva, a imprensa pedagógica tem trazido significativas contribuições para a reconstrução e interpretação da História da Educação e da História da Educação Matemática. No caso da Escola Doméstica de Natal, encontramos diferentes publicações que nos ajudaram a reconstruir e interpretar o seu percurso histórico.

2.2 CORPO DOCENTE E PRIMEIRAS DISCENTES: ASPECTOS INOVADORES NA CULTURA ESCOLAR DO RIO GRANDE DO NORTE

De acordo com Pinheiro (2005), a obra de Henrique Castriciano traz como eixo norteador a implementação do espírito moderno e do progresso na criação de um modelo social para a modernização do Rio Grande do Norte. Evidencia-se já no corpo docente – sendo este composto por educadoras vindas de outros países – da Escola Doméstica uma consonância com as concepções do seu idealizador. A justificativa era que as professoras formadas no estado, em sua maioria na Escola Normal de Natal, não tinham, em seu currículo, a formação exigida que possibilitasse atuar na instituição que idealizara, por ser esta, como posto, modelo de uma escola profissionalizante para

moças na Suíça. Nessa perspectiva, para exercer a função de docência na Escola Doméstica de Natal, de acordo com as concepções da Liga de Ensino, fazia-se necessário o domínio da escrita e da fala em mais de duas línguas, conhecer o programa de ensino proposto pela escola, e a respeito de educação e instrução feminina, bem como experiência em sala de aula.

Desse modo, as primeiras educadoras da Escola Doméstica, são de origem romena com formação na École Ménagère de Friburgo, Suíça. Foram seguidas por norte-americanas, alemãs, irlandesas e francesas. O recorte temporal ressaltado na tabela 10 é pontuado, por nós, como primeiro momento (1914 – 1926), tendo a administração professoras europeias e norte-americanas.

Tabela 12: Diretoras da Escola Doméstica de Natal – 1914 a 1926.

Período	Nome	Função	País de Origem
1914 -1917	Hélène Bondoc	Diretora	Romênia
1918 - 1922	Leora James	Diretora	Estados Unidos
1923	Allexandra Von Schimnielpfeig	Diretora	Alemanha
1924	Edwirges Schuller	Diretora	Alemanha
1925	Isabel Baird	Diretora	Irlanda
1926	Júlia Serivé	Diretora	França

Fonte: Liga de Ensino do Rio Grande do Norte – LERN.

Hélène Bondoc¹⁰¹ e Jeanne Negulesco¹⁰² permaneceram à frente da escola por mais de três anos. As educadoras chegaram ao Brasil um ano antes da escola iniciar suas atividades. Ao chegarem à Natal, como posto anteriormente, ficaram hospedadas, por um ano, na residência do Diretor da Instrução Pública, Manoel Dantas. O convívio serviu para familiarizar as duas professoras com o contexto local, diminuindo as dificuldades com a língua, o choque cultural e, desse modo, elas estariam melhor adaptadas ao estilo de vida dos moradores locais. De acordo com o Professor Edgar Dantas – Neto de Manoel Dantas – em conversa conosco, o mesmo ressalta que as

¹⁰¹ Nasceu na Romênia, mudou-se para a Suíça onde foi diplomada pela Escola Ménagère, Suíça.

¹⁰² De Nacionalidade Suíça, diplomada pela Escola de Friburgo, Suíça.

romenas de formação na Suíça não tiveram problema nenhum na casa do seu avô, tendo em vista que era costume a família falar francês à mesa.

É nesse período que as educadoras, dialogando com membros da Liga de Ensino, em específico Manoel Dantas, realizam modificações no currículo da escola fazendo adaptações tendo em vista as peculiaridades locais, a formação das alunas, que em sua maioria vinham das escolas primárias da capital e do interior.

A chegada das professoras ao estado era destaque na imprensa local e, nacional, como por exemplo, as matérias que encontramos nos jornais *A Província* (PE) e *A Republica* (RN):

De acordo com as instruções do governo do Estado, e devido aos bons officios do ministério do Exterior, o nosso ministro em Berna contractou primeiramente Miss Hélène Bondoc e Mlle. Negulesco, aquella para dirigir e leccionar algumas disciplinas e esta para prover as demais cadeiras. (A PROVINCIA, p. 4, 29 ago. 1914).

Com o título *Liga do Ensino*, o jornal *A Republica* destaca a chegada das professoras vindas da Suíça, uma para dirigir a escola e a outra para trabalhar com as disciplinas:

A Liga de Esino, creada nesta capital para promover, entre outros, o ensino domestico, começa a dar execução ao seu vasto e utilíssimo programma. Dentro em pouco, a Escola Domestica começará a funcionar. Há poucos dias, chegou nesta cidade, achando-se hospedada na residência do dr. Manoel Dantas, a diretora, da Escola Domestica mlle, Helena Bondoc, professora titular pela Escola de Friburgo, na Suissa, uma das mais afamadas da Europa, e contractada a pedido do Governo do Estado pelo nosso ministro em Berna, dr. Raul do Rio Branco. Mlle. Bondoc é uma pessoa da mais alta distincção e da mais fina educação, estando preparada com todos os conhecimentos e boa vontade necessários ao desempenho da sua elevada missão. (A REPUBLICA, 1913, p. 3).

A vinda das professoras para dirigir a Escola Doméstica de Natal foi também destaque nos jornais da Romênia, artigo traduzido e publicado, por um colunista anônimo, no jornal do estado do Rio Grande do Norte, *A Republica* de 1914, ressaltado a seguir:

O Jornal rumaico, Viitorul, de 5 de agosto, que se publica em Bucaresti, trouxe as seguintes notícias, epigrafadas – Uma Escola na América organizada e dirigida por uma rumaica. Quem poderia pensar que o ensino domestico em nosso paiz, relativamente tão novo, começasse a fornecer tão depressa pessoal didactico também para a America. Entretanto, a coisa é real porque isto aconteceu mesmo no inverno passado. Mlle Hélène Bondoc, bacharela diplomada pela

Escola do Estado de Bucaresti, é a primeira rumáica que foi contractada pelo governo de Natal, capital do Rio Grande do Norte, America do Sul, para organizar e dirigir a primeira escola domestica nessa parte do Novo Mundo. Nossa compatriota achava-se na Suíça para completar seus estudos e sua educação na Escola de Friburgo e na Academia de Lausanne, quando foi vista e contractada pelo dr. Manuel Dantas, Director Geral do Ensino Publico em Natal. O contracto foi feito em 1º de fevereiro de 1913 para cinco annos, com um ordenado de 8400 franco por anno. A Escola Domestica é organizada de conformidade com o modelo da Escola de Friburgo. Mlle. Bondoc estabeleceu o programma, que foi traduzido na língua portuguesa e publicado. Quando Mlle Bandoc chegou a Natal, o edificio da Escola apenas estava começando. Agora, está acabado e dotada com todo o necessário para o internato, tudo encomendado em França. A Escola abrir-se-á em 1º de janeiro vindouro. Até então, trata-se de contractar ainda uma rumáica diplomada pela Escola Domestica de Otelesanu de Bucaresti, e diplomada pela Escola de Friburgo. A coisa é muito honrosa para nós e quem pode imaginar a coragem e a confiança em si mesma e na sua educação pessoal que levou esta filha da Rumania, com 22 annos de idade, a fazer uma viagem ao paiz de além-mar, achando-se hospedada pela distinta familia do dr. Dantas. (A REPUBLICA, 1914, p.4).

Recorremos a uma citação um tanto longa por ela nos fornecer algumas informações relevantes ao nosso objeto de estudo, tais como: a formação das primeiras educadoras da escola, a faixa etária, a elaboração do primeiro programa de ensino da instituição, além de demonstrar algo inovador, duas moças viajando sozinhas a um país tão distante, objetivando exercer as funções educativas junto a uma instituição de ensino desconhecida, que ainda sequer tinha iniciado as atividades. Outro ponto relevante se refere à parte estrutural da escola, tendo em vista que é ressaltado no texto: “*está dotada de todo o necessário, mobiliário, dormitórios para o internato, tudo encomendado na França*”. Assim sendo, entendemos que a estrutura era condizente com as escolas de ensino doméstico modelo seguido pela escola de Natal.

Em agosto de 1913, *A Republica* publicou um artigo da professora Hélène Bondoc que discute sobre o ensino doméstico, o qual tinha como título *O que é a economia doméstica e o ensino ménangère*¹⁰³. Bondoc (1913) descreve que a economia doméstica é uma ciência relativamente moderna, podendo ser estudada de dois modos: teórico e prático. O ensino de economia doméstica, nas concepções da autora não se refere somente a adquirir a teoria da economia, mas a das ciências sociais, que com essa, se completam. Assim, no entendimento da educadora, a economia doméstica tem por finalidade empregar o tempo, a inteligência e o dinheiro, de modo

¹⁰³ Traduzido para o português como doméstico.

a possibilitar um útil emprego do tempo, resultado de uma boa formação e da cultura. Pondera que esta se encarrega de todas as questões relativas à administração e à direção de uma família. *“Governar uma família é regular a vida moral, e assegurar o funcionamento regular no meio social”* (BONDOC, 1913, p. 4).

Não obstante, Bondoc (1913) esclarece que a economia doméstica não se restringe somente às questões do lar, mas na sua parte teórica, ela é fundamentada nos princípios positivos da ciência. Fundamentos teóricos fornecidos conforme o caso, pelas ciências físicas e naturais, ou então pelas ciências políticas.

Cumpre lembrar que o ano de 1915 foi de adaptação de todos os que faziam a escola: as professoras, onze alunas e dois funcionários que ajudavam na organização e funcionamento. *“Nesse período, a língua era uma dificuldade a ser transposta, sendo mais necessário o esforço das romenas para entender a língua local”* (BARROS, 2000, p.119). As duas professoras ficaram na administração da escola por pouco mais de três anos.

Figura 9: Diretora Hélène Bondoc na Escola Doméstica de Natal



Fonte: BARROS, Eulália Duarte. Uma escola suíça nos trópicos: Escola Doméstica de Natal. Natal: offset Gráfica e Editora, 2000.

Destacamos na imagem 07 a educadora romena nas dependências da Escola Doméstica de Natal, o que pode ser a sala da direção, que conta com escrivaninha, gavetas, luminárias, mesinha com alguns livros, cadeira de um e dois lugares. A imagem é centralizada na professora, que demonstra sofisticação, com sapatos de

saltos, roupa elegante, mas trazendo certa simplicidade no modo de se sentar. No colo um livro aberto, passando a ideia que está folheando. A disposição dos móveis e o modo como a professora aparece sentada no centro transmite a ideia de um espaço de diálogo, por entendermos que não traz os típicos birôs, onde o administrador se posiciona sentado por trás sem ter maior contato com quem fala.

As romenas permaneceram na instituição até 1918, quando encerrou o contrato firmado com o governo do Rio Grande do Norte. Não tivemos acesso a nenhum documento que nos informasse se estas permaneceram no Brasil ou retornaram à Europa. Elas mantinham uma rotina de trabalho bastante intenso, visto que o número de alunas foi aumentando consideravelmente a cada ano, como ressaltado na publicação do jornal *A Republica* de 1916,

O numero de alumnas matriculadas este anno excede a frequencia do anterior, sendo para notar a extraordinária procura de admissão no internato, tendo sido obrigada mademoiselle Hélène Bondoc, digna directora do instituto a recusar algumas candidatas por falta de acomodações. (A REPUBLICA, 1916, p. 3).

A inovação da escola, por meio de suas práticas educativas, foi sendo difundida em todo Brasil, tendo a imprensa como mediadora da divulgação. No estado, as educadoras buscavam parceria, tendo o apoio logístico da Diretoria da Instrução Pública e dos demais membros da Liga de Ensino. Assim, realizavam conferências sobre economia doméstica, puericultura, higiene do lar, combate ao alcoolismo, entre outros, outros que despertavam o interesse da população, tendo sempre a escola como referência.

Neste contexto, em 1918 a Escola Doméstica de Natal passa a ser administrada pela professora norte-americana Leora James, graduada pela Columbia University¹⁰⁴, tendo experiência em escolas na Virginia. De acordo com Lima (2004) o contrato da norte-americana começou a se delinear quando, em 1917, Henrique Castriciano foi proferir uma palestra em Recife a respeito da educação da mulher no século XX e as práticas desenvolvidas no âmbito da Escola Doméstica de Natal. Ao final da palestra, entre os convidados, conversa com uma missionária presbiteriana, que se apresenta a Henrique Castriciano. Assim, buscou falar do seu trabalho como missionária religiosa em Recife e do interesse que tinha em conhecer o trabalho desenvolvido pela Escola

¹⁰⁴ A Universidade de Columbia foi fundada em 1754 como King's College pela carta real do rei George II da Inglaterra. É a instituição mais antiga de ensino superior do estado de Nova York e a quinta mais antiga dos Estados Unidos.

Doméstica de Natal. À convite de Henrique Castriciano, Leora James esteve em Natal conhecendo de perto o trabalho desenvolvido pela escola.

Desse modo, a educadora norte-americana assume a direção em 1918 e logo em seguida viaja aos Estados Unidos para contratar algumas professoras. De retorno ao Brasil, vieram com ela também as professoras¹⁰⁵: Stella Minor, doutora pela Universidade de Missouri, encarregada, antes de vir para o Brasil, pelo governo dos Estados Unidos, de trabalhos especiais de análises químicas no departamento de alimentação. A professora Stella foi contratada para o curso de Economia Doméstica; Professora Elsie Stoltz, graduada pela Escola Normal da Califórnia e pela Universidade da Califórnia e diplomada pela Universidade de Nova York responsável pelo curso de costura, confecções, aritmética, álgebra e geometria.

Nesse mesmo grupo estavam as professoras: Ada Viele, diplomada pela Escola Normal da Carolina do Norte e diretora da mesma escola, assumiu o curso preparatório da Escola Doméstica; Alice Rivers, diplomada em agricultura pela Escola do Estado da Geórgia, responsável pela parte de jardinagem, leiteira e cursos externos à escola; Lola Stephens, graduada pelo Stockton Business College da Califórnia, especialista em trabalhos de escritório, atuava na cadeira de contabilidade, cuidando também dos trabalhos práticos. Rosa James, graduada pela Escola Superior de Rocky Mount, da Carolina do Norte, enfermeira diplomada e registrada no *Watts Hospital* – Carolina do Norte – encarregada dos arranjos internos da Escola Doméstica e de auxiliar do curso de puericultura; finalmente, Moud Latckow, exímia violinista, diplomada pela Universidade de Chicago, admitida para aulas de música.

Leora James foi uma profissional que marcou o seu período na escola em Natal. Reformulou o currículo¹⁰⁶, passando a ter dois anos de curso preparatório e quatro de ensino doméstico. Estabeleceu rotinas de estudos com elevados padrões acadêmicos, impulsionou parcerias com as famílias tendo como perspectiva a contribuição destas na educação das filhas. Mudou a faixa etária de ingresso na escola de 15 para 11 anos, mantendo as meninas inicialmente no curso preparatório, que, de acordo com ela, as alunas chegavam à escola com uma formação precária. No que diz respeito ao aspecto

¹⁰⁵ Lista de professoras norte-americanas contratadas em 1918, tendo como referência arquivos presentes no museu da Escola Doméstica de Natal.

¹⁰⁶ Tratamos em específico das mudanças no currículo da escola no capítulo quatro.

intelectual, estas cursavam o primário nos grupos escolares da capital, ou vinham do interior do estado, que em sua maioria frequentavam as escolas isoladas¹⁰⁷.

Além disso, estabeleceu regras disciplinares e rotinas do dia-a-dia que foram essenciais para a consolidação do projeto educacional idealizado por Henrique Castriciano, o qual objetivava possibilitar à mulher, por meio da educação, assumir o seu papel na vida da comunidade, de forma ativa e atuante, sem perder os atributos naturais e próprios da natureza feminina.

Leora James esteve à frente da administração da Escola Doméstica de Natal de 1918 a 1922. Sua estada em Natal coincide com o período de fortalecimento da missão presbiteriana no estado e o crescimento da religião na cidade, com a inauguração da igreja presbiteriana na Cidade Alta, nas proximidades do bairro da Ribeira. Como posto, sua administração foi marcante na rotina da escola. É nesse período que o programa de algumas disciplinas consideradas da área intelectual passou por mudanças e as de ordem prática foram sendo adaptadas aos costumes e experiências da cultura norte-americana. No tocante às disciplinas intelectuais, observamos que foi durante a administração de Leora James que o currículo de matemática sofreu algumas modificações. Até 1918 o programa de ensino da escola contava somente com a cadeira de Aritmética, mas após adaptações, passou a contar, também, com as cadeiras de geometria, álgebra e desenho.

Noilde Ramalho em entrevista ao professor Dalidier da Cunha Lima¹⁰⁸, ressalta que Leora James se mostrou competente, promoveu a escola em âmbito nacional e implementou inúmeras mudanças. Foi austera, manteve-se no cargo com muito zelo e dignidade até o final do ano de 1922. Solicitou seu desligamento dos quadros da instituição ao ser vítima de preconceitos com a sua religião, afastando-se, assim, definitivamente de Natal.

A Escola Doméstica de Natal não era uma instituição confessional, as alunas tinham liberdade para escolher ir aos domingos à missa, costume das moças natalenses, à época, ou ao culto presbiteriano acompanhada das professoras norte-americanas, ou não sair da escola e receber a visita da família. Por se declarar uma escola laica, a instituição recebeu algumas críticas de populares da cidade, bem como de periódicos

¹⁰⁷ Escolas que funcionavam na zona rural pertencentes aos Grupos Escolares.

¹⁰⁸ Entrevista concedida e publicada no seu trabalho de Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

a nível nacional. Já em 1921, após dois anos que a escola contava com um grupo de norte-americanas no seu quadro, todas ligadas à missão presbiteriana, encontramos no jornal *A União* um artigo que destaca o americanismo na educação doméstica da escola em Natal. Trazia críticas à educação desenvolvida no âmbito da instituição, por esta possibilitar às moças uma formação integral, intelectual e prática. Para o autor do texto, a formação da dona de casa poderia ser realizada pelas mães de família. Pontua que as brasileiras do norte¹⁰⁹ estavam se assemelhando às norte-americanas que se dedicam a questões fúteis:

A mulher de hoje, na America, preocupa-se o lawn-tennis, o cinema, o teatro, o baile, o footing, a exibição de trajos indecorosos e mais que isso, a futilidade do salão, o aprumo espetaculoso na igreja, a recitação de banalidades em verso, o carnaval com todo o seu cortejo de misérias, a leitura de baixeza que lhe agucem o espírito para aventuras tortas, o espelho, a cadeira de balanço e as estafadas teclas dum piano. (A UNIÃO, RIO DE JANEIRO, 16 de julho de 1919).

Desse modo, Leora James e as professoras ligadas ao serviço missionário presbiteriano no Nordeste do Brasil, em específico Natal, receberam inúmeras críticas por sua religião. Foram acusadas de doutrinar as alunas.

Lima (2004) afirma que em um estado de maioria católica, por preconceito ou por errôneo entendimento dos fatos, difundiu-se a notícia de que a diretora estava incentivando as alunas ao protestantismo. Confirmamos algumas dessas críticas na edição do periódico, *A União* (RJ) de 1919. O texto do jornal destaca os comentários do general Cardoso de Aguiar deixado no livro de visitas da escola e publicado no jornal *A República*, o qual ressalta que “*é profunda a alegria de ver que na minha pátria já se cuida com carinho da educação nacional das nossas caras patrícias, futuras mães de família garantia da prole forte e generosa capaz de assegurar o destino do Brasil*” (AGUIAR, 1919, p. 4). Comentando a impressão do militar, o autor do artigo faz inúmeras críticas, entre estas, o fato da direção da instituição estar entregue a uma pastora protestante norte-americana:

O ilustre militar ignora certamente o que é a Escola Doméstica de Natal e a que se destina. Nós vamos dizer mais uma vez. É uma arma de desnacionalização, de que se estão servindo alguns estrangeiros para, aqui exercerem mais facilmente o seu domínio. É um foco de

¹⁰⁹ Costume, à época, chamar os estados do Nordeste de Norte.

protestantismo contra o qual se devem precaver todos os bons brasileiros. Se o ilustre general, ao invés de ir imediatamente a escola estrangeira, quisesse tomar informações dela com qualquer pessoa do senso na capital do Rio Grande do Norte, acabaria por se convencer da verdade que aqui deixamos pela décima vez. (A UNIÃO, Rio de Janeiro, 1919).

O periódico censura a escola por esta não ser confessional e aceitar alunas de vários credos, bem como aquelas que eram protestantes. O jornal *A União* (RJ) era uma publicação católica, com correspondentes em vários estados brasileiros, a exemplo, no Rio Grande do Norte. A escola passou a ser alvo de muitas críticas. O periódico segue apontando as práticas educativas como condenáveis a uma moça de família, entre estas, as apresentações no teatro, as aulas de canto, de piano, ginástica, bem como as disciplinas ligadas à parte intelectual.

Compreendemos que o problema era mais voltado à questão religiosa. As professoras estavam à frente da missão presbiteriana em Natal, havendo, no período a expansão da referida igreja, provocando conflitos com dirigentes católicos. O trecho destacado a seguir, demonstra um pouco do tom que foi sendo dado:

parece que alguns cavalheiros da capital do Rio Grande do Norte, aliás mui bem intencionados, não querem convencer-se de que a Escola Doméstica de Natal é herética. E por isso não levam a bem que nós daqui avisemos os cathólicos nesse sentido. De fato a confusão maior é a daquelle que não sabe vêr. Mas nós vamos já pôr lhe uns óculos. O correspondente do Jornal Baptista, desta cidade, mandou e o jornal publicou a seguinte notícia: Tive ocasião de visitar a Escola Doméstica de Natal confiada a sábia direcção da inteligente e esforçada Miss Leora James. Dá prazer conhecer o progresso desta Escola, que está causando cuidados e ciumes ao bispo, que lhe tem movido uma guerra de extermínio. Sempre que vou a Natal volto cheio das mais bellas impressões. Já está na mente dos irmãos alli o projecto da construcção de um templo baptista. Que Deus abençoe, A prova é contudente, e cremos que não pode restar mais duvidas sobre a natureza e fins do estabelecimento que a sra James dirige. (A UNIÃO, Rio de Janeiro, 1922).

Em meio a inúmeras críticas, tendo algumas alunas concluído o curso, – sendo estas as primeiras a receberem o certificado de donas de casa – após a festa de formatura, Leora James decide se afastar da direção da escola e de Natal de modo definitivo. Segundo Lima (2004), em ocasião da festa de formatura das alunas concluintes de 1922,

a referida diretora, convida como paraninfo o governador do estado¹¹⁰, o mesmo recusa, deixando claro o motivo:

senhora professora, eu tenho o maior apreço pela Escola Doméstica e, especialmente pelo seu fundador, Dr. Henrique Castriciano. Entretanto, estou sabendo que a senhora tem feito proselitismo junto às alunas, tentando atrain-las para sua religião. Tem uma condição para a minha presença na solenidade, a ausência da Diretora. (RAMALHO *apud* LIMA, 2004, p. 54).

Lima (2004) destaca que esse diálogo foi contado muitos anos depois à professora Noilde Ramalho pela própria Leora James, quando as duas se encontraram no Rio de Janeiro, tendo a educadora norte-americana revelado que essa ríspida conversa com o Governador representava uma das maiores decepções da sua vida, principalmente pela injustiça cometida.

Após deixar a escola e a cidade de Natal, Leora James se mudou para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na Escola Rivadávia Correa e participou da criação da escola Aureliano Leal. Mudou-se para os Estados Unidos e, após ficar viúva, retornou ao Brasil, passando a desenvolver suas atividades educacionais em uma fundação no Espírito Santo. Algumas publicações de periódicos apontam a professora como integrante da comissão que organizou ensino de desenho nas Escolas de Aprendizizes Artífices, como por exemplo, a publicação que se segue,

(...) o ministro da Agricultura nomeou duas comissões para o concurso destinado a apresentação de originais brasileiros para as cadeiras de desenho, a serem adaptadas nas Escolas de Aprendizizes Artífices. A comissão organizadora do concurso será composto dos srs. Nereu Sampaio, presidente, e professores Moreira Junior, Morales do los Rios Filho e Elisiario Bahianna, desenho geral e modelagem; mestres Tibyrica de Oliveira, João Rodrigues e Alfredo Pinheiro Soares, desenho Industrial; professores Benevenuto Ribeiro Monteiro, Mabel Lacombe e Leora James, desenho e texto sobre rendas costuras, bordados, chapéus e flores; professores Henrique Lima, Isabel Mendes e Theophilo Moreira da Costa, desenho e texto sobre trabalhos manuaes em papel, cartão, corda, graphia e vime. (GAZETA DE NOTÍCIAS (RJ), 4 de dezembro de 1925, p.2).

Após a saída de Leora James, assumiu a professora Allexandra von Schimnielpfeig, de origem alemã, ficando pouco tempo em seu cargo. Consta nos documentos analisados que ela seguiu o programa de ensino adotado pelas norte-

¹¹⁰ Antônio de Souza, de tradicional família católica.

americanas, tendo o mesmo quadro de professores. Os jornais publicam a mudança de direção da escola, ao exemplo do periódico *A Republica*, de 1923, que traz o artigo *Escola Doméstica de Natal*, o qual é destacado abaixo:

Assumiu a directoria deste utilíssimo estabelecimento a distincta educadora allemã Alexandra de Schimmelpfeng, em substituição de Miss. Leora James, formosíssimo espirito a quem a Escola deve serviços que serão sempre lembrados com profundo reconhecimento e sincera admiração por todos quantos acompanharam a evolução desse instituto no ultimo lustro. Dona Alexandra, ao que nos informa, é uma professora de grandes conhecimentos theoricos e práticos, sendo diplomada em sciencias pela Escola Superior de Hanover e em belas artes pela Escola de Munick. (A REPUBLICA, 1923, p.4).

A contratação da professora se deu por meio do embaixador¹¹¹ do Brasil na Alemanha. A justificativa da Liga de Ensino para contratação da professora Allexandra vem por meio dos jornais. Para tal, publicaram alguns artigos apresentando um panorama geral das reformas educacionais na instrução pública da Alemanha. Ao passo que a LERN discute a educação alemã, reforça o discurso das contribuições de uma educadora formada no referido país traria a formação da mulher norte-rio-grandense. A professora Allexandra não falava português, somente alemão e francês, o que pode ter dificultado sua convivência com as alunas. Assim, o diálogo com as alunas e professores se dava em francês, bem como parte das receitas¹¹² utilizadas no cotidiano da cozinha, pois sua língua materna, o alemão, não era falado na escola, “*conhecia-se apenas dois professores na cidade de Natal que falavam fluentemente o alemão: Dr. José Tavares e Dr. Raul Fernandes* (FERNANDES, 1973, p.10). A professora Allexandra ficou somente um ano na direção da instituição e não se sabe ao certo se a mesma não conseguiu se adaptar a cultura e costumes locais, ao mesmo tempo que as discentes também sentiam a mudança com a saída da professora Leora James.

Após a saída da professora Allexandra von Schimnielpfeig, assumiu a professora Edwirges Schuller, filha de alemães, nascida no Brasil e educada na Alemanha. Fez poucas modificações na instituição e esse fato pode ser justificado pelas dificuldades financeiras que a escola estava passando nesse período. Dificuldades estas associadas à baixa quantidade de alunas que a instituição recebia à

¹¹¹ Dioclécio Duarte.

¹¹² Tendo como base o caderno de receitas de uma aluna – datado de 1923.

época. Rodrigues (2007) pontua que esse fator pode ser interpretado devido os altos custos que era exigido para manter as alunas na escola, de modo que no ano de 1923 a instituição teve somente duas alunas diplomadas, enquanto em 1924 não teve nenhuma.

Edwiges Schuller¹¹³, formada pela *Wirtschaftliche Frauenschules*, instituição em *Wurtemberg – Stuttgart*, tinha curso de humanidade no liceu de Bruxelas e curso superior de artes domésticas na Alemanha. Atuou como diretora e professora de ginástica e ficou apenas um ano no cargo. Foi substituída pela irlandesa Isabel Baird, que residia, há anos, com esposo e filhos, no Rio Grande do Norte, sendo muito conhecida como ótima educadora. Faleceu antes de completar um ano na direção. Posteriormente assumiu Júlie Serivé (1926). Esta realizou algumas mudanças importantes no currículo, adicionando disciplinas que se aproximavam da realidade local, incentivando o trabalho com bordados e rendas. Tinha uma base teórica sólida, discutia autores como Platão, Emmanuel Kant, Hebert Spencer, Rosseau e Pestalozzi, como afirma Barros (2000), com base em documentos da instituição.

De acordo com matéria publicada no periódico *Maria* (PE), a docente Julie Serive, nascida a 27 de setembro de 1865 em Chaville (França), veio para o Brasil no ano de 1887 e desde então se dedicou a trabalhar com a educação de jovens no Educandário Coração Eucarístico do Recife até 1895, quando seguiu para o estado da Paraíba, onde dirigiu, durante algum tempo o Colégio Nossa Senhora das Neves. Em 1924 foi convidada a trabalhar em Natal na Escola do Commercio e Escola Doméstica, voltando ao Recife em 1929 para dirigir o curso do Commercio do Educandário Eucarístico, quando veio a falecer em 1934 aos 69 anos de idade.

Com Julia Serivé, em 1926, termina o ciclo das diretoras que tinha nacionalidade e formação na Europa ou nos Estados Unidos na Escola Doméstica de Natal. Vale lembrar que as europeias e norte-americanas não somente ocuparam funções de direção, porquanto muitas vieram exclusivamente para o ensino de disciplinas.

A tabela que pontuamos a seguir traz o grupo de Diretoras o qual tratamos como segundo momento, tendo em vista que foi a partir de 1926 a nova fase da escola com adaptações das brasileiras como administradoras da instituição.

¹¹³ O contrato da professora se deu por intermédio do embaixador do Brasil, Dioclecio Duarte, na Alemanha. Atendendo uma solicitação do governador do estado, José Augusto.

Tabela 13: Diretoras da Escola Doméstica de Natal – 1927 a 2019.

Período	Nome	Função
1927 - 1929	Maria Emíliana Silva	Diretora
1930 – 1935	Caetana de Brito Guerra	Diretora
1936 - 1943	Alix Ramalho Pessoa	Diretora
1944	Amélia Bezerra Filha	Diretora
1945 – 2010	Noilde Pessoa Ramalho	Diretora
2011	Margarida Cabral Morgantini	Diretora
2012 – 2013	Ângela Guerra	Diretora
2014	Zoraide Gomes Accioly	Diretora
2015 – 2019	Lucilla Ramalho Pessoa de Lima	Diretora

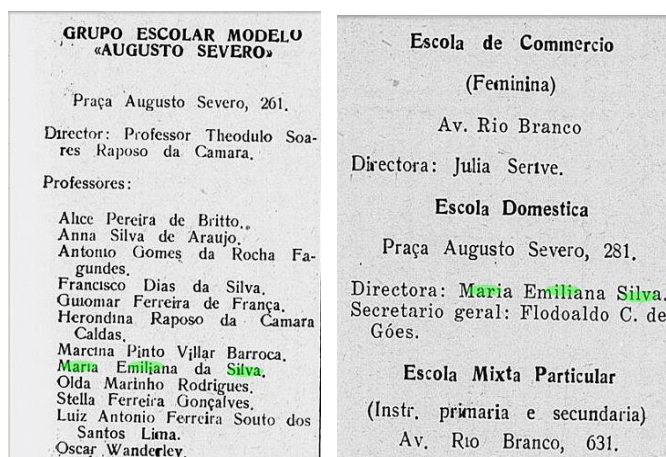
Fonte: arquivos da Escola Doméstica de Natal.

O ciclo das diretoras brasileiras teve início no ano de 1927, com a Professora Maria Emília, o que destacamos como segundo período, de 1927 – 2019. A primeira delas é Maria Emiliana Silva (1927-1930). Diplomada pela Escola Normal de Natal, objetivou fazer alterações no currículo a fim de, como explicita Rodrigues (2007), manter a tradição da instituição. Consta sua presença na instrução pública do estado já no ano de 1910, como ressaltado no artigo que se segue:

Instrução publica:
Professoras publicas:
 D. Maria José Vianna, da escola do sexo masculino.
 D. Angela da Rocha r'reire, da escola do sexo feminino.
 D. Aurea Gomes de Sousa, da escola mixta.
 D. Maria Emiliana da Silva, da escola mixta.

Fonte: Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial. Publicação de 1910.

Encontramos mais dois artigos no referido *Almanak* que trata da instrução pública e privada no estado do Rio Grande do Norte, o qual resalta a professora Maria Emiliana da Silva, tanto na administração da Escola Doméstica quanto no corpo docente do Grupo Escolar Modelo: Augusto Severo.



Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial.
Publicado em 1929

Em 1930, a escola passa a ser dirigida pela professora Caetana de Brito Guerra (1930-1935). Como posto anteriormente, a referida diretora foi diplomada pela Escola Doméstica de Natal e possuía curso de aperfeiçoamento de um ano em instituições de ensino doméstico agrícola na Bélgica. Barros (2000) afirma que as dificuldades enfrentadas pela escola naquele período foram por diversos aspectos, entre estes o movimento revolucionário de 1930, a intentona comunista e os impactos na cidade de Natal. Outro fator que talvez tenha mudado as perspectivas de ingresso das discentes na instituição pode ter sido ocasionado pela reforma Francisco Campos em 1931, pela falta de flexibilidade do ensino profissionalizante, pois ao concluir o curso técnico profissional, o aluno somente poderia dar continuidade aos estudos no ramo profissional correspondente. É importante assinalar que a Escola Doméstica seguia essa mesma perspectiva, tendo em vista que nesse período não possibilitava o ingresso das discentes em instituições de ensino superior.

Documentos da instituição, como o Boletim comemorativo de 50 anos da Escola Doméstica de Natal (1914 – 1964) explicita que “*muitas foram as dificuldades de ordem econômica e financeira*” (p. 10) que a diretora Guerra enfrentou. Segundo Barros (2000), a escola, nesse período, apresentou uma intensa evasão de alunas, de modo que em 1930 a instituição que contava com noventa e duas alunas passa a ter, em 1931, trinta e nove. O número de diplomadas em 1930, embora maior que os dos anos anteriores, foi apenas de 10 alunas, conforme apontam os dados encontrados em um totem, na entrada da escola, com a lista de todas as formandas, por ano de conclusão.

Alix Ramalho Pessoa (1935-1944) assume a direção, em 1936. A educadora foi diplomada pela Escola Doméstica com aperfeiçoamento na Bélgica. Esteve por nove anos no cargo. Além de assumir a administração da instituição, a referida diretora também atuou como professora de Leitaria e Cozinha Artística. Barros (2000) destaca que Alix reforçou o trabalho realizado por Santa Guerra no tocante a educação doméstica rural, puericultura e cuidados com a família, se afastando cada vez mais da perspectiva de trabalho desenvolvida pelas norte-americanas, que tinha um viés de racionalidade científica.

A Ribeira continuava centralizando os espaços sociais, econômico e político de Natal, sendo este, cenário das decisões políticas, ambiente onde se firmavam os negócios, discutiam e decidiam sobre a vida da cidade e se faziam boas amizades. Os investimentos na saúde pública com os serviços de água, divulgados na imprensa local, a construção do Grande Hotel e a instalação do primeiro elevador conferem à Natal um aspecto de cidade urbanizada. É também do ano de 1939 a inauguração da primeira Agência de Comunicação *Western Telegraph Co*, em Natal, e a décima quarta no Brasil. “*Receber um telegrama Western era expectativa e alarmante pela gravidade ou urgência da mensagem*” (BARROS, 2000, p. 50).

A Segunda Guerra Mundial teve início em 1939. O Brasil não entrou de imediato no conflito, isto se deu somente após acordos firmados entre Brasil e Estados Unidos. Natal, por ser considerado como local estratégico pela proximidade da África, foi confirmada como ponto de apoio dos aliados, tendo a Base Aérea de Parnamirim como espaço determinante – chamada até hoje de “Trampolim da Vitória”. A Guerra não trouxe estragos ou dificuldades à cidade, mas mudanças foram percebidas, tanto no aspecto físico quanto em relação aos costumes:

(...) o dólar foi conhecido, manuseado; enlatados foram conhecidos e consumidos; a coca-cola conhecida e saboreada. Pela capital do Rio Grande do Norte passaram os Presidentes dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, e do Brasil Getúlio Vargas. Artista de cinema e de teatro como: Tyrone Power, o referencial de beleza e “sex – apeal” das mocinhas e das nem tão mocinhas. Humphrey Bogart e o seu charme do “play it again” de Casablanca; as pernas e a voz de Marlene Dietrich, a beleza de Lana Turner. No United States Organization (USO), eram exibidas as grandes orquestras de Tommy Dorsey e Glenn Miller, nos “blue” dolentes de “Moonlight Serenades” dançando cheek to cheek em amistoso e rápido conagraçamento entre americanos e natalenses. (BARROS, 2000, p. 56).

Evidencia-se, por meio dos documentos analisados, que a Escola Doméstica de Natal buscou se adaptar à rotina dos novos costumes do bairro. Desse modo, viveu a guerra entre hesitante e surpresa¹¹⁴.

A rotina foi mudada, cortinas escuras foram colocadas em suas janelas, aprendeu-se a viver em penumbra, ao toque de recolher, a poupar numa economia de guerra. (...) O vocabulário da cidade foi enriquecido com palavras como: jeep, fox, show, dólar, Yankees, Money, drink, cocktail, big, jazz, short, boy, miss, snooker, speaker, how much, boy friend, golf, bridge, relax, whisky on the rocks. No entanto, as palavras mais faladas eram: blackout, all right, ok e slack, pelos significados e necessidades de usá-las. (BARROS, 2000, p. 58).

Segunda a autora, o *blackout*, era utilizado como obrigação de sobrevivência e dever do cidadão, o *ok* e *all right* para o provável entendimento e pleno consentimento, e *slack* aportuguesado para sileque, veio com mudança da indumentária masculina saindo do desconfortável paletó, para uma camisa descontráida usada por fora das calças.

O Rádio surgiu no Brasil em 1922, mas foi somente na década de 30 que se torna mais acessível no Rio Grande do Norte. Natal, em 1938, contava com vinte e dois alto-falantes espalhados por todos os bairros da cidade. Em 1941, instalou-se a Rádio Educadora de Natal (REN), com o prefixo ZYB – 5 e o noticiário da guerra ocupava a maior parte de sua programação. Nesse ano, Ary Parreiras assumiu a direção dos serviços da construção da Base de Natal. Neste mesmo ano, o General Cordeiro de Farias assume o Comando da 2ª Brigada de Infantaria, que organizou a defesa da cidade, atravessando a época mais intensa da guerra. Os referidos militares tinham uma preocupação maior com a segurança dos estabelecimentos educacionais que se encontravam nas proximidades do Porto de Natal, assim sendo, a Escola Doméstica recebia com frequência a visita dos referidos oficiais.

Os cardápios da escola foram adaptados para possíveis emergências, e com alimentos mais acessíveis. Sabe-se, por meio das fontes analisadas, que a maioria das recepções, reuniões e encontros aconteciam nas dependências da escola doméstica, por esta contar com espaços apropriados. “As aulas continuavam, seguia-se o currículo com a mesma competência e presença dos professores, ordem e disciplinas das alunas” (BARROS, 2000, p.120). Contudo, algumas matrículas foram canceladas e

¹¹⁴ Ainda hoje os guias da cidade, ao contarem um pouco sobre a cidade no período da Segunda Guerra explicam como as alunas da Doméstica, como a instituição é conhecida em Natal, se comportavam.

um bom número de alunas do interior voltou para casa, ou para outros estados, tendo em vista que para as famílias era mais prudente. “*Quando a sirene era confundida com as trombetas do Apocalipse, e as espadas de luz dos holofotes rasgavam e vasculhavam o céu de Natal, a cidade se apagava e se calava, em exercícios de blackout e de medo*” (BARROS, 2000, p. 135). As famílias natalenses mais abastadas construíram os seus abrigos antiaéreos e o primeiro deles foi construído na Av. Hermes da Fonseca em casa de particulares.

A Escola não construiu segurança antiaérea. Assim, recorreu ao comando da guerra em Natal uma conferência na Escola, objetivando orientar professores e alunas sobre os cuidados, precauções e ações durante a guerra. Foi explicado o porquê da guerra, a posição estratégica de Natal, sua importância como Base Aérea. Uma professora foi treinada para possíveis emergências, assumindo o controle emocional das alunas, como enfermeira e psicóloga: “*Nunca houve pânico por parte das alunas, mas muita apreensão por parte das professoras*” (FERNANDES, 1973, p. 103).

Por sua localização, a instituição participa ativamente das atividades no bairro da Ribeira, sendo este um período de mudanças, adaptações, crescimento e conhecimento de outras culturas. Vendo da perspectiva do cais do porto, do seu lado esquerdo estava o Grupo Escolar Modelo Augusto Severo e o Teatro Carlos Gomes, do Lado direito o Colégio Salesiano São José. Localizava-se, assim, em frente ao porto e nas proximidades do Grande Hotel, onde ficavam hospedados os soldados norte-americanos. Como já mencionado, os salões da escola eram o palco dos encontros. Como exemplo, em 1942 ocorre uma campanha para a compra de uma lancha torpedeira que seria entregue à Marinha de Guerra. Desse modo, as alunas participaram da organização de um festival, no Teatro Carlos Gomes. Evento este que fora publicado de modo detalhado no jornal *A Ordem*:

A Escola Doméstica de Natal promoveu um bem organizado Festival Artístico a cargo de suas alunas, em benefício da “Campanha pró-aquisição de lanchas torpedeiras” para a nossa Marinha de Guerra. O programa do Festival foi dividido em duas partes e, nelas foram apresentadas: Lenda de um beijo de Sontullo y Vert, pelo Maestro Maurillo Lyra. “Nosso Brasil”, revista, em dois atos de Chicuta Nolasco Fernandes. Rio Grande do Sul – A Vindima. São Paulo – A Indústria e os Operários. Minas – Laticínios. Rio de Janeiro – Cidade Maravilhosa. Bahia - Iôio e Iaia. Pernambuco – O frevo. Ceará – Iracema e o Gurreiro Branco. Amazonas – As Vitórias Régias (bailado), versos de A Marinho e músicos de J. Sieculle. Sincero

Amor, de Alb. Ketélby, pela Orquestra. Os fuzileiros (bailados), versos de A. Marinho. Cena da Atualidade (Sketch), adaptação de A. Marinho, Floração (bailado), música de J. Straus e versos de Carolina Wanderley. (A ORDEM, 18 de novembro de 1942).

As alunas do 5º ano da Escola, que eram as concluintes, compareciam a essas exposições, tanto no teatro quanto nos salões da base aérea, atendendo aos convites dos militares¹¹⁵. Organizavam eventos, recepções nos salões da instituição e, desse modo, eram criticadas por terem proximidades com militares, em específico os norte-americanos. Em 1943, acontece o encontro do Presidente Getúlio Vargas com o presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt a bordo do *Humboldt*, navio da Marinha do Estados Unidos.

Imagem 10: Inspeção da Rampa pela comitiva dos presidentes Roosevelt e Vargas no Jeep 7.



Fonte: Fundação Rampa – Natal/RN.

Nas conversações que os dois presidentes mantiveram em Natal, em francês, com vistas à conjuntura internacional, entre os que tomaram parte do encontro estava o senhor Manuel de Brito, hoje presidente da Liga de Ensino. O que ficou, no entanto, na memória do cidadão natalense foi a fotografia dos dois presidentes no referido *jeep* por algum tempo exposta na Base Aérea.

A mudança na direção da instituição acontece em 1944 com a professora Amélia Bezerra (1944), diplomada pela Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro,

¹¹⁵ O convite impresso na lição de etiquetas social, no horário estabelecido para a permanência. Início: 19 horas e término: 21 horas.

ficando no cargo por apenas nove meses. Ela buscou impulsionar o desenvolvimento cultural, social e filosófico das alunas. Ficou no cargo até novembro do mesmo ano e mostrou competência na direção da instituição dando impulso ao seu crescimento. *“Era ela uma jovem muito bonita, inteligente, a qual falava o francês fluentemente”* (FERNANDES, 1973, p. 65).

Em 1945, assumiu a escola a professora Noilde Pessoa Ramalho, ocupando a direção por mais tempo, até 2010 por ocasião de sua morte. Nascida em Nova Cruz, cidade localizada na região do Seridó, berço e celeiro de grandes nomes que influenciaram a vida social e política do Rio Grande do Norte, veio estudar na Escola em 1936, formando-se em 1939, ano em que a escola fazia seu jubileu de prata. Em 1940 foi convidada para ingressar no corpo docente. Já em 1945, com o término da gestão da Prof. Amélia Bezerra Filho, assume interinamente a direção da Escola Doméstica, enquanto aguardava a indicação da nova Diretoria. Essa interinidade foi rápida e a nova indicação chegou a março de 1945. É então indicada ao cargo de Diretora da Escola Doméstica Natal, pelo presidente da Liga de Ensino, Varella Santiago. Por mais de meio século a escola foi dirigida por Dona Noilde (modo como alunas, professores e funcionários a tratavam). Quando assume a escola, o curso tinha a duração de cinco anos. Podiam ter entrada no 3º ano as pretendentes que tivessem o diploma do então chamado Curso Ginásial. O regime era de internato para as alunas do interior ou de outros estados e semi-internato para as da cidade. As alunas do internato tinham muito contato, pois dividiam tarefas, dormitórios, participavam das aulas, escreviam artigos para os periódicos, montavam apresentações, entre outras atividades.

Havia também a importância do acompanhamento das alunas pelos professores durante um maior período, pois as aulas teóricas e práticas aconteciam nos dois períodos do dia. Outro fator era o de não haver o discutido dever de casa e sim, o dever da escola: o estudo e a prática, tempo maior que a escola tinha para o real aprendizado. Esse aprendizado era testado e posto à prova nos momentos necessários e às vezes decisivos, como nas recepções que a Escola oferecia a personalidades do mundo político, social e religioso.

Ao assumir a Direção, Noilde Ramalho inicia a melhoria do prédio da escola, implementando mudanças em todas as salas e dormitórios e a renovação do mobiliário: mesas, armários, camas e cadeiras. As jarras e as bancas de louça e alumínio dos

dormitórios foram trocadas com o sistema de encanamento e abastecimento do prédio. Já em 1946 começou uma campanha na tentativa de conseguir um terreno para a construção de uma escola, em espaço amplo que comportasse a demanda, que havia crescido consideravelmente.

Dialogando com as fontes, durante análises dos dados encontramos alguns arquivos que nos apontam a doação do terreno, que está localizado na Avenida Hermes da Fonseca, pelo então interventor federal Ubaldo Bezerra de Melo, para construir a nova sede da escola, sendo esta, por meio do decreto – Lei nº 651. Barros (2000) afirma que a outra parte da doação foi feita pelo Governador José Augusto. A autora destaca ainda, que o Presidente Café Filho fez a intermediação da venda do prédio da escola, localizado na Ribeira, ao Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comércios, o que possibilitou a construção da nova sede, onde funciona a escola até os dias atuais.

Noilde Ramalho contribuiu com as inúmeras mudanças que passou a instituição. Foi aluna, professora e Diretora quando a escola se localizava no bairro da Ribeira; participou ativamente na construção da nova sede da escola, que foi inaugurada em 1954, atuando como Diretora na nova sede por mais de meio século, quando veio a falecer em 2010. Implementou mudanças no currículo¹¹⁶, adaptando-o a realidade local e às mudanças exigidas com as reformas de ensino.

As fontes por nós analisadas conferem-nos dados para entendermos que as Diretoras e professoras europeias e norte-americanas trouxeram relevantes contribuições a Escola Doméstica de Natal e para a educação da mulher norte-riograndense, tendo sido, em alguns casos, referência na formação da mulher no Brasil. Não encontramos resquícios que nos apontem uma transição entre as educadoras estrangeiras para o período seguinte. Apesar de que as brasileiras, em sua maioria, buscassem manter a tradição, as estrangeiras atuaram em uma perspectiva de aproximar a instituição à realidade local e às normativas nacionais.

2.3 MULHERES EM MOVIMENTO: DEBATES E EMBATES DAS EDUCADORAS NORTE-RIO-GRANDENSES

“Enquanto a mulher estiver só, será sempre o ser frágil que flutua à mercê das circunstâncias. Quando se unirem, elas tornar-se-ão uma grande força” Bertha Lutz, 1919.

¹¹⁶ Tratamos do currículo, programa de ensino da escola no capítulo três.

Buscar compreender a formação feminina e as implicações desse processo significa entender uma trajetória que se constitui socialmente ao longo do percurso histórico, não significando, contudo, que o seu desenvolvimento tenha ocorrido de modo linear, mas em meio a processos de lutas, conflitos, debates, embates e contradições em uma sociedade marcada pelo patriarcado. Assim sendo, discutimos algumas questões que apontam a participação da mulher na educação e como elas se constituíram professoras e mulheres que atuaram ativamente na história do Rio Grande do Norte.

Pontuar mulheres que se destacaram ao longo da história é, de certo modo, ressaltar aquelas que foram privilegiadas, que tiveram acesso à educação, que pertenciam a uma elite. Não obstante, numa sociedade, como pontuada, patriarcal e marcada pela desigualdade entre os sexos, mesmo para uma mulher pertencente à famílias abastadas, era uma luta árdua se posicionar e buscar seu lugar na sociedade. Desse modo, algumas mulheres, como a norte-rio-grandense Nísia Floresta¹¹⁷, se fizeram exemplo de luta e reivindicação por igualdade social e de gênero.

Nas primeiras décadas do século XX, despontaram moças que buscaram na sua formação o modo de entender o processo de construir uma identidade, entre várias outras que figuram no anonimato¹¹⁸, por serem de classe social menos abastada, e por vezes não terem acesso à educação, o que torna difícil escrever sobre estas. Como nos aponta o historiador Carlos Ginzburg (2014) ao reconhecer as limitações na reconstrução da história das culturas subalternas, uma vez que durante séculos, a maioria das classes populares não sabia ler nem escrever. Nessa direção, tivemos acesso à história de algumas dessas mulheres que subverteram as regras da sociedade

¹¹⁷ Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto. Nasceu em 1910 em Papary, Rio Grande do Norte, faleceu em Rouen França em 1885. Educadora, jornalista e feminista, realizou sua militância por meio da imprensa oficial. Considerada por Silva e Martins (2018) uma das primeiras mulheres a ter acesso a imprensa no século XIX, no Brasil, usando para divulgar suas ideias sobre a condição social e educacional da mulher, além da luta pela emancipação feminina que vivia sob a égide da sociedade patriarcal, da época. Escreveu seu primeiro livro: *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, aos 22 anos. Fundou uma escola para meninas no Rio de Janeiro, em 1828, o que a trouxe inúmeras críticas.

¹¹⁸ A exemplo, as alunas da Escola Normal, que no ano de 1952, iniciaram uma greve, a primeira na história da escola, após a demissão do professor Clementino Câmara do cargo de diretor da instituição. “Abandonaram as aulas e foram para as ruas com cartazes e até machinhas. (...). Sei que nós os professores, chegávamos para dar aulas e só encontrávamos os funcionários”. (FERNADES, 1973, p. 117). Em nosso estudo, não conseguimos encontrar nos documentos quem foram as alunas que organizaram o movimento, bem como, quanto tempo durou a greve, somente que teve grande repercussão na imprensa local.

e se mostraram aguerridas nas atividades culturais, políticas, sociais e educacionais do Rio Grande do Norte. Enfocamos em nosso estudo, educadoras como: Julia Medeiros, Palmira Wanderly, Adelle Sobral de Oliveira, Bertha Lutz¹¹⁹, Julia Alves Barbosa; Leora James, Celina Guimarães, Alzira Soriano, Isabel Dantas, Santa Guerra, Chicuta Nolasco e Noilde Ramalho, mulheres que lutaram por uma educação de qualidade.

A primeira escola feminina no Rio Grande do Norte estava na capital e localizava-se na Cidade Alta. Foi fundada em 1829, tendo à frente a professora Josefa Francisca Soares da Câmara. Como nos mostra Pinheiro, *“o ensino era ministrado exclusivamente por professoras e o conteúdo trabalhado não incluía as disciplinas consideradas difíceis, como noções de geometria, restringia-se o estudo de aritmética às quatro operações fundamentais”* (PINHEIRO, 1997, p. 135). O acesso das mulheres à educação era ainda muito precário e poucas conseguiam ingressar numa escola de qualidade. Mas algumas destas subverteram o papel que assumiam, reivindicaram uma educação mais qualificada, não em nome da responsabilidade familiar, mas que esta não subjugasse a capacidade intelectual feminina. Entendiam, assim, que somente por meio de uma boa formação a mulher conseguiria se emancipar. Era perceptível que além das escolas de instrução básica, fazia-se necessário, também, existir uma saída para a profissionalização feminina, representada por um trabalho que atentasse contra as reproduções acerca da sua função doméstica e de maternidade. Nessa direção, a criação das Escolas Normais permitiu às mulheres a profissionalização por meio do magistério, muito embora o exercício dessa profissão representasse um prolongamento das funções maternas, como instruir e educar crianças, considerado aceitável às mulheres: *“Ser professora, na opinião de grande parte da sociedade, era ter a profissão ideal da mulher, que possuía uma moral mais elevada que o homem e mais indulgente com as crianças, além de doce, carinhosa, sentimental e paciente”* (ALMEIDA, 1998, p. 62).

As meninas da elite social, igualmente a Julia Medeiros, além de serem instruídas para as práticas domésticas, recebiam aulas de Francês, piano, canto e dança.

¹¹⁹ Bertha Maria Julia Lutz nasceu, em 2 de agosto de 1894, em São Paulo. Filha de Adolpho Lutz, cientista brasileiro, e da enfermeira Amy Marie Gertrude Fowler. Em sua trajetória educacional, dedicou-se a reivindicar educação de qualidade a todas as mulheres. Na segunda década do século XX intensificou o discurso a respeito do ensino profissionalizante, defendendo a criação de escolas de ensino doméstico nos moldes da Escola Doméstica de Natal. Atuou como botânica, zoóloga, advogada, tradutora e educadora. Assim como Nizia Floresta, usava a imprensa na defesa de seus ideais. “Desde o momento em que chegam ao Brasil, provenientes da Suíça, os Lutz se destacaram no cenário educacional do Rio de Janeiro e de São Paulo. No Rio de Janeiro, a avó e as tias de Bertha fundam a Collegio Suisso-Brazileiro, instituição preocupada com a educação da mulher”. (LÔBO, 2010, p. 10).

Ao passo que recebiam uma formação, deviam apresentar uma imagem de recato, como falar em voz baixa serem meigas, ternas, terem gestos suaves, evitarem gargalhadas e vestirem-se discretamente, comportamento que permanecia em voga nas primeiras décadas do século XX. O espaço público que as mulheres frequentavam em ocasiões especiais, como os bailes, eram a elas permitidos através da presença da família, de seu tutor ou responsável. O discurso, imbuído dos ideais republicanos, era que se fazia necessário formar a mulher, no mínimo de uma educação básica, como saber ler, escrever, conversar e conhecer, por informação, um pouco do mundo. Essa educação definida pela classe dominante era limitada e destinava-se apenas ao conhecimento e à instrução para o ambiente social e para a educação dos filhos.

No Rio Grande do Norte alguns movimentos foram se delineando no tocante à formação da mulher, sendo a imprensa o espaço de divulgação das condições sociais e educacionais femininos, bem como para denunciar o descaso da administração pública com a formação destas. Eram impulsionadas pelas publicações de mulheres como a poeta Auta de Souza e a jornalista Nízia Floresta, que já em 1853 lança o livro *Opúsculo humanitário*, composto de 62 artigos, considerado por Silva (2014) como texto que reivindicava a igualdade de direitos entre os sexos, o direito ao trabalho e que as mulheres tivessem o controle sobre suas próprias vidas.

É nessa perspectiva que Julia Medeiros¹²⁰ entrou para o quadro discente da Escola Normal, com a idade limite, concluindo o curso em 1925. Conciliava seus estudos com as atividades culturais e de lazer em Natal, vasto era seu ciclo de amizades na capital potiguar. Dialogava com intelectuais, educadores, poetas, que entre estes, consta: Palmira Wanderley; Juvenal Lamartine¹²¹; Professor Amphiloquio Câmara¹²². Após receber o diploma de professora, Julia Medeiros retorna a Caicó no mesmo ano com o objetivo de fundar um Externato infantil. Não tendo concretizado o seu desejo, tornou-se inicialmente professora particular na residência da irmã, Julieta Medeiros,

¹²⁰ Nascida em Caicó, no Rio Grande do Norte.

¹²¹ Juvenal Lamartine, político tradicional da região do Seridó. Em 1923, foi eleito Governador do Rio Grande do Norte. Conseguiu, antes de ocupar o cargo de presidente do Estado, incluir na legislação um dispositivo estabelecendo a igualdade de direitos políticos para ambos os sexos, passando o Rio Grande do Norte a ser o primeiro estado brasileiro onde as mulheres tiveram os seus direitos políticos reconhecidos. “Nasceu em 1876 e morreu em Natal no dia 18 de abril de 1995 de um enfarte” (LAMARTINE, 1965, p.127).

¹²² Amphilóquio Câmara foi professor, jornalista e Secretário de Estado. Intelectual dedicou-se ao estudo da geografia, da estatística e matemática. Foi inspetor de ensino, advogado e representante do RN no Museu Comercial, no Rio de Janeiro, começo dos anos de 1925. Retornou a Natal para assumir o cargo de Secretário Geral do Estado, cargo conferido pelo então Governador José Augusto. Além de fundar alguns periódicos na cidade, trabalhou no Atheneu Norte-rio-grandense.

localizada na rua Padre João Maria, na praça da Igreja Matriz de Sant'Ana, onde havia se hospedado. Considerada excelente oradora, desse modo esteve sempre à frente nas atividades e recepções para receber convidados. Foi assim com a visita da feminista¹²³ Bertha Lutz, a Caicó em 1928, na campanha pelo sufrágio feminino, como também na visita do Presidente da República Getúlio Vargas, em 1933. Foi professora do Grupo Escolar Senador Guerra em Caicó, além de vereadora por dois mandatos. Paralelamente às suas práticas educativas, Julia Medeiros conquistou espaço e respeito em sua cidade. Em 1926, foi convidada a fazer parte do quadro redacional do *Jornal de Moças*, e escrevia na revista *Pedagogium*.

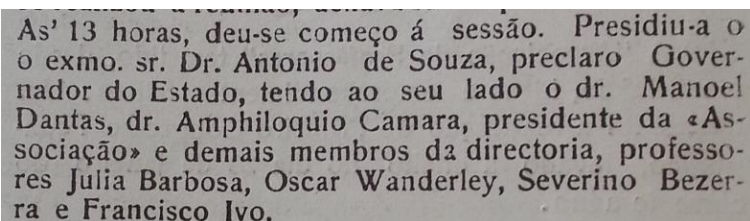
Outra mulher de renome no estado foi a jornalista e poeta Palmira Wanderley. Envolvida com o movimento feminista, defendia a equidade de gênero, lutou junto com Bertha Lutz pela emancipação da mulher. Criou com um grupo de moças a revista feminina *Via-Láctea*. Tecia críticas à educação feminina ofertada no Brasil. De acordo com suas concepções, as ideias educacionais de Henrique Castriciano não contribuíam com o combate a subordinação feminina imposta ao longo da história. Como pontuado anteriormente, uma das colunistas da revista *Via-Láctea* escreve um artigo intitulando *A Escola Doméstica de Ninho de Cozinheiras*, o texto criticava o fato da escola se dedicar aos cuidados com o lar, privilegiando disciplinas de cozinha, lavanderia e hortaliças. Cumpre destacar que a família Wanderley não era composta por pessoas de posses, mas tinham acesso a educação e a cultura, no estado e fora dele.

Palmira Wanderley publicava seus poemas e escrevia regularmente no jornal *A República* e *Diário de Natal*, e, em algumas edições da revista *Pedagogium* entre as décadas de 1920 e 1930. Era considerada uma pessoa polêmica, tanto em relação aos seus escritos, quanto na postura política. Estabelecia relações com a educação por meio das publicações. Escrevia, assim, crônicas, artigos e poemas a respeito da formação feminina e da condição de subordinadas que estas ocupavam.

Júlia Alves Barbosa foi pioneira em várias frentes. Por exemplo, foi uma das fundadoras da associação de eleitoras norte-rio-grandense sendo considerada a segunda eleitora feminina do país. Contudo, Júlia Barbosa poderia ter sido a primeira

¹²³ Os termos, feminismo e feministas surgiram com o movimento sufragista, que tem início no final do século XVIII, Inglaterra, se fortalecendo ao longo do século XIX seguindo até as primeiras décadas do século XX. No Brasil o movimento sufragista veio a se fortalecer na segunda década do século XX, tendo Bertha Lutz como uma de suas divulgadoras.

eleitora, pois foi a primeira mulher a requisitar o alistamento eleitoral, pouco depois de aprovada a Lei Estadual nº 660, de 25 de outubro de 1927. Mas foi Celina Guimarães Viana, nascida na cidade de Mossoró (RN), por ser casada e ter o apoio de um marido influente, que teve o seu requerimento despachado com mais rapidez, a ponto de ser publicado antes do requerimento de Júlia Barbosa no Diário Oficial do Estado. O posicionamento político de Barbosa rendeu enorme repercussão no estado e lhe garantiu uma cadeira na Câmara Municipal de Natal no mandato de vereadora que se iniciou em 1928 encerrado em 1931, sendo assim a primeira vereadora da capital estadual¹²⁴. Teve uma vida acadêmica e profissional bastante ativa, foi a primeira professora de Matemática da Escola Normal de Natal, rompendo assim com o espaço privado masculino. Desenvolveu suas atividades pedagógicas também na Escola Doméstica de Natal, o que foi possível comprovar ao analisarmos o periódico *O Lar*¹²⁵, o qual traz seu nome entre o corpo docente da instituição, atuando como professora de Aritmética. Foi secretária da revista *Pedagogium* – revista da Associação dos Professores do Estado do Rio Grande do Norte. Escrevia artigos para o periódico, como exemplo do texto que trata sobre Sistema Métrico Decimal. Participou da organização do primeiro congresso pedagógico do estado em 1922. A edição da referida revista, que data de março de 1922, ressalta a relevância do congresso, frisando entre as autoridades a presença da professora Julia Barbosa:



As' 13 horas, deu-se começo á sessão. Presidiu-a o exmo. sr. Dr. Antonio de Souza, preclaro Governador do Estado, tendo ao seu lado o dr. Manoel Dantas, dr. Amphilquio Camara, presidente da «Associação» e demais membros da directoria, professores Julia Barbosa, Oscar Wanderley, Severino Bezerra e Francisco Ivo.

Fonte: Revista Pedagogium, março de 1922.

O periódico publicou os discursos de abertura do evento, entre estes a fala de Barbosa, que trata do livro organizado pela associação de professores em comemoração ao centenário da Independência do Brasil. A professora Julia Barbosa foi casada com o poeta e professor Francisco Ivo Cavalcanti, com quem dividia os cargos junto à associação de professores, editoração da revista e na Escola Normal de

¹²⁴ Eleições municipais do Estado do Rio Grande do Norte.

¹²⁵ Recorte do jornal número 22

Natal. Como ressaltado por Francisca Nolasco em seu livro de memórias publicado em 1973, “(...) *D. Júlia Barbosa, também diplomada pela Normal, ambas deixaram nome firmado no Magistério potiguar, estimados e admirados pelos seus alunos*”. (FERNANDES, 1973, p. 111).

Francisca Nolasco Fernandes, de pseudônimo Chicuta Nolasco, nasceu em 15 de dezembro de 1908 na cidade de Jardim de Piranhas, região do Seridó Norte-riograndense. Foi aluna da Escola Doméstica de Natal, sendo laureada como melhor aluna, o que a possibilitou um ano de estudos na Bélgica. Enquanto aluna da escola, dirigiu o jornal *O Lar*, órgão do Grupo Literário Auta de Souza pertencente à instituição. O jornal encontrava espaço de divulgação no periódico *A Republica* toda vez que circulava um novo exemplar. Na sessão *Educativa e Cultural*, de 02 de setembro de 1929 encontramos o anúncio:

Em edição especial, comemorativa do 15º aniversário de fundação da Escola Doméstica de Natal, circulou, ontem, o jornal periódico *O Lar*. Obedece a orientação das professoras Chicuta Nolasco Fernandes e Olga Simonetti, apresentando boa feição. (*A REPUBLICA*, 1929, p. 6).

Nessa perspectiva, a educadora se identificava com as disciplinas ligadas à parte intelectual do currículo. Gostava de ler, escrever, e desse modo passou a publicar em periódicos locais, entre estes: *A Republica*; *A Ordem*, e o *Diário de Natal*. Chicuta Nolasco escrevia crônicas, sempre assinando as matérias com as iniciais C. N. F. Seus textos, dos quais tivemos acesso, tratavam sobre cultura musical, mortalidade infantil, a segunda Guerra Mundial, as festas e reuniões sociais e o cinema brasileiro.

Entre as diferentes atividades educacionais que exercera, conta nos documentos analisados que atuou como professora da Escola Doméstica de Natal por 35 anos. Vale destacar que, ao concluir o curso na referida instituição, Chicuta Nolasco desistiu da viagem de estudos na Europa, indo, desse modo, por indicação da Diretora da Instrução Pública, contribuir com a elaboração de um documento que tratava da reforma de ensino no estado de Pernambuco. Ingressou no quadro de professores da Escola Normal de Natal em 1950. “*Para suprir a cadeira de Português, foi nomeada Francisca Nolasco Fernandes, que já exercia o magistério na Escola Doméstica de Natal, ministrando as matérias de Português, História e outras específica daquele educandário*”. (AQUINO, 2007, p. 121). Sendo depois nomeada diretora da instituição, assim, foi a primeira mulher a assumir o cargo de Direção da Escola

Normal de Natal e o Instituto Presidente Kennedy. Após assumir um cargo que se forjava excessivamente masculino, comenta que: “*não pude ser a melhor. Fui apenas a primeira, depois de sete direções masculinas*”. (FERNANDES, 1973, p.151).

Percebendo a história de forma relacional, não fiz da Escola Doméstica de Natal meu objeto único de pesquisa, pois na escrita da história da escola adentramos na história dos intelectuais que idealizaram a instituição que implementou o projeto da Escola Doméstica de Natal. Procuramos entender quem foram as mulheres que integraram os quadros de funcionárias e discentes da escola, com quem mantinham diálogo e interação. Desse modo, também direcionamos nosso olhar às mulheres que ocupavam lugar na educação do estado, sendo estas favoráveis ou não ao projeto da escola doméstica. Algumas delas participavam do mesmo ciclo de amizades, dividindo espaços públicos, tendo em comum a multiplicidade de atividades que exerciam mediante as quais estabeleciam estreitas relações. Assim, nos interessou o mundo destas mulheres, escritoras, poetisas e educadoras, comprometidas com os movimentos que reivindicavam a equidade de gênero, as quais usavam seus escritos como instrumento de militância política e de formação profissional e pessoal.

Ao mesmo tempo, entendemos que a bióloga Bertha Lutz trouxe várias contribuições ao movimento de emancipação política da mulher no Rio Grande do Norte. “*A intelectual, foi uma das pioneiras do feminismo no Brasil e empreitou a luta pela emancipação das mulheres, entendendo que as mesmas tinham que obter direito ao voto, direitos civis e direito à educação*” (VENANCIO JUNIOR, 2017, p. 57). Por sua ligação com o governador do Rio Grande do Norte à época, Juvenal Lamartine e por receber deste o apoio ao voto feminino, Lutz vinha com frequência ao estado.

No Brasil, se dedicou às mais diversas áreas, participou ativamente da Associação Brasileira de Educação, integrou a Liga para a Emancipação da Mulher, que foi o embrião da Federação pelo Progresso Feminino. Os jornais apontam que, em 1922, Lutz representou o Brasil na Assembleia Geral da Liga das Mulheres Eleitoras, nos Estados Unidos, sendo, nesse momento, eleita vice-presidente da sociedade Pan-Americana. A bióloga defendia que a mulher fosse entusiasta nas artes e ciências e que se dedicasse ao trabalho intelectual ou manual. Ao esclarecer sobre em que consiste o feminismo, ponderam:

(...) a luta das mulheres deve ser a de garantir direitos iguais, em primeiro lugar, à instrução e ao trabalho, para o qual deve dispor dos mesmos meios e pelo qual deve receber a mesma remuneração. Além

desses direitos, tem a mulher outros, quais sejam: o de garantir e proteger seus interesses civis e o de dar sua opinião em questões públicas, de modo especial, nas que mais de perto possam atingir seu bem-estar e o das crianças. (RIO JORNAL, 04 de abril de 1919).

Desse modo, as concepções da feminista Bertha Lutz não se distanciavam dos princípios que norteavam as práticas educativas das docentes e discentes da Escola Doméstica de Natal, o que pode ter possibilitado a proximidade de Lutz com Julia Barbosa, Lourdes Lamartine, Ignez Dantas, Julia Medeiros, Santa Guerra, Chicuta Nolasco, entre outras. Entendemos, assim como Sirinelli (2003) que essas mulheres se movimentavam através de redes de sociabilidade, articulando-se, com grupos de interesse, estabelecendo relações com intelectuais nacionais e internacionais, que influenciavam no fortalecimento do discurso sobre a equidade de gênero. Um artigo no Jornal *A Republica*, de 22 de abril de 1922, afirma a importância de Bertha Lutz no cenário nacional e internacional:

A distinta cientista brasileira, d. Bertha Lutz, acaba de ser condecorada pelo rei Alberto da Bélgica por seus trabalhos sobre botânica, de interesse para a agricultura. (...) Sem falar na sua admirável conferencia feita há dois anos na Sorbonne; do papel que desempenhou nos Congressos femininos de Baltimore, de Roma e na Conferência Pan-Americana de mulheres em Washington; sem necessitar referir a aproximação que tem feito de nosso Museu Nacional com os estabelecimento congênere do Estados Unidos.

O texto segue tecendo elogios aos contatos que Lutz havia mantido fora do país, dando assim, visibilidade ao Brasil. O colunista pondera que em suas viagens pela Europa e Estados Unidos Bertha Lutz tem sido quase uma embaixadora do país, em virtude dos seus contatos e da circulação de ideias com pesquisadores dos mais diversos países, seja em suas viagens, seja recendo-os aqui.

A imagem 09, destacada posteriormente, reporta o período da primeira eleição com a participação feminina, no estado do Rio Grande do Norte¹²⁶. A campanha pela emancipação política da mulher se fortaleceu em 1927 com a presença frequente da

¹²⁶ “Rio Grande do Norte-RN foi pioneiro no sufrágio feminino quando da elaboração da Lei Estadual nº 660, de 25 de outubro de 1927, que visava ampliar o voto às mulheres. Entretanto, só nas eleições municipais de 1928, Alzira Soriano de Souza tornou-se a primeira prefeita no Estado, na cidade de Lajes. Foi eleita pelo Partido Republicano, sendo a primeira mulher a ocupar um cargo que, até então, era ocupado somente por homens. Nas eleições de 1928, 21 (vinte e uma) mulheres do Estado já eram portadoras do título de eleitor, mas apenas 15 (quinze) votaram. Outros exemplos se seguem no Rio Grande do Norte: elegem-se, nesse mesmo ano, a primeira vereadora de Natal, a professora Júlia Alves Barbosa, natural de Natal, a mais votada do seu partido, para o período de 1929 a 1931 (NASSER, 2005, p. 75).

feminista Bertha Lutz¹²⁷ nas reuniões, conferências, propagandas em folhetins e jornais do estado. “*Bertha atuou em múltiplas direções, dependendo energia vibrante, plástica e fina como uma lâmina de Mudarra*” (CASCUDO, 1928, p. 4). Era uma mulher admirada por muitos, tanto por sua ampla formação, o que possibilitava manter uma rede de contatos no Brasil, em alguns países da Europa e Estados Unidos, assegurando-a assumir diversos cargos, quanto pelo posicionamento político.

É oportuno salientar que Lutz teve, no RN, o apoio de várias mulheres, entre elas estavam Julia Barbosa, Lourdes Lamartine, Celina Cavalcanti, Ignez Dantas, professora e três ex-alunas da Escola Doméstica de Natal, além da participação efetiva do governador do estado Juvenal Lamartine e dos intelectuais que com ele dialogava, como por exemplo Varela Santiago, Oliveira Lima, Cristovam Dantas¹²⁸, Dioclécio Duarte e José Augusto.

Imagem 11: governador Juvenal Lamartine recebendo as primeiras eleitoras do Rio Grande do Norte, em 1928.



Fonte: arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

¹²⁷ Visitava o estado em missão de estudos no Ministério da Agricultura.

¹²⁸ Filho de Manoel Dantas, sobrinho de Juvenal Lamartine. Deputado federal (1906-1926), senador (1927) e governador do Rio Grande do Norte (1928-1930). Formado em agronomia pela Faculdade de Agronomia de Lavras (MG) em 1919, com especialização em genética pela Universidade de Atlanta, nos Estados

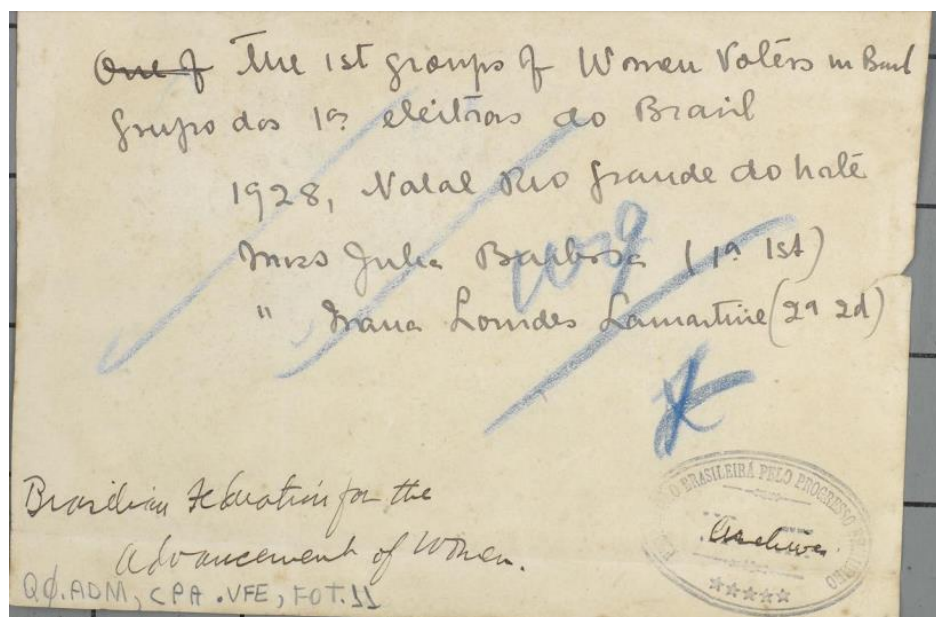
A Imagem 14, destacada a seguir, traz o grupo das primeiras eleitoras do Rio Grande do Norte. Vale ressaltar que, entre estas estavam algumas das ex-alunas da Escola Doméstica de Natal, o que foi possível confirmar ao analisarmos as edições, de 1927 e 1928, do jornal *A Republica*, onde o periódico trazia uma biografia de cada uma das eleitoras que solicitou participar das eleições de 1928. Ainda sobre a participação das mulheres norte-rio-grandenses na política, evidencia-se a relação de parentesco entre estas e as oligarquias locais, em meados da década de vinte do século XX, sendo estas filhas, sobrinhas, amigas de políticos influentes.

Imagem 12: grupo das primeiras eleitoras do Brasil, eleições de 1928.



Fonte: arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Imagem 13: grupo das primeiras eleitoras do Brasil, eleições de 1928. (verso da fotografia).



Fonte: arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

3 PROGRAMAS DE ENSINO, IDENTIDADE E PRÁTICAS NO COTIDIANO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL

No presente capítulo discorreremos sobre os programas de ensino da Escola Doméstica de Natal em diferentes recortes temporais. Isto se deu em virtude das mudanças impulsionadas por reformas de ensino, concepções pedagógicas e movimentos educacionais discutidos no contexto nacional, embasados no debate europeu e norte-americano. Assim, os primeiros programas tinham como referências as escolas domésticas na Suíça, em específico a École Ménagère de Fribourg. Tratou-se de buscar entender, por meio das diferentes práticas no cotidiano escolar, como as discentes construía sua identidade, sendo a instituição específica na formação de moças, que em sua maioria eram oriundas das elites, o que transmite uma ideia de homogeneização do corpo discente.

Consideramos, em nosso estudo, que um programa de ensino, assim como o currículo, é um artefato social e cultural, representando as determinações políticas, filosóficas e educacionais tanto de quem o escreve, como de quem o põe em prática. Concordamos, desse modo, com Astudillo (2010), quando a autora pondera que do ponto de vista histórico o programa de ensino é um elemento cultural reflexo da manipulação social que privilegia conteúdos e práticas educativas em detrimento de outras, com finalidades explícitas ou não. Nessa perspectiva, qualquer discurso sobre programa de ensino e, de modo mais amplo, a cultura escolar, faz-se necessário para pensar o projeto social que se objetiva construir.

No caso específico da Escola Doméstica de Natal, nosso objeto de estudo, vale lembrar que estamos versando sobre uma instituição de ensino criada no início do século XX. É primordial pensar que:

no seu percurso histórico, uma instituição educativa como totalidade a ser construída, sistematicamente compõe sua própria identidade. Nessa composição, ela produz sua cultura escolar, que vai desde a história do fazer escolar, práticas e condutas, até os conteúdos, inseridos num contexto histórico que realiza os fins do ensino e produz pessoas (OLIVEIRA & GATTI JUNIOR, 2002, p. 75).

Nessa linha de raciocínio, para analisar os programas de ensino da Escola Doméstica de Natal fez-se necessário compreendê-los como produtos históricos e instrumentos de trabalho da instituição segundo seus interesses, princípios, convicções

e ideias. Ao passo que foram idealizados numa realidade Suíça, ao serem adaptados para o contexto natalense, houve a necessidade de se inserir questões relativas a uma formação que atendesse as especificidades das discentes oriundas do interior do estado, bem como aquelas que residam na zona rural. Segundo os anseios da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, a escola precisaria orientar essas alunas, para que pudessem conhecer e evidenciar de uma forma mais adequada algumas situações diárias consideradas difíceis para determinadas mulheres que não tinham conhecimento sobre agricultura, pecuária em específico, e reforçar os cuidados com a higiene do lar.

3.1 PROGRAMAS DE ENSINO (1914 – 1918)

Buscamos apoio no programa de ensino elaborado pelas professoras com formação na Suíça, adaptado segundo orientação do Diretor da Instrução Pública, o qual foi publicado no periódico *A Republica* em agosto de 1914¹²⁹, para entender a historicidade dos conteúdos construídos na escola. Fazendo o diálogo entre as fontes, elaboramos a tabela com as disciplinas/cadeiras que eram oferecidas no primeiro ano do curso. Dito isto,

O presidente do Conselho Diretor da Liga do Ensino, em Natal, de conformidade com o art. 19, n. VI dos respectivos Estatutos, resolve adaptar, *ad referendum* do referido Conselho, o programa de estudos da Escola Doméstica, organizado pela Diretora Helene Bondoc. (LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1914).

Tabela 14: demonstrativo das cadeiras ofertadas na Escola Doméstica de Natal, 1914.

1º ano do curso	Cozinha – curso teórico e prático
	cozinha operária; cozinha burguesa; cozinha artística e cozinha para doentes e crianças.
	Curso teórico de Alimentação
	Leiteria
	Apicultura
	Animais domésticos: espécie bovina
	Botânica e Jardinagem
	Conserto de roupa
	Língua Nacional
	História do Brasil

Fonte: LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1914.

¹²⁹ Ao ser publicado no periódico oficial do governo o programa de ensino tinha passado por avaliação da Diretoria da Instrução Pública, sendo aprovado na íntegra.

Ao analisar o programa, observamos que algumas cadeiras se repetem. Contudo, o conteúdo programático difere de um ano para o outro. Como exemplo, o estudo de Cozinha é visto nos três anos do curso, já Medicina Prática é estudado no segundo e terceiro ano, conforme pode ser observado nas tabelas 13 e 14.

Tabela 15: demonstrativo das cadeiras ofertadas na Escola Doméstica de Natal, 1914.

2º ano do curso	Cozinha
	Conserto de roupa
	Economia Doméstica
	Contabilidade
	Física
	Química
	Higiene individual e Medicina Prática
	Língua Nacional
	História do Brasil
	Chorographia
3º ano do curso	Cozinha
	Conserto de roupa
	Economia Doméstica
	Física
	Química
	Anatomia
	Medicina Prática
	Língua Nacional
	História do Brasil
	Lavagem de Roupa
	Corte do Vestuário
	Rouparia

Fonte: LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1914.

Com base nos documentos, evidenciamos que a ideia inicial era não contemplar nenhuma cadeira referente às matemáticas. No entanto, não podemos fazer essa afirmação, visto que, não foi possível encontrar nenhum caderno de aluna ou apontamento das professoras que confirmasse essa hipótese. Outra possibilidade para não aparecer nenhuma cadeira referente ao ensino das matemáticas é que tenha ocorrido algum erro de digitação no material publicado.

Para tanto, o curso ofertado pela Escola Doméstica de Natal tinha duração inicial de três anos, tendo a aluna ao concluir o curso o diploma de Dona de Casa.

Compreendia duas categorias de alunas: internas e semi-internas, as alunas que residem em Natal eram as semi-internas e as oriundas de cidades do interior e de outros estados eram aceitas no regime de internato. Entre as condições de admissão, era exigido: ter completado 15 anos pelo menos; possuir atestado de escola primária. Para as internas era solicitado um enxoval composto de: vestidos; roupa de cama; toucador; quatro aventais de cor, com manga que cobrissem completamente o vestido; quatro aventais brancos de diversos modelos e um chapéu de palha grande para as atividades de jardinagem.

Todas as alunas estavam submetidas ao mesmo regulamento e este trazia, entre outras questões, o valor da mensalidade pago por cada discente. As moças do semi-internato chegavam à escola às 7h e 30 min, saindo às 18 horas. No tocante a alimentação, esta era servida nos seguintes horários: 7h e 30 min, pequeno almoço; 12h, almoço; 4h da tarde, lanche; 7h da noite, jantar. Segundo o documento supracitado,

O quadro da Escola Doméstica deverá lembrar, tão completamente quanto for possível, e da família, que serão empregados esforços para dar simultaneamente as alunas uma formação mental. Antes de deixar a escola as alunas serão submetidas a um exame oral e escrito de todas as matérias ensinadas e prepararão um certo número de pratos que serão submetidos a uma comissão julgadora. Será entregue um certificado de “*dona de casa*”, aquelas que forem aprovadas. (LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1914).

O referido programa de ensino sofreu pequenas alterações já no primeiro semestre do ano seguinte, pois um documento da Liga de Ensino, datado de 1915, revelou algumas mudanças do original, tendo em vista que foram acrescentadas duas cadeiras antes não ofertadas, como exemplo desenho e aritmética que passaram a ser estudadas no curso preparatório. Assim, o curso passou a ter duração de quatro anos, tendo um ano de preparatório e três de dona de casa. O ano preparatório contava com as cadeiras de: Aritmética, Língua Nacional, Desenho, História do Rio Grande do Norte, Leitura e Caligrafia. Desenho passou a ser estudado nos quatro anos, com temas ligados a desenhos ornamentais, desenhos de roupas, à pintura e ao desenho geométrico. Em Aritmética era estudado: preliminares; Algarismos; operações fundamentais e provas; números primos e múltiplos; divisibilidade; máximo divisor comum; frações decimais e ordinárias e sistema métrico. Quando se trata das condições para o aprendizado de aritmética, as discentes tinham duas aulas semanais,

no turno matutino, sendo revisados temas estudados nas escolas primárias e particulares¹³⁰. A dirigente romena, em seus escritos, se reportava à formação praticada pelas escolas primárias como deficitária. Porém, não se limitava apenas a tecer críticas à educação ofertada pelo estado, participava juntamente com os membros da LERN de ações na busca por melhorias. Embora com tempo limitado, fazia visitas ao Grupo Escolar Modelo Augusto Severo, realizava conferências e dava orientações aos professores da referida instituição.

Em 17 de fevereiro de 1915 teve início o segundo ano de funcionamento da instituição, sendo a aula inaugural publicada no jornal *A Republica*. A matéria do periódico ressalta que se fizeram presente as professoras, alunas, os pais e o presidente da Liga de Ensino, que fez o discurso de abertura do ano letivo. Para 1915 fizeram a matrícula quatro alunas no sistema de internato e dez no semi-internato. O ano de 1915 foi de adaptação tanto para as professoras, quanto para as discentes, e em específico as do regime de internato.

As alunas eram submetidas a sabatinas mensais, tendo a nota de aproveitamento acrescida da nota comportamento. Faziam provas anuais de todas as cadeiras. Para ser aprovada, a discente deveria obter uma nota maior ou igual a nove¹³¹, sendo este resultado a soma de todas as atividades avaliativas. Os graus de aprovação, em cada disciplina, oscilavam dentro dos seguintes limites: *simplesmente: de 6,0 a 7,99; plenamente: de 8,00 a 9,50; com distinção: de 9,51 a 10,00. De modo que, a aluna com nota abaixo de 6,0 estaria em segunda chamada. Só realizavam segunda chamada as discentes que obtinham, no ano anterior, média anual de comportamento maior ou igual a 8,0.*

Na busca por visibilidade, a instituição divulgava suas atividades em periódicos locais e nacionais no que tange a formação das discentes. Assim, os escritos ressaltam que até o início de 1916, além de uma boa educação intelectual, as moças aprendiam noções de higiene alimentar e da casa em geral, medicina de urgência, ciências naturais aplicadas aos fins domésticos, horticultura e laticínios.

¹³⁰ Referimo-nos a escolas primárias de particulares, que em sua maioria funcionavam na residência dos professores.

¹³¹ Vale destacar que a média era a somatória de todas as notas, o que era possível uma aluna tirar uma nota 6,0 em determinado componente curricular e notas maiores em outros, desse modo a média de todas seria igual a 9,0.

A primeira reforma de ensino no Rio Grande do Norte, notadamente importante, na perspectiva de Aquino (2002) e Assis (2016), se deu em 1916. Para Aquino a referida reforma se caracterizou em, dentre outras coisas,

reorganizar o sistema de ensino norte-rio-grandense, mas por imprimir uma articulação entre o ensino primário e o normal, nos seus diversos aspectos, ou seja, na organização dos programas, no currículo e, principalmente, na metodologia de ensino (AQUINO, 2002, p. 46).

A reforma a qual Aquino (2002) trata, diz respeito à lei estadual de número 405 de 29/11/1916 publicada no jornal *A Republica* em dezembro de 1916. No mês de fevereiro de 1917, o ensino passou a ser organizado em três níveis: infantil e primário; secundário e profissional. O ensino primário ficou a cargo dos grupos escolares e das escolas isoladas, o ensino secundário sob a responsabilidade do Atheneu Norte-Rio-Grandense, e o ensino profissional aos cuidados da Escola Normal de Natal. Para a modalidade de ensino profissional, a reforma autorizou o governo a criar, objetivando aperfeiçoar as profissões e as artes liberais, escolas práticas e instituições especiais. Tinha a instituição no seu ato de criação a liberdade de elaborar regulamentos próprios. O texto ressalta ainda que teriam preferência no ensino profissional as escolas práticas de agricultura, zootecnia, veterinária, mecânica, eletricidade, artes manuais e ensino doméstico. Notadamente, com a reforma, a Escola Doméstica de Natal passa a integrar as instituições de ensino profissional do estado, o que dava à escola, ao mesmo tempo, um caráter científico e prático.

Imagem 14: Alunas retornando do mercado



Fonte: Jornal O Malho Rio de Janeiro, 1916.

O sucesso da escola era visto por meio dos periódicos, que era igualada às demais instituições que eram monumentalizadas com divulgação de festas e passeios. O encerramento do ano letivo de 1916 ocupou uma página inteira do jornal *A Republica*, sendo veiculado em periódicos da região e país, a exemplo *O Diário de Pernambuco* e *O Jornal do Comércio* (RJ). Demonstrando o nível de conhecimento adquirido, a aluna Isabel Dantas proferiu o discurso de agradecimento às professoras, em francês, suscitando inúmeros elogios às discentes, às docentes e à instituição.

A seguir destacamos o nome das alunas que fizeram exames, sendo estes: do primeiro para o segundo ano; do segundo para o terceiro ano.

Tabela 16: Lista de alunas que fizeram exames finais em 1916.

Lista de alunas aprovadas do primeiro para o segundo ano	Lista de alunas aprovadas do segundo para o terceiro ano
Luiza Bandeira;	Maurilla Guerra;
Ignez Dantas	Doralice Barros;
Margarida Costa	Paulina Nobrega;
Carmem Costa	Maria Dulce Nobrega;
Elza Freire	Emília de Oliveira
Edelweiss Jacome	Maria de Lourdes Leite
	Isabel Dantas

Fonte: Jornal A Republica, 1916.

Após implementada a reforma de ensino, o ano de 1917 foi, com base nas publicações oficiais da instrução pública, de visitar e elaborar relatório de cada estabelecimento de ensino do estado, tanto no que se refere ao ensino público quanto o privado. Em Natal, O Grupo Escolar Frei Miguelinho, escola modelo, sob a administração do professor Luís Soares, continuou promovendo conferências, destinadas aos alunos, pais, professores e comunidade em geral. Observamos que existia uma articulação entre os trabalhos desenvolvidos na Escola Normal, Atheneu, Grupo Escolar Augusto Severo, Grupo Escolar Frei Miguelinho, Escola Doméstica e Escola de Artífice. A partir de 1917, percebe-se um diálogo mais frequente entre os dirigentes dos referidos estabelecimentos de ensino, possibilitando parcerias mais coesas. O que pode ser por nós evidenciado, entre outros documentos no livro de memórias da aluna e Professora da Escola Doméstica, Francisca Nolasco Fernandes, 1973.

No terceiro ano de funcionamento, a Escola Doméstica já tinha visibilidade tanto a nível local quanto nacional. Assim, passou a ser referência quando se tratava de educação da mulher, ensino profissionalizante, cuidados com a criança, alimentação e ensino com caráter de cientificidade, sem se distanciar da prática. De acordo com o relatório dos presidentes da província, *“o programa da escola é vasto, além do estudo das línguas portuguesas e francesas, anatomia e medicina doméstica, música e outras disciplinas abrange o dos trabalhos domésticos, inclusive a cozinha e a jardinagem”* (RIO GRANDE DO NORTE, 1917, p. 14)¹³².

O documento supracitado traz o número de alunas matriculadas para o ano de 1917. A escola contava com 18 discentes, tendo sido matriculadas, ao todo, 30 alunas. O programa de ensino continuou o mesmo, embora havendo alterações nas orientações didáticas em algumas cadeiras. Em nosso estudo direcionamos nossas análises em específico para as cadeiras ligadas às matemáticas e, assim, ressaltamos a seguir algumas recomendações para o ensino de aritmética, entendido a partir dos documentos analisados:

Para o estudo de aritmética, recomenda-se duas aulas semanais, empreendendo a aritmética propriamente dita, o sistema métrico e suas aplicações. Recapitulação especial da noção de potência e raiz, operações fundamentais com inteiros e decimais, divisibilidade, máximo divisor comum, e mínimo múltiplo comum, os números primos, frações ordinárias: conversão de fração ordinária em decimal. Quadrado: motivo desta denominação dada a segunda potência dos números; quadrado dos números inteiros. Realizar exercícios variados e problemas adequados abrangendo, sempre que possível, assuntos da vida comum. (RIO GRANDE DO NORTE, 1917, p. 15).

Percebemos que para o estudo de aritmética fez-se necessário adaptar o programa à realidade local, tendo como base as normativas da instrução pública. Havia assim, uma proximidade entre a aritmética estudada no primeiro ano preparatório da Escola Doméstica de Natal e a aritmética abordada no primeiro ano da Escola Normal de Natal.

A escola, conforme relatório da Instrução Pública, funcionou por alguns meses em 1917 e fechou as portas para uma reforma, dada a grande procura, pois na instituição não tinha espaços para receber a quantidade de discentes que buscavam fazer matrícula.

¹³² RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA, 1917, p. 14

3.2 PROGRAMAS DE ENSINO (1918 – 1926)

O ano de 1918 foi de muitas mudanças para a escola. Como mencionado anteriormente, houve substituição na direção da instituição, contrataram novas professoras, o prédio foi reestruturado e, claro, houve a reformulação no programa de ensino. Objetivando entender melhor as mudanças implementadas, tanto na parte administrativa quanto na reformulação dos programas de ensino, buscamos informações nos relatórios do presidente da província, referente ao ano de 1918. Este documento colocou em evidência os investimentos públicos dedicados a reestruturação do prédio da escola, a contratação da nova diretora e professoras. O mencionado documento ressalta que:

a antiga diretora Hélène Bondoc, findo o prazo do seu contrato e sentindo-se doente, pediu e obteve exoneração, sendo substituída por Leora James, educadora americana. O programa foi modificado e ampliado, de modo a tornar o ensino mais prático, especialmente em relação às disciplinas domésticas. Obedecendo a essa orientação, a Liga instalará dois pequenos laboratórios, um a cargo da diretora, para a análises química dos elementos, e outro, na seção de puericultura, a cargo do professor de higiene, dr. Varella Santiago para demonstrações da respectiva cadeira e auxílio da diagnose de doenças infantis. (RIO GRANDE DO NORTE, 1918, p.9 – 10).

Com a observação e a experiência de alguns anos de funcionamento, a escola decidiu criar um curso primário de dois anos, sendo este voltado desde o início para os fins domésticos. A justificativa para criar um curso primário se deu mediante a precária formação da maioria das educandas ao ingressarem à escola. Nesse raciocínio, o programa de ensino passou por mais uma adaptação e buscou, com as modificações, se ajustar às normatizações. Contudo, foi dado ênfase aos conteúdos mais voltados às práticas agrícolas, na perspectiva de orientar melhor as mulheres que residiam em zonas rurais. Os anseios da Liga de Ensino coadunavam com a formação da nova dirigente da escola, que primava por estudos de Higiene, Puericultura, Cultura Física, Música, Medicina Prática, Álgebra, Desenho, Geometria, Química Alimentar.

Com o entrelaçamento das fontes, elaboramos uma tabela com as cadeiras que foram ofertadas a partir de 1918, tendo à frente da escola a Diretora Leora James.

Tabela 17: Cadeiras do Curso Preparatório da Escola Doméstica de Natal, 1918.

Primeiro Anno	Segundo Anno
Portuguez	Portuguez
Geografia e Chorographia	Geografia e Chorographia
Historia do Rio Grande do Norte	Historia do Rio Grande do Norte
Arithemetica	Arithemetica
Francez ou Inglez	Francez ou Inglez I
Calligrafia	Calligrafia
Cultura Physica	Cultura Physica
Costura	Costura
Musica	Musica
Leiteria	Leiteria

Fonte: ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **Prospecto da Escola Doméstica de Natal**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio. 1919. (Acervo particular da Escola Domestica de Natal).

A escola demonstrava preocupação com a educação das discentes. Uma forma de articular melhor a qualidade do ensino ofertado, tendo o máximo de proveito possível, seria que as alunas chegassem com uma boa formação primária, equivalente ao que era estudado nas escolas norte-americanas, mas isso não acontecia. Procurando resolver o problema de imediato, a LERN criou o curso primário, que como ressaltado na tabela 15, optou, ao invés de dois anos de curso primário, dois anos de preparatório, que contemplasse além de uma educação básica, algumas cadeiras do ensino doméstico. Chamou-nos atenção o fato dos dois anos contemplarem as mesmas cadeiras. Contudo, ao analisarmos os conteúdos de aritmética percebemos que estes ou eram distintos ou era um aprofundamento do tema abordado no ano anterior.

Assim, no primeiro ano de aritmética era estudado:

Noções preliminares: definição de aritmética; grandeza; quantidade; unidade; número. Algarismos, operações fundamentais e provas, números primos e múltiplos, divisibilidade, decomposição dos múltiplos, máximo divisor comum, mínimo múltiplo comum. Frações decimais e ordinárias e Sistema métrico.

No que se refere ao segundo ano de preparatório dava-se ênfase em aritmética:

Inicialmente era feito uma revisão do conteúdo estudado no ano anterior, em seguida abordava-se potenciação, as propriedades gerais, radiciação, Números

Complexos. Razão, Proporção, Regra de três, juros, descontos, porcentagens, câmbio dos Estados Unidos e de diferentes países da Europa. Conversão para a moeda brasileira.

Notadamente os conteúdos trabalhados nos primeiros anos preparatórios da Escola Doméstica de Natal se aproximavam do que era estudado na Escola Normal de Natal. Esta aproximação justificava o discurso da Escola Doméstica ser uma espécie de escola normal doméstica, o que a aproximava da École de Fribourg e das Normais Domésticas da Bélgica e dos Estados Unidos. Por outro lado, havia também o interesse em demonstrar que a instituição não tratava de modo exclusivo dos cuidados com lar, ou seja, de atividades que podiam ser aprendidas em casa, no seio da família. Não obstante, o curso com seis anos, a larga formação, os custos elevados, passaram a ser também um problema, pois para algumas famílias, era melhor a moça ter uma formação nas escolas normais, visto que tinham a possibilidade de se tornarem professoras primárias, ou ministrarem aulas particulares em suas residências. Com base nesses argumentos, a Diretoria da Instrução Pública decidiu reconhecer o diploma das alunas da Escola Doméstica de Natal. A partir deste período elas poderiam assumir o cargo de professoras primárias:

Trata-se de um verdadeiro curso normal doméstico, em virtude do qual ficarão as alunas preparadas não somente para a nobre missão de donas de casa, no sentido vulgar do termo, mas para influírem eficazmente na educação social do povo. Sendo muito longo o curso de seis annos, inclusive a revisão primária, o conselho da Liga resolveu permitir a matricula de alunas em qualquer das matérias propriamente caseiras, sem direito ao diploma com que a Escola premiará somente as que fizerem estudos completos. Provedo os resultados de tão vantajoso ensino, fiz inserir no projecto de reorganização da instrucção integral entre nós, hoje convertido em lei, uma disposição reconhecendo a validade, por parte do Estado, do referido diploma. (RIO GRANDE DO NORTE, 1918, p.11).

Assim, antes mesmo de assumir o cargo, no período de transição, Leora James já iniciara as mudanças e a busca por parcerias, tendo como perspectiva a visibilidade da instituição. Além do curso preparatório, o curso doméstico também sofreu adaptações e passou a ser obrigatório o período de quatro anos, após terem passado pelos dois anos de preparatório ou terem sido admitidas em exames de ingresso, sendo

este também adotado em 1918. Ao ingressar no Curso Doméstico, a discente se dedicava a estudos teóricos e práticos, os quais contemplavam as seguintes cadeiras:

Tabela 18: Cadeiras do Curso Doméstico da Escola Doméstica de Natal, 1918.

Primeiro Anno	Segundo Anno
Portuguez	Algebra
Arithmetica	Portuguez
Calligrafia	Calligrafia
Historia do Brasil	Historia Universal
Geografia	Francez ou Inglez
Francez ou Inglez	Cultura Physica
Cultura Physica	Cosinha
Cosinha	Musica
Musica	Agricultura
Costura	Leiteria
	Costura
	Anatomia e Physiologia

Fonte: ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **Prospecto da Escola Doméstica de Natal**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio. 1919. (Acervo particular da Escola Domestica de Natal).

A tabela 18 nos mostra que algumas cadeiras são vistas nos seis anos de curso, como Francês ou Inglês e Português. História é estudada em quatro anos e Geografia em três. Em relação às matemáticas, temos a cadeira de Aritmética no primeiro ano de ensino doméstico e Álgebra no segundo e terceiro. Assim, as alunas tinham Aritmética em três anos seguidos no programa.

Conforme documentos analisados, o conteúdo de Aritmética que constava no plano de estudos das discentes, eram os seguintes:

Operações com frações, decimais e operações com decimais, frações periódicas, sistema métrico, razão, regra de três simples e composta, porcentagem, juros: juros simples e juros compostos, sociedade comercial, comissões, descontos, permutação, cambio, progressões: progressões por diferenças e progressões por quociente, logaritmos.

Tabela 19: Cadeiras do Curso Doméstico da Escola Doméstica de Natal, 1919.

3º Anno	4º Anno
Portuguez	Portuguez
Álgebra	Contabilidade
Francez ou Inglez	Francez ou Inglez
Cultura Physica	Cultura Physica
Costura	Costura
Musica	Musica
Criação	Educação Social
Jardinagem	Cosinha Artística
Hygiene	Methodologia
Lavagem	Economia da casa
Puericultura e Medicina Prática	Puericultura e Medicina Prática
	Química Alimentar

Fonte: ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **Prospecto da Escola Doméstica de Natal**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio. 1919. (Acervo particular da Escola Domestica de Natal).

Como ressaltado anteriormente e apresentado nas tabelas 18 e 19, o estudo de álgebra era abordado no segundo e terceiro ano do curso doméstico. No primeiro ano doméstico eram estudados os seguintes temas:

Definição de: álgebra; símbolos algébricos e problema. Explanação sobre determinados termos algébricos, tais como: coeficiente; radical; índice do radical. Expressões algébricas: monômios, polinômio. Polinômio homogêneo, quantidades semelhantes. Operações: adição; subtração; multiplicação e divisão. Aplicações práticas.

Para o segundo ano da cadeira de álgebra, eram vistos:

Revisão do conteúdo estudo no primeiro ano, equação do primeiro grau, termos semelhantes, solução de uma equação do primeiro grau, regra geral para solução. Propor problemas práticos envolvendo o máximo possível de questões do conteúdo estudado. Equações do segundo grau: solução de equações do segundo grau; soluções de equações completas. Problemas práticos que despertem o interesse das alunas.

Essa estrutura do programa de ensino vigorou até o início da década de 1920, pois um documento datado de 1922 da Liga de Ensino do RN revelou algumas alterações do programa adotado em 1918, tendo em vista terem sido acrescentadas

algumas matérias antes não privilegiadas nos ensinamentos da escola, a exemplo do primeiro ano do curso preparatório que passou a contemplar a matéria de Desenho e, no segundo ano, Cozinha Teórica e Prática. O curso doméstico passou a incorporar no primeiro ano de estudos as cadeiras de Higiene e Desenho, no segundo ano Desenho e Medicina Prática e no terceiro ano Agricultura, Medicina Prática, Desenho, Lavagem e Engomado. Foi dado ênfase ao estudo de Higiene, tendo em vista a relevância do mesmo nos cuidados com a criança e o lar, o que contribuía com a erradicação da mortalidade infantil, sendo um estudo considerado pré-requisito para outros conteúdos e para o estudo de Higiene nos anos posteriores.

Embora não tenhamos encontrado registro que justificasse a mudança na grade dos dois cursos, deduzimos que, em virtude da formação da diretora da escola, Leora James, enquanto professora de Desenho, a mesma tenha sentido a necessidade de incorporar a cadeira tanto no curso preparatório quanto no curso doméstico:

As matérias de caráter mais pragmático estavam inclusas nos primeiros anos de estudo, o que, na nossa percepção, deu-se pelo fato de proporcionar nos primeiros momentos de aprendizagem das alunas, a vivência prática das unidades de estudo. Ao mesmo tempo em que, por exemplo, a discente cursava as matérias de Anatomia e Fisiologia no segundo ano do Curso Doméstico, aprendia também a Medicina Prática que lhe daria suporte para associar teoria e empiria. (RODRIGUES, 2007, p. 156).

Outro ponto relevante nas mudanças implementadas refere-se ao ingresso das alunas por meio de exames, os quais eram realizados no mesmo período dos exames de segunda época. Isto pode ser visto no texto do jornal *A Republica* a respeito das publicações das chamadas dos exames:

Os exames de admissão e de segunda epocha serão realizados nos seguintes dias: 1º de março – terça-feira: *Algebra, H. do Brasil*; 2 de março - quarta-feira: *Portuguez*; 3 de março – quinta-feira: *Arithmetica*; 4 de março - sexta-feira: *Geographia, Francez*; 5 de março – sábado: *Calligraphia*. 1 – É impreterível que as alumnas precisando de prestar exames na segunda epocha se apresentem nos dias marcados. Não comparecendo nos dias determinados, a alumna não terá direito a um novo. 2 – É necessário que as novas alumnas externas, ainda não matriculadas se apresentem para a matrícula sexta-feira e sabbado, 25 e 26 de Fevereiro, para se habilitar a prestar os exames de admissão exigidos na primeira semana de Março. 3 – A reabertura formal da Escola será na segunda-feira, 8 de março. 4 – As aulas começarão a funcionar regularmente na terça-feira, 8 de março.

5— Exige-se a presença de todas as alumnas, externas e internas, na Escola, sabbado, 5 de março, às 2 horas da tarde. Exige-se também neste mesmo dia, a entrega dos boletins de informações distribuídos as alumnas o anno passado. (A REPUBLICA, fevereiro de 1921, p. 1).

Não encontramos nenhuma especificação de quais eram as provas do exame de segunda época e quais as de ingresso. No entanto, entendemos que a prova de Álgebra era para as alunas que precisavam fazer o exame de segunda época. Vale esclarecer que a escola abria um dia antes do início das aulas, momento que a comunidade era convidada a visitar as instalações e a participar de algumas atividades, como conferências e exposições de trabalhos. Contava com a presença do Diretor da Instrução Pública, do Governador do estado, diretores de outras instituições de ensino, entre estas o Atheneu e a Escola Normal, da imprensa local e de correspondentes da imprensa pernambucana.

O inventário e análise das fontes foram nos apontando significativas mudanças nos primeiros anos da década de vinte, tanto na estrutura física quanto no programa de ensino, corpo docente e atividades desenvolvidas no âmbito da escola. O plano geral de ensino que data de 1922 retrata, por exemplo, a criação dos chamados cursos anexos, que funcionavam como atividades extras, que complementavam a carga-horária do curso doméstico. Outro ponto relevante são os cursos destinados à comunidade, como curso de extensão. Entre estes eram ofertados cursos de Cozinha Artística, Primeiros Socorros, cuidados com a dentição da criança e Medicina Prática. De acordo com as concepções de Leora James, os cursos de extensão traziam a comunidade para a escola e incentivava as famílias a participarem ativamente da instituição.

No tocante à rotina das alunas, tendo como base a conferência do Secretário da Liga, Henrique Castriciano, no Primeiro Congresso de Proteção à Infância em 1922, se dava do seguinte modo:

Tabela 20: rotina diária das alunas do internato da Escola Doméstica de Natal, 1922.

Cronograma das atividades diárias		Cronograma das atividades diárias	
Horários	Atividades	Horários	Atividades
6h	Despertar	13h	Aula
6h e 45min	Primeira refeição	15h	Trabalhos práticos ¹³³
7h	Arranjo e asseio da casa pelas alunas	16h	Jantar
7h e 30 min	Arranjo pessoal do dormitório	16h e 30min	Jogos e ginástica ¹³⁴
8h	Aulas	17h e 30 min	Toilette e preparo para os estudos
12h	Almoço	19h	Estudos
12h e 45 min	Chamada	21 h	Ceia
		21h e 45min	Horário de recolher

Fonte: coleção das leis e províncias de Mato Grosso (MT), 1922, p. 540 – 555.

As alunas tinham atividades intensas durante a semana, de segunda a sábado. Os domingos eram dedicados a passeios, a receber as famílias ou frequentar a igreja.

Entendemos que rastreando fontes, fazendo inventário, análises e escrita historiográfica, existe um movimento de idas e vindas, de nos reportarmos a dados anteriores, comparar com outras fontes, reconstruir, dialogar, fazer inferências e chegar a algumas conclusões. Para tanto, um artigo do jornal *A Republica*¹³⁵ descreve o resultado dos exames finais das discentes em diversas matérias, o que nos permitiu fazer uma comparação com os documentos da Liga de Ensino. Por ser um artigo longo, optamos por transcrevê-lo, recorrendo a este como anexo. O que nos foi possível perceber é que o quarto ano contava também com as matérias de Violoncelo, Pedagogia e Ordem Doméstica. No tocante ao primeiro ano, acrescido das matérias de Ordem Doméstica e Ajudante de Dona de Casa, os dois anos preparatórios também contavam com Ordem Doméstica, Ajudante de Dona de Casa, Piano e Música. Desse modo, aparecem algumas matérias, no resultado dos testes, que não estão contempladas na tabela, o que pode ser decorrente de atividades extras, como a realização dos cursos de extensão.

¹³³ Os trabalhos práticos se davam: no jardim, galinheiro, clínica infantil, cozinha, campo.

¹³⁴ Tênis, basquete, vôlei e ginástica. Até os dias atuais a escola é referência no esporte, em específico vôlei e natação. Possui a única piscina olímpica do estado.

¹³⁵ *A Republica*, 21 de novembro de 1921.

As mudanças nas normativas da Escola Doméstica de Natal ocorriam independentemente das reformas educacionais do estado e do Brasil. Os documentos revelaram que a instituição parecia ter total liberdade na estruturação do seu programa de ensino, mas, contudo, não se distanciava das orientações da Diretoria da Instrução Pública. Como exemplo, em 1922, foi publicado algumas orientações sobre o ensino da cadeira de Matemática, tratando em específico dos programas de ensino e das metodologias das matérias de: Aritmética, para o primeiro e segundo ano de curso, Geometria Prática e Desenho. Estas orientações eram específicas para a Escola Normal de Natal e adaptadas à realidade da Escola Doméstica de Natal. O quadro 05 traz o demonstrativo dos conteúdos de Aritmética para o primeiro e segundo ano e metodologia.

Quadro 05: Aritmética para o primeiro e segundo ano e metodologia

Anos de ensino	Conteúdos
1º ano	Noções preliminares de grandezas ou quantidades e unidade. Número e suas diversas espécies. Definição de Aritmética e utilidade de seu estudo. Ideia geral de numeração e suas espécies, numeração falada: ordens e classes de unidades; princípio fundamental da numeração falada; numeração escrita; valor dos algarismos. Leitura e escrita dos números. Numeração decimal. Números complexos, algarismos romanos, sinais aritméticos. As quatro operações sobre inteiros. Adição, definição, regra e prova; adição dos números complexos. Subtração: definições; regra geral e prova. Multiplicação: definição geral, taboa de Pitágoras, regra geral, casos particulares quando multiplicado e multiplicador são terminados por zero; provas da multiplicação; produtos de vários fatores; potências. Divisão: definições gerais; resto da divisão; regra geral; princípios relativos à divisão; prova da divisão; teoremas aplicáveis às quatro operações. Divisibilidade dos números: definição; caracteres da divisibilidade; teoremas e consequências. Números primos: definição; decomposição dos números em fatores primos; teoria do máximo comum divisor e do mínimo múltiplo comum, teoremas. Ideia geral de frações e suas visões. Frações decimais: definição, número decimal, escrita e leitura dos números decimais. Operações sobre os números decimais e as frações decimais. Frações ordinárias: definição, representação e leitura de uma fração; redução das frações ao mesmo denominador; mínimo denominador; mínimo denominador comum; simplificação das frações, regras e teoremas. Expressões fracionárias. Número fracionário. Variação do valor de uma expressão fracionária, mudanças das frações ordinárias em frações decimais. Dizimas periódicas. Teoremas. As quatro operações sobre as frações ordinárias: definições, regras e aplicações de cada uma dessas operações. Raiz quadrada: definição; raiz quadrada dos números inteiros; dos números decimais e das frações ordinárias. Raiz cúbica: definição; extração da raiz cúbica dos números decimais e das frações ordinárias. Razões e proporções: razão por quociente. Equidiferença. Propriedade da equidiferença. Grandezas proporcionais, grandeza direta e inversamente proporcional. Regra de três: definição. Regra de três simples e composta.

2º ano	Revisão do programa do primeiro ano; Regra de juros simples e compostos. Regra de desconto ou porcentagem. Desconto por fora e desconto por dentro. Regra de companhia, simples e composta. Sistema métrico decimal. Seu histórico, nomenclatura dos múltiplos e submúltiplos. Sistema métrico decimal: medidas de comprimento; definição do metro; múltiplos e submúltiplos do metro. Leitura e escrita dos números representado comprimento, mudanças de unidade. Sistema métrico decimal: medidas de superfície: definição do metro quadrado, múltiplo e submúltiplos. Numeração das superfícies. Leitura e escrita de um número exprimindo uma superfície. Medidas agrárias: o are, o hectare. Escrita dos números representando medidas agrarias. Mudanças de metros quadrados em hectares, ares e centiares. Medidas de volume: o metro cúbico. O stere. O litro. Múltiplos e submúltiplos do litro. Leitura e escrita dos números representados capacidade. Equivalência de certos números e certas capacidades. Medidas de peso: o gramo, múltiplos e submúltiplos do gramo. Leitura e escrita dos números representado pesos. Correspondência entre o litro e o gramo. Unidade monetária. Numeração do sistema monetário brasileiro. Vantagens do sistema métrico decimal sobre o antigo sistema. Problemas sobre o sistema métrico decimal. Estudo das conversões no próprio sistema métrico decimal. Conversões de mais utilidade do antigo sistema de complexo para o sistema métrico decimal. Conversões das unidades do sistema métrico decimal para o antigo sistema. Adição, subtração, multiplicação e divisão de números exprimindo unidades métricas. Regra de cambio. Conversão do dinheiro brasileiro em dinheiro estrangeiro e do dinheiro estrangeiro em dinheiro brasileiro. Exercícios. Cambio alto, cambio direto e cambio indireto. Taxa de cambio e sua variedade.
Metodologia ¹³⁶	Metodologia da Aritmética, na aula do primeiro e segundo ano, com o seu caráter educativo ou geral, e caráter instrutivo, ou particular. Problemas práticos que despertem o interesse pela utilidade imediata e exercitem os métodos educativos do ensino da Aritmética. Ensino do sistema métrico pelos exercícios de medida, pesada e cálculo.

Fonte: A REPUBLICA, março de 1922.

Observamos que nesse período o conteúdo de Aritmética, nos dois primeiros anos, foi estendido. O documento apresenta de modo detalhado o que seria estudado durante cada ano, ressaltando a metodologia adequada para facilitar a aprendizagem das alunas. A ênfase em Matemática era, até então, nos dois primeiros anos de formação, após a chegada das norte-americanas na Escola Doméstica de Natal, Já em 1918, se introduziu o estudo de Álgebra nos dois primeiros anos de ensino doméstico. Nos cursos de formação de professores do estado, estas mudanças passaram a acontecer apenas em 1922, com a nova legislação que implementou a criação dos cursos complementares e o regimento interno dos programas de ensino. Além de estabelecer normas para as escolas complementarem, o documento versava também sobre os programas da Escola Normal, o que também pode ser evidenciado na Doméstica. Introdução do Estudo de Geometria Prática, que contemplava os estudos

¹³⁶ Parte do material estava danificada e não conseguimos manuseá-lo. Algumas páginas estão com furos, não tendo sido possível ler.

de: superfície, ponto, figura geométrica, ideia geral de volume, definição de geometria. Linhas: reta; tangente; secante. Ângulo, grandeza, definição, e nomenclatura de ângulo. Bissetriz, ângulos adjacentes, ângulos opostos pelo vértice. Perpendicularidades, teoria das paralelas. Ideia geral das superfícies planas. Figura plana e figura no espaço. Triângulos e quadriláteros. Conteúdo a ser trabalhado no primeiro ano de Geometria.

No que se refere ao segundo ano, eram contemplados os estudos de: paralelogramo, losango e trapézio. Polígonos: soma dos ângulos externos de um polígono; superfície de um polígono regular. Circunferência, círculo, elipse, sólidos geométricos, cubo, paralelepípedo, prisma, pirâmide, tronco de pirâmide, cilindro, cone, tronco de cone, esfera.

De acordo com a resolução a metodologia da Geometria na aula:

a morfologia geométrica; geometria necessária a compreensão do sistema métrico. Aplicações práticas da geometria ao desenho, artes decorativas, trabalhos manuais, terraplanagem, nivelamento, agrimensura, construções, medidas das áreas. (RIO GRANDE DO NORTE, 1921, p. 3 – 4).

Mediantes às novas orientações da instrução pública, a Escola Doméstica adotou algumas medidas. Entre estas, a aula de Desenho passa a ser contemplada nos seis anos de curso e Geometria Prática nos dois primeiros anos do curso preparatórios. Porém, dada as dificuldades, com o grande número de alunas e a ampliação das disciplinas, outra medida foi tomada: a contratação de novos professores para integrar o quadro da escola. Para aula de Desenho foi contratado o pintor paraense Theodoro Braga, as aulas de música ficaram ao cargo do maestro Luigi Maria Smido, Conservatório Real de Leipzig, as aulas de Inglês, Francês e Cultura Física à professora Henriette Dawes, já Lucille Gouper dedicou-se à costura e confecções.

Em relação aos cursos anexos, estes funcionavam de acordo com o regulamento da instituição, com aprovação da Instrução Pública. A exceção era apenas para os cursos de Piano, Violino e Violoncelo, que eram organizados com base no programa do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, sob a direção, à época, do maestro Thomaz Balbini, com formação no Conservatório de Bologna, na Itália. A relação das missionárias norte-americanas com a música incentivou a composição de uma orquestra musical chamada de Orquestra Musical ED, composta pelas alunas da escola, sob a orientação dos professores: Maestro Luigi Maria Smido; Maestro

Thomaz Balbini; Adelina Leitão (Colégio Cardoso – Rio de Janeiro); Doralice Barros (Diplomada pela Escola Doméstica de Natal, 1919); Maud Latckow (Violinista, diplomada pela escola de música de Chicago).

Para reorganização do programa de ensino, Leora James realizou novas adaptações. Contratou professoras, mudou a rotina das alunas e impôs um ritmo mais intenso nas atividades da instituição. Promoveu intercâmbios de alunas aos Estados Unidos para realizarem cursos de aperfeiçoamento. Como exemplo, a aluna Isabel Dantas¹³⁷, que foi contemplada com um ano de estudos na universidade de Columbia, nos Estados Unidos, comissionada pelo governo do estado do Rio Grande do Norte. Implementou parcerias no estado e fora dele, com a imprensa local, nacional e em instituições de ensino do estado.

3.3 INFLUÊNCIA DAS MISSIONÁRIAS NORTE-AMERICANAS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL

A abertura do Brasil aos estrangeiros permitiu, ainda no século XIX, uma ampla rede de sociabilidades que culminou, principalmente, na criação de igrejas, escolas, associações de mocidade e escotismo. Nascimento (2007) e Silva (2009) concordam que é nesse período que as missões protestantes norte-americanas se difundiram pelo Brasil, inicialmente se estabelecendo no Rio de Janeiro (capital à época), São Paulo, e daí para as demais regiões brasileiras. Estas se fortaleceram por meio das igrejas e colégios missionários batistas, presbiterianos, metodistas e outras vertentes. Bastian (1994, p. 130) ressalta que:

os pedagogos protestantes foram pioneiros na educação pré-escolar, no ensino técnico (escolas industriais, de artes e ofícios, agrícolas etc), na música, nos esportes e, sobretudo na educação feminina. (...). Entre 1880 e 1920, em toda a América Latina havia escolas e colégios protestantes nas cidades mais importantes fundados principalmente por metodistas, presbiterianos, batistas, congregacionais (BASTIAN, 1994, p. 130).

¹³⁷ Mesmo período que o irmão, Cristovam Dantas, fazia especialização em genética na Universidade de Atlanta, nos Estados Unidos. No retorno ao Brasil, Isabel Dantas assume o cargo de professora da Escola Doméstica de Natal.

Nessa perspectiva, os presbiterianos chegam à Pernambuco em duas vertentes, uma ligada à evangelização e outra mais voltada à educação. Assim, em 1904 a missionária Elisa More Reed, funda em Recife o Colégio Americano de Pernambuco, hoje Colégio Presbiteriano Agnes. Inicialmente, funcionava como escola primária e secundária, para formar meninas, passando depois a ser escola mista. É certo que Pernambuco era referência na região, as discussões e os contatos políticos se davam na capital Recife. É nessa mesma linha que as questões religiosas se aglutinavam no ambiente das escolas, centros e bancos de congregações pernambucanas e se disseminavam nos estados vizinhos, principalmente na Paraíba e no Rio Grande do Norte. É durante este período que os missionários presbiterianos se instalam em Natal, por volta de 1896, inicialmente por meio de uma congregação sob a responsabilidade do estado de Pernambuco. Já em 1897 fundam a o Collegio Americano, escola mista de ensino primário e secundário. Com base nos relatórios dos Presidentes dos Estados (1901),

(...) o Collegio Americano que funciona nesta capital sob a direção de Miss Reed, fundado em 1897. Este collegio tem, além de um curso primário bem regulado, um curso secundário de: Portuguez, Inglez (gramatica pratica), Mathematica (rudimentos) Latim, Historia Geral, Physiologia (rudimentos), Escrita. Exercicios de gymnastica e trabalhos d'agulha para o sexo feminino. (RIO GRANDE DO NORTE, 1901, p. 8)¹³⁸.

Para o curso primário eram ofertadas as matérias: Primeiras Letras; Exercícios Oraís; Língua Inglesa Prática; Aritmética Elementar, Geografia, Caligrafia. O relatório aponta que no Collegio Americano, a base do aproveitamento é o conhecimento de Aritmética. Observa-se que já existia um grupo de professoras norte-americanas que integravam o corpo docente do Collegio Americano. Como já mencionado, a vinda de Leora James para dirigir a Escola Doméstica de Natal se deu por meio do educador Henrique Castriciano. Ao que tudo indica, no período que esteve em Natal, Leora James, e as demais professoras norte-americanas, frequentavam a igreja presbiteriana na Cidade Alta, que também contava com a presença das professoras do Collegio Americano. Assim, podia haver circulação de ideias no tocante às práticas educativas no âmbito das duas instituições.

¹³⁸ Relatório dos presidentes dos estados brasileiros (RN).

As mudanças implementadas na Escola Doméstica de Natal, na gestão de Leora James, foram inúmeras. Ela participou ativamente na reformulação do programa de ensino, criou cursos de extensão objetivando o diálogo com a comunidade, incentivava a escrita das discentes nos periódicos locais – revista *Pedagogium* e jornal *A Republica* – com publicação de artigos, poesias e crônicas na revista, organizou ciclo de palestras e conferências para as discentes e membros da comunidade. Contribuiu com a criação da policlínica de cuidados infantis, que funcionava ao lado da Escola Doméstica. Mantinha o diálogo com dirigentes da Escola Normal de Natal e Atheneu Norte-rio-grandense. Promoveu intercâmbio das discentes e docentes em Universidades e escolas nos Estados Unidos e estabelecia contato com políticos influentes, educadores, escritores, dentro do estado e fora dele.

Quanto à influência das educadoras norte-americanas no programa de ensino da instituição, estas fizeram adaptações e mudanças significativas. Já em 1918, quando a escola passou à administração de Leora James, ela solicitou a contratação de seis professoras com formação nos Estados Unidos. Em Matemática especificamente, foi implantado as cadeiras de Álgebra, Geometria e Desenho (em todos os anos do curso preparatório e de ensino doméstico). Ampliou o estudo de Aritmética nos dois anos do preparatório. Fortaleceu o discurso da cientificidade dando ênfase às disciplinas da área intelectual, como Matemática, Física e Química. Para tanto ampliou, o quadro de professores com formação específica e, assim, integrou o quadro da escola a professora Stella Minor, doutora pela Universidade de Missouri, com especialização em análises químicas e Rosa James, graduada pela Escola Superior de Rocky Mount, na Carolina do Norte, enfermeira diplomada e registrada no Watts Hospital, também na Carolina do Norte. Em parceria com o médico sanitaria Varella Santiago, as professoras se dedicavam às aulas que aglutinavam aprendizados na área de saúde, a exemplo da matéria de Medicina Prática que contemplava os ensinamentos sobre: primeiros socorros; aplicação de vacina; verificação de temperatura; contusões; cuidados com ferimentos; cuidados com alimentação do bebê, entre outras atividades desenvolvidas na clínica de atendimento a criança.

A escola passou a favorecer estudos que contemplavam os ensinamentos sobre agricultura, leiteria, criação e jardinagem. Para tal, trouxe dos Estados Unidos a professora Alice Rivers, doutora pela *Winthrop Normal School* e diplomada em

agricultura pela Escola do Estado da Georgia. Além de ministrar disciplinas, foi encarregada de ministrar cursos ofertados à comunidade.

Compreendemos que o contato das professoras norte-americanas com as outras professoras, dirigentes de escolas, membros da diretoria da instrução pública, e alunas no Rio Grande do Norte, pode ter facilitado em mudanças empreendidas nos programas de ensino, no fortalecimento das disciplinas ligadas à Matemática como Álgebra, ao incentivo do uso dos livros de Antônio Trajano, além da contribuição na execução do concurso público para o cargo de professores de Matemática da Escola Normal de Natal, em 1922. Vale destacar, que para além do nosso estudo, a circulação de ideias entre as professoras norte-americanas com dirigentes e professores de outras instituições de ensino do estado merece estudo mais aprofundado, tendo em vista a possibilidade da influência destas no ensino de Matemática do estado, na década de 1920.

3.4 PROGRAMA DE ENSINO (1927 - 1945)

De acordo com Rodrigues (2007), no ano de 1927 houve mais uma alteração na estrutura do programa de ensino da Escola Doméstica de Natal, tendo o curso sofrido uma redução da carga horária: antes, a aluna passava seis anos estudando e nesse período cursava dois anos de Curso Preparatório e quatro de Doméstico. Com a nova resolução, a duração do curso passou a ser de cinco anos – os dois anos de Preparatório foi incorporado ao curso Doméstico. Contudo, houve uma ampliação no programa de ensino. Conforme Rodrigues (2007), foram acrescidas as matérias:

Direito Usual que tinha como objetivo orientar sobre os princípios gerais que norteavam as leis do período colonial, a formação da monarquia, da república, os direitos dos cidadãos, a Constituição da República, o Código Civil (principalmente no que se referia à família, ao casamento, às relações de parentesco, propriedade, contratos, inventários, testamento). Outras mudanças foi a ênfase na separação das matérias de ensino: foram agrupadas em matérias de caráter mais técnico e matérias de preparo intelectual (RODRIGUES, 2007, p. 158).

Destaca-se, também, a relevância no preparo intelectual, sendo um ano destinado quase que exclusivamente às matérias voltadas ao preparo intelectual e mais quatro anos dedicados ao preparo técnico. Francês e Inglês passaram a compor o último ano do curso, sendo incorporadas as matérias de Educação Social e Pedagogia. Em Educação Social, eram contemplados temas como: *formação da sociedade*

brasileira; aspectos da família nos tempos coloniais do primeiro e segundo império; educação feminina no Brasil – reformas necessárias – a exemplo dos povos adiantados; o ensino doméstico – Europa vários tipos de escolas. Primeiro Congresso Doméstico – 1909, Friburgo. Segundo Congresso Internacional – Gand, Belgica, 1913. Como a mulher deve influir na coletividade – exemplo das estrangeiras – iniciativa coletiva na Suíça, na Inglaterra, na Alemanha, na América do Norte, na Suécia, Noruega, e, no Brasil. Alcoolismo, feminismo na Europa.

Tabela 21: Plano de ensino do Curso Doméstico, 1927.

1º ano de Curso Doméstico	2º ano de Curso Doméstico
Português Francês Aritmética Geografia Música Desenho Caligrafia Cultura Física Costura Teórica e Prática Cozinha prática e teórica	Francês ou Inglês Português Aritmética Música Desenho História do Brasil Cozinha prática e teórica Costura Teórica e Prática Cultura Física
3º ano de Curso Doméstico	4º ano de Curso Doméstico
Português Francês ou Inglês História Universal Desenho Cozinha Prática e Teórica Anatomia e Fisiologia Jardinagem e Criação Leiteria Cultura Física Costura teórica e prática	Português Desenho Francês ou Inglês Cultura Física Lavanderia Higiene Música Jardinagem e Criação Costura Teórica e Prática Cozinha teórica e prática
5º ano de Curso Doméstico	
Português Francês ou Inglês Desenho Direito Usual Educação Social Pedagogia Puericultura e Medicina prática Música Cultura física Costura e Confecções	

Fonte: tabela elaborada pela pesquisadora com base no Plano Geral de Ensino publicado pela Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, Natal: Typ & pap. A. Leite, 1927.

De acordo com o documento, a matéria de Pedagogia era destinada ao estudo de:

Educação e suas fases, os princípios pedagógicos gerais, os fatores que interferem nos problemas da educação do aluno, educação moral, instintos, formação de hábitos e alguns princípios da Psicologia referentes à mente, cérebro, percepção, memória, impulso, sistema nervoso, fenômenos mentais e outros saberes que tinham por finalidade inserir as mulheres no conhecimento humano sobre aprendizagem, conhecimento e desenvolvimento humano. Fonte: LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal: Typ & pap. A. Leite, 1927.

A reestruturação do programa de ensino trouxe também orientações em relação aos cursos ofertados. As alunas estavam divididas em três categorias: alunas que desejavam fazer todo o curso doméstico, recebendo o diploma da escola; alunas que desejavam estudar algumas matérias do programa – sendo obrigatório escolher sempre Português e Aritmética – recebendo apenas certificado de aproveitamento destas matérias; e as alunas que se matriculavam nos cursos anexos, como o de Pintura, Música e Desenho Comercial.

Quanto ao regulamento, elaboramos o quadro a seguir com algumas informações sobre este.

Quadro 06: demonstrativo do regulamento, 1927.

Critérios de aprovação	Organização dos Exames
A aluna era aprovada com nota maior ou igual a sete. Média anual mais média dos exames 7,0 Média anual: sabatinas mensais mais a nota do comportamento. Ausência de sabatina: 3 faltas 50 faltas reprovavam. Chegar atrasada três vezes era equivalente a uma falta. Os graus de aprovação, em cada componente curricular, oscilavam dentro dos seguintes limites: Distinção: de 9,51 a 10,00 Plenamente: de 8,00 a 9,50 Simplesmente: 6,00 a 7,99	Comissão Examinadora Três professores, inclusive o professor da matéria, sendo a comissão indicada pela direção da escola; Segundo exame: para realizar o segundo exame era necessário ter ficado somente em duas matérias e, ter nota de comportamento superior a 8,0 no ano anterior. Tese¹³⁹: o desenvolvimento de tese se dava mediante a escolha de um tema dentre os estudados nas matérias.

Fonte: LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal: Typ & pap. A. Leite, 1927.

¹³⁹ A defesa da tese já era uma prática desde 1919, bem como, os exames e sabatinas.

Vale destacar que a defesa da Tese era realizada mediante uma banca examinadora composta de três professores. Algumas alunas apresentavam suas teses na festa de formatura, sendo estas publicadas na imprensa. Como exemplo, encontramos a tese de uma das concluintes de 1921, Azina Azevedo, que tinha como título *A Dona de Casa como Cidadã*.

Destacamos, a seguir, um artigo que trata do exame de Puericultura publicado no jornal *A Republica*, em 20 de novembro de 1919:

Assistimos, hoje na Escola Doméstica, aos exames finais de puericultura, feitos pela turma de alunas que terminam o curso este ano, sob a direcção do dr. Varella Santiago. Este curso, como todos sabem, foi inaugurando em começos de Agosto e todos que assistiram aos exames finais de hoje ficaram muito bem impressionados, admirados mesmo, como foi possível, dentro de tão pouco tempo, incluir nas alumnas, tantos conhecimentos práticos e tantas ideias concretas sobre a medicina domestica aplicada a puericultura. Hoje sadias e fortes, apresentam-se inteiramente transformadas. Assistiram aos exames vários médicos, membros da Liga do Ensino, do ensino superior e muitas famílias. (A REPUBLICA, 20 de novembro de 1919).

Observamos que em alguns momentos os exames eram públicos, o que possibilitava mostrar à comunidade a competência das alunas, como forma de dar visibilidade a escola. Outro tipo de avaliação era a exposição dos trabalhos manuais, na semana de encerramento do ano letivo. Algumas salas eram abertas ao público com exposições variadas e até mesmo os boletins com as notas das alunas eram apresentados aos visitantes.

3.5 INFLUÊNCIAS BELGAS NA FORMAÇÃO DAS DOCENTES E DISCENTES DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL

Os intercâmbios internacionais firmados no Brasil, no início do século XX, eram disponibilizados, embora numa escala muito pequena, tendo como perspectiva as inovações pedagógicas e experiências bem-sucedidas que contribuíssem com a melhoria da educação. Ressaltado por Oliveira (2014) e Oliveira et al (2016), o envio de professores e pesquisadores à Europa e aos Estados Unidos, com financiamento do governo, passou a ser comum, como aconteceu, por exemplo, com Anísio Teixeira, em 1927, comissionado pelo governo da Bahia, Bertha Lutz, em 1923, comissionada

pelo governo do Rio de Janeiro, assim como com Lourenço Filho e Carneiro Leão entre outros. Cumpre lembrar que essa busca por formação especializada era também vivenciada por outros países da América Latina, assim como de países europeus, a exemplo da Espanha.

Nessa ótica, ao analisarmos o cenário de saída das discentes e docentes da Escola Doméstica de Natal em intercâmbios na Europa, no final da década de 1920 e meados da década de 1930, nos questionamos igualmente a Mignot e Silva (2011) e Venancio Jr. (2019), a respeito de como um relatório de viagem pode evidenciar as vivências e a circulação de conhecimentos daquele que viaja. As educadoras em viagem de estudos eram ex-alunas, professoras recém-contratadas para integrar o quadro de professores da Escola Doméstica de Natal. Buscou-se assim, compreender de que maneira se dava o diálogo das brasileiras nos institutos agrícolas da Bélgica, instituições que as recebiam, bem como de que modo os conhecimentos construídos nestas vivências influenciavam nas práticas educativas da Escola Doméstica de Natal.

As repostas às nossas inquietações nos foram possíveis ao analisarmos parte dos documentos que fundamentam o nosso estudo, tais como periódicos específicos da Escola, sendo estes: *Jornal o Lar*¹⁴⁰; *A Escola Doméstica*¹⁴¹; editorial dos 64 anos da Liga de Ensino; o jornal local *A Ordem*¹⁴². Na imprensa nacional – *O Paiz e Diário Carioca* – encontramos resquícios da saída de moças da referida escola à Bélgica. A publicação do jornal *O Lar* de 1929 faz referência a ida de duas professoras da Escola Doméstica à Bélgica para realização de um curso de aperfeiçoamento. A matéria traz no título o nome das duas professoras, como ressaltado a seguir:

Deverão embarcar, por esses dias, destino à Bélgica, as distintas senhorinhas Santa Guerra e Alix Ramalho, competentes professoras da Escola Domestica de Natal. Vão as dignas conterrâneas ao velho mundo, àquelle civilizado e culto paiz, no elevado proposito de fazer um curso de aperfeiçoamento que será, com certeza, conhecido os seus méritos, de real proveito para a finalidade do nosso educandário. (O LAR, abril de 1929).

¹⁴⁰ Órgão do Grêmio Litero-Musical Auta de Souza ano I, Natal – Rio Grande do Norte, 1929 – maio.

¹⁴¹ Órgão do Grêmio Litero-Musical Auta de Souza ano I, Natal – Rio Grande do Norte – outubro – 1925. Num 1. 1926 – agosto a dezembro.

¹⁴² Fundado no Rio Grande do Norte a 14 de julho de 1935, pela Congregação Mariana de Moças

As professoras Alix Ramalho e Santa Guerra (pseudônimo de Caetana de Brito Guerra) ingressaram no quadro da escola após conclusão do curso. Assumiram a direção da instituição por cinco anos, de 1930 a 1940. Nessa mesma direção, pontuamos em seguida o trecho de um artigo publicado no jornal carioca *O Paiz*, em sua coluna sobre os estados brasileiros, o qual traz as informações administrativas do governo do Rio Grande do Norte. Por meio de carta enviada ao periódico, o então governador descreve os avanços na instrução feminina do estado, dentre os quais um prêmio destinado às alunas da Escola Doméstica:

Tenho mais uma notícia interessante a dar-lhe, e que concerne à instrução e ao feminismo. No meu governo, institui um prêmio de viagem na Escola Doméstica do Natal, premio, este destinado à alumna que obtivesse classificação mais distinta. Acabam de regressar da Europa as duas primeiras premiadas, sendo que a senhorita Santa Guerra vai assumir agora a direção da escola. Depois de se ter especializado em Laeken, na Belgica (O PAIZ, 1930, p.2).

Outras leituras nos informam que as alunas concludentes com melhor rendimento ganhavam um prêmio¹⁴³, sendo este uma viagem de estudos de um ano, na Bélgica. Como nos conta a professora e ex-aluna Francisca Nolasco Fernandes em seu livro, *Menina feia e Amarelinha*, de 1973,

Renunciei ao prêmio de viagem à Europa no que fiz muito bem, pois neste ano rebentou a revolução. Embarquei para Recife com uma boa dose de presunção, mas também sérios e bem fundados receios, que não foram desmedidos. (FERNANDES, 1973, p.72).

A autora, ao pontuar suas vivências na escola, destaca que foi agraciada com o referido prêmio ao concluir o curso em 1927. Contudo, renuncia para assumir um cargo administrativo na educação pública do Recife, participando de modo efetivo da reforma da educacional Pernambuco de 1928.

Como posto, a aproximação com maior interesse das educadoras norte-rio-grandenses pelo ensino doméstico agrícola na Bélgica acontece nos últimos anos da década de 1920 e meados dos anos 1930. Período que coincide com a consolidação da escola em âmbito local e nacional, com a conclusão das primeiras alunas, as quais ingressam no ensino público e privado, tendo estas um papel ativo na cultura escolar

¹⁴³ Prêmio concedido pelo Governo do Estado.

do estado e região. Isto auxiliou a instituição a ser uma referência na reivindicação do ensino profissionalizante feminino no país – uma visibilidade afirmada pela feminista Bertha Lutz. Era uma época que se pregava a necessidade de reformas educacionais que correspondessem aos anseios da sociedade, que reclamava educação de qualidade.

3.5.1 Ensino Doméstico Rural na Bélgica

As escolas de ensino doméstico na Europa já eram uma realidade no final do século XIX e início do século XX. Países como Suíça, Holanda, França e Bélgica implementaram o ensino doméstico e profissional, tanto por meio das Escolas Normais, quanto em cursos ambulantes. As associações femininas desempenharam papel significativo na reivindicação de práticas educativas que, de forma imediata, preparassem as moças na luta contra o alcoolismo e que as orientassem nos cuidados do lar, com viés científico. De acordo com Tovar (2015), buscava-se reforçar o papel do lar e da família para se adequar às exigências de novos tempos. Formar a mulher como mãe e esposa foram ideias “modernas” que se difundiram e generalizaram.

Nesse contexto, a Bélgica aparece como referência em relação ao ensino doméstico rural, tanto na Europa, quanto em países da América Latina. Agustín Nogués Sardá (1924) afirma, em seu estudo sobre a instrução pública na França, Bélgica e na Suíça, que o papel da mulher na agricultura belga teve tanta relevância quanto o do homem. Foi por meio de investimentos na educação feminina que o êxito na produção agropecuária cresceu consideravelmente, devendo, em grande parte, ao papel ativo da mulher.

As instituições de ensino agrícola dedicadas à formação das mulheres, na Bélgica eram organizadas em escolas de grau superior, grau médio e grau inferior. As de grau superior eram as Escolas Normais Agrícolas de Hérvelè e Wavre – Notre-Dame e Instituto Normal Superior de Economia doméstica agrícola de Laeken. Este grau de ensino doméstico agrícola estava representado, desde 1912, pela instituição de um quinto ano de especialização agrícola nas Escolas Normais. As Escolas Normais agrícolas de Hérvelè e Wavre – Notre-Dame objetivavam formar as futuras professoras para atuarem nas escolas rurais de ensino primário, mas também as preparar a exercer a função de professoras das escolas domésticas agrícolas profissionais. O programa de ensino das referidas instituições era composto por disciplinas que compreendiam a formação da mulher do campo, dando ênfase em especial às disciplinas de Agricultura,

Botânica, Floricultura, Economia, Higiene Infantil, Pedagogia, Leiteria, Queijaria e Contabilidade Agrícola.

O Instituto Normal Superior de Economia Doméstica Agrícola foi construído em Laeken, nas proximidades de Bruxelas, com uma estrutura física que contava com uma área de 10 hectares de terreno de cultivo e 15 hectares com parques e quadras de esportes. Dispunha, para o ensino prático, de uma casa de campo, de jardim para o plantio de hortaliças, árvores frutíferas e terrenos destinados a vários cultivos, demonstrações e experiências. Ademais, cada aluna do regime de internato tinha um quarto cuidado por elas mesmas, espaço onde era possível receber a família.

O instituto tinha como missão preparar, por meio de uma educação social e profissional de qualidade, uma seleta juventude feminina, capaz de elevar a condição social da população rural. O instituto se dirigia às futuras professoras do ensino doméstico – sendo estas diretoras de ações femininas na zona rural, professoras de escolas ménagères agrícolas do grau médio, ou de cursos isolados. O instituto era dedicado, também, à formação das filhas dos agricultores e proprietários desejosos de promover a estas uma educação completa em relação à gestão de um lar rural. Sardá (1924) destaca que,

la observación y experimentación personales de las alumnas constituyen la base de la enseñanza. Se persigue desarrollar el espíritu de iniciativa, el bon sens, el gobierno de sí mismo y el hábito de la vida familiar propia de las poblaciones campesinas. (SARDÁ, 1924, p. 191)¹⁴⁴.

De acordo com o autor, os fundamentos que norteavam o ensino doméstico rural belga advinham dos princípios educacionais adotados no país: adaptar sempre o ensino às necessidades de cada região. Assim, as alunas recebiam estudos fixados previamente, resultado do diálogo entre a família e os dirigentes do instituto. Desse modo, todas as alunas que frequentavam os estudos, participavam diretamente da administração do instituto. O curso durava em média cinco semestres, um dos quais se destinava às atividades pedagógicas e práticas. O tempo destinado às atividades práticas era o dobro do tempo dedicado às atividades de ensino teórico. Contudo, era

¹⁴⁴Livre tradução: a observação e a experiência pessoal das alunas se constituem a base do ensino do ensino. O objetivo é desenvolver o espírito de iniciativa, o bom senso, o governo de si mesmo e o hábito da vida familiar própria das populações campesinas.

deixado um horário para que as mesmas tivessem tempo para se dedicar aos estudos e ao trabalho.

Em relação à parte administrativa e ao corpo docente, sabe-se, por meio dos documentos analisados, que em 1929 o instituto estava sob a direção de Jean Lindemans, Doutor em Filosofia e Letras. Tendo como assistentes de direção as professoras Margarita Jamart e María Van Gyseghen, entre outros cargos. Contava ainda com uma conselheira ménagère. O corpo docente, à época, era composto por vinte professores distribuídos nos cursos teóricos e práticos. O Instituto mantinha parceria com outros centros similares do estrangeiro para fazer intercâmbio de alunas e professores. Semanalmente, recebiam palestrantes belgas e de outros países da Europa para conferências.

As discentes eram admitidas com idade de 17 anos completos, sendo o ingresso realizado por meio de exame, o qual versava sobre questões de: língua materna, segunda língua nacional, Aritmética, Ciências Naturais, Economia, História, Geografia, Comércio e Pedagogia. O ingresso das estrangeiras que estavam em regime de intercâmbio se dava por meio de carta de recomendação.

Nos institutos de Grau Médio encontravam-se as escolas domésticas agrícolas. Nestas, os estudos duravam em média três anos e seu regime habitual era o internato. O programa compreendia noções de Ciências Naturais e Agronomia, cultivo de horta, Floricultura, elementos de Zootecnia, Leiteria e Queijaria, Economia Doméstica, Pedagogia Maternal, Higiene, Comércio, Contabilidade e Direito Usual. O professorado era composto, em regras gerais, por professoras primárias, que possuíam título de ensino doméstico agrícola. A carga horária destas escolas era determinada pela Instrução Pública, a qual tinha uma carga obrigatória de 30 horas semanais, sendo 10 horas dedicadas para a teoria e 20 horas às atividades práticas. Todas as escolas nesta modalidade recebiam subvenções do estado.

A escola funcionava em tempo integral e os horários eram organizados com base em alguns princípios, sendo estes habituar as alunas à ocupações úteis, preparando-as para a prática; fazer preceder o trabalho manual com lições técnicas; variar as lições e os exercícios práticos; fazer o ensino fácil e atrativo; o número de lições devia ser adequado à relevância da disciplina sobre as necessidades locais. Desse modo, o domingo era dedicado a compor menus, ao canto, ginástica, passeios, correspondências e leitura.

No tocante às instituições de grau inferior, encontravam-se as Escolas Agrícolas Ambulantes, que objetivavam ensinar às jovens camponesas as noções necessárias ao exercício da profissão de lavradora. Eram escolas temporárias, com cursos de duração entre quatro e seis meses, dirigidas às moças que já tinham concluído o ensino primário. Mantidas por organizações agrícolas, recebiam subvenções dos municípios.

3.5.2 A influência Belga nas práticas educativas da Escola Doméstica de Natal

Ao buscarmos entender como se dava os cursos das escolas Domésticas belgas e como se implementou a educação voltada ao campo, acabamos descobrindo algumas pesquisas em que o referido país aparece como modelo de formação e mobilização das mulheres camponesas. Gubin (2002) afirma que o agrônomo belga Paul de Vuyst¹⁴⁵ foi um ativo organizador das escolas domésticas e impulsionador das associações femininas, dedicando parte dos seus esforços à implantação do ensino doméstico agrícola. Nessa mesma direção, a ex-aluna, professora e Diretora, nos anos 1930, da Escola Doméstica de Natal, Caetana de Brito Guerra, publicou um livro em que descreve de forma detalhada como se dava o ensino doméstico agrícola na Bélgica. Ressalta a importância do trabalho de Paul de Vuyst na educação feminina em todo o mundo: “*Apóstolo da educação familiar, como já tem sido chamado na Europa, Paul Vuyst, a quem tivemos a honra, minha companheira de viagem Alix Pessoa e eu, de conhecer em Bruxelas*” (GUERRA, 1930, p.30).

As alunas da Escola Doméstica de Natal, como posto anteriormente, obtinham recursos para estudar a organização do ensino doméstico agrícola no Institut Supérieur Ménager Agricole de Laeken (Bruxelas). De acordo com Guerra (1935), o contato entre as alunas e a instituição na Bélgica se dava por meio do governador do estado, Juvenal Lamartine, por Henrique Castriciano e Ernesto Pereira Carneiro¹⁴⁶, amigo de Paul de Vuyst, o “*Acesso providencial fizera-nos levar-lhe cartas de recomendação,*

¹⁴⁵ De acordo com Venâncio Junior (2019), Paul de Vuyst fez parte de um movimento denominado retorno à terra, que nos anos entre guerras, buscou se manter atento a melhorar a vida do trabalho doméstico dos agricultores belgas. Fundou em parceria com alguns professores universitários, um centro nacional, de referência em estudos de Economia Doméstica. Veio ao Brasil em 1924, sendo recepcionado pela bióloga Bertha Lutz, no Rio de Janeiro, que convida Henrique Castriciano, Juvenal Lamartine para assistirem as conferências do educador belga, que tratou sobre o papel social da mulher na economia doméstica e educação familiar.

¹⁴⁶ Conde Pereira Carneiro, filho de um comerciante do Recife, estudou em Lisboa, Paris e Londres, onde concluiu os estudos no Saint George College. Fundador e Presidente da Sociedade Brasileira de Puericultura.

por parte do conde Pereira Carneiro, seu amigo e do dr. Juvenal Lamartine, então presidente do Estado” (GUERRA, 1935, p. 3). Paul Vuyst recebeu as brasileiras em sua residência e tratou de indicar um plano de ação que fizessem tirar o máximo proveito na estada delas na Bélgica. Seguiam as mesmas orientações que os demais educadores brasileiros em viagens de estudos, *“Profissionais comissionados deveriam visitar as escolas, observar e estudar os métodos, técnicas e arquitetura de locais de ensino, escrever relatórios descrevendo tudo, além de remeter os materiais e objetos interessantes para o ensino no Brasil”* (MIGNOT E SILVA, 2011, 437).

Nessa direção, foram apresentadas a algumas alunas da Escola Doméstica de Laeken, delegando a estas mostrar a cidade e ajudar na acolhida das brasileiras. Recebiam frequentemente cartões de Vuyst, convidando-as para reuniões, conferências instrutivas, excursões de alunas ou professoras do ensino doméstico, aconselhando-as falar com inspetores e ir aos ministérios. A Escola Doméstica de Laeken, onde se encontravam estudantes de diversas nações e que as brasileiras foram aconselhadas a frequentar – Institut Supérieur d’économie ménagère de L’at – era situada nos arredores de Bruxelas. Elas participavam das classes práticas de Economia Doméstica, Cozinha, Teoria da Alimentação, Lactaria, Queijaria, Horticultura, Pedagogia Familiar, Arte Decorativa e pequenos ofícios. De acordo com Guerra (1935), escreviam relatórios das variadas atividades desenvolvidas, o que a possibilitou escrever um livro sobre a experiência que tivera em um ano na Bélgica.

Dos questionamentos e análises desse estudo surgem novas ideias a respeito do cenário de saída das discentes e docentes da Escola Doméstica de Natal para intercâmbios na Europa no final da década de 1920 e início da década de 1930. Segundo Guerra (1930) e Pessoa (1935), a opção por fazer o intercâmbio nas instituições belgas foi devido à aproximação das concepções educacionais de Paul de Vuyst com as diretrizes que norteavam as práticas educativas na escola de Natal.

Assim, com preocupações semelhantes aos princípios que norteavam as escolas domésticas rurais na Bélgica, a escola de Natal fortalecia o discurso da necessidade de estudos voltados ao campo que buscassem superar as dificuldades enfrentadas pelas alunas no retorno às suas comunidades rurais, *“lugar onde ela tem grande missão a cumprir junto às populações com justiça considerada as melhores fontes de reservas do país”* (ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1930, p.5). Nesse raciocínio, o intuito era o de proporcionar à mulher residente nos sítios, fazendas e cidades do interior,

competência para atuar junto à população, orientando as camponesas nos cuidados com a higiene das crianças e atuar na falta de médicos ou auxiliar no exercício dos mesmos.

Outro ponto marcante em relação à influência da educação belga na formação das docentes da Escola Doméstica se refere ao reforço do discurso em defesa do desenvolvimento da Pedagogia Familiar. Como por exemplo, os artigos publicados por Caetana de Brito Guerra no periódico *A Ordem*¹⁴⁷, coluna *Vida Feminina*, entre eles: *Pedagogia familiar*¹⁴⁸, a autora chama atenção para a difusão das ciências do lar, argumentando que é no seio das famílias, no mais íntimo recesso dos lares, que virão a constituir a sociedade futura; *Um apóstolo entre nós*¹⁴⁹, neste texto, ressalta os trabalhos de Paul de Vuyst junto às escolas de ensino doméstico agrícola na Bélgica, o qual exalta a vida no campo e a idealização da sociedade rural. Descreve o educador como um dos maiores animadores do ensino doméstico e da pedagogia familiar, e pondera que o belga fez notar, nos últimos congressos internacionais de ensino doméstico, a magnitude das noções de Pedagogia Familiar à formação doméstica das jovens dona de casa; *Pedagogia familiar*¹⁵⁰, O artigo apresenta os temas discutidos no primeiro congresso de educação familiar, em Liège, Bélgica, 1905. Foi durante o evento que se criou a comissão internacional de educação familiar. Acentua que do mencionado congresso e de outros que se seguiram em 1906, em Milão, 1910 e 1935, Bruxelas, 1930, o de Liège, que resultou o considerável movimento em prol da família, em diferentes países, a criação de associações de pais e mestres, sociedade para o estudo da criança, cursos de pedagogia familiar e muitas outras instituições.

Dentre os princípios pedagógicos defendidos pelas educadoras da escola, tendo em vista as influências dos programas de ensino doméstico agrícola belga, um deles era que o programa curricular fosse trabalhado de modo a habituar as discentes em ocupações úteis, preparando-as para a prática; fazer preceder o trabalho manual com lições técnicas; variar as lições e os exercícios práticos; fazer o ensino fácil e atrativo; o número de lições devia ser adequado à relevância da disciplina às necessidades locais. No que tange aos conhecimentos agrícolas, dava-se ênfase à pedagogia familiar, tendo em vista que a verdadeira educação social deveria começar pela família, célula da sociedade.

¹⁴⁷ Período, 1935 a 1952.

¹⁴⁸ Ano: I – Jornal nº 23 de 10 de agosto 1935. p. 3, 4

¹⁴⁹ Ano: I – Jornal nº 28 de 17 de agosto de 1935. p. 3, 4

¹⁵⁰ Ano: I – Jornal nº 28 de 17 de agosto de 1935. p. 3, 4

É certo que o relatório para cumprir obrigações traz as impressões acadêmicas, mas foge dos padrões de neutralidade e objetividade. Como defende Mignon e Silva (2011), emana da escrita do viajante suas redes de contatos, suas escolhas, vivências, laços afetivos, tensões e conflitos.

3.6 PROGRAMAS DE ENSINO (1946 – 1961)

Conforme Assis (2016), Rodrigues (2007) e Valente (2004), é a partir de 1930 que as reformas na educação são adotadas a nível nacional, trazendo uma nova organização e sistematização ao ensino, tendo a primeira delas sido implementada por Francisco Campos. Valente (2004) afirma que:

Em 1942, a reforma que ficou conhecida como Reforma Capanema deu nova organização ao Ensino Secundário, criando o ginásio de quatro anos e os cursos clássicos e científicos de três anos. É possível dizer que a disciplina escolar Matemática foi instituída nacionalmente pela Reforma Francisco Campos. A Reforma Capanema deu à disciplina outras feições (VALENTE, 2004, p.2).

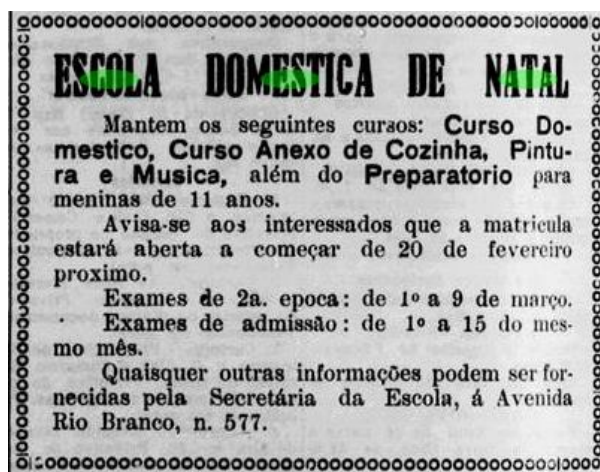
Nessa perspectiva, a partir dos anos 1930, tivemos algumas modificações, em matéria de educação. Entre elas, a criação do Ministério da Educação e Cultura, em 1931. Alguns decretos estruturaram a carga horária e a duração dos cursos ofertados. *“Enfatizou-se o caráter elitista e enciclopédico do ensino secundário, ao propor para esse nível de ensino um caráter terminal, impossibilitando as camadas mais carentes da população de continuar os estudos (RODRIGUES, 2007, p. 159).*

A Escola Doméstica de Natal buscou se adaptar às normatizações nacionais, embora tendo autonomia de legislação própria. A experiência dos membros da Liga, das dirigentes da instituição e o contato que mantinham junto ao Ministério da Educação, os orientou organizar os conteúdos das disciplinas do núcleo comum nacional do ensino secundário, determinando de modo detalhado os conteúdos ministrados. Notadamente, a Reforma Capanema, em 1942, deu à escola o status de referência no Ensino Doméstico Nacional, em virtude da inserção da disciplina de Economia Doméstica no ensino secundário. Segundo Abu-Merhy (1943)¹⁵¹, o Bureau International d'éducation de Genebra publicou os resultados de uma pesquisa sobre o

¹⁵¹ Artigo publicado no Jornal *Cultura Política*, 1943.

ensino doméstico nas escolas primárias e secundárias de 40 países, inclusive o Brasil. Por meio dos resultados foi possível perceber a falta de legislação sobre ensino doméstico, tendo alguns esforços isolados. Para a educadora Abu-Merhy, a resposta do Brasil à pesquisa foi dada na Reforma Capanema. Assim, o Ministério da Educação criou a disciplina de Economia Doméstica e as suas diretrizes, entre estas: valorizar o estudo científico dos alimentos, da nutrição e da higiene; orientar o orçamento doméstico; reforçar a educação familiar.

Em 1942, a Escola Doméstica de Natal oferecia os seguintes cursos: Doméstico, com duração de cinco anos, tendo a aluna no ato da matrícula a idade mínima de onze anos, recebendo após os cinco anos o diploma de Dona de Casa; Curso anexo de Cozinha; Pintura e Música, como aparece no anúncio que se segue:



Fonte: A Republica, 1942, p. 3

Já em 1948, além do Curso Doméstico, era ofertado o Anexo de Cozinha, Música e Puericultura, diferindo de 1942, que era ofertado Pintura e Preparatório, o que aponta um movimento da escola em se adequar às necessidades da população. Não obstante, a realidade vivida por escolas secundárias que não preparavam para o ensino superior foi evidenciada pela Escola Doméstica de Natal, já que as discentes, ao concluir os estudos, recebiam um diploma que não as habilitavam ingressar na universidade, “*Essa possibilidade só foi pensada e concretizada na década de 60 pela Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, após a promulgação da LDB/1961*” (RODRIGUES, 2007, p. 159).

É a partir de 1962 que a escola implementa maiores mudanças, ofertando cursos igualmente às demais instituições de ensino do estado. Assim, o Curso

Doméstico passou a ser organizado do seguinte modo: Curso Doméstico Colegial; Curso Doméstico Ginásial Técnico. Sob a orientação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional os cursos ofertados pela instituição passaram a ter a seguinte função:

(...) para as alunas que concluírem o primeiro ciclo ou o ginásial, compreende as matérias obrigatórias do segundo ciclo secundário, ou o Curso Colegial, segundo a lei vigente, acrescidas das matérias comuns no Curso Doméstico tradicional. As concluintes receberão o certificado de Dona de Casa, ou seja, de Educação para o Lar, equivalente ao Colégio Técnico, que habilita também para o ingresso nas Escolas Superiores. Terminando o segundo ciclo, as alunas que desejarem seguir a carreira do Magistério, deverão cursar a quarta série, composta de disciplinas especializadas, para que possam registrar o seu Diploma no Ministério da Educação e Cultural. (ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1914 – 1964, p. 41).

Com base nos regulamentos supracitados da instituição, as alunas passaram a ter uma estrutura curricular semelhante às orientações da LDB/61, o que igualava o ensino ofertado pela instituição às demais escolas do país, tendo como diferencial as disciplinas do curso doméstico.

3.7 ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Observando integralmente a orientação tradicional do ensino da mulher, a Escola instituiu a atualização do preparo de suas alunas, reformulando o currículo em base mais amplas e de melhor sentido prático, visando não somente os misteres do lar, mas, também, do magistério e do ingresso nas escolas de ensino superior. (ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1964, p.20).

O texto se refere a um documento elaborado pela Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, em comemoração aos 60 anos da escola. Para tal, pondera que ao longo dos sessenta anos, a instituição esteve atenta às concepções pedagógicas, filosóficas, políticas e psicológicas que embasaram o desenvolvimento da educação, ao nível local, nacional e internacional.

Quando em voga no país era *Lição de coisas*, as publicações dos membros da LERN eram tidas como referência para o estado. Assim, o que havia de mais moderno na capital federal e nos países chamados adiantados era discutido por estes. Como exemplo, nos artigos de Manoel Dantas sobre as escolas de ensino primário no Rio

Grande do Norte, o autor tecia críticas à formação dos professores e ao descaso do poder público com a educação:

Em todos os países, onde o ensino primário é uma realidade, uma preocupação constante dos governos, a que eles dedicam o melhor de sua atenção e de seus esforços, o ensino da geometria elementar, do desenho, da ginastica e dos trabalhos manuais ocupa salientíssimo lugar nos programas escolares. (DANTAS, 1896, p.3).

O autor afirma que em países como Suíça, Bélgica, Alemanha e Estados Unidos, a relevância nas atividades físicas é tão valorizada quanto os trabalhos de ordem intelectual. Nessa mesma direção, apareciam as publicações de Castriciano, tratando da formação da mulher, de Varella Santiago, discorrendo a respeito do problema da mortalidade infantil e de Juvenal Lamartine que defendia a educação da mulher no combate ao alcoolismo, entre outros. De mesmo modo, Bondoc (1913), comenta que o ensino doméstico, que é defendido pela Liga de Ensino, não trata somente de saber, mas de saber fazer, não se ocupa somente de adquirir a teoria, mas também a prática. A educadora pondera que o ensino doméstico é como o ensino de trabalhos manuais, eminentemente teórico e exige habilidades manuais. Por mais inteligentes que sejam estas habilidades, esta facilidade para qualquer trabalho não se adquire somente por exercícios múltiplos e variados sob a verificação da escola. Os cursos teóricos não podem, nem devem ser distantes do mundo real, devem sim, se referir às coisas que são matérias da vida, que aparecem na conservação ou se encontram a cada instante do dia-a-dia, porque eles constituem o mesmo fundo das ocupações da escola. Com efeito, ao ensino doméstico, mais que nenhum outro, as lições teóricas e os trabalhos práticos estão inteiramente ligados.

Notadamente, as mulheres ligadas à Escola Doméstica de Natal faziam parte desse círculo, participando ativamente das discussões sobre os problemas da educação do estado e de questões sociais e políticas. Apropriavam-se dos conhecimentos, das vivências no cotidiano da escola por meio das práticas educativas, dos discursos e na construção de sua identidade. Participaram, igualmente, as mulheres que não tiveram visibilidade, que ficaram no anonimato, da construção histórica da cultura da sociedade brasileira. Se inserir no mundo para além das paredes domésticas exigia, à época, ousadia e persistência, o que na maioria das vezes significava destoar dos padrões adequados às mulheres.

Ao passo que algumas alunas foram delineando suas histórias na política, na educação, na saúde, na arte e nos esportes, outras se dedicavam ao lar e à família, exercendo o papel a elas delegado pela sociedade. Demanda refletir sobre a subjetividade de cada uma dessas mulheres, pensar o que as fazia despertar pelas causas sociais, o que as unia e o que as afastava das discussões de igualdade de gênero, quais eram as causas mais urgentes a defender. Moreira e Câmara (2010) afirmam que:

nos diferentes grupos há muitas distinções entre seus membros. No das mulheres, por exemplo, encontram-se brancas, negras, casadas, solteiras, divorciadas, mães, moradoras de diferentes cidades, apreciadoras de variadas manifestações culturais, jovens, idosas. Enfim, há uma gama de aspectos identitários que as distinguem, assim como há pontos que as unem e que permitem estabelecer eles e partilhar valores e propósitos comuns. (MOREIRA & CÂMARA, 2010).

Como já mencionado, algumas discentes e docentes da Escola Doméstica de Natal integraram o grupo feminino que reivindicou o direito da mulher de votar e ser votada. Entendemos que a escola não buscava, por meio de suas atividades, estimular a atuação das alunas na política, a serem protagonistas de sua formação à época, ou à equidade do gênero. Trazemos o discurso da concluinte Celina Cavalcanti, eleita em 1928, membro da associação de eleitoras do Rio Grande do Norte:

(...) Por que esta revolta esthesia do espírito em meio de um festividade, que consagra o triumpho? Que é a causa? Certo, a nossa própria victoria que nos obriga à separação. É alegria e é tristeza porque é êxito e é saudade. Cinco annos de obstinados labores, sem tréguas nem desânimos, conquista do mesmo ideal, em que irmanadas como filhas do mesmo lar, vencemos os comuns obstáculos! Fim de jornada, é este para nós um solemne momento, em que recebemos o nosso modesto, porém, mui almejado título de dona de casa! E como o vajôr, que ao termo da peregrinação memora em voluptuoso retrospecto, as paysagens vistas e que se perdem nos longes da visão, assim recordamos com profundo sentir, num estado de semi-adormecimento, nossos bons dias de collegiaes.

(...) A Escola Doméstica, modelar estabelecimento, onde a mulher recebe os aprestos necessários a sua completa educação social está destinada a ser um dos factores máximos das grandezas do nosso Brasil. Na hora actual em que o elemento feminino reivindica o seu verdadeiro lugar na scena do mundo, ella prepara a mulher para a compreensão e o exercício dos seus direitos. (CAVALCANTI, 1928, p. 3).

Os dois trechos do discurso da formanda Celina Cavalcanti nos trazem a compreensão da singularidade de cada moça formada na instituição que, no geral, ingressavam na escola defendendo os mesmos ideais e estavam juntas por cinco anos,

“irmanadas como filhas do mesmo lar”. Contudo, a história dessas mulheres aponta para o desvelar das diferenças, da subjetividade e de como lidavam com subordinação da sociedade marcada pelo patriarcado. A percepção de Celina Cavalcanti sobre a escola é que esta preparava a mulher na compreensão do exercício dos seus direitos. É certo que Cavalcanti tinha uma excelente oratória, com um vasto repertório cultural e se destacava no modo que escrevia. Assim, entendemos que ela usou o discurso de formatura para fazer a propaganda em favor do voto feminino.

Bondoc (1915), James (1919) e Castriciano (1911) defendem que a Escola Doméstica prepara para a vida das futuras donas de casa, visando dar às famílias boas esposas e boas mães. Para estes, a reedificação da sociedade depende, sobretudo, da mulher. Sua influência é incontestável e é então, na escola e pela escola, especialmente por meio do ensino de uma escola doméstica, que as noções de higiene penetrarão no lar. Por outro lado, James (1922) afirma que a ciência do ensino doméstico não se apoia unicamente sobre as ciências físicas e biológicas, mas é igualmente fundamentada nas ciências sociais, porque toda família é um fragmento da sociedade. Para tanto, a escola defendia a laicidade do ensino. Alguns dos membros da LERN eram espíritas, as norte-americanas missionárias presbiterianas, e as alunas, em sua maioria de famílias católicas. As análises até o presente nos transmitem a ideia da escola como espaço plural, que respeitava as diferenças.

Conforme Marques Neto (2016), Rodrigues (2007) e Barros (2000), os membros da LERN já tinham conhecimento das discussões sobre a Escola Ativa, Escola Nova antes do movimento se fortalecer no Brasil – as vivências de Castriciano na Bélgica, os estudos sobre Decroly, assim como o interesse de Varela Santiago pela psicologia infantil e as pesquisas realizadas em Paris, bem como os contatos de Manoel Dantas nos Estados Unidos. Além das redes de contatos que mantinham com educadores nos estados vizinhos, fator que pode ter facilitado a circulação de ideias com Lourenço Filho, durante período que o educador esteve no Ceará, é fortalecida a ideia que as bases com que foram construídos os planos de ensino da Escola Doméstica de Natal tinham influência dos princípios teóricos e metodológicos da Escola Nova.

Para Jemenéz (2015), o movimento da Escola Nova se tratava de uma alternativa ao ensino tradicional, tendo o aluno como elemento central no momento de organizar o processo de ensino e aprendizagem. Uma das características principais era a importância que se dava à atividade e o interesse do aluno por esta. A esse respeito, Valente (2016) pondera que foi a partir da década de 1920 que a Escola Nova retoma

o debate sobre a escolarização e as experiências infantis, sendo o aluno ator de suas práticas. Assim, a psicologia trouxe à pedagogia relevantes contribuições em relação ao entendimento de como a criança aprende e de como o indivíduo se relaciona com o objeto de aprendizagem.

É certo que a Escola Nova propunha uma renovação nos sistemas e métodos de educação, originando numerosas experiências educativas a nível nacional, métodos e experiências que os educadores brasileiros se apropriaram por meio das publicações nos periódicos, como as revistas pedagógicas, em um movimento similar ao que acontecia em outros países. Nessa perspectiva, os estudos europeus e norte-americanos voltados à educação no período entre guerras, chegam ao Brasil reforçando o ideário da escola como instrumento de transformação social. Valente (2014), Assis (2016) e Cruz (2019) afirmam que o imaginário de modernização em alguns estados do país, entre outras medidas, é reforçado com a construção dos grupos escolares e modelos de aprendizagem. É nesse mesmo sentido que o projeto da Escola Doméstica de Natal foi implementado, com a concepção de que traria inovações ao campo da educação, com metodologias diferenciadas, professores com boa formação, recursos pedagógicos apropriados, com garantia de que promoveria uma educação de qualidade à mulher.

Pretendiam assim, uma renovação cultural e social no estado e, em larga escala, no Brasil. Para tanto, se inspiram nos princípios da Educação Nova ou Escola Nova, o que é possível observar em seu plano de curso nos anos que a instituição começa a funcionar. Descrevemos, com base nas concepções da educadora Encarna Sánchez Jiménez, aspectos do currículo da Escola Doméstica de Natal que se identificam com os ideais da Escola Nova. Jiménez (2015) estudou as concepções de Lorenzo Luzuriaga¹⁵² nas publicações da *Revista de Pedagogia Espanhola*¹⁵³.

¹⁵² Luzuriaga abarca em sus artículos distintos temas educativos que podríamos sistematizar en varios tópicos. Por un lado, se interesó por sobressalientes figuras ligadas a la educación europea y con trascendencia internacional como Pestalozzi, Froebel, Giner de los Rios, Bartolomé Cossio, Bernard Shaw, etc. Por outro aborda el tema legislativo, es decir las reformas educativas emprendidas en el exterior, Inglaterra, Francia o se detiene a exponer nuevas experiencias o ensayos pedagógicos llevados a cabo em Estados Unidos o en Inglaterra. Asimismo buscó transmitir una tipología de las diversas etapas del educando incorporando a ella las ultimas corriente de la psicología. El pedagogo espanol es un estudioso que el mismo tiempo quiere implementar una política educativa, la teoria intensa plasmarla en la realidad según había experimentado en Espana, por ello se interesa por la actualidad educativa, sobre todo en ese período de posguerra rico en experimentos (LUZURIAGA *apud* JIMÉNEZ, 1915, p. 45 – 47).

¹⁵³ “La Revista de Pedagogía llegó a ser uno de los vehículos principales de introducción y difusión en España de las ideas pedagógicas contemporáneas, europeas y estadounidenses, así como, de un modo especial, del movimiento internacional de la Escuela Nueva” (VIÑAO FRAGO, 1994, p. 13).

Definimos inicialmente dois pontos essenciais: a escola centrada no aluno e nos seus interesses; Escola Ativa. Ressaltamos a seguir orientações embasadas nos argumentos da Escola Nova nas práticas cotidianas das instituições de ensino, que no nosso entendimento e análises estão intimamente relacionadas às práticas educativas no âmbito da Escola Doméstica de Natal:

Quanto à organização: Escola Nova é um laboratório de pedagogia prática; privilegia práticas de campo; valoriza o sistema de internato.

Aspectos Físicos: trabalhos manuais; atribui importância ao cultivo do campo; a criação de animais de pequeno e grande porte; prioriza os trabalhos ao ar livre; cuidados com o corpo, ginástica, jogos, recreações;

Aspectos intelectuais: adiciona à cultura geral uma especialização; aprender fazendo; habilidades específicas de cada criança;

Organização dos estudos: a Escola Nova recorre ao trabalho individual dos alunos; ao ensino propriamente dito, dando preferência que ocorra pela manhã; são estudadas poucas disciplinas por dia;

Educação social: a escola prioriza a democracia; eleições para exercer os cargos de liderança; divisão dos cargos entre os alunos; prêmios e recompensas;

Educação Moral e Artística: música; literatura; pintura; consciência moral.

Com base no exposto, o programa da Escola Doméstica de Natal estava organizado em três partes: teoria, experiência de aplicação e práticas, as quais deviam ser realizadas segundo as concepções psicológicas e pedagógicas, o que pode ser observado nos trechos das publicações de Hélène Bondoc ao explicar sobre as práticas que a instituição vinha desenvolvendo ao longo de dois anos de funcionamento:

(...) este ensino não trata somente de saber, mas de saber fazer, não se ocupa somente de adquirir a teoria, mas também a prática. O ensino doméstico é como o ensino de trabalhos manuais e eminentemente teórico e exige habilidades manuais. (BONDOC, 1916, p. 4).

Nesse contexto, por meio dos discursos, publicações, festas, exposições e entre vários outros aspectos analisados, fomos cruzando as informações no entendimento dos argumentos que embasavam as práticas da Escola Doméstica:

A diplomação da primeira turma de alunas revelou nelas qualidades literárias, capacidade de estudo, dotes de observação que levaram a direção da Escola a encaminhar o pensamento das alunas para estudos

mais sérios, de indagação mais positiva. A prova do bom resultado desta orientação tivemos nas teses de formatura que iam ser lidas pelas alunas diplomadas, este ano, Alzira Azevedo e Ignez Dantas. A primeira tese é um capítulo bem desenvolvido e bem estudado sobre a ação social da mulher brasileira, a ação de primeira ordem nos meios de pequena como nos de grande cultura onde ela é chamada a agir como fator preponderante na sociedade cível e política. A outra tese é o peristilo de uma grande obra educativa e social que a mulher tem de realizar, começando pelo lar, passando pelas fabricas até chegar às organizações operárias. (DANTAS, 1921, p. 21 – 32).

As duas teses a que Dantas se refere no texto, uma se chama *A Dona de Casa como Cidadã* e a outra é intitulada *As Rendas de Nossa Terra*. Os trabalhos de conclusão de curso eram a consolidação dos cinco ou seis anos de estudos na escola. Para tanto, uma demonstração de vivências teóricas e práticas. A tese que trata das rendas da região do Seridó Norte-rio-grandense representa a proximidade da escola a cultura local – a realidade da aluna.

Imagem 15: Aula de Puericultura



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A imagem destacada anteriormente refere-se às aulas de puericultura ministradas pelo médico sanitarista Varela Santiago, ressaltando o aprender fazendo o entrelaçamento entre a teoria e a prática.

4 LIVROS-TEXTO¹⁵⁴: ARITMÉTICA, ALGÉBRA, GEOMETRIA E DESENHO

Neste capítulo, nos propomos a analisar alguns dos livros-texto adotados como recurso didático nas aulas de Matemática da Escola Doméstica de Natal. Buscamos eleger aqueles que trouxeram subsídios para responder alguns dos nossos questionamentos e que estavam em consonância com os nossos objetivos, os quais tiveram um significado marcante na formação das educandas da referida instituição. Realizou-se o inventário dos referidos livros, por meio de pesquisas em documentos, tais como: circular de comemoração dos 64 anos da Escola Doméstica de Natal; programas de ensino da instituição; textos comentados pelas alunas no periódico da escola, *O Lar* e em jornais da época, mais especificamente *A Republica*, *A Ordem* e *O Poty*. Contamos ainda com os relatórios dos presidentes da Província e manuais de orientação dos programas de ensino. Alguns dos livros aqui listados constam no museu da escola e no acervo da Biblioteca de Obras Raras de Henrique Castriciano de Souza, presentes na Biblioteca do Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNI/RN. Na perspectiva de Gérard Genette (2009), a apresentação de um texto não se dá de modo cru, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, sendo estas, verbais ou não. Como o autor expõe, “*o nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele*” (GENETTE, 2009, p.10). Todas estas indicações fazem parte da composição do livro, usado para apresentá-lo, para chamar atenção do leitor, funcionando como porta de entrada do texto.

Assim, para uma melhor compreensão e análise, organizamos os livros selecionados em algumas categorias: referência da obra (que inclui título, autor, localização do livro consultado, ano, edição e lugar de edição); categorização da estrutura da obra (capa, sumário, prefácio, parecer da comissão de avaliação); e uma pequena biografia dos autores. Com relação aos temas presente em cada obra selecionada, analisamos que conteúdo matemático é abordado e a relação com as perspectivas educacionais à época.

Para tanto, entendemos que o livro é uma produção humana carregada de intenções e igualmente possui uma estrutura específica, que responde a determinados

¹⁵⁴ Nomenclatura usada por pesquisadores espanhóis ao estudarem os manuais didáticos ou livros didáticos.

interesses. Nas palavras de Chartier (2010), é um objeto cultural que difunde ideias, transmite conceitos, condensa conhecimentos. Contém e salvaguarda as marcas de um movimento pedagógico, no que concerne a organização e estruturação dos saberes escolares, as escolhas dos métodos de ensino para conduzir uma matéria ou disciplina escolar (CHOPPIN, 2011). O autor ao tratar em seu texto *O historiador e o livro escolar*, destaca que:

os manuais representam para os historiadores uma fonte privilegiada, seja qual for o interesse por questões relativas à educação, à cultura ou às mentalidades, à linguagem às ciências... ou ainda à economia do livro, às técnicas de impressão ou à semiologia da imagem. O manual é, realmente, um objeto complexo dotado de múltiplas funções, a maioria, aliás, totalmente despercebidas aos olhos dos contemporâneos (CHOPPIN, 2000, p. 13).

Assim, é encantador, e até mesmo fascinante, perceber que cada um de nós tem um olhar, uma interpretação diferenciada a respeito dos livros-textos, dependendo, em sua maioria, do lugar social que cada um ocupa, do contexto educacional o qual estamos inseridos. Desse modo, corroboramos com as ideias de Choppin, quando o mesmo pondera que:

o livro veicula, de maneira mais ou menos sutil, mais ou menos implícita, um sistema de valores morais, religiosos, políticos, uma ideologia que conduz ao grupo social de que ele é a emanção: participa, assim, estreitamente do processo de socialização, de aculturação (até mesmo de doutrinação) da juventude (CHOPPIN, 2000, p. 13).

Ao ser adotado como recurso pedagógico, propõe modelos de ensino e aprendizagem. Contudo, enquanto objeto produzido, difundido, analisado e aprovado por instituições de ensino, os livros-textos estão sujeitos as limitações estruturais, econômicas, políticas e sociais de cada época. Para Astudillo e Modesto (2004), o uso do livro-texto nas aulas de matemática, ao longo da história, tem exercido diferentes papéis, dentre estes, como objeto de estudo, como material de consulta, como registro de atividade do aluno, como coleção de exercícios propostos e problemas a resolver. Na perspectiva das autoras, estes papéis têm difundido práticas escolares e organizações de ensino, determinados por seu uso. Do ponto de vista histórico, o livro pode ser considerado como elemento cultural reflexo da manipulação social que seleciona determinados conteúdos em detrimentos de outros.

Desse modo, ao buscar interpretar o conteúdo de cada livro, debrucei-me sobre os temas abordados e o que era contemplado em cada capítulo, buscando ampliar o entendimento da visão de Ciências e de Matemática, especificamente, que tinham os membros da LERN e o grupo de docentes da Escola Doméstica. Estes defendiam um currículo com caráter de cientificidade, como forma de legitimar a escola enquanto instituição que preparava a mulher para atuar tanto no âmbito da família, quanto na sociedade, estando aptas a ingressarem no mercado de trabalho, caso fosse esse o anseio.

Como perspectiva organizacional, optamos por selecionar os livros por períodos: 1914 a 1918; 1919 a 1926; 1926 a 1945, por último, 1946 a 1961.

4.1 LIVROS-TEXTO UTILIZADOS NO PERÍODO DE 1914 A 1918

Como mencionado anteriormente, o ano de 1914 foi de adaptação tanto para as alunas quanto para as professoras da Escola Doméstica de Natal. Em 1913, as duas professoras, com formação na École Ménéngèr de Fribourg, na Suíça, encarregadas de dirigir e ministrar as disciplinas, adaptaram o currículo baseadas em sua formação à realidade local. Nesse sentido, o material trazido da Suíça e de outros países da Europa foram sendo adaptados, outros foram sendo adquiridos em livrarias do país ou por meio de doações dos membros da LERN, como a partir de Manuel Dantas, Henrique Castriciano, Meira e Sá, Cristovam Dantas, entre outros colaboradores.

Na busca por documentos que nos ajudassem a entender quais eram os livros-textos que a instituição usava como referência tanto na elaboração dos planos de aula, quanto no que diz respeito às consultas e referências nas disciplinas da parte intelectual do currículo escolar, fomos direcionados ao acervo que se encontra em exposição no museu da escola. Entre os livros que conseguimos ter acesso, estes se encontravam em uma estante de vidro, junto a cadernos das alunas, cartas, boletins, lista de materiais, fotos, cadernos de receitas, entre outros.

Tabela 22: Livros-texto 1914 a 1918.

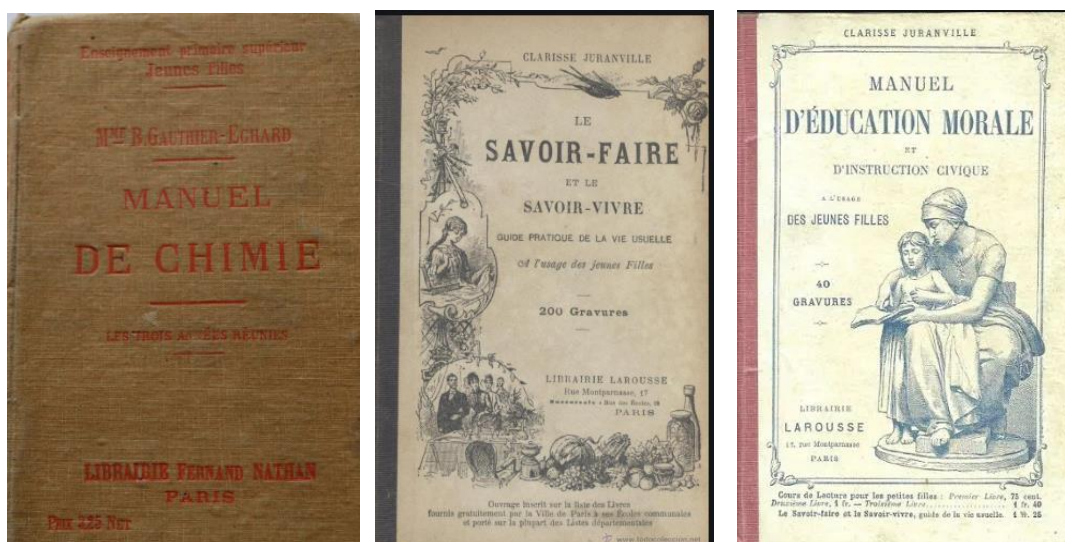
Título do Livro	Autor	Editora/Cidade/ País
Manuel D' Éducation Morale et D' Instruction Civique A Lusage des Jeunes Filles	Miss Clarisse Juranville	Librairie Larousse/ Paris/ França
Manuel de Chimie	M ^{ME} B. Gauthier –Echard	Librarie Fernand Nathan Paris/ França
Le savoir-faire et le savoir-vivre. Guide pratique de la vie usuelle a l'usage des jeunes filles.	Miss Clarisse Juranville	Librairie Larousse/ Paris/ França
Manual Elementar	Não constam as referencias	Não constam as referencias
Material de orientação	Hélène Bandoc e Jane Negulesco	Não constam as referencias
Apontamentos de Aritmética	F. Marcondes Pereira	Liceu do Ceará – 2 ed. Fortaleza, 1901.
Lições de Arithmetica Primeiro volume (Arithemetica pura)	Odorico Castello Branco	Typ. Minerva De Assis Bezerra, Fortaleza, 1904
Noções de Arithmetica	Francisco Marcondes Pereira	Editor: Militão Bivar, Fortaleza, 1905 Typ Aillaud & C ^{ia} – Paris
Desenho Geral – curso elementar, compreendendo noções de desenho linear, desenho geométrico, Perspectiva, noções de arquitetura.	Francisco J. de Oliveira Ribeiro Junior	Laemmert & C ^{ia} , Editores Rio de janeiro, São Paulo, Pernambuco, 1989.

Fonte: tabela construída pela pesquisadora com base nos documentos inventariados.

Em virtude da fragilidade do material, os três primeiros livros que aparecem na tabela não foram por nós manuseados. Retirá-lo da estante para ser digitalizado também não era possível, assim anotamos o título e o autor de cada um. Já o Manual Elementar destinado ao ensino de moças e o livro que trata das orientações para o ensino, nos foi permitido o acesso. Desse modo, ao nos debruçarmos sobre o manual elementar, entendemos que os conteúdos contemplados no referido livro compreendiam todo o curso de Ensino Doméstico¹⁵⁵.

¹⁵⁵ Na Escola Doméstica de Natal a aluna ao concluir os cinco anos de curso recebia o diploma de Dona de Casa.

Imagem 16¹⁵⁶: capa dos livros: Manuel de Chimie de MME B. Gauthier –Echard; Le savoir-faire et le savoir-vivre. Guide pratique de la vie usuelle a l'usage des jeunes filles de Miss Clarisse Juranville; Manuel D' Éducation Morale et D' Instruction Civique A L'usage des Jeunes Filles de Miss Clarisse Juranville.



Fonte: museu da Escola Doméstica de Natal/ <https://www.le-livre.fr/>. Acesso em 12/06/2019

Manual Elementar

Quanto à parte estrutural, o livro tem uma capa dura, de cor verde e sem nenhuma indicação. Não contava com a contracapa nem folha de rosto. Em sequência aparece o prefácio e sumário. O prefácio traz uma explicação sobre os objetivos do estudo, pontuando que o manual é dedicado à formação integral da mulher. Assim, nele se encontram todas as matérias que as professoras necessitavam para prepararem suas aulas. Igualmente, faz-se necessário atentar para o nível de instrução das alunas, bem como inteirar-se da realidade da comunidade a qual estão inseridas. É ressaltado que o material foi elaborado por pessoas renomadas com competência científica para tal feito, sendo o manual preparado para os professores e não para as alunas.

O programa de ensino da Escola Doméstica de Natal, de 1914 a 1918 permaneceu o mesmo. As adaptações foram acontecendo ao passo que as professoras iam se familiarizando com a realidade da região, tendo em vista, que estas não tinham domínio da língua, desconheciam a cultura, os costumes e a formação das discentes.

¹⁵⁶ Como já pontuado anteriormente, não conseguimos ter acesso a alguns materiais que constam no museu da Escola Doméstica de Natal, seja em virtude das normas de uso, seja pela fragilidade do material. Desse modo, anotamos os títulos, autores, editoras e buscamos na internet.

Como descrito no capítulo que discutimos sobre os programas de ensino, as alunas tinham no currículo Aritmética (no primeiro ano) e Desenho (nos quatro anos). Cumpre lembrar que a cadeira de Desenho era vista nos quatro anos, com temas ligados a desenhos ornamentais, desenhos de roupas, a pintura e ao desenho geométrico.

A parte de Aritmética, presente no Manual Elementar, diz respeito às orientações de como o conteúdo deve ser abordado. Traz como destaque as seguintes orientações: o estudo de Aritmética comportará a aritmética propriamente dita e o sistema métrico, com todas as suas aplicações, desenvolvendo-se, inicialmente, uma revisão dos programas estudados nos Cursos Primários, dando ênfase às noções de potência e de raiz, obtidas desde as classes finais do referido curso:

Quadrado: motivo desta denominação dada à segunda potência dos números. Quadrado dos números inteiros, frações ordinárias e decimais. Raiz quadrada: efetuar praticamente a extração da raiz quadrada dos números inteiros, frações ordinárias e decimais. Noções de número complexo. Mostrar que todo número complexo se pode reduzir a número inteiro ou fração ordinária. Problema inverso. Emprego atual dos números complexos apenas na medida ou avaliação do tempo e dos ângulos. Sua substituição, na medida das demais grandezas, pelo sistema métrico decimal. Vantagens deste em contraposição aos inconvenientes daquele. (MANUAL ELEMENTAR, 1914, p. 20).

Desse modo, o referido manual nos mobiliza pensar que este era um livro complementar ao estudo da cadeira de Aritmética, permitindo-nos concluir que existiam outros livros para o auxílio das professoras em seus planejamentos de atividades de sala de aula. Quanto às orientações em relação à apreensão dos conhecimentos, o professor é chamado a fazer exercícios variados, propondo problemas que estimulassem o raciocínio lógico, abrangendo, sempre que possível, o maior número de conhecimento adquirido na matéria.

Quanto ao Sistema Métrico, o Manual chama atenção para a revisão da matéria dada no curso primário, pontuando a relevância de abordar: noções de volume; poliedros regulares e irregulares, corpos redondos. Abordar o estudo de volume de sólidos e, dentro deste, tratar do volume do paralelepípedo retângulo e do cubo, por meio da decomposição destes. Rememora que é de grande importância que as alunas entendam a relação entre metro cúbico, seus múltiplos e submúltiplos, bem como a

conversão dessas unidades. O texto é concluído ressaltando a importância de se propor exercícios e problemas relacionados aos conteúdos estudados.

Material de orientação de Hélène Bandoc e Jane Negulesco

Conta em sua capa: do título; o nome das autoras; a cidade, data e a tipografia. Apresenta uma folha de rosto, mas não tem um sumário. É um livro pequeno, que tem ao todo 104 páginas, com orientações para todo o programa a ser desenvolvido na escola. Ao que parece, este livro foi utilizado nos primeiros anos de funcionamento da instituição. Em nosso estudo, não conseguimos analisar todo o conteúdo do Manual, tendo em vista o tempo que dispúnhamos para a leitura e análise, bem como não nos foi permitido fotografar, o que se fazia necessário realizar toda a análise no museu da escola, fazendo anotações em um caderno, um diário de campo. Assim, fomos escrevendo o que considerávamos mais relevante para que tivéssemos uma visão geral do material.

As autoras iniciam o texto pontuando que, em virtude das contribuições que tem a educação intelectual, por suas numerosas aplicações e seu caráter científico, se concede uma grande importância ao ensino deste nas escolas domésticas em países da Europa, como Suíça, França e Bélgica. É possível perceber que na Escola Doméstica de Natal não é diferente, a educação intelectual foi também valorizada, tendo desta forma, um programa extenso e em seu estudo se alcançava geralmente bons resultados, o que nos pode ser confirmado ao analisar as notas das alunas nos registros dos diários de classe. Em relação ao conteúdo das Matemáticas, ressalta que o programa de ensino contempla a cadeira de Aritmética nos primeiros anos de curso, tendo a cadeira de Desenho durante todo o curso. Ou seja, nos quatro anos. Destacamos o trecho abaixo o qual aparecem as concepções que as educadoras tinham em relação ao conhecimento matemático:

A Matemática, como ciência mais perfeita, é a que mais tempo há resistido a invasão pedagógica, e, contudo, é a que, por sua abstração, se impõe uma mudança, mais radical nos métodos de ensino. Isto está sendo feito, e, a ciência, lógica, dedutiva e pura, se transforma em pedagogia experimental e prática. (BANDOC; NEGULESCO, 1924, p.4).

Continuam nessa direção destacando que é importante, no momento de transição na educação, onde se reivindica um ensino mais experimental, que se tenha em mente que em países como Suíça e Bélgica as mudanças já começaram a ser implementadas, com excelentes resultados em seu ensino. Escrevem, desse modo, pontuando o sentido que tem as operações fundamentais por meio de exemplos práticos. Para detalhar a metodologia do ensino, fazem algumas observações sobre a divisão, falando da importância desta na resolução dos problemas.

As sugestões das lições contemplam as seguintes orientações: são trabalhadas inicialmente buscando saber os conhecimentos prévios das alunas em relação aos temas que vão estudar – preparação para introduzir novos conteúdos –, proposta de uma questão concreta, em seguida, traça-se o plano para solucioná-la. Mais problemas vão sendo colocados e os planos de resolução escritos nos cadernos de anotações. As discentes também são convidadas a elaborar problemas práticos. Aconselha-se aos professores encaminharem alguns problemas para serem resolvidos em casa¹⁵⁷, apresentando casos particulares, com novas dificuldades, os quais o professor considere pertinente.

Recursos didáticos nas aulas de Aritmética

Quando escrevem a respeito dos recursos didáticos nas aulas de Aritmética, ressaltam que é indispensável ter em mente, previamente, que todo o material de ensino será inútil se o professor não tem uma orientação adequada para utilizá-lo. As educadoras ponderam que,

é evidente que de nada serve os instrumentos, se o professor não sabe usar. Quando estes são adquiridos sem dar as devidas condições para que dele tire proveito, se utiliza de modo errado, ou fica relegado na escola como objeto de adorno, na realidade sem função. (BONDOC; NEGULESCO, 1924, p.4).

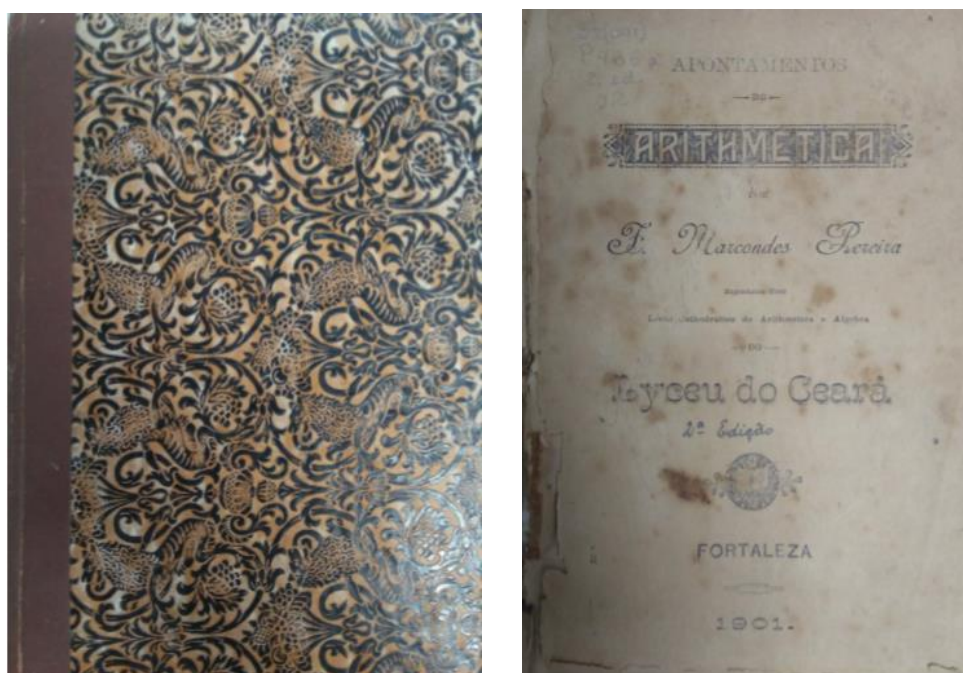
Nas palavras das educadoras, para que os recursos didáticos sejam adequadamente usados na construção dos conhecimentos do educando faz-se necessário o planejamento, a adequação do material e que se firme uma parceria entre a escola e o aluno, que juntos possam produzir seus próprios materiais. Contudo,

¹⁵⁷ As alunas em regime de internato têm horário para realizar as atividades propostas.

Apontamentos de Aritmética

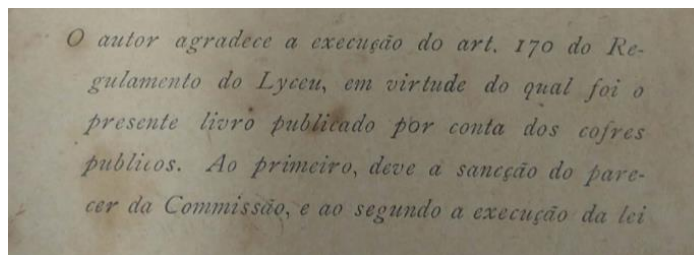
Encontramos em nosso inventário dois compêndios de Aritmética de Marcondes Pereira. O primeiro é *Apontamentos de Aritmética*, edição de 1901, sendo esta destinada aos professores. O segundo, *Noções de Arithmetica*, uma segunda edição, que é destinada à escola primaria, datando de 1905.

Imagem 18: capa do Livro Apontamentos de Arithmetica de Francisco Marcondes Pereira.



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Henrique Castricano de Souza

O livro *Apontamentos de Arithmetica*, de F. Marcondes Pereira, tem uma capa dura, com uma cobertura aveludada, a folha de rosto conta com os elementos que são imprescindíveis à apresentação do livro, tais como título do livro, autor, editora, edição, cidade e ano. A segunda página trata de uma dedicatória ao irmão do autor, *in memoriam*, major do exército, a quem tece elogios por ser um esforçado abolicionista, e um lutador das instituições republicanas. Traz uma outra página com agradecimentos aos presidentes do estado e ao Liceu do Ceará pela publicação do livro.



(PEREIRA, 1901, p. 4).

Era comum, à época, o incentivo do estado na publicação de livros como forma de valorizar os autores locais e nacionais. Com efeito, parece-nos relevante compreender que existia uma intesionalidade política no livro didático visando que tipo de formação se pretendia ofertar e os conteúdos escolares a serem abordados. Desse modo, alguns livros eram mais comercializados que outros, tendo em vista a circulação de ideias que permeavam as relações entre os autores e os editores dos periódicos, os autores e a Diretoria da Instrução Pública e as concepções políticas e educacionais dos dirigentes das instituições privadas. Era comum encontrar nos periódicos artigos com a propaganda dos livros descrevendo e tecendo elogios às obras. O livro do professor Marcondes Pereira foi bastante divulgado. Encontramos em diversos periódicos anúncios que contavam com propaganda do mesmo. Destacamos a seguir um anuncio que compõe o acervo de periódicos que organizamos durante o inventário da nossa pesquisa.

Imagem 20: Apontamentos para o catálogo da Livraria Araujo

Libro-Papelaria Bivar	
—DE—	
Militão Bivar & Comp.	
Rua Major Facundo n. 74, Rua d'Assemblea n. 33, 37 e 47, e Rua Formosa n. 69	
EDIÇÕES DA CASA :	
Apontamentos de Arithmetica, pelo Engenheiro Civil Francisco Marcondes Pereira, Lente do Mathematics do Lyceu do Ceará, broc. 58. enc.	6\$000
Lições de Geographia Geral, pelo Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil, Lente do Geographia da ex-Escola Militar do Ceará.	4\$600
Resumo da Geographia do Ceará, com mappa, pelo Professor João Gonçalves Dias Sobreira.	1\$000
Resumo da Grammatica Portuguesa, pelo professor João Gonçalves Dias Sobreira	1\$500
Catechismo da Doutrina Christã, por D. Joaquim José Vieira, Bispo desta Diocese	\$800
Pequeno catechismo da Doutrina christã.	\$100
Tabuada ou Primeiras Noções de Arithmetica	\$100
Cartas de a, b, c ou primeiras Noções de Leituras	\$100
Cancioneiro do Norte, (cantigas, desenhos, A B C, decimas, etc. lendas) elementos do Folk-lore brasileiro, por J. Rodrigues de Carvalho	2\$000
Manual de Habes-Corpus, formulário pratico, por N. Silva, advogado	2\$000
Lyra Sertaneja, por H. C. Branco, broc. 28. enc.	3\$000
A Fome, Historia das secas e fome do Ceará, de Rodolpho Theophilus	3\$000
Collecção das Leis de Organisação da Justiça do Estado, por um advogado	2\$000
Poesias completas, pelo Dr. Manoel Segundo Wanderley	2\$000
Amor e Crime, sensacional drama em 3 actos, nitidamente impresso, da penna do Dr. Manoel Segundo Wanderley, br.	2\$000
A Legislação Municipal do Estado do Ceará, compilada por Cezário de Albuquerque Martins Pereira, br.	3\$000

Fonte: Jornal do Ceará, 1904.

O prefácio do livro foi escrito pelo próprio autor. O texto traça seu perfil descrevendo as dificuldades que enfrentara na escrita da obra. Destaca que fez o curso de Matemática na Escola Militar, passando a cursar em seguida a Escola Polytechnica. Foi durante o período que cursava o segundo ano na Escola Polytechnica que iniciou a publicação, mas por motivos de saúde, parou de escrever. O prefácio tece críticas aos compêndios de Aritmética até então publicados, considerando-os concisos, o que se fazia necessário “*um que fosse completo e cujas noções exatas não deixassem dúvidas ao espírito*” (PEREIRA, 1901,p. 6).

Assim, de acordo com o autor, o livro *Apontamentos* é destinado aos professores, o qual se apresenta de modo detalhado facilitando que os mesmos possam estudar sozinhos. A pagina seguinte é dedicada ao parecer da congregação¹⁵⁸ a qual o livro foi submetido, tendo aprovação por unanimidade e recebendo, inclusive, vários elogios. Além disso, merece destaque o que foi pontuado pela comissão de avaliação à respeito da representatividade que tinha o livro-texto no momento histórico que foi publicado:

A indiferença e o egoismo, que consomem a sociedade de nossos tempos, limitam os levitas desse sagrado templo – a sciencia – impedindo o surgir das provas de aptidão de cada um delles, o livro, traço luminoso que guia o coração e a intelligencia para o progresso moral da humanidade. Por isto a apparição de um livro, astro vivificador, honra sempre as festas do saber e da virtude, attestando ao mundo a coragem d’esses levitas que nunca fallecem à carencia do enthusiasmo. E quando o livro, a par das doutrinas perfectas e claras de que se ocupa, se destina ao desenvolvimnto intellectual dos que se iniciam no estudo das sciencias de todas as sciencias a – Mathematica – não é somente digno de applauso, como até necessário. (AUTRAN, 1901. p. 7).

Entendemos, desse modo, por meio do texto acima, a relevância que era dada à produção de livros e ao trabalho que os autores desprendiam na escrita, no estudo e no ineditismo destes. Segundo o texto da congregação, o livro *Apontamentos de Arithmetica* do educador Marcondes Pereira está compreendido em duas partes: a primeira dedicada ao estudo das diversas teorias que constituem a parte principal do cálculo dos valores, desde a numeração até a parte relativa ao estudo de proporção

¹⁵⁸ Comissão formada pelos professores: Henrique de Alencastro Autran – relator; Antônio Theodorico da Costa; Raymundo de Farias Britto.

geométrica. Já as aplicações das proporções e os logaritmos são temas da segunda parte do compêndio, tendo sido organizado de acordo com o programa e as necessidades do ensino. Nesse sentido, os pareceristas afirmam que,

Comparando os compêndios mais conhecidos, quer em língua estrangeira como Lafitte, Rochet, Comberousse, Cambêtte, Pâque, Bourdon, Condorcêt, Bertrand, Euler e outro; quer em língua nacional como Coqueiro, Sá, Celestino, Vianna, Serrasqueiro, Ottoni, Carneiro, Aarão, Oliveira e Bittencourt, capitão Bezerra, e muitos outros, com os “APONTAMENTOS DE ARITHMETICA”, chegamos a concluir que em nenhum delles encontramos tantos detalhes; e muita cousa que encontramos nos mais modernos como Aarão Coqueiro, Oliveira e Bittencourt, como novidades, já o conhecíamos pelos trabalhos do Dr. Marcondes desde 1887, epocha em que elle começou a escrevê-lo. (AUTRAN, 1901, p. 8)

Concordamos com a congregação que a clareza e a precisão com que o autor trata as noções preliminares facilita a compreensão do leitor. Recorre às concepções de Augusto Comte para definir Aritmética como o cálculo dos valores, por considerar que uma boa definição deve ser precisa e concisa. Após realizar as noções preliminares, aborda o estudo de numeração, ressaltando as vantagens da numeração escrita e discorre sobre diversos sistemas de numeração, tratando em seguida das operações. O livro conta ao todo com 670 páginas. Chamou atenção por não trazer nenhum exercício, mas contar com um vasto conteúdo, contendo uma parte dedicada às demonstrações.

A presença dos compêndios do professor Marcondes Pereira nos arquivos da escola pode ser entendida pela ligação que tinha o educador Henrique Castriciano no estado do Ceará, tendo ele realizado parte do curso de Direito no referido estado, bem como por ter nos quadros da Escola Doméstica um grupo significativo de educandas daquele estado.

Em nosso estudo, optamos por fazer uma análise geral das obras que fizeram parte do nosso inventário. Tratamos de forma específica de uma breve investigação de como cada compêndio discute conteúdos como Números Inteiros e suas operações, como forma de responder os nossos questionamentos iniciais. Assim, em Pereira (1901), a adição é definida como operação que tem por fim achar um número que contenha tantas unidades quantas há em outros números dados. Descreve o que é uma parcela e como se efetua uma adição de parcelas.

No que se refere às propriedades gerais da adição o autor explica por meio de um teorema, o qual está destacado a seguir:

Adiciona-se a um numero uma soma indicada, adicionando sucessivamente a esse numero cada uma das parcelas da soma. Com efeito; representemos por N o número¹⁵⁹ e por $a + b + c$ a soma indicada, cujas parcelas são a , b e c . A nossa these, ou o que se quer demonstrar, é que para somar a N a somma $a + b + c$, somma-se a N , ao resultado b , finalmente ao resultado obtido c ; isto se traduz em linguagem apropriada do seguinte modo: $N + (a + b + c) = N + a + b + c$. A somma $N + (a + b + c)$ contem tantas unidades quantas há em N mais $(a + b + c)$; porém em $(a + b + c)$ unidades, ha tantas quantas há em a , em b e em c , e tanto faz somar de uma só vez todas essas unidades, como a N somar a unidades; finalmente, ao resultado obtido, $N + a + b$, sommar as c unidades restantes; logo somma-se a um numero uma somma indicada, somando-se a esse numero sucessivamente cada uma das parcelas da somma. **Como Queriamos Demonstrar.** (PEREIRA, 1901, p.39).

Para maiores esclarecimentos, apresenta um exemplo numérico: seja $a = 37$ adicionar a soma indicada $(13 + 15 + 11)$, tem-se, $37 + (13 + 15 + 11) = 37 + 13 + 15 + 11 = 37 + 39 = 76$. Consoante com as suas concepções, o autor discute a relevância das demonstrações com recursos de letras, tendo em vista o inconveniente que tem sido os compêndios de autores que buscam demonstrar por meio de números. A segunda parte do livro conta com o estudo de progressões, logaritmos e suas aplicações. Finaliza a segunda parte com regras de juros compostos, anuidades, descontos, liga, moeda e câmbio.

Entendemos que os impressos, em específico os livros, contribuem na (re)construção da história da educação matemática, por conter uma variedade de riquezas em seus conteúdos, incidir nas salas de aula e exercerem uma função de transmissor de conteúdos socialmente aceitos. Têm a possibilidade de influenciar as práticas educativas, sendo, em alguns casos, mais decisivos do que os decretos e leis. Zuin (2007) pondera que o livro-texto permite a inferência quanto aos objetos, metodologias, sendo estes explícitos ou subjacentes: “*As concepções do autor das obras também se inscrevem, de forma direta ou sutil, nas entrelinhas do texto, permitindo inferências*” (ZUIN, 2018, p. 124).

¹⁵⁹ O autor destaca que a representação das quantidades por meio das letras, data do século XVII, e é devido ao fecundo geômetra Viète. As concepções deste ilustre matemático deram lugar ao grande desenvolvimento da Matemática, tanto no tocante as generalizações, quanto pela simplicidade do raciocínio.

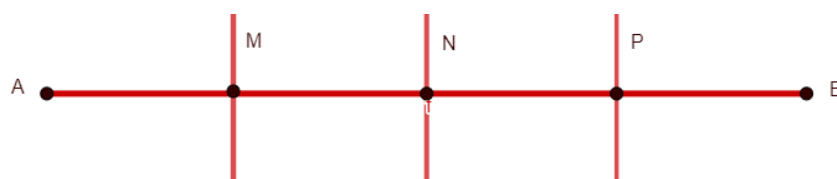
Nessa direção, buscou-se mediante os livros presentes na Escola Doméstica de Natal, compreender as práticas escolares que se estabeleciam no interior da instituição. Para tanto, direcionamos nosso olhar ao segundo livro que fez parte do nosso inventário, *Lições de Arithmetica Primeiro volume (Arithmetica pura)*, de Odorico Castelo Branco.

Lições de Arithmetica Primeiro volume (Arithmetica pura) de Odorico Castelo Branco¹⁶⁰.

No prefácio do seu livro, o autor cita alguns dos livros que teve como apoio para escrever *Lições de Arithmetica*, entre estes *Apontamentos de Arithmetica*, de Marcondes Pereira.

O autor inicia o seu texto trazendo algumas noções preliminares, similar ao que é descrito no livro de Marcondes Pereira. Aborda a noção de grandeza de modo detalhada, descrevendo como proceder a comparação entre grandezas. A clareza do texto facilita o entendimento do leitor, como por exemplo quando o mesmo recorre à linha reta para aclarar o processo de mensuração entre grandezas.

Consideremos, por exemplo, uma linha recta AB



As diversas partes em que esses pontos dividem a linha AB, formam entre si um todo único que poderíamos dividir de outro modo, marcando arbitrariamente outros pontos, sem que nos importe a primeira divisão. (CASTELO BRANCO, 1904, p. 2 – 3).

¹⁶⁰ Nasceu no Piauí em 1876, vindo a falecer em 1922. Apresenta uma pequena Biografia no final do primeiro volume do seu livro, destacando sua formação, ingresso no magistério, descrevendo o percurso na escrita de sua obra. Desse modo, ressalta que estudou na Escola Militar do Ceará, antes de concluir os estudos ingressou no magistério, no ano de 1900. Iniciou a escrita do seu livro em 1897. “Após iniciar a sua carreira como mestre-escola, Castello Branco dedicou-se mais ao seu livro de Aritmética, concluindo-o, ao que parece, em 1903” (ZUIN, 2018, p. 128).

Segue nessa direção buscando esclarecer cada tema recorrendo a questões de ordem prática, ressaltando a relevância de inicialmente entendermos o processo de comparação entre grandezas. Castelo Branco (1904), igualmente à Pereira (1901), contempla em seu livro-texto conteúdos tais como a *numeração*, discutindo a numeração falada, o sistema decimal e os diferentes sistemas de numeração como, por exemplo, o sistema grego e romano. É chamada nossa atenção o fato do autor recorrer às ideias de Alkarismi para tratar do valor posicional ou relativo de um número. Castelo Branco (1904) afirma que o valor posicional ou relativo dos algarismos data do século IX de nossa era, sendo Mohammed bem Mousa (Alkarismi) o primeiro que teve a ideia de dar a cada um dos numerais, de zero a nove, valores de posição, fazendo-os ocupar da direita para esquerda, a primeira ordem pelas unidades, a segunda pelas dezenas e assim sucessivamente: *“Ideia tão simples e tão luminosa, considerada uma verdadeira revolução científica”* (CASTELO BRANCO, 1904, p. 25 – 26). Como nos afirma Zuin (2018), os aspectos históricos aparecem como um diferencial na obra de Castelo Branco, sendo estes pontuados ao longo do texto quando o autor aborda os sistemas de numeração, algo pouco comum em outros livros de Aritmética da época.

Para o sistema diferente do atual, destaca que dentre todos os sistemas que poderiam ser adaptados, é preconizado por Augusto Comte o de base sete. Após abordar os diferentes sistemas de numeração, trata das representações e leitura de frações, discute sobre os números inteiros e operações. Apresenta o estudo de potenciação, radiciação e divisibilidade. Igualmente à Pereira (1901), discute as operações destacando algumas demonstrações, trata de conteúdos mais voltados à aplicações de economia doméstica e contabilidade, como razões, proporções, progressões, logaritmos, regra de três, regra de sociedade, desconto, câmbio, anuidade. Enquanto o livro de Marcondes Pereira (1901) não apresenta exercícios, Castelo Branco (1904) opta por trazer alguns exercícios de aplicação.

Para o nosso estudo, discutimos duas hipóteses para que os livros integrassem os materiais didáticos da escola. Um entendimento se refere ao fato já pontuado anteriormente, de serem os autores do estado vizinho, o Ceará e os dirigentes da Liga de Ensino estarem em constante contato com os intelectuais do referido estado. Outro entendimento se trata de os mesmos serem amplamente divulgados nos periódicos do país e estarem em consonância com as ideias da instituição de ensino, com os aspectos de científicidades reforçados em todos os conteúdos, com demonstrações,

reafirmações históricas, trazendo as concepções de Augusto Comte para reforçar o caráter científico. Assim sendo, alguns elementos presentes nos livros nos mobilizaram pensar que os textos reforçam a ideia de cientificidade que a escola adotava. A Matemática enquanto disciplina da grande intelectual, contribuía para que as ideias fossem confirmadas.

Apontamentos de Aritmética de Marcondes Pereira

Em nosso inventário, no período de 1914 a 1918 consta a 2ª edição do livro *Noções de Aritmética*, de Marcondes Pereira. O referido livro conta com uma capa dura, simples, com as referências do livro, uma folha de rosto, onde estão descritos os elementos essenciais que compõe a apresentação de um livro. O prefácio traz um pequeno texto dedicado ao leitor, o qual pontua que entre as inúmeras dificuldades inerentes ao magistério, o exercício de sintetizar o estudo de um ramo do conhecimento humano, em um livro que estimule a inteligência da criança, abordando definições simples, compreensíveis e concisas é um dos desafios do educador – autor de livros. Ele tece algumas críticas aos livros que têm sido publicados, mas, contudo, não pretende em sua publicação resolver todos os problemas que são pontuados em outros textos.

Igualmente aos outros dois livros que descrevemos anteriormente, a primeira parte é composta de noções de aritmética, sendo ressaltadas algumas definições, tais como aritmética, grandezas, quantidades, números, algarismos, número, número inteiro, frações. No capítulo um, discute numeração, quando é tratado sistema de numeração, numeração falada e base. Destaco a definição de base e de valor relativo que nos parece prática e de fácil entendimento ao aluno:

Base, de um systema de numeração, é o numero de unidades de uma ordem necessário para formar uma de ordem imediatamente superior. **Valor relativo** de um algarismo é o que ele tem dependente de sua collocação em um numero. (PEREIRA, 1904, p. 16 – 17).

Apresenta uma explicação esclarecendo que é graças aos valores relativos que um mesmo algarismo pode representar unidades de qualquer ordem, “*assim, o algarismo 8, isoladamente, pela sua forma, tem o valor absoluto oito, mas escrito à*

esquerda de um zero¹⁶¹ forma o número 80” (PEREIRA, 1904, p. 17). Tece mais algumas explicações no tocante ao valor posicional. Em seguida versa sobre os números inteiros e as operações com números inteiros, divisibilidade, máximo divisor comum e menor múltiplo comum. O capítulo seguinte disserta a respeito de Frações, trazendo os diferentes tipos de frações, tais como frações ordinárias; frações homogêneas; frações próprias; frações impróprias; conversão de inteiros em frações; frações complexas ou mistas; simplificação das frações; adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação e radiciação; frações decimais e operações. A segunda parte do livro é dedicada à Metrologia, o qual o autor define como a parte da Aritmética que trata do estudo dos diversos sistemas de pesos¹⁶² e medidas. Discorre a respeito do Sistema métrico decimal, discussão que destacamos abaixo.



218. Systema métrico decimal. Tema pesos e medidas a unidade principal é o metro- medida de comprimento. O **metro é a decima milionésima parte da quarta parte do meridiano terrestre, isto é – dividido o meridiano em 4 partes eguaes, uma destas parte foi depois dividida em dez milhões de partes eguaes, sendo uma destas ultimas partes denominada – metro o quarto do meridiano terrestre.** (PEREIRA, 1905, p. 96 – 97).

¹⁶¹ 8 → oito unidades; 80 → oito dezenas; 800 → oito centenas; 8000 → oito mil ou oito milhares.

¹⁶² Desde os tempos mais remotos que as necessidades da vida determinaram a troca ou permuta direta de um produto por outro e posteriormente pela moeda; d’ahi originou-se a necessidade dos pesos e das medidas, como meio de avaliar ou medir os objetos produzidos. A princípio a dificuldade de logar houvesse um systema de pesos e medidas especiais, as quais sendo às vezes as mesmas tinham nomes diferentes em pontos próximos ou sob a mesma denominação havia medidas diversas. Com o desenvolvimento dos meios de transporte, essas causas determinaram a necessidade da organização de um systema de pesos e medidas que devesse ser universalmente adaptado – foi assim organizado o systema decimal conhecido por systema métrico. Nos ocuparemos delle visto que se acha adoptado entre nós e do nosso antigo systema de pesos e medidas que, embora abolido por lei desde 1874, ainda é empregado e é conhecido sob a denominação de complexo.

Para facilidade dos cálculos, procurou-se guardar uma uniformidade entre os múltiplos e submúltiplos do metro, baseando o systema métrico na mesma lei de formação do systema de numeração decimal: assim dez unidades de uma ordem formam uma ordem superior. O metro foi também dividido em dez partes eguaes, successivamente, constituindo os seus submúltiplos. Em seguida damos os múltiplos e submúltiplos do metro, observando que para uns e outros se empregam prefixos — uns latinos e outros gregos. Os prefixos para os submúltiplos do metro são: *deci, centi, mille, decimille, etc.*; e para os múltiplos:

<i>deca,</i>	<i>hecto,</i>	<i>kilo,</i>	<i>myria,</i>	<i>etc.</i>
dez	cem	mil	dez mil.	

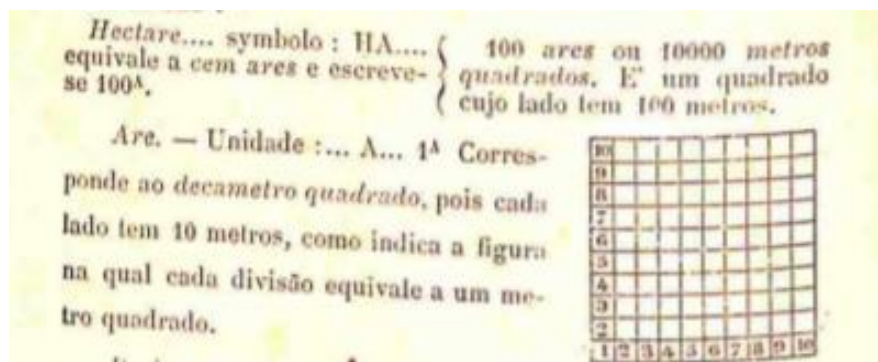
(PEREIRA, 1905, p. 96 – 97).

249. Medidas de comprimento :

Myriametro:	dez mil metros	10000 metros.
Kilometro. . .	mil metros	1000 "
Hectometro . .	cem metros.	100 "
Decametro . . .	dez metros	10 "
Metro.	unidade	1 "
Decimetro. . .	decimo do metro	0,10 "
Centimetro . .	centesimo do metro	0,01 "
Millimetro . .	millesimo do metro	0,001 "
Decimillimetro	decimo millesimo do metro.	0,0001 "

(PEREIRA, 1905, p. 96 – 97).

Ao interpretar elementos da segunda edição do livro do professor Marcondes Pereira, alguns indícios nos apontam semelhanças com a obra do ensino secundário, comentada anteriormente. Contudo, ao passo em que a obra destinada ao ensino secundário é um texto com uma linguagem mais sofisticada, trazendo demonstrações e buscando discutir o rigor matemático, o livro destinado ao ensino primário vem com uma linguagem mais simples que se aproxima do aluno, discutindo detalhadamente cada tema. Assim, a orientação pedagógica delineada a partir das análises dos dois livros nos permite concluir que o autor opta por introduzir o conteúdo de modo mais simples, com um discurso que facilita o entendimento do leitor, o qual recorre a exemplos práticos como modo de possibilitar a compreensão. Segue o mesmo raciocínio nas definições, e busca fazer uma articulação entre os conteúdos, como quando pontua que “*para facilidade dos cálculos, procurou-se guardar uma uniformidade entre os múltiplos e submúltiplos do metro, baseando o systema métrico na mesma lei de formação do systema de numeração decimal*”. (PEREIRA, 1905, p. 97). O autor define as medidas agrárias como sendo medidas de superfície ligadas à medição de terra, ressaltando as medidas usuais. Com relação à explicação, usa uma imagem na busca de aclarar o conteúdo.



(PEREIRA, 1905, p. 102).

Igualmente, para medida de capacidade e medida de peso, recorre a ilustrações para iniciar a introdução, bem como para definições e explicações. Pontuamos nas duas figuras que destacamos abaixo.



(PEREIRA, 1905, p. 107 – 108).

O texto expõe de forma clara a ideia de medida, destacando detalhadamente cada uma, buscando apresentar diferentes aplicações práticas. Explica que usualmente o instrumento de medida de peso é a balança, ilustra os esclarecimentos com a imagem de balanças usadas em armazéns e balanças usadas em outras finalidades. Em relação ao sistema monetário, destaca os sistemas francês, inglês, alemão, português, americano, italiano e brasileiro. Busca esclarecer com a imagem das moedas de cada país, como ressaltamos abaixo.



(PEREIRA, 1905, p. 107 – 108).

O livro traz na sua sequência o estudo dos números complexos¹⁶³ que, de acordo com a definição de Pereira (1905), são números compostos por unidades. Seus múltiplos e submúltiplos, são escritos na forma, $5^{BR} 2^V 3^P$, entre outros. O autor ressalta que é fácil transformar um número complexo em um incompleto equivalente, “como $5^{BR} 2^V 3^P$, reduzindo múltiplos à ultima subdivisão indicada; assim: $5^{BR} = 10^V$. Identicamente: $2^V = 10^P$; logo, o número dado equivale a $50 + 10 + 3 = 63^P$ ” (PEREIRA, 1905, p. 109 – 110). Para além disso, é feita uma explanação a respeito das transformações de um número complexo em uma fração da unidade principal, seguido de exemplos, generalizações e regra prática.

Ao passo que discute as operações com números complexos, busca fazer uma ponte com a conversão das medidas, trazendo as medidas lineares, medidas de superfícies e medidas de volume. Conclui o livro com um capítulo destinado a aplicações, onde é estudado razão, equidiferença, proporção, regra de três simples e composta, porcentagens, juros e câmbio. Para o estudo de câmbio, apresenta a conversão da moeda brasileira nas moedas da Inglaterra, França, Portugal, Estados Unidos e Alemanha.

O contributo das análises do livro do professor Marcondes Pereira, destinado ao ensino primário, em nosso estudo, se refere ao fato do mesmo se aproximar dos princípios que norteavam a educação desenvolvida no âmbito da Escola Doméstica de Natal e das práticas por ela adotada. Em nosso entendimento, o livro pode ter sido usado como referência pedagógica nas aulas de Aritmética, tendo em vista que os conteúdos e o viés prático, por meio de aplicações presentes no livro, se assemelham às orientações dos processos didáticos para o ensino das matemáticas, encontradas nos documentos por nós analisados. Tal fato nos aproxima do que tem sido discutido por

¹⁶³ Cumpre lembrar que os números complexos apresentados nos livros de aritmética diferem do estudo de números complexos estudados na atualidade.

Valente (2016), em seu estudo sobre a aritmética nos primeiros anos escolares. O autor ressalta que,

é possível considerar que ensinar ativamente a aritmética aos alunos nos primeiros anos escolares signifique utilizar materiais, “coisas” para ensinar, um arsenal de elementos presentes na vida cotidiana dos alunos e que por meio deles há possibilidades de sensibilizar o discente para acompanhar o ensino de aritmética, o sistema de numeração decimal, as suas operações fundamentais, os estudo das frações, etc. (VALENTE, 2016, p. 18).

Como destacado anteriormente, as concepções dos membros da LERN estavam em consonância com o que pontua Valente (2016), sobre a ordem prática dos conteúdos ser defendida nas cadeiras intelectuais. Desse modo, entende-se que ao buscar livros de Aritmética que eram base dos estudos das educandas, a opção era por aqueles que se aproximavam das teorias que davam suporte ao ensino baseado na ordem prática. Como exemplo, ressaltamos o que encontramos nas orientações educacionais da instituição, no tocante às aulas de aritmética, publicado no jornal *A Republica*:

—Raiz quadrada. Effectuar praticamente a extração da raiz quadrada dos numeros inteiros, frações ordinarias e decimaes.

Fonte: A República, agosto de 1915.

Impulsionado pelos teóricos que embasavam as ideias dos dirigentes educacionais do estado e, em larga escala, do país, a ordem prática nas orientações educacionais era o tom do momento. Isso pode ser entendido por meio das leituras das publicações em jornais e revistas, os quais traziam críticas ao ensino conteudista que ressaltavam a relevância de lições que possibilitasse utilizar questões do cotidiano das educandas no contexto escolar de modo a perceberem a sua aplicabilidade e a ordem de praticidade de cada tema abordado.

Dentre os relatórios da Instrução Pública, inventariamos um texto do Diretor do referido departamento que versa sobre os problemas da educação pública do Rio Grande do Norte, o qual percorre essa direção. Pontua sobre a relevância da criação de uma escola modelo na capital do estado, de modo a contribuir com a formação dos professores, tendo em vista que a formação destes se apresenta de modo precário,

desconhecendo o que tem sido discutido em âmbito nacional e internacional no tocante às orientações educacionais:

Instalada essa utilíssima criação, os professores do interior seriam chamados a Capital, individualmente ou por turmas de três a seis, e em um pequeno curso preparatório de dois ou três meses, com boa vontade e algum esforço, poderiam habilitar-se, mais ou menos satisfatoriamente, para o desempenho daquele programa. Isto seria principalmente conveniente quanto as novas matérias nele incluídas, e, com especialidade, aquelas que, no ensino primário moderno em todos os países mais adiantados, se tem ligado mais importância e dado mais desenvolvimento – as lições de coisas, geometria e desenho linear, ginástica e trabalhos manuais. Entre o nosso magistério público há professores, aliás conscientes, que confessam não ter a mínima noção de que seja – Lição de coisas. (RELATÓRIO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1914).

Nesse sentido, o viés de praticidade pontuado por Valente (2016) é afirmado no discurso dos membros da LERN tanto nas práticas da Escola Doméstica de Natal, quanto em seus escritos, como já pontuado anteriormente.

Assim, ao ressaltar os livros-textos do referido período, nos detemos em analisar os conteúdos daqueles que possibilitavam as possíveis respostas aos nossos questionamentos e o que estava em consonância como os nossos objetivos. Desse modo, pontuamos mais um livro que consta na lista dos recursos didáticos utilizados na escola, nosso objeto de estudo. O livro *Desenho Geral*, de Faustino de Oliveira Ribeiro Junior, que aborda noções de desenho linear, desenho geométrico, perspectiva, noções de arquitetura e desenho de molduras, figuras e paisagens.

O autor faz a apresentação do livro, por meio de carta ao leitor. Para tanto, passa a tecer críticas à falta de livros que tem o formato que o dele se propõe. Em sua maioria, os livros até então publicados são de Desenho Linear e Geometria. Contudo, a Geometria não se limita apenas a quem deseja realizar concurso ou à geometria prática, como tem proposto os livros publicados no mercado. Na fala do professor Ribeiro Junior, em cidades como São Paulo, o gosto pelas artes se desenvolve consideravelmente, quer seja pela inspiração, admiração ou por sua aplicabilidade na educação. Ele afirma que o desenho é imprescindível desde as mais modestas profissões até os chefes de indústrias. Ressalta, assim, que

a mulher, em suas diversas ocupações domésticas, nos adornos da casa, na confecção dos vestuários, nos trabalhos de agulha ou de cartonagem, nas prendas domésticas, em suma, não pode dispensar o

desenho. Além disso a encantadora arte do desenho, Como a música, constitui hoje o característico de uma boa educação, máxime no sexo feminino. Sob o ponto de vista educativo, o estudo do desenho é de uma vantagem dupla; ao mesmo tempo que concorre para o desenvolvimento da vista e do tato, pode influir de um modo benéfico quanto ao cultivo dos bons sentimentos, tornando-se, conseguintemente, um poderoso auxiliar da educação moral. (RIBEIRO JUNIOR, 1898, p. 3).

O texto nos reporta aos preceitos da Escola Doméstica de Natal, às discussões sobre os seus programas de ensino, os quais vão à direção de que as matemáticas estejam ligadas às outras cadeiras estudadas como Corte e Costura, Música, Contabilidade, Economia Doméstica, entre outras.

Ao nos debruçarmos sobre o livro do Professor Ribeiro Junior, tecemos uma breve discussão em relação aos conteúdos abordados em conformidade com o que defendiam as dirigentes da Escola Doméstica. O autor apresenta inicialmente a diferença entre desenho e pintura. Em seguida, conceitua desenho, tratando do desenho geral, desenho linear, fazendo uma diferença entre os dois. O que nos chamou atenção é o fato de o autor traçar uma divisão do desenho linear, que pode ser geométrico e à vista. Define como geométrico quando se recorre ao auxílio de instrumentos, destacando os principais instrumentos comumente utilizados – sendo estes: prancheta; régua; esquadro; compasso; transferidor; dupla-decímetro¹⁶⁴; tira-linhas¹⁶⁵. No tocante ao desenho à vista, o autor ressalta que este geralmente é usado na cópia de paisagens, de figuras e ornamentos e, desse modo, faz-se necessário a habilidade com o desenho a mão.

O quarto capítulo se dedica ao desenho linear e inicia com a definição de linha, pontuando o que é uma linha reta e uma linha curva. As linhas retas são traçadas com o auxílio de instrumentos. Ressalta a definição de retas paralelas, perpendiculares, de ângulos, de figuras planas. Discute sobre os sólidos geométricos e encerra o capítulo com o exercício de recapitulação¹⁶⁶. O capítulo XII trata dos problemas geométricos, os quais se referem à construções geométricas, como ressaltamos a seguir:

¹⁶⁴ Pequena régua dividida em 200 milímetros, que serve para medir linhas retas.

¹⁶⁵ Instrumento formado de duas lâminas de aço (para tinta), ou em forma de lapiseira (para lápis) que serve para traçar linhas.

¹⁶⁶ O autor opta por dividir por capítulos cada exercício de recapitulação, bem como as informações iniciais, aparecem em um capítulo, desse modo, o que para nós seria o segundo capítulo, o livro traz como XII capítulo.

Levantar uma perpendicular á uma recta

1º processo. — Dada a recta A B (fig. 99), levantar uma perpendicular do ponto C. — A igual distancia do ponto C

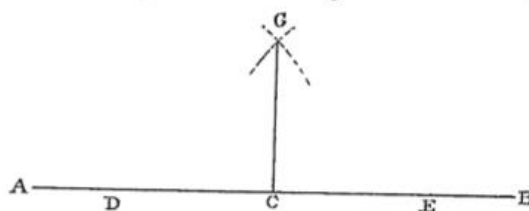


Fig. 99.

e sobre a mesma recta marquem-se, á direita e á esquerda, os pontos D e E, com uma abertura de compasso maior que C E, firmando-o respectivamente em D e E, descrevam-se arcos de circulo que cortem-se no ponto G. Unam-se os pontos G C por meio de uma recta, que será a perpendicular.

Fonte: livro de Ribeiro Junior (1898, p. 35)

É mostrado um segundo processo, detalhando cada passo a ser seguido com o esquadro:

a perpendicular.

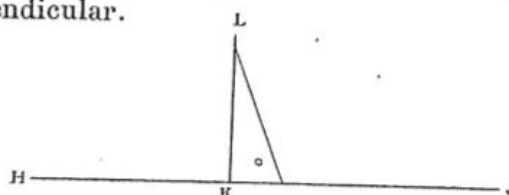


Fig. 100.

2º processo. — Colloque-se o lado menor do esquadro unido á linha H J, sobre a qual pretende-se levantar a perpendicular, de modo que o vertice do angulo recto do esquadro coincida com o ponto K, do qual se pretende levantar a perpendicular. Tracc-se a perpendicular pedida K L, encostando o instrumento sobre o esquadro (fig. 100).

Fonte: livro de Ribeiro Junior (1898, p. 35).

Neste capítulo, o livro apresenta vários problemas com construções, trazendo algumas delas sobre perspectiva. Discute-se a respeito das noções de arquitetura e, para o autor, torna-se evidente que a arquitetura se divide em civil, militar, natural e hídrica. No entanto, o livro trata somente da arquitetura civil.

O último capítulo discorre a respeito do desenho de figuras, que tem como principal objetivo o corpo humano, com as respectivas proporções e divisões. Para o

estudo de desenho de figuras, se dedica especificamente à redução e ampliação de figuras. Para tanto, ressalta os processos de tiragem de paisagens, em específico a tiragem de paisagens por meio do espelho. Observou-se que para cada capítulo fora apresentada uma recapitulação.



Fonte: livro de Ribeiro Junior (1989, p. 74 – 78).

Entendemos, assim como, Assis (2016) e Valente (2013), que as cadeiras de Desenho e Geometria, no Brasil, faziam parte dos programas educacionais das Escolas Normais desde o século XIX e do curso primário, desde sua primeira legislação após a Independência. O livro de Ribeiro Junior nos aponta essa direção, bem como o relatório do Diretor da Instrução Pública, Manoel Dantas, traz indícios da importância que era dada às referidas cadeiras:

Em todos os países, onde o ensino primário é uma realidade, uma preocupação constante dos governos, a que eles dedicam o melhor de sua atenção e de seus esforços, o ensino da geometria elementar, do desenho, da ginastica e dos trabalhos manuais ocupa salientíssimo lugar nos programas escolares. (RELATÓRIO DO DIRETOR DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1904).

Desse modo, o texto do Diretor da Instrução Pública, reforça o prestígio que tinha o Desenho e a Geometria, à época, apontando, assim, a importância das referidas cadeiras no currículo da Escola Doméstica de Natal, tendo em vista que a instituição reafirma o seu papel adotando um currículo o mais próximo possível do que era estudado nas escolas de referência nacional e internacional, mais especificamente em países da Europa e nos Estados Unidos.

Como fomos pontuando ao longo do texto sobre o livro de Ribeiro Junior, – o que justifica o seu uso na Escola Doméstica de Natal – é o seu viés próximo às

concepções da instituição, com a possibilidade de aproximar a Matemática ao cotidiano da escola e as práticas nelas desenvolvidas, bem como de funcionar enquanto ferramenta para as demais disciplinas do currículo, que se torna essencial. Como nos afirma Leme e Valente (2012), a Geometria aparece no final do século XIX mantendo uma forte ligação com outro saber escolar, o Desenho. Os autores ressaltam que:

Por todo o período, percebemos que o desenho, por vezes, denominado desenho linear e a geometria seguem juntos nos programas, nos manuais de ensino. O desenho apoia-se nas construções de figuras geométricas, desenvolve as habilidades nos traçados que devem ser feitos à mão livre, porém com o objetivo de treinar mão e olhos, de modo a produzir figuras similares àquelas traçadas com régua e compasso. Tudo leva a crer que se busca no manual de Desenho um modelo para o ensino da geometria prática. (LEME; VALENTE, 2013, p. 197).

Assim, os conteúdos dessas disciplinas se apresentam nos programas de ensino da Escola Doméstica com semelhantes características. Portanto, foi o que evidenciamos em nosso estudo. Por vezes aparece somente o ensino de Desenho e outras vezes o ensino de Desenho e Geometria. Encontramos no nosso inventário listas de materiais comprados para a escola em livrarias do Rio de Janeiro e São Paulo, os quais constam materiais para uso nas aulas de Geometria, Aritmética e Desenho. Dentre os materiais, foi possível identificar: régua, esquadros para quadro negro, Mapas de Parker, transferidor para quadro negro, caixa sistema métrico, blocos de sólidos geométricos; livro de capa dura para desenho; livro modelo para desenho Geométrico; Caderno de desenho modelo aluno – formato menor¹⁶⁷; Caderno de desenho belas artes; Folha de Papel Timbrado liso para ofício de floricultura; metro de madeira; cadernos lisos para Cálculos.

A seguir, apresentamos uma pequena lista com livros-textos que conseguimos tabular em livros de tombo da Biblioteca de obras raras de Henrique Castriciano e no arquivo do museu da Escola Doméstica de Natal. Como pontuado ao longo do texto, o período entre 1919 e 1923 foi marcado por mudanças no programa de ensino e de práticas educativas na escola. Em nosso estudo, direcionamos o olhar às mudanças nas disciplinas classificadas como intelectuais, de modo mais específico às matemáticas, o que nos aponta como as educadoras concebiam esse ensino. Intensificou-se o estudo

¹⁶⁷ Aparece escrito no livro de tombo desse modo.

das cadeiras de Aritmética e ampliaram o currículo com a inserção das cadeiras de Geometria e Álgebra. Percebe-se com mais clareza a força do discurso científico como forma de legitimar a necessidade de escolas de ensino doméstico no estado e, em larga escala, no país.

4.2 LIVROS-TEXTO UTILIZADOS NO PERÍODO DE 1919 A 1926

Tabela 23: Livros-texto utilizados no Período de 1919 a 1926.

Título do Livro	Autor	Editora/Cidade/ País
<i>Arithmetica Elementar Ilustrada</i>	<i>Antônio Trajano</i>	<i>Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1922</i>
<i>Álgebra Elementar</i>	<i>Antônio Trajano</i>	<i>Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1922</i>
<i>Arithmetica Progressiva</i>	<i>Antônio Trajano</i>	<i>Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1922</i>
<i>Grammatica Expositiva</i>	<i>Carlos Pereira</i>	Não aparece nos documentos
<i>Grammatica Sintetica</i>	<i>Candido de Figueiredo</i>	Não aparece nos documentos
<i>Grammatica Eclética da Lingua Portuguesa</i>	<i>Gustavo de Andrade</i>	Não aparece nos documentos
<i>Grammatica Pratica</i>	<i>Pereira Junior</i>	Não aparece nos documentos
<i>O Português ao alcance de todos</i>	Não aparece nos documentos	Não aparece nos documentos

Fonte: elaborada pela pesquisadora com base na documentação analisada.

Deste período destacamos as três obras de Trajano: *Algebra Elementar*; *Arithmetica Elementar Ilustrada* e *Arithmetica Progressiva*. Decidimos tratar mais detalhadamente das obras do referido autor por terem sido bastante utilizadas no Rio Grande do Norte, por vezes na Escola Doméstica de Natal, por considerarmos que se aproximam dos nossos objetivos. Para tanto, investigamos sobre as concepções, formação e interesse do autor. Ao passo que adentramos em suas obras, notadamente entendemos o que o impulsionou escrevê-las e quais relações existiam entre as obras e as concepções educacionais da Escola Doméstica de Natal.

Como posto, o autor dos livros que inicialmente analisamos é o professor Antonio Bandeira Trajano. Português, chegou ao Brasil aos 14 anos de idade, em 1857. De acordo com o estudo de Oliveira (2013), Trajano foi um dos fundadores da Escola

Presbiteriana de São Paulo, onde atuou como professor de algumas cadeiras, entre elas a de Aritmética. Foi também professor de Aritmética da Escola Americana, fundada em São Paulo, em meados de 1870. Matos (2004) e Oliveira (2019) pontuam que as experiências profissionais vividas por Trajano, no âmbito das instituições de ensino e paróquias, possibilitaram perceber a necessidade de livros didáticos das cadeiras de Matemáticas que estivessem coerentes com a demanda dos alunos e comunidade docente que ele conheceu de perto. Tornou-se um dos autores de livros didáticos de Aritmética e Álgebra mais difundidos no Brasil.

A ligação do referido autor à missão evangélica no Brasil, em específico com a igreja presbiteriana, pode ter influenciado a norte-americana Leora James, a adotar seus livros como referência nas cadeiras de Aritmética e Álgebra na Escola Doméstica de Natal durante sua gestão, uma vez que Leora James também participava da missão presbiteriana no Brasil. Estas informações foram obtidas em alguns jornais, à época, que destacavam o trabalho desenvolvido pela educadora junto à igreja presbiteriana em Natal como, por exemplo, a publicação do jornal *Correio Paulistano* (SP), do dia 30 de setembro de 1919. O periódico destaca que o Norte do Brasil tem intensificado o reavivamento do esforço cristão, tendo Antônio de Almeida à frente das missões evangélicas no estado de Pernambuco, junto à missionária, professora de Desenho e Aritmética, atual Diretora da Escola Doméstica de Natal, Leora James, seguindo os mesmos princípios nos trabalhos de evangelização no Rio Grande do Norte:

Miss Leora James, missionaria no norte do Brasil, que tem estado à testa de uma escola de governo, está também realizando um trabalho notavelmente útil do esforço christão no seu districto. (CORREIO PAULISTANO (SP), do dia 30 de setembro de 1919).

Encontramos outras referências à missão da professora¹⁶⁸ no Rio Grande do Norte, sendo estas no periódico carioca *Puritano*¹⁶⁹:

¹⁶⁸ O nome da professora foi escrito de modo incorreto, o periódico escreve como Leonora James.

¹⁶⁹ Jornal que tinha como editor chefe o Professor Antônio Trajano.

—Nossa prezada irmã, Miss Leonora James, Directora da *Escola Doméstica de Natal*, activa missionaria e dedicada esforcadora, esteve ha pouco nos Estados Unidos, tendo então oportunidade de visitar o fundador do movimento do E. C., rev. dr. Francis E. Clark, a quem relatou o andamento dos nossos trabalhos, escreve-nos agora: “Quero dizer-lhe que visitei o dr. Clark e os outros Chefes nos Estados Unidos e todos me perguntaram minuciosamente sobre o Est. rgo Christão no Sul e eu pude dizer muita coisa, porque levei boa impressão. O dr. Clark especialmente mostrou interesse especial. Se elle não fosse tão avançado em annos, talvez estivesse agora no Brasil. Parece que todo o mundo nos Estados Unidos, está voltando as vistas para o Brasil em todos os sentidos”.

(O PURITANO, 22 de maio de 1919).

O artigo sobre Leora James é justificado pela relevância de muitos dos membros da congregação presbiteriana no Brasil saberem que o Dr. Clark, reverendo norte-americano, conhecia de perto o progresso da missão no Brasil e por ter demonstrado interesse na conversa com a referida Professora. À medida que descrevemos as relações estabelecidas entre a educadora da Escola Doméstica de Natal, os missionários presbiterianos e os editores do Jornal *O Puritano*, igualmente buscamos justificativas para a opção de uso dos livros do autor Antônio Trajano.

Outra possibilidade para que os livros fossem usados pelas alunas da Escola Doméstica se deve ao fato de as obras do autor ter o reconhecimento nacional¹⁷⁰, sendo adotado em outras instituições de ensino do estado, como o Ateneu Norte-rio-grandense, a Escola Normal e os Grupos Escolares. Como nos afirma Assis (2016, p. 130), “as obras de Trajano foram amplamente utilizadas como material didático em várias escolas dos estados Brasileiros”. Oliveira (2019) pondera que Aritmética e Álgebra Elementar são as duas áreas da Matemática em que Trajano mais produziu livros didáticos.

Nessa direção, à luz do nosso aporte teórico e metodológico, analisei os três livros de Antônio Trajano, *Algebra Elementar*; *Arithmetica Elementar Illustrada* e *Arithmetica Progressiva*, a partir dos seguintes elementos que compõem a estrutura dos livros textos: capa, contracapa, prefácio, índice, conteúdo abordado nos livros, exemplos, exercícios, problemas propostos, imagens, demonstrações, notas. Para tanto,

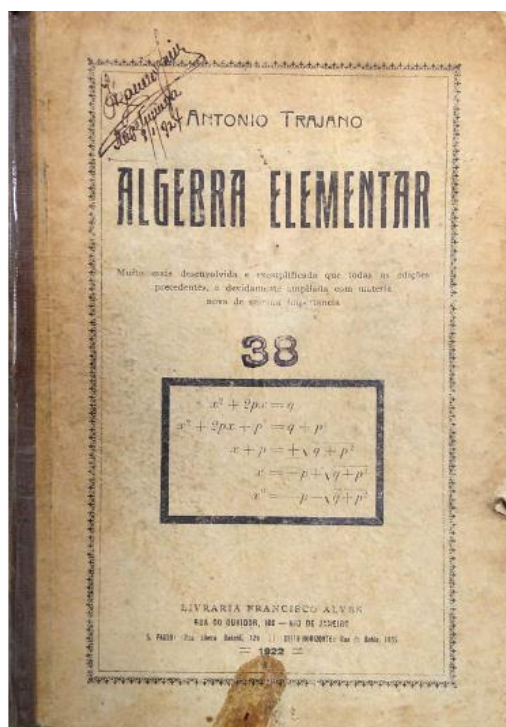
¹⁷⁰ Constatação que se deu, por meio, das ocorrências em periódicos da época, como o *Jornal do Comércio* de Santa Catarina, *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, *O Puritano*, *Jornal do Recife*, *A Republica* (RN), *o Paiz*, entre outros. Ocorrências que aparecem nos jornais em forma de propagando dos livros, *Aritméticas* e *Algebra Elementar* de Antônio Trajano. E, em pesquisas como as de, Mattos (2003), Oliveira (2013), Assis (2017) e Oliveira (2019).

buscando respostas aos nossos questionamentos, no que tange entender, que matemáticas as alunas da Escola Doméstica de Natal tinham conhecimento? Como se apropriavam desses conhecimentos, reafirmando o papel exercido pela escola, enquanto instituição de ensino direcionada à formação da mulher, preparando-as para atuar na educação da família, mas com formação apropriada a ingressar no mercado de trabalho?

a) *Álgebra elementar*, 8ª edição, ano 1922. Autor: Antonio Trajano

A capa do livro traz o título em negrito, com um subtítulo o qual destaca que a edição foi renovada, e se apresenta muito mais desenvolvida e exemplificada que todas as edições anteriores, tendo sido ampliada com conteúdo de suma importância. Logo abaixo do subtítulo, como ilustração e para chamar a atenção do leitor, apresenta um retângulo com a resolução de uma equação polinomial do segundo grau, como forma de reforçar o que é encontrado na obra. Conta com uma borda ressaltando os elementos da capa e na parte inferior destaca o nome da livraria, com as referidas cidades onde pode ser encontrado, bem como o ano de publicação. A capa foi produzida em material grosso, um formato duro, similar aos livros editados no período. O verso é composto por um extrato do catálogo da livraria, a mesma que publica os livros do autor.

Imagem 19: Álgebra Elementar de Antônio Trajano, 1922.



Fonte: arquivo da Sociedade Brasileira de História da Matemática.

No que se refere à folha de rosto, conta com uma página com o nome do livro e no verso pontua as obras do referido autor, sendo estas: Aritmética Primária; Aritmética Elementar Ilustrada; Aritmética Progressiva; Chave de Aritmética Progressiva; Álgebra Elementar e Chave da Álgebra. Com os seus respectivos valores, à época, no mercado. A contracapa se apresenta similar à capa diferenciando apenas para a qualidade da folha e a ilustração que não aparece, tendo destaque para a edição, sendo esta a 8ª edição.

O autor se propõe a desenvolver, no livro, um curso teórico e prático a respeito da Álgebra Elementar. Para Trajano (1922), a proposta é abordar a Álgebra por meio de um método inovador, simples, fácil e compreensível a todos os alunos e alunas. A obra inclui, entre outros temas, as equações do segundo grau e progressões.

Seu prefácio traz uma discussão sobre como a Álgebra vem sendo trabalhada nos currículos brasileiros e em outros países. Pondera que em países como a Inglaterra, França, Alemanha e principalmente nos Estados Unidos, a Álgebra é considerada como um dos ramos mais úteis e interessantes da instrução. Nessa direção, tem se dado grande relevância a esta matéria a ponto de ter sido inserida no ensino como matéria obrigatória na escola primária. Assim, meninos e meninas aprendem a converter facilmente os dados de um problema em uma equação algébrica. A quantidade de livros de Álgebra que tem sido impressos nos Estados Unidos permite que se tenha uma visão da importância que o referido país tem dado ao estudo desta matéria – isso vinha acontecendo tanto no ensino secundário, quanto em todos os cursos de ensino superior.

No Brasil há uma precariedade no ensino a ponto de nem mesmo o curso de Direito se exigir exames de Álgebra como preparatório para o estudo das Ciências Sociais e Jurídicas: *“E se nestes estabelecimentos de educação superior se dá pouco apreço a esta disciplina, que fará nos lyceus e collegios onde nem mesmo Arithmetica se ensina com perfeição”* (TRAJANO, 1922, p. 3). Segue ao longo do texto ressaltando a ausência da Álgebra nos currículos escolares, pontuando críticas à educação brasileira. Contudo, percebe alguns sinais de melhoria como, por exemplo, as mudanças implementadas na Instrução Pública de São Paulo, a qual introduziu dentre outras melhorias, o ensino obrigatório de Álgebra. Notadamente, para o autor isso pode se configurar em um avanço significativo. Conclui seu texto destacando o que traz

cada capítulo, o modo fácil como é apresentando e a importância na formação do aluno.

Inicia o estudo de Álgebra com algumas definições, sendo estas a respeito do que entende por: álgebra, símbolos algébricos, problemas, teorema, sinais algébricos e, apresenta algumas explicações sobre o uso dos sinais algébricos. Recorre às ilustrações como reforço das explicações para, em seguida, tratar de propor exercícios aos estudantes¹⁷¹. O que denota como problema são questões do tipo: qual o valor de $a + 4b + c$, sendo dados os valores de a , b e c . Segue discorrendo a respeito das definições relacionadas aos termos algébricos como: coeficiente, coeficiente numeral, coeficiente literal, expoente, raiz, índice da raiz. Em seguida, apresenta o estudo de Expressões algébricas. Com uma linguagem simples, conceitua monômio e polinômio, abordando mais detalhadamente as operações com monômios e polinômios. Destaca o que denomina de casos da adição de polinômios e intercala as explicações com problemas propostos e sua devida solução.

Ressaltamos o que o texto apresenta como demonstração, para o seguinte problema: Achar a soma das seguintes quantidades: $+ 3a$, $+ 5a$, $- 4a$, $+ 6a$ e $- 2a$.

Demonstração. Para compreendermos este caso, figuremos um cofre onde guardamos dinheiro. As quantias que recolhemos no cofre são positivas, as que tiramos são negativas, e a soma de todas mostra o que existe no cofre. Ora, como cada quantia negativa anula uma quantia positiva semelhante ou de igual valor, segue-se que, se a soma das quantias negativas fosse igual à das positivas, o resultado da adição seria nulo ou zero; mas como, no caso presente a soma das quantidades negativas é só $6a$, anula $6a$ em $14a$, e o resultado da adição é $8a$. Portanto, a soma destas quantidades é $+ 8a$ (TRAJANO, 1922, p. 17).

Desse modo, as demonstrações, na perspectiva do autor, são as soluções mais práticas ou com argumentos práticos do cotidiano dos estudantes ou dos professores. Algumas outras aparecem como explicação, como se estivesse conversando com o aluno, utilizando exemplos numéricos como argumento da demonstração.

Ressalta as regras práticas para adição e subtração de monômios e polinômios e intercala aos problemas algumas demonstrações. Na sequência do conteúdo, o livro traz multiplicação e divisão de monômios e polinômios. Define o que é uma multiplicação algébrica, ressalta três casos da multiplicação e, posteriormente, apresenta uma regra geral. Na divisão, segue os mesmos princípios das outras

¹⁷¹ Usuários do livro, os quais chamam de discípulos.

operações, traz três casos de divisão: divisão de monômio por monômio, polinômio por monômio e polinômio por polinômio. Em seguida, discute sobre Divisores e Múltiplos, definindo números primos e números múltiplos, apresenta a decomposição das quantidades algébricas, sendo estas: quantidade prima e quantidade composta. Ele parte da decomposição de monômios para trazer a decomposição de polinômios.

No que concerne ao estudo de máximo divisor comum, ocupa-se da definição do que é divisor, divisor comum, versa sobre problemas que são resolvidos por meio do máximo divisor comum. Na parte relativa às Frações Algébricas, apresenta cinco teoremas e suas respectivas demonstrações, discute a redução das frações algébricas à expressões mais simples e às transformações de frações algébricas em quantidades inteiras ou mistas. Dedicase, em seguida, das operações com frações algébricas. A parte dedicada às Equações do Primeiro Grau é bem detalhada, com definições, proposições, axiomas, demonstrações e problemas de aplicação. De acordo com o autor, as Equações podem ser numerais ou literais e se distinguem pelos seus diversos graus. Em seu livro trata em específico das Equações do Primeiro e Segundo Grau. Descreve a resolução de uma equação, apresenta vários problemas, tece algumas orientações de como o aluno deve proceder na resolução de problemas:

Ha problemas de fácil intuição, e que podem ser resolvidos sem dificuldade alguma; há outros, porém, que só a custa de um esforço do raciocínio é que os discípulos poderão achar um meio de os dispor em uma equação algébrica. Isto, porém, de modo algum deve desanimar os alunos estudiosos, porque com alguma aplicação e perseverança, eles poderão vencer as maiores dificuldades. Se na primeira tentativa o discípulo não puder formar a equação do problema, empregue novos esforços; repita as tentativas até ficar senhor do achado. Todo o esforço e fadiga que der ao raciocínio para resolver um problema, não será trabalho inútil ou perdido, porque lhe resultará em dois grandes proveitos: o primeiro é adestrar-se em resolver facilmente os problemas da Álgebra, o que já é uma boa recompensa; o segundo é desenvolver as faculdades intelectuais, pois sendo elas manejadas constantemente no raciocínio exato e claro das soluções algébricas, poderão também raciocinar e resolver com acertos questões de outra natureza. (TRAJANO, 1922, p. 83 – 84).

O texto reforça a ideia que a função da Matemática é resolver problemas e nesse sentido, o primeiro passo para a solução de um problema é buscar entender perfeitamente o enunciado, o que significa conhecer a natureza e todas as condições das questões para elaborar um plano de ação. Ressaltamos a seguir dois problemas presentes no referido livro:

- a) Um fazendeiro contratou um empregado por 30 dias, dando-lhes 25 tostões e comida em cada dia que trabalhasse, e cobrando-lhe 20 tostões pela comida em cada dia que vadiasse. No fim do tempo, o empregado recebeu 300 tostões, quantos dias trabalhou ele, e quantos dias vadiou? (TRAJANO, 1922, p. 86 – 87).

O livro traz a solução proposta pelo autor. Seja x = ao número de dias que trabalhou, e $30 - x$ ao número de dias que vadiou. $25x$ = salário dos dias de trabalho. $20(30 - x)$ = importe da comida nos dias que não trabalhou. Deduzindo do salário que ganhou o importe da comida dos dias que vadiou, restam 300 tostões: então a equação será: $25x - 20(30 - x) = 300$.

Solução da Equação:

$$25x - 2(30 - x) = 300$$

$$25x - 600 + 20x = 300$$

$$25x = 900$$

$$x = 20$$

Os dias que trabalhou foram 20, e, os que vadiou foram $30 - 20 = 10$.

Verificação: 20 dias a 25 tostões equivale a 500 tostões

10 dias a 20 tostões equivale a 200 tostões

Restam 300 tostões

- b) Duas locomotivas partiram ao mesmo tempo dos extremos de uma linha férrea de 210 km de extensão; uma com velocidade de 40 km por hora, e a outra com a velocidade de 30. Quantas horas gastaram para se encontrar?

Solução, seja x o numero das horas: ora como uma locomotiva anda 40 kilometros por hora, em x horas andou $40x$. A outra locomotiva por semelhante razão, andou $30x$, como a linha tem 210 kilometros, a equação é $40x + 30x = 210$. Resolvida a equação, achamos que o valor de x é 3, número de horas precisas para o encontro. Se o problema além de pedir o número de horas, pedisse também as locomotivas gastariam 3 horas para se encontrar, conclui-se daqui que a mais veloz andaria $40 \times 3 = 120$ kilometros. (TRAJANO, 1922, p. 87).

Os problemas destacados anteriormente nos chamaram atenção por dois motivos: o segundo por se assemelhar com o que até hoje é tratado nos livros didáticos de Matemática, no tocante ao modo como o problema é elaborado; o primeiro pelo discurso ele nos reporta à época e nos faz pensar no nível de preconceito que ainda era visível em relação ao empregado, algo herdado do Império, ainda muito forte nas primeiras décadas da primeira República. Como apontado por Bloch (2001), nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo do seu momento. Faz-se necessário olhar para o período, buscar entender como se dava o discurso à época, como os autores se apropriavam da linguagem, o modo como se expressavam que estava ligado às vivências culturais e ao meio social. Percebemos, por meio da questão,

a Matemática enquanto ciência que reforça a ideia das elites, que legitima as estruturas de poder. Compreende-se que não havia questionamentos sobre quem era esse empregado, o fato dele não poder ter lazer. Suas horas de diversão eram tidas como vadiagem e, para tanto, fazia-se necessário o desconto da alimentação¹⁷².

O livro trata na sequência da resolução de equações simultâneas com duas incógnitas, sendo estas de dois tipos: equações simultâneas e equações independentes. Contudo, o texto explana somente as equações simultâneas¹⁷³. A resolução das equações é feita por redução ao mesmo denominador, por comparação e por substituição. Apresenta vários problemas com as devidas soluções e discorre, no mesmo capítulo, sobre problemas indeterminados e de Equações Derivadas. O capítulo seguinte é dedicado às demonstrações algébricas, destacando quatro casos de generalizações. Para um problema que envolve as equações simultâneas, o mesmo pode ter diferentes soluções, sendo estas: solução positiva; solução negativa; solução infinita; solução zero; solução indeterminada; solução absurda. O tópico seguinte é dedicado às formas das potências, abordando: elevação de monômio, polinômio, fração a qualquer potência e Binômio de Newton. Quanto à extração de Raiz quadrada, o tema é tratado detalhadamente, destacando as operações com radicais.

O décimo quarto capítulo do livro de Trajano é dedicado às Equações do segundo grau, versando a respeito de: solução das equações incompletas do segundo grau; soluções de equações completas. Para introdução das resoluções de equações completas, opta pelo uso do método de completar quadrados. Recorre à forma reduzida para resolução de qualquer equação polinomial do segundo grau. O autor destaca que, *“Toda equação completa do segundo grau pode ser reduzida à forma, na qual os termos podem ser ambas quantidades positivas ou negativas, ou um ser positivo e o outro negativo”* (TRAJANO, 1922, p. 167).

Nessa direção, são apresentados alguns problemas como forma de aclarar o método ao referido método de resolução. Como, por exemplo, qual é o valor de x na equação $x^2 + 2px = q$? A solução é discutida detalhadamente por meio do método de completar quadrados, do qual descrevemos somente a parte da solução:

¹⁷² Uma Matemática que serve às elites, com um discurso que reforça o preconceito com a classe operária, sendo este o vadio, que não gosta de trabalhar.

¹⁷³ Assemelha-se ao que hoje é abordado em alguns livros como Sistema de Equações polinomiais do primeiro grau.

$$\begin{aligned}
& \text{A equação é pois } \dots \dots \dots x^2 + 2px = q, \\
& \text{Completando o quadrado } \dots \dots x^2 + 2px + p^2 = q + p^2, \\
& \text{Extraíndo a raiz quadrada: } x + p = \pm\sqrt{q + p^2}, \\
& \text{Primeira raiz } \dots \dots \dots x' = -p + \sqrt{q + p^2}, \\
& \text{Segunda raiz } \dots \dots \dots x'' = -p - \sqrt{q + p^2},
\end{aligned}$$

Desse modo, são apresentados vários problemas de aplicação para que o aluno aprofunde e pratique o uso da generalização. Para isso, são propostas algumas questões do tipo: encontrar as raízes de uma equação completa, por meio da sua forma generalizada. Dando continuidade ao tema, ressalta as propriedades e as equações de segundo grau contendo duas quantidades desconhecidas. Os dois últimos capítulos são destinados ao estudo de: razão; proporção e progressões. Finaliza o livro com 23 problemas variados destinado ao exame.

Ao descrevermos sobre o livro de Álgebra de Trajano, entendemos que este não era um conteúdo de fácil acesso aos discentes de escolas públicas e privadas do país, à época, como pontuado pelo próprio autor do livro. O conteúdo de Álgebra era novo nos programas de ensino da Escola Doméstica de Natal, diferindo das Matemáticas estudadas pelas discentes e da formação educacional que tiveram até a chegada das professoras norte-americanas. A justificativa do uso do livro, como já reportado, se dava pela formação das professoras que a escola acabara de contratar e da visão sobre o ensino de Matemática que tinha a dirigente da instituição. As concepções defendidas eram de uma formação integral, que valorizava os aspectos científicos das cadeiras ligadas à parte intelectual do programa de ensino, bem como as da parte do ensino doméstico como: puericultura; alimentação; economia doméstica; medicina prática, música e costura.

b) Arithmetica Elementar Ilustrada e Arithmetica Progressiva

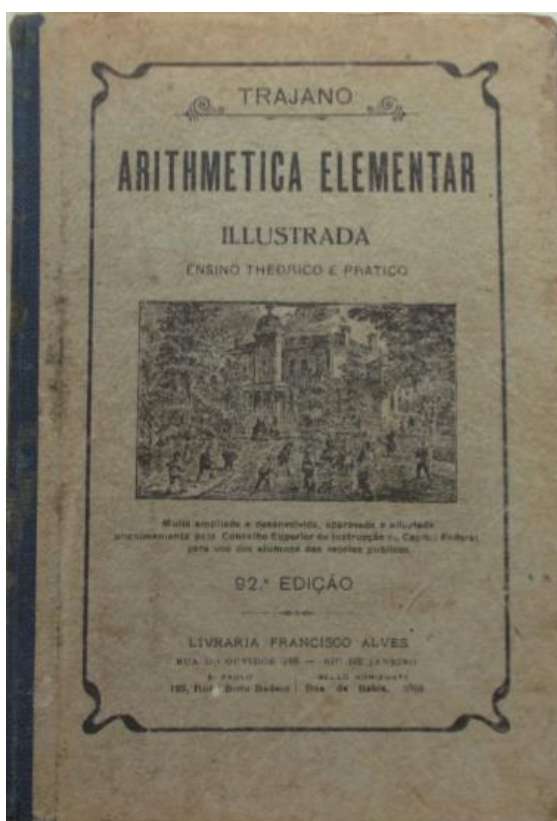
Os dois livros apresentam a mesma estrutura física de *Álgebra Elementar* e a mesma editora. As duas obras foram amplamente divulgadas no Brasil. De acordo com Oliveira (2019), os livros tiveram sua primeira edição publicada em 1879. Já em 1922, *Arithmetica Elementar* estava na sua 92ª edição, sendo este um livro destinado aos dos últimos anos das escolas primárias. Oliveira (2019) e Assis (2017) afirmam que a obra

foi fundamentada no método intuitivo, pautado pelos princípios pestalozziano de ensino, o qual coloca a criança em contato direto com meio que a rodeia. Desse modo, o texto de Trajano se apresenta com características do método intuitivo com temas pautados por teoria e prática, trazendo em suas atividades aproximações com a realidade do educando. Isso pode ser observado na apresentação do livro quando o autor enfatiza que foi realizada uma renovação na obra, se apresentando, desde a 60ª edição, ilustrada, de ensino teórico e prático, mais completa e ampliada do que as edições anteriores. O autor evidencia que a importância do livro pode ser percebida em virtude do acolhimento que teve tanto por parte da imprensa, quanto dos professores e até mesmo do alunado:

Além deste acolhimento imediato e tão honroso, esta obra foi depois premiada pelo Júri da Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro, foi adotado no ensino em diversos estados do Brasil, e recebida com grande satisfação por muitos estabelecimentos importante de educação. (TRAJANO, 1922, p. 3).

Por sua vez, os conteúdos da obra estão sistematizados seguindo sempre um mesmo parâmetro organizacional, primeiro uma ilustração que se aproxima do tema a ser abordado, em seguida os conteúdos.

Imagem 20: capa do livro *Arithmética Elementar* de Antônio Trajano, 1922.

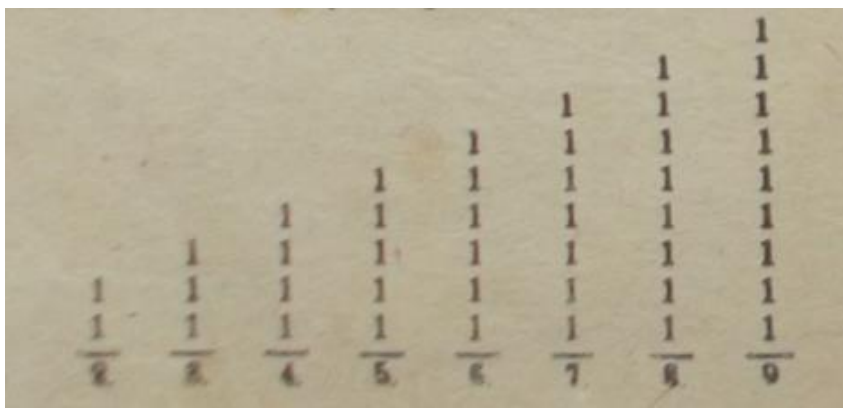


Fonte: Repositório de fontes digitais da UFSC

Igualmente aos demais compêndios analisados, *Aritmética Elementar* de Trajano versa sobre as definições de aritmética e algarismos, apresenta os algarismos indo-arábicos e os algarismos romanos. Define o que é uma unidade e quantidade, tratando das quantidades homogêneas e heterogêneas. Além disso, conceitua número e discute sobre como se procede a escrita e leitura dos números.

Para o estudo das operações fundamentais, a obra de Trajano, que data de 1922, inicia o estudo com a definição de conceitos que são relevantes ao logo de todo o estudo, tais como: problema; solução; regras; demonstração e provas. Na figura que se segue, o autor apresenta os números que são a base de todas as operações, “os *diversos números com que temos de calcular, são a soma ou o conjunto de duas ou mais unidades simples que se agrupam em um só todo*” (TRAJANO, 1922, p. 14).

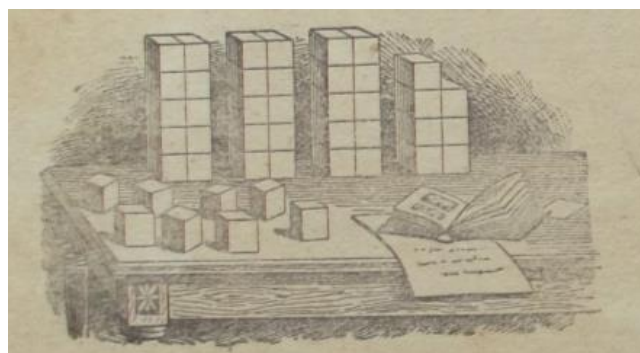
Imagem 21: agrupamento de unidades simples (TRAJANO 1922, p. 14).



Fonte: Repositório de fontes digitais da UFSC.

O texto mostra que para obter o número 2, basta somente adicionar uma unidade ao número um, assim, a formação dos números de 2 a 9 faz-se acrescentando a unidade ao número anterior. Por sua vez, $4 = 1 + 1 + 1 + 1$, para obter o número 5, adiciona-se mais uma unidade. Seguindo o mesmo raciocínio se obtém os valores 6, 7, 8 e 9. Segundo Assis (2017), esse processo pode contribuir para que o aluno da escola primária perceba o número a partir do agrupamento de valores e, desse modo, que este possa elaborar sua própria tabela com a numeração de 1 a 9, percebendo a composição de forma direta. Para além da explicação da composição, a ilustração facilita a percepção da criança em relação ao conteúdo a ser estudado, em uma possível influência do método intuitivo na obra do autor. Compreende a definição da operação de somar com a apresentação de problemas, discutindo as regras básicas de adição e prova, finalizando com alguns exercícios de aplicação e problemas para resolver. Pontuamos um dos problemas que acompanha uma ilustração,

Imagem 22: adição com recurso didático.



Sobre uma mesa estão 3 pilhas com 10 cubos cada uma; está outra com 7, e mais 8 cubos espalhados; quantos cubos estão sobre a mesa? (TRAJANO, 1922, p. 20).

Aparece no texto uma ilustração, uma espécie de nota explicativa, como forma de facilitar o entendimento do problema, de modo a possibilitar o aluno a fazer a soma consultada, tendo como base a quantidade de cubos, ou seja, interagindo com os objetos. Esboça o estudo da operação de subtração similar à adição, trazendo uma ilustração seguida da tabuada de diminuir, tratando da definição de subtração, destacando alguns problemas e regras de subtração com as respectivas provas. Igualmente, finaliza com problemas para resolver. Introduz o estudo de multiplicação apresentado a tábua de Pitágoras, figura que se segue:

Imagem 23: Tábua de Pitágoras (TRAJANO, 1922, p. 20).

Formação da Taboa de Pythagoras

LINHA HORIZONTAL

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
LINHA VERTICAL	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	
3	6			:		:				
4	8			:		:				
5	10			:		:				
6	12	..	..	30		:				
7	14					:				
8	16	..	..	..	..	56				
9	18									
10	20	90	40	50	60	70	80	90	100	

Fonte: Repositório de fontes digitais da UFSC.

O autor explica por meio da tábua de Pitágoras o modo como podemos encontrar com facilidade o quadrado de um número qualquer. Mostra uma tabuada de multiplicar, ressaltando o conceito de multiplicação, seguidamente de problemas, regras, provas e problemas propostos. O conteúdo de divisão é tratado similar às outras operações. Segue com as propriedades dos números, dentro do qual é visto divisibilidade, máximo divisor comum e mínimo múltiplo comum.

No que toca o ensino de Frações, segue dando ênfase à tríade: definição, problemas e regras. Como ponto de partida, ilustra com uma figura de algumas maçãs. Entendemos que a ilustração é utilizada para facilitar o entendimento do aluno,

Figura 24: exemplo de Frações



Fonte: Livro de Aritmética P TRAJANO, 1922, p. 20.

Com base na figura, o autor ressalta que:

uma unidade é uma coisa inteira como por exemplo, uma maçã, dividindo esta maçã em duas partes iguais, cada uma das partes é a metade ou um meio da maçã, ... se dividimos a maçã em três partes iguais temos, cada parte é um terço da maçã, ... duas partes é dois terços da maçã, três partes é três terços da maçã ou a maçã inteira. (TRAJANO, 1922, p. 50).

Nota-se pela explicação da ilustração que a ideia é associar a prática relativa às vivências do educando com a construção do conceito de fração. Os alunos são induzidos a interagir com a imagem como forma de facilitar o domínio do conteúdo de fração.

A proposta, em nosso estudo, foi de fazer uma breve análise de livros que integravam o currículo da Escola Doméstica de Natal, ou que por meio dos rastros assinalados com o nosso inventário nos possibilitasse responder alguns dos questionamentos de pesquisa que estivessem em consonância com os nossos objetivos. Assim, não tratamos de discutir detalhadamente cada capítulo do livro *Arithmetica Elementar* de Trajano, mas buscou-se tratar de uma parte relevante que nos propicie respostas aos nossos questionamentos. Nessa direção, destacamos na tabela abaixo os conteúdos que se apresentam após o estudo de Fração, os quais não foram pontuados de modo detalhado:

Tabela 24: Conteúdos presentes no Livro *Arithmetica Elementar* de Antônio Trajano.

Listagem de Conteúdos	Listagem de Conteúdos
Systema métrico Medidas métricas Divisões das medidas Abreviatura métrica Operações métricas Redução métricas Medição das superfícies Medição cúbica	Números Complexos Unidades Complexas Redução Complexas Somar, diminuir, multiplicar e dividir complexos
Razão Proporção Achar a incógnita Regra de tres simples Regra de três composta Redução a Unidade Falsa posição	Porcentagem Juros Desconto Divisão proporcional
Termo médio Mistura e Liga Cambio Cambio sobre a Inglaterra Cambio sobre Portugal	Quadrados e cubos Extração da raiz quadrada Extração da raiz cúbica Analyse Solução analítica

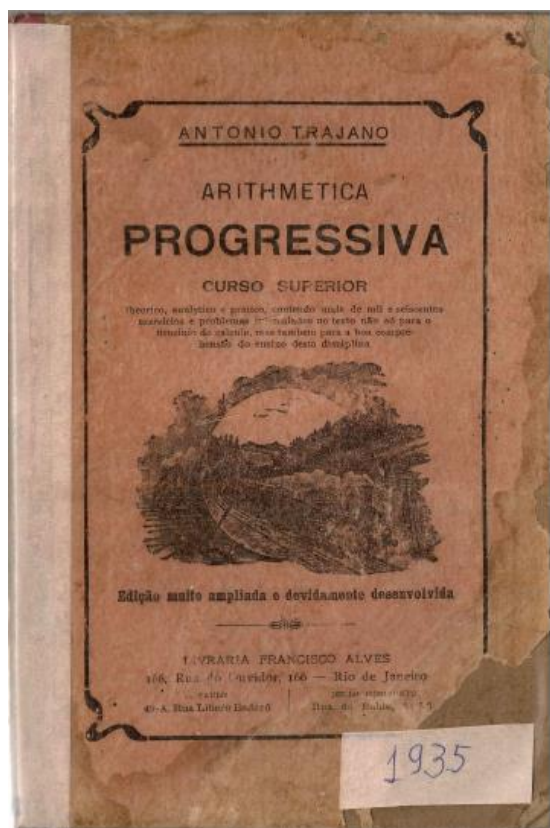
Fonte: *Arithmetica Elementar Ilustrada* de Trajano, 1922.

As características mais visíveis no livro *Aritmética Progressiva*, de Trajano, que são defendidas já na apresentação do compêndio, são de uma aritmética voltada para a resolução de problemas práticos, aplicada aos negócios, às artes e, enquanto ferramenta, às outras ciências.

Para o presente estudo, analisamos a 68ª edição, de 1935¹⁷⁴, por não termos tido acesso à edição de 1922. A obra conta, conforme nos afirma Oliveira (2019), com 272 páginas, 45 conteúdos, intercaladas nos diversos temas, 65 ilustrações, as quais aparecem como recurso didático.

¹⁷⁴ Obra encontrada no repositório da Universidade Federal de Santa Catarina.

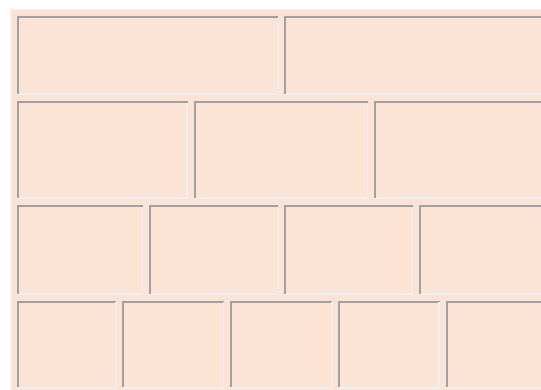
Imagem 25: Capas do livro Arithmetica Progressiva de Antonio Trajano.



Fonte: Trajano (1935).

Nota-se, pelo modo que o texto é escrito, que as figuras são usadas possibilitando ao aluno acessar informações contidas nas mesmas, ou para fazer uma mediação com definições, enunciado de questões, demonstrações, generalizações e regras. O trecho ressaltado a seguir é um exemplo de como o autor interpreta a mediação entre o texto e a ilustração, tendo como perspectiva facilitar o entendimento do conteúdo.

Demonstração. Se dividirmos uma linha em duas partes iguais, cada parte será $\frac{1}{2}$; se a dividirmos em três partes iguais, cada parte será $\frac{1}{3}$, menor do que $\frac{1}{2}$; se a dividirmos em quatro partes iguais, cada parte será $\frac{1}{4}$ e já menor que $\frac{1}{3}$; se a dividirmos em 5 partes iguais, cada parte é $\frac{1}{5}$ e já menor do que $\frac{1}{4}$, porque quanto maior for o numero de partes, tanto menor será cada parte, como se ver na figura à margem. Logo $\frac{1}{2}$ é maior que $\frac{1}{3}$; $\frac{1}{3}$ é maior do que $\frac{1}{4}$; $\frac{1}{4}$ é maior que $\frac{1}{5}$, e assim por diante. (TRAJANO, 1935, p. 70).



Fonte: Trajano (1935, p.70).

Decorre, desse modo, uma relação entre o objeto – imagem – conteúdo, entre a figura e a demonstração, fornecendo possibilidades ao aluno não só o entedimento da Aritmética, mas, como nos diz Oliveira (2019) e Burke (2016), para desenvolver outras habilidades, como saber observar, saber fazer generalizações, saber compor e decompor, saber interpretar. Decerto, a opção por manter a distribuição em toda obra, demonstração – ilustração, definição – ilustração, problema proposto – ilustração está vinculada aos argumentos didáticos que embasam a formação do autor, a voga intuitiva, como nos afirma Assis (2017) e Oliveira (2017).

Pontuamos na tabela que se segue os conteúdos abordados na obra *Arithmetica Progressiva*. Conclui-se que este livro por se apresentar de modo mais avançado, possa ter sido usado pelas professoras das cadeiras ligadas às Matemáticas, as quais eram prioridade na formação das educandas da Escola Doméstica de Natal, tendo em vista que a cadeira de Arithmética era estudada no primeiro e segundo ano.

Tabela 25: Listagem de conteúdos presentes na obra Arithmetica Progressiva.

Conteúdos presentes na obra Arithmética Progressiva de Trajano	Conteúdos presentes na obra Arithmética Progressiva de Trajano
Algarismos Algarismos arabicos Algarismos romanos Definições Numeração Signaes arithmeticos Operações fundamentaes Sommar, diminuir, multiplicar, Abreviações da multiplicação, multiplicação continuada, Dividir Theoremas relativos a divisão, o inverso das quatro operações. Redução a unidade Igualdade e desigualdade Uso de Parenthesis Complemento dos numeros Theoria dos numeros Discriminação dos numeros primos, Achar os fatores primos, Divisão por cancellamento, Theoria da divisibilidade, Theoremas sobre a divisibilidade, Achar todos os divisores um numero, Maximo divisor comum, Minimo multiplo comum. Frações Ordinárias	Valor de uma fração Relação entre a fração e a unidade Frações proprias e improprias Dividendo menor do que o divisor Complemento do quociente Alterações no valor das frações Redução e transformação das frações Reduzir frações ao mínimo denominador comum, somar frações, multiplicar frações, multiplicação cancelada, dividir frações, frações de frações, frações mistas, fórmulas, frações continuas, propriedades das frações reduzidas. Frações decimais Alteração no valor dos números decimais Transformar decimais em frações ordinárias Transformar frações ordinárias em decimais Adição decimal, Subtração decimal, Divisão decimal, Frações periódicas, achar a geratriz de uma periódica composta. Sistema metrico Unidades principais, multiplos e submultiplos, abreviações do sistema metrico, operações metricas, redução metricas,
Números complexos Unidades diversas, reduções complexas, somar números complexos, subtrair números complexos, multiplicar números complexos, dividir abstrato e complexo, achar a diferença de tempo, achar a diferença de latitude, longitude e o tempo, tabelas das medidas e medidas judaicas. Razão Razão composta, proporções, propriedades da proporção, achar qualquer termo Regra de três Medir qualquer altura pela sombra, comparação dos termometros, regra de três composta, divisor fixo de juros. Sociedade Comercial Comissões Desconto Termo médio Prazo medio Mistura Mistura media, mistura calculada	Liga Problemas de coroa de ouro Permutação Cambio Tabela de moedas estrangeiras Analises Potencias Formação sintética de um quadrado Extração de raizes Progressões Progresões por diferença, Progressão por quociente Logaritmos Propriedades dos logaritmos, outros sistemas de numeração, redução dos outros sistemas ao decimal redução do sistema decimal aos outros sistemas, Medição Peso específico Tabela do peso específico, quadrados mágicos Revisão geral

Fonte: TRAJANO, 1935.

Para além de tabular os livros-textos utilizados na Escola Doméstica de Natal, buscamos entender como as docentes e discentes se apropriam do conhecimento matemático em sua prática no cotidiano da instituição. Uma Matemática a ser percebida

enquanto ferramenta a outras áreas do conhecimento, mas tida como ciência no reforço ao discurso de cientificidade, na justificativa de uma escola que tinha um viés prático, mas um estudo de ordem intelectual, para não cair na compreensão de que a instituição era voltada somente a formação da mulher para o lar. Havia essa duplicidade de funções. Fortalecendo a necessidade de uma educação de qualidade, plural, voltada a esse grupo social que, por séculos, foi marginalizado, excluído, sendo produto das atribuições sociais e culturais a elas reservadas. Como pontuado por Márquez e Ramos (2018), estas pertencem a uma população da qual a escola tradicional subjugou sua capacidade intelectual. As autoras ponderam que:

las diferentes posturas sobre la inteligencia siempre han tratado de dividir a la población, separar a los más capaces de quién no lo son y, de este modo, establecer la superioridad de algunos por sobre los otros y mantener, así, el orden social establecido. Existen conceptualizaciones rígidas sobre la inteligencia, que la han establecido como un rasgo genéticamente determinado y estable a lo largo de la vida de un individuo (MÁRQUEZ E RAMOS, 2018, p. 948)¹⁷⁵.

Como sinais de mundaças e de espírito moderno, a Escola Doméstica de Natal traz em seu programa de ensino, na parte relativa às disciplinas da área intelectual, as cadeiras de Física, Química e Matemática, com conteúdos voltados ao ensino secundário e superior, diferindo do que era destinado ao papel social da mulher. Outro ponto marcante refere-se ao custeio de intercâmbios¹⁷⁶ fora do país das educandas que se apresentavam com bons resultados, o que configurava, à época, algo impensado à uma moça.

4.3 LIVROS – TEXTOS UTILIZADOS NO PERÍODO DE 1927 A 1945

O recorte temporal, para a seleção dos livros que fomos inventariando ao longo da nossa pesquisa, se justifica por ter sido o momento em que a escola passa para a administração das brasileiras, sendo estas ex-alunas da instituição, tendo formação

¹⁷⁵ Livre tradução: as diferentes posturas sobre a inteligência sempre trataram de dividir a população, separar os mais capazes dos que não são, de modo a estabelecer a supremacia de alguns em relação aos outros, e manter assim a ordem social estabelecida. Existem conceitos rígidos sobre a inteligência, que foram estabelecidos como uma característica geneticamente determinada e estável ao longo da vida de um indivíduo.

¹⁷⁶ Como já pontuado anteriormente, no período de 1919 a 1923, as alunas recebiam auxílio para formação nos Estados Unidos, como aconteceu com a aluna Isabel Dantas, a qual ganhou o prêmio por ter sido laureada como melhor aluna da instituição em 1921.

complementar fora do país. Desse modo, listamos os livros que nos foi possível fichar nos documentos analisados, no referido período.

Tabela 26: Livros didáticos utilizados no período de 1927 a 1945.

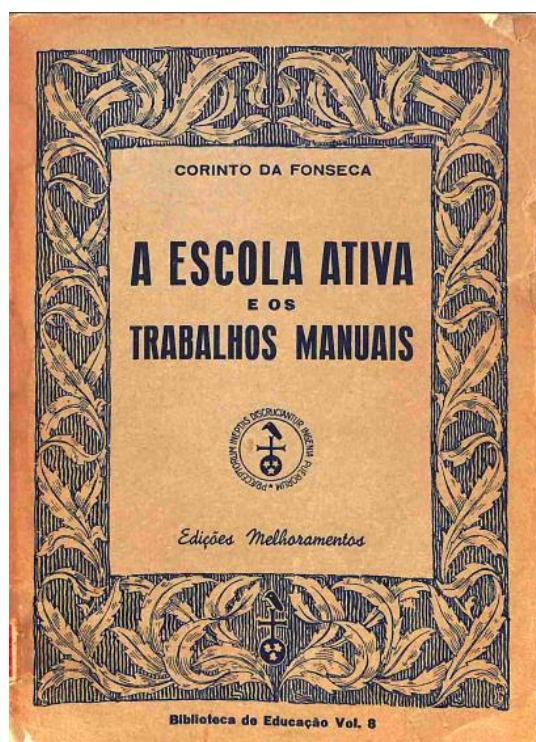
Título do Livro	Autor	Editora/Cidade/ País
14 livros de Geometria	Não tinha descrição do autor/dos autores dos livros.	Não aparecem dados bibliográficos dos livros.
Desenho Geométrico	Valdete Helio Linder	Helio Valverde, Rio de Janeiro, Brasil, 1945.
Elementos de Matemática	Jacomo Stávale	Ed Nacional
Lições Práticas de Arithemática Geomatria e Desenho	Gaspar de Freitas	Rio de Janeiro, 1928, 2ª edição
Meu Caderno de Matemática	Julio Cezar Melo e Souza	Editora aurora, 2ª edição, 1945.
Análise Algébrica	Alberto Nunes Serrão	Editora Globo, ano: 1945.
Álgebra Elementar	Antônio Trajano	Francisco Alves, 15ª edição, 1932, Rio de Janeiro
Soluções Aritméticas	Não aparece no documento o autor da obra	Não consta dados bibliográfico da obra
Soluções Algébricas	Não aparece no documento o autor da obra	Não aparece no documento o autor da obra
Aritmética Comercial e Financeira	Carlos de Carvalho	Editora: Cia. Ed. Nacional, 1940, São Paulo.
A Escola Ativa e os Trabalhos manuais	Corinto da Silva Fonseca	Edições melhoramentos, 2ª edição, São Paulo, 1929
Desenho Geométrico a instrumento	Carlos Sussekind	Livraria Globo, 1941, Porto Alegre

Fonte: Livro de tombo da biblioteca de obras raras de Henrique Castriciano

Para esse período faremos uma breve descrição e análise do livro *A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais*, de Corinto da Silva Fonseca¹⁷⁷. A escolha se deu pela proximidade das concepções do autor com as práticas desenvolvidas no âmbito da Escola Doméstica de Natal.

¹⁷⁷ Nascido em 1882, no Rio, dedicou-se ao jornalismo e à educação. Aos 17 anos, passou a escrever crônicas, o que concedeu o acesso a diversos periódicos, entre estes escrevia para: *Jornal do Comércio*; *Gazeta de Notícias*; *Correio da Manhã*; *Jornal do Brasil*; *Correio Paulistano*; Minas Gerais. Em 1929, assume a redação da publicação *Brasil-Ferro-Carril*, e do vespertino *O Globo*, do Rio de Janeiro. Sua atividade no magistério foi iniciada, em 1906, no Colégio Pedro II, onde lecionou turmas de português. Foi professor da Escola 15 de novembro, e Diretor da Escola Profissional Souza Aguiar.

Imagem 26: Capa do livro *A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais* de Corinto da Fonseca.



Fonte: Repositório da UFSC.

A segunda edição do compêndio *A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais*, de Corinto da Fonseca, publicado em 1929, contém dois prefácios. O primeiro, do professor Lourenço Filho, onde este faz uma discussão a respeito da Escola Ativa, ponderando sobre o que tem sido tratado no tocante ao tema em outras publicações. Ao passo que tece críticas a alguns autores, ressalta que Corinto Filho escreveu um texto com algumas limitações, contudo com uma visão que ambos defendem, sendo a Escola Ativa aquela que promove a interação entre trabalho manual e trabalho intelectual. O segundo prefácio é do próprio autor, que sente-se lisonjeado por estar na segunda edição do livro, que não pretendia ter tamanha repercussão. Mas sua obra é pautada por experiências práticas, vivenciadas enquanto professor por sete anos na Escola Souza Aguiar, mas com embasamento de mestres da pedagogia contemporânea.

O livro contém doze capítulos e as considerações finais, em cada um dos capítulos apresenta ilustrações relativas aos temas abordados. O primeiro capítulo discute sobre os fundamentos físicos e psíquicos dos trabalhos manuais. De acordo com Corinto Filho (1929), a educação, com base nos conceitos mais modernos é um ensaio à vida, e a vida é dinâmica. Assim uma educação com viés prático tem um caráter dinâmico. Para uma explicação mais detalhada, o autor recorre a uma analogia,

comparando o humano a uma máquina que transforma eletricidade estática em eletricidade dinâmica. Para tal, faz-se necessário uma formação adequada para que a criança transforme o conhecimento escolar no conhecimento da vida prática.

Ao analisar o capítulo I, pode-se dizer que a proposta do texto é uma discussão teórica que reforça o papel da Escola Ativa na formação do indivíduo, destacando os trabalhos manuais como meios de completar a formação do ser ativo, integrado à fisiologia educativa, com a prática e o hábito de realizar. O autor se apoia em teóricos como o sociólogo norte-americano Charles Ham¹⁷⁸, Rabelais, Bacon, Rousseau, Comenius, Pestalozzi, Froebel e Decroly.

No capítulo II é estudado trabalhos manuais enquanto metodologia, ou seja, como meio educativo. Nas palavras do autor: trabalhos manuais. Seu texto é tido como orientação educativa e didática. Alguns equívocos têm sido empregados. As orientações aos professores, por parte de alguns educadores, presente em alguns compêndios, referem-se aos trabalhos manuais como mais uma cadeira no currículo escolar. O texto destacado a seguir mostra um exemplo de atividade desenvolvida nas disciplinas ofertadas pelo autor do livro. O mesmo ressalta que:

vai para mais de doze anos, tive ocasião de praticar essa orientação na Escola Sousa Aguiar. Entre as várias aplicações dela, ocorre-me citar a da construção de umas pequenas máquinas de vapor, feitas pelos alunos para perfeita compreensão das noções aprendidas sobre termologia e expansibilidade dos gases. (CORINTO FILHO, 1929, p. 26).

Desse modo, o exemplo aparece no texto como uma realização da educação experimental da verdadeira Escola Ativa. Assim, a Física aprendida pelos alunos envolvidos nesta experiência difere do que é compreendido por meio de atividades reproduzidas dos livros-textos, ou seja, os conhecimentos sobre fenômenos físicos foram construídos durante a fabricação das pequenas máquinas de vapor.

No terceiro capítulo, intitulado *Um exemplo diferenciador das duas escolas*, há inicialmente uma fala descrevendo como ocorre o ensino na escola antiga, o qual é dado por um sistema de transmissão de informações, que é recebido pelo discente, sem o mesmo investigar, discutir, questionar, tendo o conhecimento recebido como verdade

¹⁷⁸ Autor do livro *O espírito e a mão*, adotado em diversos cursos de Pedagogia norte-americanos, o qual “define a educação como o cultivo de todas as faculdades do homem para o ponto culminante da ação”. (CORINTO FILHO, 1929, p. 23).

absoluta. De acordo com Corinto Filho (1929), a catédra na Escola Ativa é vista como menos infalível, orientando o discente para conquistar por si mesmo. Aqui, as verdades são questionáveis. É interessante ressaltar que, para o autor, até mesmo os erros do professor são repetidos pelos alunos, na escola tida por ele como antiga. Já na Escola Ativa, com os trabalhos manuais enquanto metodologia de ensino, o discente é posto em contato constante com as realidades da vida. Traz um diálogo com crianças, o qual chama de incidente, para diferenciar as duas escolas:

Estava eu na ilha do Governador e assistia a um grupo de inteligentes alunos do curso médio e do curso complementar da escola primária, os quais desenhavam, na areia, esse brinquedo chamado caracol. Interrompendo-lhe a tarefa, perguntei a um deles: - que figura é esta que vocês estão riscando? - É um caracol, sim senhor. Pensei que tivesse perguntado geometricamente mal, e repeti: - Mas que linha é essa? É um caracol, seu doutor. - Mas esta linha tem um outro nome. Caracol é o nome do jogo. O nome da linha é outro... um nome geométrico. O pequeno olhou para o risco, no chão, pensou, embatucou e sorriu, num embaraço. Então você não sabe o que é um espiral? Ah! É verdade! Ainda ontem a Professora me explicou o que era uma espiral, É verdade! É a linha do caracol! (CORINTO FILHO, 1929, p. 26).

Nesse sentido, na perspectiva da escola ativa, por meio da metodologia dos trabalhos manuais, a abordagem de conteúdos como o de Geometria, que em algumas intuições são abandonados após os exames, se apresentam ligados à vida prática, possibilitando, de modo eficaz, seu uso na resolução de diversos problemas aplicáveis ao cotidiano do aluno – até mesmo nas brincadeiras e nos horários extra-sala de aula. O entedimento empregado por Corinto Filho ao ensino da Matemática integra os estudos das matérias que aparecem de modo separadas, incluindo a Geometria Analítica, que é retirada do ensino elementar, primário e secundário, bem como o conteúdo de Trigonometria que fica relegado ao final do curso, como matéria à parte. Decorre sua posição, em específico sobre o modo como o ensino de Geometria vem sendo tratado. Para tal, é importante atentar para sua ponderação,

esse preconceito didático desapareceu com a valente e bem armada invertida do professor Perry, em 1901, precipitando a decadência da geometria euclidiana, ao menos como processo didático. Esse movimento venceu, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha e veio até à América do Sul, mas só desembarcou em Buenos Aires. Passou de largo por nós... No entanto, esse espírito é muito mais antigo. Com efeito, data de 1876, a edição de um livrinho, intitulado Geometria Inventiva, no qual se leva o aluno a concluir as verdades

geométricas por si mesmo, em vez de repetir servilmente as demonstrações dos compêndios, arraigados mariscos do casco velho da didática euclidiana. (CORINTO FILHO, 1929, p. 26).

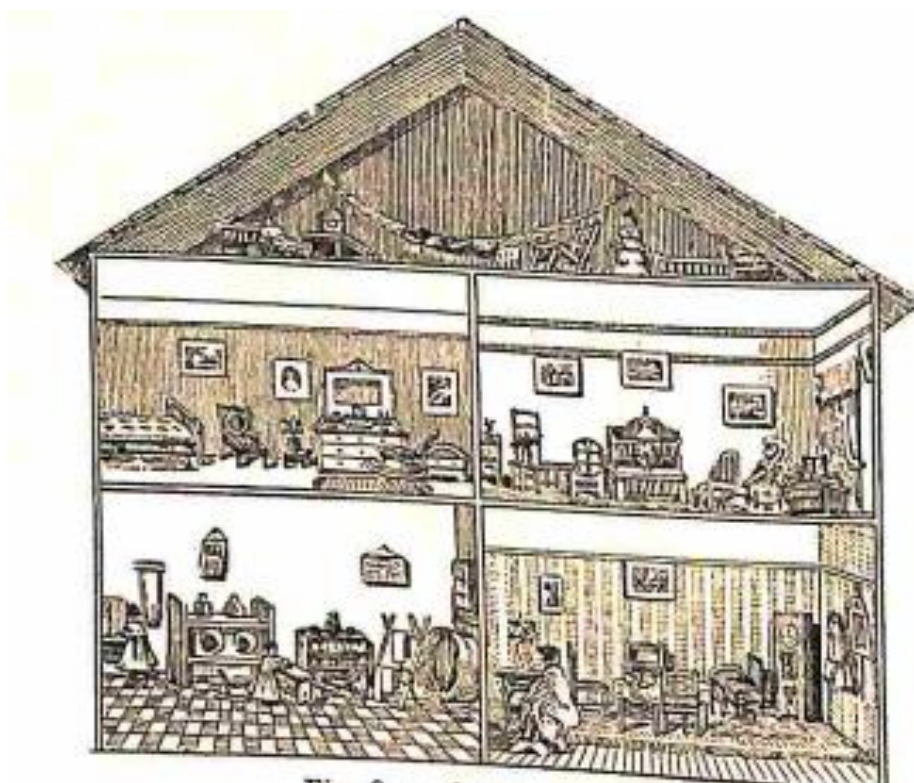
Nessa direção, a Geometria euclidiana enquanto processo didático que possibilita o aluno a raciocinar é criticada por Corinto Filho, ao passo que na perspectiva do autor não se pode ensinar alguém a raciocinar fornecendo expressões prontas. Justifica seu entendimento usando como exemplo o seguinte teorema: a soma dos ângulos de um triângulo é igual a dois ângulos retos. Assim, questiona a explicação dada pela didática euclidiana, “*prolongar um dos lados, tirar a bissetriz do ângulo externo assim formado, e estabelecendo uma série de igualdades algébricas*”. (CORINTO FILHO, 1929, p. 26). Desse modo, o aluno pode questionar o porquê de prolongar um dos lados. A resposta a tal questionamento é feita ressaltando que se trata de um artifício de construção. Uma abordagem didática utilizando os trabalhos manuais trataria de explicar o teorema com o recorte de triângulos de papel, possibilitando o educando visualizar a composição dos ângulos sobre uma das bases, percebendo assim, o semicírculo. Na perspectiva do autor o que o aluno aprendeu não foi ensinado.

O final do capítulo traz uma pequena discussão sobre outros conteúdos matemáticos que os trabalhos manuais possibilitam ao fazer a interrelação com o cotidiano do educando. Há uma breve descrição sobre a campanha de Perry em países como a Alemanha, com os trabalhos de Klein nos Estados Unidos, Philips e Fisher, professores da Universidade de Yale, com o curso de Geometria no Espaço; Walsh, também nos Estados Unidos com Introdução a Álgebra. Integram a lista os franceses Laisant e Clairaut. Finaliza o capítulo afirmando que a Matemática é uma das matérias que oferece margem para os trabalhos manuais, “*em qualquer trabalho manual há sempre nele geometria, aritmética e até a álgebra a aplicar*” (CORINTO FILHO, 1929, p. 36).

Para o capítulo IV é apresentada a técnica dos trabalhos manuais. Segue discutindo o modo de empregar a didática permeada nas concepções da Escola Ativa, que é fomentar metodologicamente o ensino das disciplinas escolares, voltada ao fazer, à prática, ao aluno aprender fazendo. Assim, a partir do capítulo cinco, passa a apresentar exemplos e sugestões de atividades para sala de aula. Entre estes, ressaltamos a casa de bonecas que, conforme Fonseca (1929) evidencia, são diversas abordagens úteis, desde a construção da casa e a decoração das paredes, uma

oportunidade para incentivar o gosto artístico e a feitura dos móveis, além de permitir uma discussão sobre o lar, versando sobre deveres, direitos e obrigações da vida familiar.

Imagem 27: casa de bonecas



Fonte: Fonseca (1929, p. 50).

Para tal, a figura 23 ilustra a casa de bonecas: uma possibilidade de abordagem permeada por concepções que reforçam o papel da família, o gosto pelas atividades domésticas, as funções que cada membro da família exerce. Princípios que corroboram aos ideais da Escola Doméstica de Natal, à época. Como já ressaltado, havia um reforço ao discurso em defesa do desenvolvimento da Pedagogia Familiar, tanto nas práticas do cotidiano da instituição, quanto nas publicações da então diretora, Caetana de Brito Guerra, em periódicos do estado, como exemplo do jornal católico *A Ordem*. No que se refere aos conhecimentos matemáticos, o autor não apresenta de modo direto temas que possam ser explorados com a casa de bonecas. Contudo, para a construção da casa, na confecção dos móveis, suscita o uso de conceitos, tais como proporção, medidas, ângulo de caimento da tesoura do telhado, entre outros.

Os demais capítulos seguem o mesmo estilo, articulando possíveis usos dos trabalhos manuais em diferentes áreas e níveis de ensino, desse modo versando sobre: os trabalhos manuais no ensino secundário; os trabalhos manuais no ensino de português; os trabalhos manuais no ensino de ofícios. Trata nos dois últimos capítulos das experiências e resultados que obteve ao longo de sua carreira, enquanto professor e dirigente na Escola Souza Aguiar. Expressa esta experiência discorrendo sobre especialização e industrialização. Para tal apresenta alguns documentos e provas.

O olhar específico ao livro de Corinto Filho é justificado em nosso estudo não apenas por trazer algumas temáticas voltadas ao ensino de Matemática, mas pela compreensão que os documentos inventariados nos trouxeram, ao ler publicações dos membros da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte quando tratavam do tema de trabalhos manuais, concebendo-o como metodologia que facilita a relação do fazer e da interação com o objeto na sistematização dos conhecimentos. Assim, permite-nos concluir que tenha sido um compêndio, possivelmente usado nas orientações das práticas educativas da Escola Doméstica de Natal, em um momento que se vivia uma reivindicação por renovação pedagógica e a ação de romper com o ensino tradicional.

4.4 LIVROS – TEXTO UTILIZADOS NO PERÍODO DE 1945 A 1961

Para este período, tratamos do recorte temporal que o currículo da Escola Doméstica de Natal se aproxima dos programas das instituições de ensino secundário do estado. Inicia assim, a fase da administração de Noilde Pessoa Ramalho que, como já mencionado ao longo do texto, esteve à frente da instituição até ano de 2010.

Em 1945, pós-guerra, a Escola seguiu seu ritmo natural, o currículo permaneceu o mesmo de anos anteriores, tendo o curso a duração de cinco anos. Por certo, os livros-textos passaram a ser os mesmos adotados em outras instituições do país, em especial às das escolas católicas do estado. Desse modo, destacamos a seguir uma lista com livros-textos que integraram os materiais destinados à formação das discentes da Escola Doméstica.

Tabela 27: Livros-texto ligados diretamente as cadeiras de Geometria, Álgebra, Desenho e Aritmética.

<i>Título do Livro</i>	<i>Autor</i>	<i>Editora/Cidade/ País</i>
Matemática Para Curso Clássico e Científico	Thales Melo de Carvalho	E. Nacional, São Paulo, 1946
Álgebra Elementar	Antônio Trajano	Editora Francisco Alves, 1958
Matemática para Oficina	Telber, L A	1948
Álgebra Elementar	BJP	1949
Geometria Elementar	Lev. Francisco Alves	FTD
Geometria Plana e no Espaço	BJP	
Aritmética Elementar	Antônio Trajano	1953
Exercícios de Cálculo com Problemas		FTD, 1953,
Matemáticas no Ciclo Ginasial	Aquiles Ancho Jr	1953
Elementos de Aritmética	Algacyr Munhoz Maeder	FTD
Aritmética, Geometria e Desenho	Grasmear de Freitas	1949
Curso de Matemática	Algacyr Munhoz Maeder	Editora Nacional/ 1961

Fonte: Livro de tombo da Biblioteca de Obras Raras de Henrique Castriciano

Nossa análise, nesse período, nos leva a crer que não houve interesse em preservar as obras mais atuais. Decerto, não nos foi possível inventariar um número maior de diferentes livros-textos. Outra possibilidade para referida ausência é a de que o livro de tombo da Biblioteca data de anos anteriores ao nosso recorte temporal. Desse modo, passamos a analisar cada uma das estantes da Biblioteca de Obras Raras – Henrique Castriciano de Souza – e algo pode ter passado despercebido ao nosso olhar. Observamos com base na tabela 35, que as referências bibliográficas de algumas obras não são apresentadas por completo e isto se deu por ser o modo como aparece no livro de tombo da mencionada biblioteca.

Percebe-se ainda que, na tabela, existem dois livros do autor Antônio Trajano, *Álgebra Elementar* e *Aritmética Elementar*, sendo que estes livros se repetem em todos os momentos do nosso recorte temporal, apontando uma regularidade no currículo de Matemática após o ingresso das dirigentes brasileiras na administração. Em termos educacionais, demonstra o interesse da escola em não se distanciar das demais instituições de ensino.

Para além do nosso estudo, descrevemos algumas referências bibliográficas¹⁷⁹ que foram surgindo ao passo que íamos fazendo o inventário, ao longo do recorte temporal. Isso nos mostra outras possibilidades de investigação no tocante as práticas educativas permeada por concepções filosóficas, psicológicas, políticas, educacionais.

¹⁷⁹ Por uma questão de logística, optamos por deixá-las como anexo.

5 CADERNOS ESCOLARES, DIÁRIOS DE CLASSE, ESCRITA DE TESE, PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS E CURSOS DE FORMAÇÃO

Neste capítulo discutiremos sobre os cursos de formação realizados pelas docentes e discentes da Escola Doméstica de Natal, especificamente a ida à capital do país, bem como a saída a Europa e Estados Unidos. Discorreremos a respeito dos cadernos escolares, tendo em vista que estes podem nos trazer alguns indícios de como as alunas se apropriavam dos conhecimentos ministrados na instituição. Tratamos dos diários de classe das professoras e, por meio destes, buscou-se entender os registros docentes. Além disso, analisamos as teses de conclusão de curso e publicações das alunas em periódicos. Para tanto, as concepções de Valente (2017), Andrés e Zamora (2012), Viñao (2008) e Peres (2017) nos ajudam a entender sobre o uso dos cadernos escolares na história da educação e da educação matemática. Valente (2018) traz contribuições às análises das atividades avaliativas enquanto elementos constituintes das aulas de matemática.

As pesquisadoras Maria del Mar del Pozo Andrés e Sara Ramos Zamora (2012), ao investigarem a reconstrução histórica da escola, através dos cadernos escolares, ponderam que estes são produto da cultura escolar e, de tal modo, conservam os registros reveladores a respeito do trabalho docente e da apropriação dos alunos sobre o que era ensinado. Assim, as autoras afirmam que os cadernos proporcionam pistas acerca dos currículos, de modo que:

manuales utilizados en las aulas, la actividad educativa realizada cotidianamente, los procesos de enseñanza-aprendizaje y, sobre todo, la transmisión en el medio escolar de las diferentes ideologías y valores y la implantación y difusión de las reformas pedagógicas (ANDRÉS; ZAMORA, 2012, p. 417)¹⁸⁰.

Nessa direção, Antonio Viñao Frago (2008)¹⁸¹ chama atenção para o uso dos cadernos enquanto transmissores de valores e atitudes, os quais refletem concepções políticas e ideológicas. De acordo com Peres (2017), cabe atentar para os cadernos escolares não apenas como objeto ou suporte de registro do aluno, mas compreendê-

¹⁸⁰ Livre tradução: manuais utilizados nas escolas, a atividade educativa realizada cotidianamente, os processos de ensino e de aprendizagem e, sobretudo, a transmissão no meio escolar das diferentes ideologias e valores e na implantação e difusão das reformas pedagógicas.

¹⁸¹ Professor da Universidade de Múrcia/Espanha. Catedrático de Teoria e História da Educação.

los como “*dispositivo de aprendizagem gráfica, que permite à criança (ou ao adulto em processo de aprendizagem) entrar nas múltiplas funcionalidades sociais da escrita*” (PERES, 2017, p. 18). Desse modo, na perspectiva da autora, a complexidade do uso do caderno na historiografia da Educação e em específico no nosso estudo da história da educação matemática, se faz imprescindível quando o pesquisador, de posse destes objetos, busca fazer uma leitura de como o aluno se apropria dos conhecimentos. Viñao (2008) defende que o caderno é parte integrante da cultura escolar. Assim sendo, é possível encontrar nestes vestígios de “*valores, juízos e correções feitas pelos professores e anotações e usos pessoais do aluno até mesmo da sua família*” (VIÑAO, 2008, p. 18).

Desse modo, buscou-se evidências de apropriação das práticas pedagógicas das alunas por meio dos seus escritos nos cadernos escolares, diários, agendas, entre outros, outros que nos trouxesse informações dos conhecimentos que circulavam no âmbito da escola. Ao passo que os cadernos das cadeiras de Álgebra, Puericultura, Cozinha Prática, Música e Artes estavam conservados, não nos foi possível encontrar no museu da escola nem nos contatos com ex-alunas, cadernos relacionados em específico à Aritmética, Geometria e Desenho. Como exemplo, destacamos na imagem 29, o caderno da aluna Alda Azevedo, no qual encontramos anotações sobre: operações com monômios e polinômios; poesias; peças de teatro, cardápios e receitas. Vale destacar que as referidas receitas estavam acompanhadas de desenhos, representações realizadas pela aluna, demonstrando a apropriação da discente no tocante ao conteúdo abordado com as práticas realizadas no cotidiano da instituição.

Consta numa das páginas parte da peça Romeu e Julieta nos apontamentos de Português, o que nos apresenta a disciplina de Língua Portuguesa como espaço para trabalhar elementos da cultural local, regional e nacional. Buscamos reproduzir algumas anotações da referida aluna em seu caderno, o que pode ser um caderno único para todas as disciplinas, o que é classificado por Viñao (2008) e Pozo Andrés e Zamora (2012) como caderno de atividades mensais, os quais não aprecem as matérias de modo separadas, sendo assim compostos de conteúdos variados. Cumpre lembrar que buscamos reproduzir a escrita da aluna o mais próximo possível do que aparece grafado no caderno.

Imagem 28: anotações no caderno da aluna Alda Azevedo – 1923.

$$\begin{array}{r}
 9a^8 b^{10} \\
 2a^3 b^6 \\
 \hline
 18a^{11} b^{16}
 \end{array}$$

$$\begin{array}{r}
 4a + 5b - 7c \\
 3a - b + 2c \\
 9a - 2b - c \\
 \hline
 16a + 2b - 6c
 \end{array}
 \qquad
 \begin{array}{r}
 3b^2 + 4ab \\
 2b^2 - 2ab + c \\
 \hline
 5b^2 + 2ab + c
 \end{array}$$

Fonte: acervo da professora com base nos documentos analisados.

Dessa forma, a referida aluna, ao resolver questões sobre multiplicação de monômios, recorre ao método de solução semelhante ao que aparece no livro de Antônio Trajano. Para as operações com adição de polinômio, o raciocínio é similar às orientações do referido autor. Entendemos que o professor propôs algumas questões envolvendo as operações de adição, subtração e multiplicação de monômios e polinômios. Vale ressaltar que as anotações destacadas na imagem 29 foram realizadas pela pesquisadora ao manusear o caderno de Alda Azevedo e isto se deu em virtude de não ser permitido fotografar ou digitalizar o material do museu da escola. Em outra página são tratadas anotações com explicações de como realizar a divisão de monômios, das quais trazem algumas questões, tais como a destacada a seguir:

$$\begin{array}{r}
 X^2 Y \bigg| xy \\
 \hline
 x
 \end{array}$$

Evidenciamos que, desde os primeiros anos em que a instituição passou à administração das educadoras Norte-americanas, houve na Escola Doméstica um

fortalecimento das disciplinas voltadas aos aspectos intelectuais, como o estudo de Álgebra, Geometria, Química e Física, e, as voltadas à área da saúde, entre estas, Medicina Prática e Anatomia.

Como discutimos anteriormente, as aulas de Língua Portuguesa contemplavam o estudo de Teatro, Artes, Leitura e Produção Textual. A documentação analisada reforça a ideia de a disciplina ser ministrada por dois professores, sendo um deles o professor Onofre Lopes¹⁸². A imagem na capa do jornal *O Lar*, que tem como destaque uma aula da supracitada disciplina, reforça o discurso das aulas voltadas à leitura e à produção textual.

Imagem 29: aula de leitura e produção textual



Fonte: capa do jornal *O Lar* – arquivo da pesquisadora.

Ainda no tocante às anotações que tivemos acesso no caderno da aluna que nos referimos anteriormente, destaca-se uma atividade que apresenta o seguinte comentário:

Trabalho feito em classe; assumpto dado no momento da aula: escrever uma carta aos paes falando sobre a vida collegial.

Minha maesinha querida, desde que aqui cheguei não me tenho esquecido dahi; comtudo, o tempo passa depressa em collegios onde não se pensa senão nos livros e nas férias. Afim de ver se consigo boas notas, e dar satisfação aos meus paes tenho estudado bastante, não

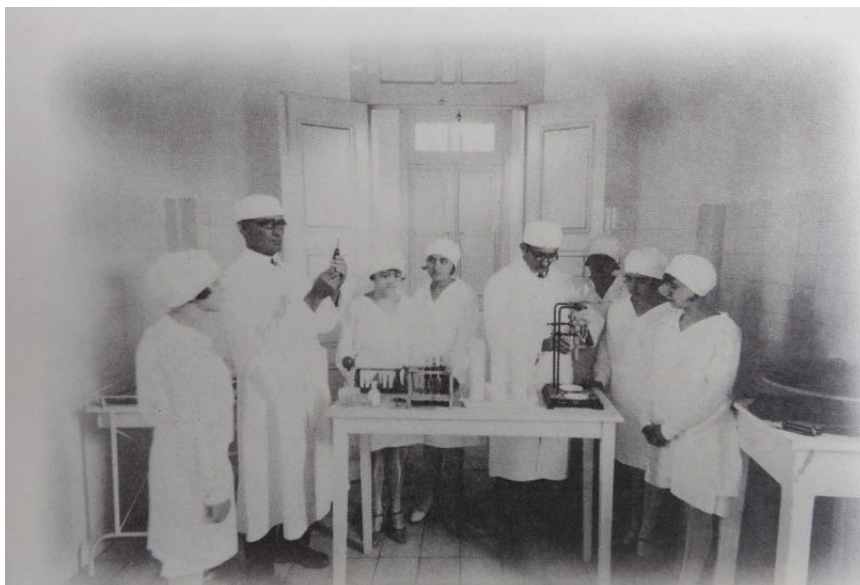
¹⁸² Dr. Manoel Onofre, lente de Portuguez da Escola Doméstica, autor do livro: *O portuguez ao alcance de todos*. Deve-se a sua iniciativa a reorganização do “Grêmio Litero – Musical Auta de Souza, e a fundação da Escola de Natal. (*O LAR*, 1925, p. 4).

como no anno passado que tudo era muito difficil, no entanto não me esqueço de preparar as minhas lições. Gosto muito do 4º anno. Assisto às diversas aulas de lavanderia, avicultura, jardinagem. A's quintas-feiras passamos duas horas na lavanderia, tempo esse que vòu, porque gostamos muito desse gênero de trabalho e não poupamos esforços para ver quem melhor dá conta do serviço. Já aprendemos a lavar, engomar, tinturar, etc. e mais ainda esperamos aprender. A avicultura é também muito interessante. Tratamos de belas raças de gallinhas e estamos fazendo o possível para que a produção das aves seja grande no fim do anno, demonstrando assim o nosso cuidado e gosto por essa matéria. Afora as outras aulas que temos, nas quaes também muito aprendemos, há, á tarde, o recreio, a aula mais estimada dos collegiaes... Durante esse tempo procuramos distrair o nosso espírito, fatigado pelas lides do dia e procuramos assumptos que nada nos diga dos livros. O mais é como sempre. Muitas alumnas, todas boazinhas e applicadas. Adeusinho, sua filhinha. (AZEVEDO, 1923. p.?).

O texto da aluna nos revela algumas práticas educativas no âmbito da escola, como duas horas de Lavanderia, onde aprendiam a lavar, passar e tingir a roupa. Aula de Jardinagem e criação de aves, especificamente galinhas de diferentes raças. Além das aulas de Música, Teatro, Puericultura, Medicina Prática, Matemática e Língua Portuguesa. Como nos aponta Viñao (2008), a escrita da discente reflete o entendimento que esta tinha em relação ao papel da mulher, responsável pelos afazeres do lar e reforça o discurso do prazer pelas práticas voltadas às lides domésticas.

Desse modo, de acordo com Rodrigues (2007), essas práticas curriculares na instituição incluíam a realização de observações e experimentos científicos no laboratório, com orientação de um docente. Realizavam as análises dos alimentos, tais como leite, carne, queijo, manteiga, entre outros. Nessa direção, applicava-se a ciência aos saberes da arte doméstica. Era também uma forma de demonstrar que os conhecimentos construídos na Escola Doméstica de Natal tinham um viés de cientificidade, não sendo reduzidos apenas a aprender a fazer, mas aprender o porquê de cada prática, de cada conteúdo e a relevância deste na educação feminina, o que dava à escola o status de instituição que valorizava os aspectos científicos dos saberes organizados do currículo. As duas imagens a seguir ressaltam estes momentos de atividades experimentais, de viés científico, as quais eram bastante divulgadas pela imprensa, como forma de demonstrar a ciência sendo aplicada no curso de Economia Doméstica, igualmente ao que era realizado nas escolas Norte-americanas. Os professores desse período tentavam aplicar razões e procedimentos científicos à culinária, o que representava a modernização do lar.

Imagem 30: aula de enfermagem com os professores: Dr. Varela Santiago e Dr. José Ignácio de Carvalho.



Fonte: BARROS, Eulália Duarte. Uma escola suíça nos trópicos: Escola Doméstica de Natal. Natal: offset Gráfica e Editora, 2000.

Imagem 31: Aula de anatomia – Dr. Varela Santiago.



Fonte: BARROS, Eulália Duarte. Uma escola suíça nos trópicos: Escola Doméstica de Natal. Natal: offset Gráfica e Editora, 2000.

Os demais cadernos¹⁸³ inventariados são mais específicos às aulas de Cozinha Teórica e Prática, de modo que apresentam alguns cardápios com as respectivas receitas, o planejamento de uma recepção, com especificação de todos os gastos, tendo

¹⁸³ Foram doados à instituição para compor o museu.

como base os gastos de um convidado, fazendo assim a proporção para o número de pessoas que seriam recebidas na recepção. Discutia-se a qualidade dos produtos, realizando as análises dos alimentos a serem utilizados e os melhores lugares para fazer as compras. No que se refere às orientações e objetivos, estes eram expostos antes do conteúdo ser abordado, tratando de parte teórica e parte prática, com as experiências e os procedimentos a serem seguidos. À exemplo, destacamos o cardápio que traz como título: *Meu almoço*¹⁸⁴. Este era composto por sopa mil folhas; ovos em forminha; torta de batata com ovos; macarrão à italiana e pudim “Mariquinha”.

A análise de alguns dos cadernos das discentes nos trouxe a evidência que os programas de ensino eram organizados de modo a priorizar os conteúdos em função da sua utilidade e relevância à vida social, cultural e educacional das alunas. Eram princípios que podem ser observados no regulamento da instituição, elaborado pela Liga de Ensino, ressaltados a seguir: “*A escola tem como objetivo tornar as alunas pessoas disciplinadas e responsáveis, através do exercício, do raciocínio, levando-as a pensar e pesar as razões – pró e contra – na resolução de seus problemas individuais e da comunidade escolar*” (ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1914 – 1964, p.22).

A construção das nossas compreensões vai sendo delineada ao passo em que fazemos análise das fontes, questionamentos – inclusive a ausência de fontes nos traz algumas informações. Para tal, buscamos nos exames, provas, testes e atividades realizadas pelas alunas, por entendermos, assim como Valente (2018) e López Esteban (2011), que para além dos documentos oficiais, dos livros-textos, este tipo de fonte pode nos trazer indícios a respeito de reformas educacionais no cotidiano da escola, dos conteúdos que eram privilegiados em detrimento de outros, dos valores emitidos pelos professores nas correções e de como as alunas se apropriavam de conteúdos que eram estudados e como se dava a transposição didática do conhecimento matemático presentes nos livros e programas de ensino no saber escolar ensinado pelo professor.

Nessa direção, vale lembrar que poucos foram os exames escritos aos quais tivemos acesso. Não obstante, outros tipos de atividades nos foram possíveis a análise. É certo que os exames finais do curso doméstico se transformavam numa verdadeira festa, pois além de contar com a presença de familiares e amigos das alunas, recebiam convidados, tais como políticos, dirigentes de escolas, professores, pessoas ligadas à

¹⁸⁴ Retirado do caderno de Julieta Dantas, 1925.

administração pública e jornalistas. As imagens 33 e 34 são exemplos desses momentos.

Imagem 32: Exame final de leiteria – professor Flodoaldo de Gois e alguns visitantes



Fonte: BARROS, Eulália Duarte. Uma escola suíça nos trópicos: Escola Doméstica de Natal. Natal: offset Gráfica e Editora, 2000.

Imagem 33: Exame final de jardinagem – presença de visitantes e imprensa local



Fonte: BARROS, Eulália Duarte. Uma escola suíça nos trópicos: Escola Doméstica de Natal. Natal: offset Gráfica e Editora, 2000.

Como visto nas duas imagens, as atividades eram transformadas em eventos memoráveis, com recepções para convidados, exposição de trabalhos e exames

públicos. Assim, a cobertura desses eventos era divulgada na imprensa local. Marques Neto (2016) afirma que a Escola Doméstica sempre teve a preocupação em se mostrar à sociedade, em construir uma imagem favorável de si mesma: “*Fazia-se uma cobertura nada desprezível desses eventos, veiculando-se os nomes das alunas concluintes e as notas obtidas por elas nas provas escritas*” (MARQUES NETO, 2016, 147). Esta afirmação nos foi possível comprovar por meio do periódico *A Republica*.

Com o título *A Escola Doméstica*, o periódico ressalta o desempenho das alunas pontuando as notas de cada uma:

Resultado dos exames de 1919. 4º anno – Aprovadas com distinção: Isabel Dantas, grau 9,9; Doralice Barros: 9,5; Maurília Guerra: 9,4; Dulce Meira 9,0. Aprovada plenamente: Emilia Oliveira; grau: 8,6. Estas cinco alumnas receberam o diploma do curso doméstico, sendo laureada a alumna Isabel Dantas. (A REPUBLICA, 1919, p. 4).

Como é possível perceber no texto do periódico, a escola encaminhava à imprensa o resultado das alunas. Após somatório de todas as notas, obtinha-se a nota final e, desse modo, era apresentado ao leitor cada matéria e a respectiva nota das discentes. As cinco alunas que aparecem no início do texto são as concluintes de 1919 – primeira turma concluinte da Escola Doméstica, tendo a aluna Isabel Dantas como laureada. O jornal publicou as notas de todas as turmas. Assim, ressaltamos o resultado da disciplina de álgebra no 2º ano: “*Álgebra – aprovada com distinção: Alzina Azevedo; grau: 9,0; Odette Loureiro 9,0; aprovadas plenamente: Izabel Bezerra, grau: 9,0 Eunice Nobre 8,0; Edelweirs Jacome, 8,0; Ignez Dantas 7,0; reprovada uma*” (A REPUBLICA, 1919, p.4).

Foi publicado no referido periódico, por dias seguidos, a festa de encerramento da primeira turma da Escola Doméstica, desde as exposições dos trabalhos na instituição que eram abertos ao público, os exames, às notas e a festa de formatura no Teatro Carlos Gomes. Vale lembrar que, em 1919, as discentes não defendiam uma tese individual, mas eram convidadas a escrever um texto coletivo, o qual era lido no momento da festa.

No tocante às exposições, encontramos algumas fotografias com os trabalhos manuais confeccionados durante o ano letivo. Entre estes: bordados, pinturas, artigos para decoração, artigos religiosos, entre outros.

Imagem 34: Exposições de trabalhos manuais.



Fonte: Laboratório de Imagens – Digitalização de Documentos Históricos – LABIM/UFRN.

Tendo os dois momentos supracitados como espaços privilegiados de apresentação da escola à sociedade, ao que nos evidencia, estes são usados na construção da identidade da escola:

(...) iniciaram-se hontem a tarde, com a exposição dos trabalhos das alumnas e dos clubes de extensão, realizada nos salões do edifício da escola, foi uma exposição muito concorrida, que deu a medida do valor prático e da perfeição dos trabalhos que as alumnas vão alli executando. (A REPUBLICA, 1919, p.4).

Percebe-se nas publicações dos periódicos o reforço do discurso da escola enquanto referência na educação feminina. A respeito a isso, a imprensa funcionava como colaboradora na consolidação da instituição a nível local e nacional.

Isto posto, direcionamos nosso olhar a outros documentos. Assim, analisamos alguns dos diários de classe das professoras, buscando informações de como os conteúdos matemáticos eram abordados, quais conteúdos eram privilegiados e a frequência com que eram ministrados na semana, dentre outras coisas. Os diários de classe das professoras eram organizados conforme orientação da Instrução Pública do estado, tendo na capa o termo de abertura, no final do livro o termo de encerramento. Ressaltamos que o diário conta com 100 folhas, todas rubricadas pelo diretor geral da Instrução Pública.

Assim, destacamos no quadro 7, a seguir, o formato do referido diário, salientando alguns conteúdos que nos foi possível realizar anotações.

Quadro 7: Diário de Classe da Escola Doméstica de Natal.

Horários	Matéria	Ponto tratado	Demonstrações
Das 8h às 8h e 30 min	Desenho	Desenhar a mão livre um chapéu e um jarro.	Do Natural
Das 8h às 8h e 30 min	Geometria	Prisma hexagonal	Definição; quantos lados tem; qual a forma dos lados; Exemplo de objetos hexagonais.
Das 8h e 30 min às 9h	Desenho	Desenhar a mão livre um cubo	Do Natural
Das 9h às 9h e 45min	Aritmética	Escrita: copiar do quadro negro contas de somar, dividir, multiplicar	Aparece a escrita de algumas atividades com operações de somar, dividir e multiplicar
Da 10h às 11 h e 30min	Aritmética	Exercícios regulamentares Oral: tabuada de 5 Escrita: problemas	Com o auxílio do contador A professora destaca a escrita de alguns problemas.

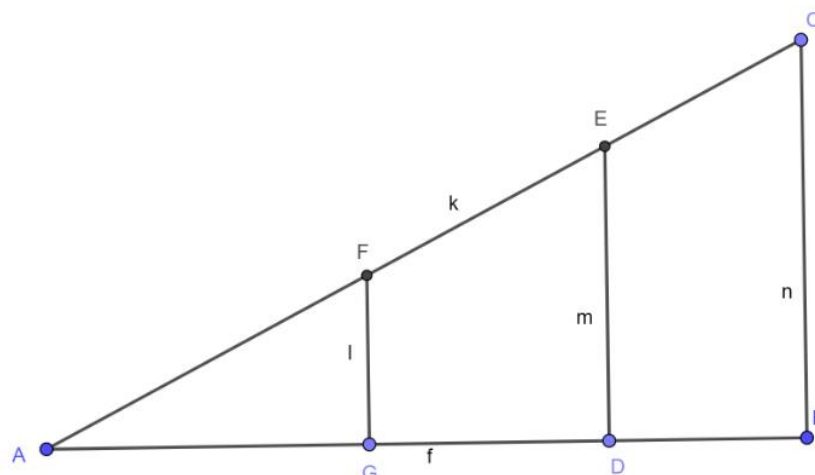
Fonte: quadro elaborado pela pesquisadora com base nos documentos analisados.

O diário trazia o formato ressaltado no quadro 07. Eram realizadas as anotações do horário da atividade, qual a matéria que estava sendo estudada, o ponto tratado e as demonstrações de como o conteúdo foi abordado. No que diz respeito às anotações da professora, entendemos que havia uma regularidade nas aulas de Aritmética durante a semana, nas classes preparatórias. O que pode ser observado ainda em relação à Aritmética é que eram contempladas atividades escritas, atividades orais, exercícios regulamentares e problemas propostos. O estudo de Desenho também tinha uma aula todos os dias. Não era uma aula específica a respeito do tema, mas uma atividade de desenho, com duração média de meia hora. Seguindo esse raciocínio, a professora a qual tivemos acesso o diário de classe, apresenta o estudo de alguns temas referentes ao estudo de Geometria, Aritmética, Álgebra e Desenho.

Assim, concernente à Geometria, aparecem alguns questionamentos e em seguida os conceitos, tais como: o que é geometria; como pode ser uma curva; O que é uma linha reta. Para o estudo de circunferência inicia realizando questionamentos similares aos temas anteriores, entre estes: o que é uma circunferência; o que é um círculo; o que é um raio. Encontramos anotações que tratam de ângulos e linhas, polígonos, paralelogramos. Assim, para o período analisado, foram estudados também

os sólidos geométricos, definição, números de lados e exemplos de objetos que tem o formato do respectivo sólido. Para o estudo de desenho, o item demonstrações destaca os instrumentos necessários, entre estes: régua; compasso; esquadro; papel; sendo a régua de madeira com tamanho proporcional às retas que necessitam ser traçadas. Na aula do dia 11 de novembro de 1930, temos:

Matéria: Desenho; Ponto tratado: desenhar vários ângulos retos; Demonstração:



Construção realizada pela pesquisadora com base no diário da professora.

Para uma aula de aritmética da referida professora, observa-se as anotações de modo detalhado, destacando o horário da aula, a disciplina estudada, o conteúdo que foi abordado, e a demonstração, que se tratava de como era apresentado o conteúdo para a turma.

11 – 11,30; Arithmetica; (1ª série) Escrita: copiar do quadro negro contas de somar, diminuir etc. Demonstrações: $7 + 7 = 14 - 7 = 2 \times 7$; $7 = 14 \div 2 = \frac{1}{2} \text{ de } 14$; (2ª série), Oral: ler a página 4 do mappa de parker. Descrição do que aparece na imagem 12. Anotações do diário da professora, transcrito pela pesquisadora.

Ao que parece, a escola tinha um diário de classe para cada uma das matérias em 1919, período que conseguimos analisar os referidos documentos. A cadeira de Matemática nos dois anos preparatórios tem as anotações no mesmo livro de classe. Assim, a Aritmética ensinada nas duas classes preparatórias contemplava as quatro operações, com cálculo mental, resolução de problemas e tabuada. Percebe-se, por

meio das análises, que a professora seguia as orientações da Diretoria da Instrução Pública, no que se refere a importância dada ao estudo de Aritmética, bem como da metodologia que seria adotada. Conforme publicado no jornal *A Republica* do dia 08 de agosto de 1911, o entendimento à época era que o estudo de aritmética devia ser a base de toda a instrução primária: *“Todo homem o mais rústico o mais civilizado precisa saber contar e de fato calcula mesmo que não saiba ler e escrever. Ninguém, pois, pode dispensar o conhecimento do cálculo na vida prática.”* (LIMA, 1911, p. 2 – 6). Seguindo a ideia de uma aritmética útil a vida prática, o autor esclarece que o seu texto não tem pretensão de enumerar as aplicações da aritmética, mas a compreensão é que por meio do estudo dos conteúdos da referida disciplina a inteligência é desenvolvida, sendo o raciocínio o fator de excelência na educação. Desse modo, ressalta que o ensino de aritmética deve priorizar o cálculo usando objetos concretos, o cálculo mental e o cálculo escrito. Explica, a exemplo, como somar mentalmente 75 e 28. Sendo importante realizar as somas das dezenas e em seguida das unidades, assim, teríamos: $70 + 20 = 90$ e $8 + 5 = 13$, o resultado o aluno faz a soma de 90 com 13, o que torna mais prático. O texto destaca que para o ensino de aritmética se destacam três fases, a saber, a concreta a abstrata concreta e a abstrata, cada uma se caracterizando pelo modo como é empregada:

A fase concreta é aquela em que o cálculo é feito com os objetos sensíveis é a das classes infantis e primeira elementar. A fase concreto abstrata já não opera com os objetos mas com as palavras que os representam e trazem os números imediatamente ligados às coisas. A fase dos problemas com os números chamados concreto, por exemplo, quatro laranjas, oito meninos aqui convém dizer que esses problemas devem ser de imediata utilidade e exatidão no que toca ao emprego e veracidade dos dados, assim, eles devem ser dados sobre coisas reais preço exato das mercadorias que se compra e não por preços inventado pelo mestre, datas históricas calculando as diferenças, distancias e superfícies de países e estados etc.. Para além do exercício mental e prático que executou o menino tenha também conhecimento úteis a adquirir. A fase abstrata é a das operações simplesmente com números sem estar ligados às coisas ou às palavras, aí intervém a teoria dos números a divisibilidade, máximo divisor e mínimo múltiplo comuns, proporções etc. Isto tem lugar na classe mais adiantada.

Evidencia-se, por meio das análises, que existia um diálogo entre a Escola Doméstica de Natal e as demais escolas do estado no que se refere ao programa de ensino, bem como no tocante às orientações metodológicas adotadas. Compreendemos que a escola era direcionada às mulheres. Não obstante, os temas tratados no estudo

dos conteúdos matemáticos se davam de modo semelhante aos dos homens, não havendo, desse modo, distinção por sexo.

Em relação ao ensino de Desenho, tratava-se do desenho ornamental, desenhar à mão livre objetos que, no entendimento da professora, eram relevantes para a aprendizagem das alunas. Além do estudo do desenho geométrico que consistia em ensinar o traçado de linhas, ângulos, quadrados, curvas, cubos e cilindros. Após esse processo inicial de construção, eram então propostos os desenhos considerados mais sofisticados, tais como desenhar, segundo o modelo, animais, o homem, as plantas, as mulheres e suas vestimentas.

O diário de classe das professoras, dos quais tivemos acesso, nos ajudou a entender o modo como cada tema era trabalhado em sala, com a descrição de como seu deu cada aula, além de possibilitar o entrelaçamento das fontes, contribuindo de modo a nos permitir a compreensão que havia uma conexão entre os programas de ensino, os livros-texto e os conteúdos ministrados.

Como destacado no título do capítulo, outra fonte que nos trouxe informações a respeito de como as alunas eram avaliadas e de como se davam as práticas no âmbito da instituição (objeto de nosso estudo) são as teses produzidas pelas alunas ao concluir o curso, às quais tentamos inventariar: “[...] *Também se exigiam delas uma tese de conclusão de curso*” (MARQUES NETO, 2016, p. 147). As primeiras teses das quais tivemos acesso foram as das alunas que concluíram o curso em 1921, sendo estas Alzina Azevedo e Ignez Dantas. Como mencionado ao longo do texto, a leitura das teses era realizada na festa de formatura das alunas: “[...] *Leitura da These. As rendas de nossa terra, pela diplomada Ignez Dantas; Leitura da These. A dona de casa como cidadã, pela diplomada Alzina Azevedo*” (A REPUBLICA, 1921, p. 3).

Imagem 35: Teses defendidas pelas discentes, requisito na conclusão do curso.

Aluna	Título da Tese	Ano
Alzina Azevedo	A dona de casa como cidadã	1921
Ignez Dantas	As rendas de nossa terra	1921
Yolanda Ferreira Barbalho	Ligeiras considerações sobre alimentação	1923
Sarvia Machado	A missão social da mulher no Brasil	1923
Nethercia Maranhão	Ligeiras considerações sobre o desenvolver físico e mental da criança	1926
Leonor Rocha	Cuidados Hygienicos indispensáveis à primeira Infância	1926
Martha Medeiros	O leite sob o ponto de vista hygienico	1926

Fonte: jornal *A Republica* – 1921 a 1926.

Ressaltamos as sete teses defendidas pelas alunas como requisito de conclusão do curso. Dos sete trabalhos analisados, identificamos que todos discorrem a respeito do papel da mulher nas transformações culturais e sociais da comunidade que estão inseridas. A tese de Alzina Azevedo (1921) traz uma discussão sobre os problemas alimentares, tendo a escassez de produtos como frutas e verduras no prato das operárias e dos operários como ponto principal, o que poderia acarretar em problemas de saúde. A falta de informação e as condições financeiras são fatores agravantes da alimentação inadequada. Nessa direção, a autora destaca a atuação da mulher nas orientações e cuidados com cardápios variados nas famílias. Defende três ações na tentativa de solucionar as dificuldades que são pontuadas: professores e diretores dos grupos escolares têm a oportunidade de orientar os alunos nos cuidados com os hábitos alimentares; através do ministério da agricultura, o poder público organizar a feira livre, orientando os cuidados com a higiene e conservação de legumes, frutas, verduras e realizar congressos de agricultura provendo a venda de produtos de pequenos agricultores; criar uma liga de mulheres. Entre as ações da liga de mulheres estavam:

(...) ver que a professora ou o professor desempenha satisfatoriamente suas atribuições, que o prédio em que o grupo funciona seja devidamente instalado, que o mercado receba as atenções e cuidados necessários, que se ampare as crianças e pessoa. (...) organizar clubs de agricultura, interessando-se os seus membros nas condições hygienicas do mercado local, na venda dos produtos, nos melhoramentos possíveis, no que a instrução publica pode fazer, tendo como guia o professor. (AZEVEDO, 1921, p. 22 – 26).

O estudo de Ignez Dantas discorre sobre a falta de incentivo à produção e venda das rendas no estado. Inicialmente, destaca como é realizado o trabalho de dois tipos de renda: a renda de agulha e a renda de bilro. Disserta sobre a história da renda, traçando o modo sobre como foi divulgada e produzida em países como França, Alemanha e Inglaterra. A autora pondera que foi a partir do século XV que as rendas começaram a aparecer. O uso de golas altas impulsionou a divulgação destas, tendo Catharina de Medici como uma das mulheres que aderiram ao uso da renda: “*Estas rendas tiveram, na França, grande êxito e sua perfeição tornou-se bem distinta. No século XVII, os franceses começaram a exportá-las, devido à grande abundância naquele país*” (DANTAS, 1921, p. 27 – 30). A autora pontua ao longo do texto os benefícios da renda tanto para uso doméstico quanto para a economia da família. Entende que, com incentivos do poder público, o estado poderia produzir os dois tipos de renda, possibilitando o trabalho da mulher a melhorar a renda familiar.

O terceiro trabalho que é por nós apresentado trata do texto da formanda Yolanda Barbalho, em 1923, a qual aborda algumas considerações sobre a alimentação. Assim, Barbalho (1923) inicia seu texto ressaltando que, em obediência a praxes seguida na Escola Doméstica de Natal, que dentre outras atividades impunha às formandas a apresentar uma tese, considera relevante escrever sobre a alimentação, “*fator este de que dependem, em grande parte a vitalidade e fortaleza das raças*” (BARBALHO, 1923, 4).

Na perspectiva da autora, não somente a qualidade dos alimentos tem importância, mas a regularidade no regime alimentar é fundamental. Cita como exemplo o trabalho desenvolvido pelo médico sanitário Varela Santiago nas aulas de Puericultura. As crianças que ali chegam, em sua maioria são raquíticas, mal alimentadas e sofriam de várias enfermidades, eram tristes e sem ânimo para brincar. Após meses de alimentação adequada e de cuidados com a higiene, passa a ser perceptível a diferença no semblante dos meninos e meninas que eram recebidas pelo médico e educador.

Barbalho (1923) advoga com base no livro *Higiene Alimentar*, de Eduardo Magalhães, que a alimentação é a base para a saúde e a felicidade. Contudo, no estado do Rio Grande do Norte, os problemas são em demasia. Existem aqueles que têm condições e se alimentam mal e existem os que por condições desfavoráveis adoecem por falta de recursos para obter regularidade e diversidade de alimentos. Compreende que a alimentação é a base de sustentação dos alemães e dos norte-americanos, pois quanto mais civilizada e avançada é a população, maiores são os cuidados com a saúde e com a educação alimentar. Desse modo, algumas leituras sobre a vitalidade dos

alemães trazem o entendimento de que estes comem muito bem. Não obstante, os jornais médicos alemães de 1916 discutiam a respeito de um caso que os deixaram muito preocupados, de modo que:

Nos combates travados por ocasião da invasão da Sérvia pelas tropas alemães e búlgaras, o corpo de saúde do exército alemão, chamado a auxiliar o do exército búlgaro, notou que a cura dos feridos deste se fazia mais rapidamente, apesar da pobreza das suas instalações. Os médicos resolveram estudar o caso e chegaram à conclusão de que os soldados alemães faziam uso imoderado de carnes, cervejas bebidas fermentadas etc. que deixavam toxinas difíceis de serem eliminadas, ao passo que os búlgaros se alimentavam de coalhada e de leite, alimento que não deixa resíduos tóxicos no organismo, sendo fácil e completa a sua digestão. (BARBALHO, 1923, 4).

Ao longo de todo o texto, a autora pondera sobre a importância da educação alimentar para a saúde da população e, assim, tece críticas à falta de investimento na formação da mulher no Brasil. Finaliza pontuando a importância dos congressos femininos na Suíça, nos quais se discutem o relevante papel da mulher na sociedade.

No tocante ao trabalho de Sarvia Machado, a quarta Tese que aparece na tabela, que tem como título *A missão social da mulher no Brasil*, não nos foi possível ter acesso ao texto, em virtude do periódico se encontrar em condições inapropriadas ao manuseio. As folhas partiam em pedaços e algumas já estavam soltas, contendo somente um pequeno recorte. Nessa perspectiva, apresentamos os outros três trabalhos, sendo estes o texto de Nethercia Maranhão que trata do desenvolvimento físico e mental da criança. Para tal, Maranhão (1926) discorre que o problema do desenvolvimento corporal e intelectual da criança é, sem dúvida, uma questão relacionada à higiene infantil, que deve ser estudada cientificamente pela mãe e pelo educador ou educadora. Na perspectiva da discente, ambas, família e escola, precisam acompanhar a educação da criança. Por sua vez, pondera que:

Nada mais interessante que lhe conhecer as diferentes phases, ou períodos de aceleração e retardamento, as relações do corpo com o espírito etc. É, para esse efeito, faz-se mister que a mãe de família adquira noções seguras de physiologia, puericultura e psychologia infantil. É necessário que sejam por ella conhecidas as irregularidades anatômicas da criança, sua capacidade physica e mental. (MARANHÃO, 1926, p. 3).

Para tanto, faz-se necessário investir na formação da mulher, mãe e esposa, dotando-a de ensinamentos úteis aos cuidados para com o lar e a família. Afirmar assim, que nas “nações cultas”, o problema da educação das mães vem merecendo cuidados constantes. Na França, por exemplo, o governo, à época, entre outras medidas, criou cursos de puericultura para as mães, ao passo que no Brasil, o índice de mortalidade infantil era altíssimo, por problemas que poderiam ser evitados caso fosse investido na formação da mulher. Para Maranhão (1926), o estudo de puericultura deve fazer parte integral da educação feminina. O destaque, no programa da Escola Doméstica era concernente ao estudo de Puericultura Prática: “*Nesta secção de nossa Escola, as alumnas do quinto anno teem salvado a vida a diversas criancinhas, entes pequeninos, que sem esse abrigo, sem essa proteção não teriam suportado os primeiros revezes da vida physica*” (MARANHÃO, 1926, p. 3).

Igualmente à Maranhão (1926), o texto de Leonor Rocha, de título *Cuidados Hygienicos indispensáveis à primeira Infância*, traz discussões a respeito da formação da mãe para que possa atuar no trabalho com a criança, tendo as aulas de Medicina Prática e Puericultura como indispensáveis no combate à propagação de doenças na infância. O texto da aluna Martha Medeiros é uma discussão sobre o leite e os aspectos higiênicos. Pondera que o leite é um alimento de grande valor nutritivo, visto que entram em composição química todos os princípios necessários à nutrição. Destaca a composição química do leite, os tipos de pastos para contribuir com a maior produção, além de pontuar os diferentes tipos de leite contaminados. Após apresentar uma discussão com base nas observações realizadas nas aulas de Leiteria, pondera em relação aos benefícios deste para a saúde e alimentação saudável.

Os trabalhos apresentados nos reforçam o entendimento do discurso da escola na manutenção da ideia da mulher enquanto responsável pela formação dos filhos, dos cuidados desta com o lar, com a família, sendo agente ativa no combate a mortalidade infantil e na erradicação de doenças causadas pela falta de higiene. Por outro lado, as discentes se apropriam das práticas desenvolvidas no âmbito da escola na escrita do texto, de modo a trazer algumas questões relativas à cientificidade dos conteúdos. Como na tese que discorre sobre os cuidados com a criança, a autora demonstra conhecimento de psicologia, pedagogia, anatomia e fisiologia. Ressalta-se, ainda, o uso do laboratório e das observações das leituras de mundo ao se inteirar da educação em países como França, Alemanha, Suíça e Estados Unidos.

No que concerne às outras publicações das discentes e docentes, vários são os documentos, de tipos e conteúdos diversos, que constituem o registro da Escola Doméstica de Natal, escritos que compõem o coletivo da instituição. São artigos nos jornais *A Republica*, *O Lar*, *A Ordem*, *O Poti*, *Diário de Natal*, artigos esporádicos na revista *Pedagogium*. Partindo dessa ótica, destacamos o texto da professora Julia Barbosa, que atuava na disciplina de Aritmética. O texto da supracitada professora, intitulado *Systema métrico decimal*, apresenta inicialmente uma discussão no tocante aos inúmeros inventos e descobertas e inovações no mundo moderno, como a criação da imprensa por Gutemberg; a subida do primeiro balão nos sonhos de Bhartolomeu de Gusmão; o contorno do cabo da boa esperança por Bhartolomeu Dias, entre outros. Todas essas inovações, na perspectiva de Barbosa (1921) não trazem uma unidade comercial, considerada pela autora como elemento propulsor da humanidade, e que põe em contato todos os povos do mundo. A falta de unidade no sistema de pesos e medidas trazia dificuldade na manutenção dos contatos comerciais. Foram inúmeras as tentativas de uma unidade unificada, como as iniciativas de Carlos Magno, Luiz Philippe, o belo, Luiz XI e Henrique IV, que são citados pela educadora como tentativas fracassadas. Ela destaca que:

Luiz XVI convidou, então, membros da Real Sociedade londrina, para de combinação com os sábios da Academia de Paris confeccionarem um novo systema que se tornaria universal, segundo o pensamento da constituinte. A Revolução Franceza, porém, impediu que essa reunião se realizasse, não comparecendo os ingleses, que assim presentearam à França mais um feito importantíssimo para as páginas de sua história. A comissão franceza, composta dos sábios Laborda, Lagrange, Laplace, Monge e Condorcet, assentou para base do novo system u'a medida natural e esta seria o quarto do meridiano terrestre, não obstante as propostas que preferiam a longitude do pendulo ou o quarto do equador. (BARBOSA, 1921, p. 40 – 43).

Nessa ordem, Julia Barbosa explica o modo como os matemáticos Delambre e Mechain encontraram a unidade padrão denominada *metro*: “*Sendo o metro a base do novo systema, foi construído um de platina, a fim de servir de padrão e daí posto, a 22 de junho de 1799, nos achivos de Paris*” (BARBOSA, 1921, p. 40 – 43). O texto apresenta o *litro* como medida de capacidade e o *gramo* medida de peso. O franco passou a ser a unidade monetária na França. No Brasil, em 1874 o sistema métrico decimal passou a ser obrigatório e, assim, igualmente ao Brasil, os demais países da América do Sul adotaram o sistema de pesos e medidas. A adoção do sistema trouxe

significativas mudanças, mas a falta de unificação no sistema monetário ainda era um entrave nos acordos comerciais, mesmo em pequena escala. A educadora finaliza o texto pontuando que havia um projeto tramitando na Câmara dos Deputados que buscava aproximar o sistema monetário brasileiro ao da França. Assim, “*por esse novo systema o novo mil reis chamar-se-á cruzeiro, servirá de base e será de prata, o cruzeiro dividir-se-á em 100 centésimos, correspondendo cada centésimo a 10 reis*” (BARBOSA, 1921, p. 40 – 43).

Entre outras publicações inventariadas, apresentamos textos das professoras e das discentes, ressaltados na tabela 28 que se segue:

Tabela 28: publicações das discentes de docentes em periódicos.

Discente/Docente	Título	Ano e local de publicação ¹⁸⁵
Maria de Lourdes Lamartine	Educação Nova	Jornal o Lar /outubro/1925
Elza Silva	Educação Física Feminina	Jornal o Lar /outubro /1925
Dolores Couto	O corpo e o espírito do bebê	Jornal o Lar/ nov/1925
Ilnah Pereira	Como se deve cuidar do leite	Jornal o Lar /outubro /1925
Jacyra Barialho	Caminho do Sertão – Poesia	Jornal o Lar /outubro/1925
Isabel Baird	Tradução da Obra: The Liberal Education – Thomaz Huxley	Jornal o Lar /outubro/1925
Potiguara	A missão da mulher no Lar	Jornal o Lar /outubro/1925
Nordestina	Curso de Moral e Civismo	Jornal o Lar /outubro/1925
Maria de Lourdes Lamartine	O Lar Ideal	Jornal o Lar/ nov/1925
Elza Silva	A arte musical	Jornal o Lar/nov/1925
Jacira Barbalho	A mulher Brasileira	Jornal o Lar/nov/1925
Maria Leonor	Considerações higiênicas sobre a carne do açougue	Jornal o Lar /agosto/1926

Fonte: Jornal *O Lar* /1925 – 1929.

Os textos ressaltados na tabela 28, que por nós foram analisados, são publicações, como já pontuado, das alunas e de algumas professoras (ex-alunas da escola). A escolha de um artigo em detrimento de outros se deu pelas contribuições ao nosso objeto de estudo. Assim, o texto de Lourdes Lamartine nos chamou atenção inicialmente pelo título. A compreensão foi que se tratava de uma discussão sobre o

¹⁸⁵ Vale lembrar que, todos os artigos da tabela são publicações do jornal *O Lar* – idealizado pelas alunas em 1925, as quais organizaram um grêmio que cuidava entre outras atividades das publicações mensais do periódico, circulava não somente no âmbito da instituição, mas a nível local. Como já mencionado ao longo do nosso texto, ao sair uma edição do referido jornal, o periódico *A Republica* trazia uma nota com informações sobre a publicação e os artigos de responsabilidade das discentes.

movimento Escola Nova. No entanto, Lamartine (1925) discute a emancipação política feminina onde, por meio da educação, a mulher se equipararia ao homem, tendo os mesmos direitos. O título do texto se justifica pelo entendimento da discente em relação às inovações nos cursos ofertados às moças do país, especificamente nos moldes da Escola Doméstica de Natal, que educava a mulher para uma vida ativa na sociedade.

Outro texto de Lamartine diz respeito à qualidade da moradia. A professora destaca os tipos de moradia, a questão da higiene, ventilação do ambiente, organização e simplicidade das instalações, ressaltando que é na periferia das cidades que se tem uma vida saudável, longe dos grandes centros, do movimento e da agitação. Assim, uma opção seriam as moradias na zona rural e defende que *“a moradia do campo constitui verdadeiro ambiente de saúde e vantagens impossíveis de se obter na cidade a suavidade do ar, a simplicidade, a liberdade e comodidade da vida”* (LAMARTINE, 1925, p. 4). O artigo traz uma fotografia da professora, que demonstraremos a seguir:

Imagem 36: fotografia da professora Lourdes Lamartine.



Fonte: Jornal *O Lar* 1925.

Compreendemos que Lamartine (1925) usa o espaço que tem no periódico em defesa dos seus ideais e se aproveita da influência que exerce a família na escola e no estado. Ao tratar do lar ideal, é possível identificar o reforço do discurso do idealizador

da Escola Doméstica, Henrique Castriciano, no tocante à valorização do retorno das alunas à zona rural e da contribuição destas à vida da comunidade campesina.

A professora Dolores Couto inicia seu texto chamando atenção para os cuidados com a criança. Assim, na compreensão desta:

o estudo que compreende todos os outros estudos, e que deve, portanto, construir o ponto culminante da instrução é a teoria e a prática da educação da infância. É este o pensamento de Hebert Spencer, o mais notável filósofo da moderna Inglaterra. É indubitável que assistência à criança seja a parte imprescindível da educação feminina. Entretanto antigamente, ninguém o qualificaria como uma das artes mais difíceis e uteis. (COUTO, 1925, p. 10).

A materialidade dos textos das discentes e docentes na imprensa local diz respeito às possibilidades encontradas na base do discurso, embasados nas diferentes obras configuradas no campo pedagógico e educacional. Os escritos, em sua maioria, estabelecem relações com fontes estudadas na instituição, por meio de leituras e discussões de teóricos nacionais e internacionais. Percebe-se o entrelaçamento na construção dos textos com diferentes áreas, como psicologia, higiene, medicina, filosofia e pedagogia, dentre outras.

Nessa direção, a discussão trazida pela professora Elsa Silva, que discorre a respeito da arte musical, vai nessa direção. Silva (1925) escreve sobre a história da música e de sua evolução. Destaca que nos séculos XVII e XVIII a música religiosa ocupou grande parte das obras dos celebres compositores, em países como Itália, França e Alemanha: “*Quando a igreja christã adotou-a para a solemmidade ritual, foi a Grecia que mais colaborou nesta idea de expressões emocionaes*” (SILVA, 1925, p.15). Assim, traçando o perfil da música até os idos do século XX, a autora defende que a música seja estudada nas instituições de ensino de modo teórico e prático. Descreve os elementos constituintes da música, ressaltando os benefícios que esta pode trazer ao lar e à educação das crianças. Para ela, “*uma sonata de Chopin, de Beethoven, é um verdadeiro templo sonoro, tão deslumbrante talvez, quanto o Pantheon. Seus rythmos duram em nossa alma despertando emoções adormecidas*” (SILVA, 1925, p.15).

Assim como os outros artigos publicados no periódico *O Lar*, estava em destaque uma fotografia das professoras. Desse modo, optamos por apresentarmos ao leitor do nosso texto o perfil das autoras das publicações por meio de suas fotografias.

Imagem 37: fotografia da professora Elsa Silva – 1925.



Fonte: Jornal *O Lar*, 1925.

Outras publicações foram inventariadas em nosso texto como as publicações no periódico *A Ordem*, que tratam, dentre outros temas, dos congressos de Educação Familiar, em Bruxelas, na Bélgica; do curso de Puericultura da Escola Doméstica de Natal; *Vida Feminina*, que discorre sobre os trabalhos de Paul de Vuyst e sua estada no Brasil; *Escola Doméstica: um instituto modelar*; *Vida Feminina: lar e ciência*; pedagogia familiar; e assistência à infância. Vale ressaltar que a maioria dos textos publicados no supracitado periódico era das professoras Chicuta Nolasco, Santa Guerra e Alícia Ramalho.

Nessa lógica, buscamos nos escritos das alunas informações a respeito das diferentes práticas desenvolvidas no âmbito da escola, ou fora dela, que nos informassem de atividades que não são descritas nos documentos oficiais. Para tanto, as publicações em periódicos, as ações desenvolvidas, os cadernos escolares, os diários das professoras, as associações e os cursos de formação, nos apontam alguns indícios da cultura escolar e os direcionamentos em relação a como os sujeitos se apropriam dos conhecimentos que são construídos.

Assim, descrevemos alguns dos cursos de formação que a instituição possibilitava às discentes e docentes realizarem. Entre estes e, já mencionados no capítulo 3, há a saída aos Estados Unidos e Bélgica, para participarem de formação

por um ano em Escola de Ensino Doméstico e Profissional, Universidades, instituições de ensino agrícola, realização de visitas de estudos, possibilitando a ampliação dos conhecimentos, o estabelecimento de relações e a manutenção de redes de contatos. Além de cursos às discentes, a instituição ofertava cursos, conferências e palestras à comunidade escolar e à comunidade geral. Como exemplo, os cursos anexos, que eram denominados de extensão, tal como o curso de Cozinha Prática e as conferências no Teatro Carlos Gomes ou nos salões da própria escola.

Um dos cursos de formação de professores com a participação dos docentes da Escola Doméstica, descritos nos documentos analisados, diz respeito ao curso de férias¹⁸⁶ realizado em janeiro de 1925 e janeiro de 1926, tendo o professor Nestor dos Santos Lima como organizador. Os temas tratados, nos encontros, foram os mais diversos, contando com palestrantes¹⁸⁷ educadores do Rio Grande do Norte e de outros estados brasileiros. Entre as palestras, o evento contou com: o ensino de geometria na escola primária, proferida pelo professor Francisco Ivo Cavalcante; o ensino de Desenho na Escola Primária foi discutido pela professora Leora James; *moléstias, como combatê-las*; profilaxia das doenças transmissíveis; influência da luz sobre a nutrição do homem; ensino agrícola elementar nas escolas; disciplina escolar; o ensino de cartografia na escola primária; o ensino de leitura na escola primária; a escrita na escola primária e o ensino de história e a sua importância na escola.

No decorrer do ano de 1958 o diálogo entre a Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Norte e o INEP¹⁸⁸ se fortaleceu. Conforme Aquino (2007) e Assis (2016), após a aprovação da reforma de ensino, autorizada pela lei 2171 de dezembro de 1957, que tratou da reorganização da educação básica e da formação do magistério¹⁸⁹, foi promovido no estado uma série de eventos, tendo a formação do professor como foco principal. “*Essa Lei também criou a Escola de Aplicação (antes Grupo Escolar Modelo) e o Centro de Pesquisa Educacional (CEPE)*” (AQUINO, 2007, p. 146). Assim, é nesse período que se promove, em Natal/RN, uma sequência

¹⁸⁶ Livro com os participantes encontra-se digitalizado no LABIM. <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/handle/123456789/2320>

¹⁸⁷ O referido curso teve duração, nos dois anos, de três ou quatro semanas, com a média de três palestras por semana.

¹⁸⁸ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

¹⁸⁹ Para maiores informações ler: AQUINO, Luciene Chaves de. ***Da Escola Normal ao Instituto Kennedy (1950 – 1965)***. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

de eventos no âmbito educacional. Entre estes, podemos citar os cursos ministrados pelo educador Júlio César Melo e Souza, de pseudônimo Malba Tahan; Eny Caldeira¹⁹⁰, Lia Campos¹⁹¹, Juracy Silveira, entre outros nomes de referência no estado e a nível nacional.

Conforme reportagem do jornal *A Republica* com data de março de 1958, cuja manchete se intitulava, *Educação: Novos Métodos nas Escolas do Estado*, havia a informação de que Malba Tahan proferiu palestras na Escola Doméstica de Natal, durante um curso voltado às reformas do Ensino Primário e Normal. Entre as inúmeras reportagens das quais tivemos acesso, no referido periódico, é destacada uma foto do Professor Malba Tahan em companhia de Dinarte Mariz, então governador do estado, e Tarcísio Maia, secretário de governo. O texto, com a imagem destaca a seguir, traz a informação que o professor estava nas dependências da Escola Doméstica de Natal ministrando cursos.

Imagem 38: O professor Malba Tahan nas dependências da Escola Doméstica de Natal.



Fonte: Jornal A Republica, março de 1958.

¹⁹⁰ Auxiliar de mérito do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Paranaense, cursou pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no mesmo estado. Na Europa frequentou o Instituto de Psicologia da Universidade de Roma e, em Paris, participou de cursos no Good Attendance, órgão da Unesco e, na L'Ecole Pratique de Hautes Etudes, pertencente ao Psychobiologia de l'Enfant. Na Suíça, onde residiu por algum tempo, frequentou a escola experimental desenvolvida por Jean Piaget.

¹⁹¹ Imagem do primeiro curso ministrado pela professora Lia Campos é destacado em anexo. Ver: VIERA, Daniele Fonseca. **As mudanças da educação no RN nos idos de 1950 e 1960: a prática de Lia Campos**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

A publicação do periódico supracitado traz uma chamada em sua publicação, do dia 11 de abril de 1958, com referência a palestra do professor Malba Tahan na Escola Doméstica de Natal, tendo como tema: As aparências enganam.

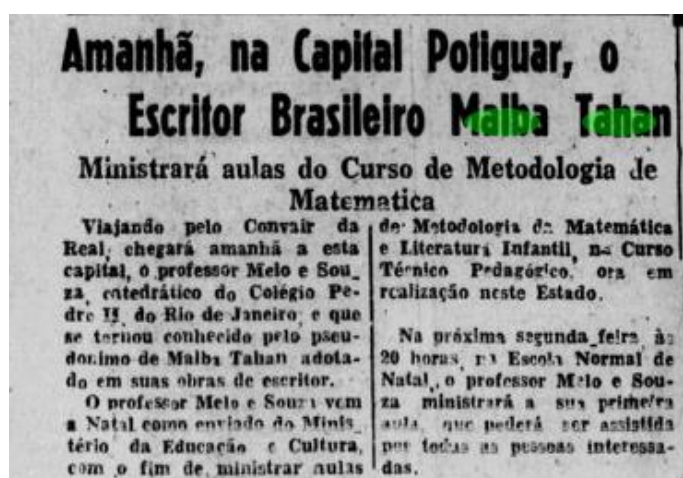
Imagem 39: Anúncio da palestra do professor Malba Tahan na Escola Doméstica de Natal.



Fonte: Jornal A Republica, março de 1958.

Nessa direção, o periódico *Diário de Natal* publicou na primeira página, da sua edição do dia 05 de abril de 1958, a chegada do professor Malba Tahan à Natal para ministrar os referidos cursos.

Imagem 40: Notícia sobre as aulas do curso de Metodologia de Matemática do professor Malba Tahan em Natal.



Fonte: Diário de Natal, 5 de abril de 1958.

Amanhã, na Capital Potiguar, o Escritor Brasileiro Malba Tahan Ministra aula do Curso de Metodologia de Matemática.

Viajando pelo Convair da Real, chegará amanhã a esta capital, o professor Melo e Souza, catedrático do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, e que se tornou conhecido pelo pseudônimo de Malba Tahan, adotado em suas obras de escritor. O professor Melo e Souza vem a Natal como enviado do Ministério da Educação e Cultura, com o fim de ministrar aulas de Metodologia da Matemática e Literatura Infantil, no Curso Técnico Pedagógico, ora em realização neste estado. Na próxima segunda – feira às 20 horas na Escola Normal de Natal, o professor Melo e Souza ministrará a sua primeira aula que será assistida por todas as pessoas interessadas. (DIÁRIO DE NATAL, abril de 1958).

Evidenciou-se que, por meio das análises, os dois periódicos continuaram publicando notícias a respeito das aulas do Professor Malba Tahan no referido curso, sobre as quais ressaltamos na tabela a seguir:

Tabela 29: Conferências do Professor Malba Tahan em Natal - 1958.

Título das Conferências	Local e Data
Metodologia da Matemática e a Arte de contar histórias	Diretores dos Grupos Escolares e Professores primários, 07/04/1958 – às 16 h.
Metodologia da Matemática	Escola Normal de Natal, 07/04/1958 – às 20h
Os quatro Pilares da Educação	Escola Normal de Natal – 08/04/1958 – às 20h
Educação eis o Problema	Escola Doméstica de Natal – 09/04/1958 – às 20h
Fatos Curiosos da vida de um professor	Faculdade de Filosofia de Natal -10/04/1958 às 20h
As aparências enganam	Escola Doméstica de Natal - 11/04/1958 às 20h
Contos e Lendas orientais	Faculdade de Direito de Natal – sem agenda
O problema da lepra no Brasil	Escola de Medicina – 12/04/1958 às 20h
Palestra para estudante/ As teorias do Dr. Pericles	Academia Norte-rio-grandense de Letras
Palestra e lançamento de Livros	Livraria Walter Pereira
Romance das Palavras	Lions Clube – 15/04/1958 às 20h e 30 min

Fonte: Diário de Natal e Jornal A Republica.

Compreendemos, por meio das publicações nos periódicos, que os docentes e discentes da Escola Doméstica de Natal estiveram presentes no Curso Técnico Pedagógico ofertado pela Secretaria de Educação do Estado. Gutierre (2008) destaca em seu estudo sobre a modernização do ensino de matemática no estado do Rio Grande do Norte, no período de 1950 a 1980, que a vinda ao estado para ministrar cursos e proferir palestras, do educador Malba Tahan, no final da década de 1950, se deu por intermédio do diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), Anísio Teixeira.

Nesse sentido, a pesquisadora pondera que, respondendo às solicitações do governador Dinarte Mariz, Anízio Teixeira incentivou os cursos de preparação e aperfeiçoamento para a formação de orientadores educacionais e administradores escolares (dirigentes de escolas). No tocante à organização dos referidos cursos, estes tinham entre outras finalidades,

(...) orientação e coordenação da atividade docente; organização das Matérias: direção da aprendizagem em Linguagem, Matemática, Estudos Sociais e Naturais, Administração e Supervisão Escolar – Jogos de recreação, (...) aulas, debates, seminários, visitas com observação e participação de trabalho nas classes primárias da Escola de Aplicação e dos melhores Grupos da Capital, confecção de material didático, (...) metodologia das matérias básicas do currículo. (GUTIERRE, 2008, p. 170 – 171).

Ao passo que a documentação nos traz indícios da participação de Noilde Ramalho, diretora da Escola Doméstica nos referidos cursos, e alguns professores da instituição, bem como a escola enquanto promotora de conferência junto à Secretaria de Educação, não foi possível, em nosso estudo, encontrar nenhuma anotação referente ao curso de Metodologia da Matemática ministrado por Malba Tahan, por membros da escola. Desse modo, não podemos afirmar que estes tenham frequentado os cursos na Escola Normal de Natal, ou em outra instituição de ensino. Apenas há alguns indícios e possibilidades. Entendemos, assim como Bloch (2001), que para realizar o ofício de historiador, faz-se necessário o exercício da crítica dos documentos, método que consiste em duvidar, analisar, questionar as fontes ou testemunhos históricos.

Outro documento analisado aponta que a Direção da Escola Doméstica de Natal enviou a ex-aluna Marlene do Ó para estagiar, por um ano, no Colégio Bennett¹⁹², No Rio de Janeiro, que era, à época, referência no ensino pré-escolar. Marlene do Ó teve a supervisão das professoras Sara Dawsey e da Dra. Nise da Silveira. A formação da ex-aluna, que em seu retorno entra para os quadros da escola, contribuiu com a criação do Departamento Pré-Primário, com a Escola Maternal e Jardim de Infância, passando a ser a primeira escola com pré-escola em Natal. As práticas pedagógicas eram embasadas pelas concepções de *Célestin Freinet* e *Maria Montessori*. Passou a ser, no estado, um centro de referência em Educação Infantil: “As professoras que atuavam no Departamento de Educação Infantil eram convidadas

¹⁹² O Colégio Metodista funciona no Rio de Janeiro desde 1888.

a proferir palestras, conferências, participar de debates em instituições de ensino e hospitais infantis, dentro e fora do estado” (BARROS, 2000, p. 197).

Como já pontuado ao longo do texto, as discentes e docentes da Escola Doméstica participavam de estágio fora do país, inicialmente nos Estados Unidos e, nos últimos anos da década de 1920 e início dos anos 1930, na Bélgica. Ao retornar ao Brasil, as ex-alunas ingressavam nos quadros da instituição – na administração, como aconteceu com Caetana de Brito Guerra, em seu retorno da Bélgica ou como docente, algo que aconteceu com Isabel Dantas. As viagens de estudo ofereciam, entre outras possibilidades, o intercâmbio de ideias, a ampliação das redes de contatos, e um fortalecimento em aspectos teóricos e metodológicos. Tal entendimento nos foi possível por meio das publicações em periódicos e conferências proferidas nas instituições de ensino do estado.

Os documentos analisados nesse capítulo nos trazem a compreensão que na educação feminina, praticada na Escola Doméstica de Natal, as orientações da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte se colocavam às tarefas de construção de uma identidade e transformação social, à época, a partir do dever que lhe era inerente, o de formar o espírito da criança, considerada a sua importância na família e na base da sociedade. Assim, a relevância que era dada à mulher na ordem social conferia à educação feminina um viés político que ia além do campo pedagógico. Ofertava-se à mulher uma formação, simultaneamente, com aspectos conservadores e progressistas. Conservadores no que concerne ao desempenho e dever natural, inato, que estava vinculado ao sexo feminino, na função de professora, nos cuidados com lar e para com a família, na função de responsável pela erradicação da mortalidade infantil, na higiene das crianças, na função de mãe e donas de casas. Por outro lado, trazia um viés progressista no que se refere à necessidade de ruptura com a velha cultura, com práticas educativas que valorizavam uma leitura de mundo e avanços nas relações de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de um ideal texto original, visto como uma abstrata entidade linguística presente atrás das diferentes instâncias de um trabalho, é considerado uma completa ilusão. Assim, editar um trabalho não deve significar a recuperação desse texto inexistente, mas sim tornar explícito tanto a preferência dada a uma das diversas formas registradas do trabalho quanto às escolhas concernentes à materialidade do texto. (CHARTIER, 2002, p. 41).

Iniciamos as ponderações finais sobre a pesquisa ressaltando, na citação anterior, um trecho do livro *Os Desafios da Escrita*, do historiador francês Roger Chartier. As opções seguidas, por nós em escrever sobre a Escola Doméstica de Natal seguiram princípios que o referido autor destaca em relação a editoração de livros. Desse modo, optamos por traçar uma linha de raciocínio na seleção de cada capítulo com os respectivos tópicos, buscando esclarecer ao máximo a respeito do nosso estudo, tendo como parâmetro a pergunta de pesquisa e os objetivos elegidos. Assim, entendemos que o nosso texto é um convite ao leitor a refletir sobre as matemáticas presentes nas práticas educativas no âmbito da Escola Domésticas de Natal - instituição modelada segundo o sistema da *École Ménagère de Friburgo* (Suíça), idealizada pela Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, e inaugurada em 1914, funcionando até os dias atuais - Isto se dando por meio das análises realizadas no currículo da escola, nos livros-texto, cadernos das alunas e Diário de classe das professoras, e, publicações das discentes e docentes na imprensa. Ao optarmos pelo termo as matemáticas, entendemos assim como Fiorentini (2013), que as práticas pedagógicas voltadas ao ensino e aprendizagem da matemática são compreendidas como práticas sociais, sendo estas constituídas de saberes e relações complexas que necessitam ser estudadas, analisadas, e, problematizadas. No tocante a Escola Doméstica de Natal, estas práticas estavam relacionadas, tanto a conteúdos específicos das disciplinas, quanto aos relacionados a economia doméstica, contabilidade, culinária, desenho ornamental, música e, corte e costura.

Rememorando a nossa pergunta de pesquisa, nossos objetivos, e questionamentos iniciais, vale salientar que, buscou-se em nosso estudo, com base na documentação analisada, compreender como a matemática, enquanto ciência, fortalecia o discurso da necessidade de uma escola de ensino doméstico, nos moldes das escolas criadas na Europa, nas primeiras décadas do século XX. O que nos

impulsionou investigar nas práticas da instituição vestígios sobre a racionalidade dos conteúdos, e, os aspectos que demonstravam a científicidade nas atividades pedagógicas no âmbito da escola.

Nessa perspectiva, priorizamos fazer o entrelaçamento das histórias que compõem a história da Escola Doméstica de Natal. Este entrelaçamento possibilitou um maior entrecruzamento entre as histórias dos intelectuais, a história das instituições de ensino, a história das mulheres Norte-rio-grandenses, a história dos livros-textos e dos cadernos escolares, de modo a nos aproximarmos ao máximo das práticas vividas naquela instituição. Ao final da pesquisa, temos um desenho sobre as matemáticas presentes nas práticas pedagógicas da escola, bem como, do papel assumido pelas mulheres que fizeram parte do corpo docente e discente e daqueles com quem elas dialogavam, o que nos ajudou a compreender a instituição no seu tempo, na sua singularidade.

Escrever a história da Escola Doméstica de Natal tendo como perspectiva a cultura escolar nos trouxe alguns desafios, entre estes a necessidade de um olhar voltado ao interior da instituição, interpretando não apenas os documentos oficiais, mas requerendo análises de suas práticas e vivências – estas se dando por meio dos cadernos escolares das discentes, diário de classe das professoras, livros-texto adotados como referência nas diversas disciplinas e publicações das alunas e das professoras em periódicos locais e nacionais. Outro tipo de documento utilizado como fonte em nosso estudo foi a fotografia, que nos forneceu informações a respeito das práticas educativas da instituição, apresentando-nos, em imagens, parte das instalações, exposições, aulas de experimentos, como as de análises químicas do leite e cuidados com as crianças nos estudos de puericultura. Inspirada no filme *El fotógrafo* de Mauthausen, o qual Francesc Boix usa os negativos de fotografias como testemunho no tribunal de Nuremberg, utilizamos as imagens para evidenciar aspectos relativos à rotina nos diferentes espaços da escola, nos apoiando nos argumentos teóricos de Peter Burke (2016) no livro *Testemunha Ocular*, no qual o autor discute a respeito do valor das imagens como evidência histórica.

Vale lembrar que a Escola Doméstica de Natal é uma das únicas instituições de ensino das quais temos conhecimento, criada com o objetivo de educar a mulher, no início da República, com os viés do movimento higienista, tendo como perspectiva dotá-las de uma educação permeada pela racionalização da aprendizagem escolar e do

trabalho junto à família, na formação e educação dos filhos, que permaneceu até os dias atuais com o mesmo nome, estrutura física¹⁹³ e tendo no currículo disciplinas direcionadas à educação doméstica por mais de um século. A ED¹⁹⁴, hoje faz parte do complexo educacional Noilde Ramalho, que conta com mais duas instituições de ensino, o Complexo Educacional Henrique Castriçano e o Centro Universitário do Rio Grande do Norte. A Escola Doméstica oferece, atualmente, Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio. Contando com cursos complementares ofertados no tempo integral, entre estes: escotismo; *Chef Kids*; Inglês e Japonês básico.

Por ter essa instituição um papel significativo na história da educação do estado do Rio Grande do Norte, notadamente na formação feminina, se fez necessário entender como se deu a constituição do seu projeto de criação e implementação. Desse modo, buscou-se compreender os arranjos na estruturação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte – LERN, associação mantenedora da Escola Doméstica de Natal. Assim, discutimos a respeito das concepções filosóficas, políticas e educacionais dos membros da referida associação. Estudamos suas ações, em diversos âmbitos da Educação a partir de seus escritos e práticas publicadas na imprensa e imprensa pedagógica, principalmente as atividades que desenvolveram em prol de assuntos sobre a instrução pública, de modo a concluir que estes intelectuais defendiam a formação da mulher como meio de transformação da sociedade, em virtude de ser esta que educava os homens do futuro.

Em síntese, objetivavam auxiliar o poder público em tudo que dissesse respeito a educação feminina, bem como contribuíam com os argumentos teóricos-metodológicos pautados por uma pedagogia contemporânea, buscando assim, aproximar a escola da família. Defendiam o ensino doméstico, enquanto ciência que orienta os conhecimentos para a vida prática. Nessa direção, idealizavam educar as moças em escolas populares para atuarem nas mais diversas profissões, de acordo com as necessidades regionais. Não obstante, as mulheres não participavam dessas discussões, bem como, não eram estas que tratavam das suas necessidades educacionais, assim sendo, a educação feminina era pensada por homens. Sendo estes que delimitavam todos os conhecimentos que as mulheres teriam acesso.

¹⁹³ Conta com uma área de 180.000 metros quadrados, onde estão localizadas as três instituições de ensino, um bosque contendo um anfiteatro no centro de um bambuzal, uma casa sustentável, uma horta e uma caixa de compostagem; além de trilhas ecológicas para as atividades ao ar livre. O complexo está situado no centro da cidade de Natal, cercado por mata atlântica.

¹⁹⁴ A instituição é também conhecida no estado pela sigla ED.

Em relação ao nosso objeto de estudo, as matemáticas presentes na Escola Doméstica de Natal, como contribuição para um diálogo sobre o papel assumido pela mulher nas primeiras décadas do século XX, as inquietações e os questionamentos, nos possibilitaram construir alguns objetivos e, por meio destes, fizemos um percurso histórico sobre as escolas de ensino doméstico na Europa, especificamente as da Suíça e Bélgica, de modo a evidenciarmos que as referidas instituições de ensino voltadas ao ensino doméstico, com aspectos de racionalidade científica direcionados à mulher surgem como reivindicação das associações femininas que necessitavam de uma educação que preparasse para o lar e para o mercado de trabalho. Nessa perspectiva, a Escola Doméstica de Natal não surgiu como um caso isolado de educação doméstica, mas enquanto modelo de escola que estava sendo construída em vários países, tendo como concepção a formação feminina na erradicação da mortalidade infantil, controle de doenças (entre estas a tuberculose), bem como o combate ao alcoolismo.

Igualmente às escolas europeias e norte-americanas, a Escola Doméstica de Natal apresentava em seu currículo aspectos teóricos e práticos, com disciplinas voltadas à área intelectual, de modo a fortalecer o discurso de cientificidade do ensino doméstico. Desse modo, os documentos oficiais, os programas de ensino e os livros-textos nos apresentaram indícios dos saberes que eram relevantes à formação das educandas, especificamente no que diz respeito aos saberes inerentes às matemáticas, que foram sendo evidenciados ao longo de cada período estabelecido no nosso recorte temporal. Concluiu-se que as primeiras professoras e dirigentes da instituição eram de origem europeia ou norte-americana. Desse modo, os programas de ensino e o material didático utilizado sofreram influências, inicialmente, da École Ménagère de Fribourg, seguida das concepções norte-americanas, que notadamente reforçam práticas educativas de caráter experimental. Assim, disciplinas voltadas à parte intelectual dos programas foram ampliadas. Como exemplo, a inserção das cadeiras de Álgebra, Desenho e Geometria no currículo e nos exames de admissão na escola. Idealizaram uma escola primária na tentativa de superar as dificuldades das discentes em relação aos conteúdos, entendidos como pré-requisitos ao ensino secundário. A influência das escolas domésticas agrícolas belgas é evidenciada nas práticas educativas da Escola Doméstica de Natal a partir da saída das alunas para intercâmbios no Instituto Normal Superior de Economia Doméstica Agrícola de Laeken, na Bélgica, espaço que dialogavam com outras mulheres de diferentes países.

Ao analisarmos os livros textos, os cadernos escolares, exames das discentes e diários de classe das professoras, evidenciamos que a matemática estudada pelas discentes se assemelhava ao que era visto nos demais colégios privados do estado, entre estes: Colégio Imaculada Conceição, Salésiano São José, e das instituições públicas como a Escola Normal de Natal e Ateneu Norte-rio-grandense. Assim, o ensino era voltado as mulheres, não obstante, o currículo se dava de modo igual para ambos os sexos. A exemplo, no estudo de álgebra era tratado entre os temas, as operações com monômios e polinômios, produtos notáveis e equação polinomial do segundo grau, igualmente ao que os meninos tinham no currículo. Quanto a metodologia, concerne a abordagem didática, seguia-se do seguinte modo, primeiro era discutido todo o conteúdo, para em seguida propor atividades.

A compreensão que as nossas análises nos trouxeram em relação ao estudo de desenho, é que as moças da Escola Doméstica de Natal estudavam desenho ornamental, este estudo era voltado ao desenho de flores, objetos da casa, o corpo humano, desenho de roupas. No entanto, tinham também aulas iniciais sobre construções geométricas que servia como ferramenta na confecção de roupas. Esse era um conteúdo direcionado a educação feminina, diferindo do que os homens estudavam. Havia, na instituição um reforço ao discurso em defesa do desenvolvimento da Pedagogia Familiar nas práticas no cotidiano da instituição. No que se refere aos conhecimentos matemáticos, o diálogo entre estes princípios se dava nos estudos de construção de uma casa. De modo que, no desenho da casa e na confecção dos móveis, suscita o uso de conceitos, tais como: proporção; medidas; ângulo de caimento da tesoura do telhado; área, medida de comprimento, largura, entre outros.

É importante destacar que o trabalho também nos trouxe contribuições no tocante aos cursos que eram ofertados pela instituição, tendo assim, a relevância na formação da comunidade em geral. Desse modo, contava, entre outros, com palestras, conferências e cursos de extensão. Conclui-se que as práticas educativas da Escola Doméstica de Natal não priorizavam somente formar boas donas de casa, mas, de modo geral, oferecer uma educação que possibilitasse o ingresso ao mercado de trabalho, ou aperfeiçoar a mão de obra feminina, tanto em termos de economia doméstica, dos cuidados e gosto pelo lar e família, quanto em atividades ligadas à cultura local, como o artesanato, os bordados e a fabricação de chapéus, como meio de obter recursos financeiros.

Entendemos que o ensino posto em prática pela instituição, objeto de nossa pesquisa, trazia aspectos de modernidade, à época, para o estado e país, com concepções educacionais avançadas nas atribuições do papel feminino, o que em alguns casos eram questionados e criticados, por terem as moças da escola acesso ao teatro, à música, aos salões de festas, lendo autores nacionais e internacionais, bem como realizavam viagens de estudos, sozinhas ou acompanhadas e escreviam em periódicos, espaço reservado aos homens. Desse modo, a representação do universo social reservado à mulher trouxe, em particular, para a Escola Doméstica de Natal, a constituição de um novo saber pedagógico, que vislumbrava uma mulher formada nos moldes europeus e norte-americanos, que adotavam a disciplinarização dos aspectos físicos, morais e intelectuais.

Para além de garimpar e organizar, analisar os documentos, buscou-se entender como as docentes e discentes se apropriavam do conhecimento matemático em sua prática no cotidiano da instituição. Uma Matemática a ser percebida enquanto ferramenta a outras áreas do conhecimento, mas tida como ciência no reforço ao discurso de cientificidade, na justificativa de uma escola que tinha um viés prático, mas um estudo de ordem intelectual, para não cair na compreensão de que a escola era voltada somente a formação da mulher para o lar, ela tinha essa duplicidade de funções. Fortalecendo a necessidade de uma educação de qualidade, plural, voltada a esse grupo social que, por séculos, foi marginalizado, excluído, sendo produto das atribuições sociais e culturais a elas reservadas. Como pontuado por Márquez e Ramos (2018), estas pertenciam a uma população da qual a escola tradicional subjugou sua capacidade intelectual.

Nessa direção, o nosso estudo nos trouxe a compreensão que em um ambiente voltado para a educação feminina, com mulheres de mesma classe social, o processo de construção da identidade era permeado pela singularidade de cada uma, de modo que algumas destas moças se fizeram exemplo de luta e reivindicação por igualdade social e de gênero. Notadamente, a história da Escola Doméstica apresenta um cenário de relevância da instituição na educação do estado, bem como do país. Não obstante, o nosso estudo nos aponta possibilidade de pesquisas futuras, as quais se podem destacar os intercâmbios de conhecimentos dos membros da Liga de Ensino com outros educadores na Suíça, na Bélgica e nos Estados Unidos, especificamente, na análise dos arquivos da Biblioteca de Oliveira Lima, em Washington, Estados Unidos.

Torna-se necessário a investigação a respeito da formação das professoras da escola e o estudo sobre a produção das discentes, como a escrita de tese de conclusão de curso, bem como as contribuições das discentes da Escola Doméstica de Natal na história da formação das mulheres do Rio Grande do Norte.

FONTES

AÇÃO social da Escola Doméstica de Natal. **Revista Pedagogium**, Natal, p. 2, nov. 1921.

A EDUCAÇÃO da mulher. **A Republica**. Natal, p. 3, 26 de dezembro, 1916.

ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano**: seleta (textos e poesias). Natal: [s.n.], 1993.

ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano**: seleta (textos e poesias). Natal: [s.n.], 1994. v. 2.

ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano**: seleta (textos e poesias). Natal: RN Econômico, 2004. v. 3.

A LUTA DEMOCRÁTICA: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar (RJ).

A MULHER moderna e sua educação. **Revista Pedagogium**. Natal, p. 5 – 6, jan. 1935.

A PAISAGEM. **A Republica**. Natal, p 5 – 6, jul. 1921.

A REFORMA do Ensino. **Revista Pedagogium**. Natal, p. 3 set. 1917.

A INSTRUÇÃO Feminina no Brasil. **A Republica**. Natal, p. 11, out. 1921.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **Boletim Comemorativo do Cinquentenário da Escola Doméstica de Natal (1914 – 1964)**. Natal – RN. URN: Imprensa Universitária, 1964.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **Plano Geral de Ensino**. Natal: Tipografia M. Victorino & C., 1922.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **Prospecto da Escola Doméstica de Natal**. Rio de Janeiro: Tipografia de Rodrigues & CIA, 1919.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **Regimento Interno da Escola Doméstica de Natal**. Natal: Tipografia d'A República, 1915.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **A Republica**. Natal, p. 4, março. 1914.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **A Republica**. Natal, p. 3, agost. 1914.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **A Republica**. Natal, p. 4, 15 de set, 1914.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **A Republica**. Natal, p. 3, 24 de set, 1914.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **A Republica**. Natal, p. 4, 29 de nov, 1914.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **A Republica**. Natal, p. 4, 02 de fevereiro, 1915.

ESCOLA DOMESTICA. **A Republica**. Natal, p. 3 – 4, 17 de fevereiro, 1915.

ESCOLA DOMESTICA. **A Republica**. Natal, p. 3 – 4, 02 de fevereiro, 1916.

ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL. **A Republica**. Natal, p. 3 – 4, 27 de nov, 1916

ESCOLA DOMESTICA DE NATAL. **A Republica**. Natal, p.2, out. 1921.

ESCOLA DOMESTICA DE NATAL. **A Republica**. Natal, p. 4, out 1925

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Escola Doméstica de Natal**: fundada em 1914. Natal: Imprensa Oficial, 193.

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE. **A Republica**. Natal, p.2 set 1911.

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE. **A Republica**. Natal, p.2 set 1914.

GRILLO, Jornal do Recife, 1914

JORNAL A Republica. 1911 – 1958.

JORNAL A Manhã (RJ). 1925 – 1935

JORNAL A Ordem (RN)¹⁹⁵, 1935 – 1952.

JORNAL A Província: órgão do Partido Liberal (PE). 1872 – 1919.

JORNAL Colleção das leis Proviciaes de Mato Grosso. 1835 – 1930.

JORNAL A União (RJ). 1905 – 1950

JORNAL Correio da Manhã (RJ). 1910 – 1919

JORNAL Correio da Manhã (RJ). 1910 – 1919.

JORNAL Correio Paulistano (SP). 1920 – 1929.

JORNAL Correio da Manhã (RJ). 1940 – 1949

¹⁹⁵ LABIM/UFRN <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/> e na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

JORNAL Diário de Pernambuco (PE), 1910 – 1959.

JORNAL Diário de Notícias (RJ), 1930 – 1939.

JORNAL Diário de Natal (RN)¹⁹⁶. 1948 – 1961.

JORNAL Gazeta de Notícias. 1910 – 1921

JORNAL Gazeta de Notícias (RJ). 1920 – 1929

JORNAL do Brasil (RJ). 1920 – 1959.

JORNAL do Commercio (RJ). 1910 – 1919.

JORNAL do Commercio edição da tarde (RJ). 1909 – 1922

JORNAL do Commercio do Amazonas (AM). 1905 – 1979

JORNAL de Recife (PE). 1858 – 1938.

JORNAL O Jornal (RJ). 1919

JORNAL O Malho (RJ). 1902 – 1953

JORNAL O Paiz (RJ). 1920 – 1919.

JORNAL O Poti (RN). 1954 – 1959

O ENSINO DOMÉSTICO. **A Republica**. Natal, p. 3, 10 de fevereiro, 1915.

PEDAGOGIUM¹⁹⁷, Revista Oficial da Associação de Professores. Anno I. n.1. Natal. Empreza Typographica Natalense. julho. 1921.

PEDAGOGIUM, Revista Oficial da Associação de Professores. Anno 2. n.4. Natal. Empreza Typographica Natalense. Julho. 1922.

PEDAGOGIUM, Revista Oficial da Associação de Professores. Anno 4. n.12. Natal. Empreza Typographica Natalense. Março e abril - abril. 1924.

¹⁹⁶ Se encontra digitalizado no LABIM/UFRN

<http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/handle/123456789/1456>

¹⁹⁷ As revistas se encontram digitalizadas no Repositório de Imagens da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN - <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/simple-search?query=Pedagogium+>, acesso em 28 de junho de 2020.

PROSPECTO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL – Typ Jornal do Commercio, Rio 1919.

RIO GRANDE DO NORTE. **Lei 405 estadual de 29/11/1916**, publicada na parte oficial do jornal A República em 29/12/1916

RIO GRANDE DO NORTE. **Lei n. 405 de 29 de novembro de 1916**. Reorganiza o ensino primário, secundário e profissional, no Estado. Actos legislativos e decretos do governo [Typ d'A Republica], Natal, RN, 1916, p.69-103.

RIO GRANDE DO NORTE. Mensagens do Governador do Rio Grande do Norte para a Assembleia (rn). 1890 – 1930.

SOUZA, Henrique Castriciano de. **Conferência: educação da mulher no Brasil (1911)**. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2011.

UMA RUMAICA EM NATAL. **A Republica**. Natal, p. 3, 25 de janeiro, 1915.

REFERÊNCIAS

ABU – MERHY, Nair Fontes. A economia Doméstica e a reforma Capanema. *In: Cultura Política*, Rio de Janeiro, 1943.

ALBUQUERQUE, José Geraldo de. Henrique Castriciano: um reformador social. 1981. 180 f. **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1981.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2012.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira**: história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na educação**: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval et al. O legado educacional do século XX no Brasil. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Contemporânea).

AQUINO, Luciene Chaves de. A Escola Normal de Natal (1908 – 1938) — Defesa 25/02/2002 **Dissertação**. (Mestrado em Educação). Natal, UFRN, 2002.

AQUINO, Luciene Chaves de. Da Escola Normal ao Instituto Kennedy (1950 – 1965) – **Tese** (Doutorado em Educação). Natal: UFRN, 2007.

ARAÚJO, M. M.; MOREIRA, K.C. O grupo escolar modelo “Augusto Severo” e a educação da criança (Natal/ RN, 1908 – 1913). In: VIDAL D.G (Org). **Grupos escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 – 1971). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006, p. 193-213.

ASSIS, M. M. A. de. Matemáticas elementares na Escola Normal de Natal legislação, programas de ensino, material didático (1908-1970). UFRN, 2007. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

AUGUSTO José. **Educação Nacional**: Escola Doméstica de Natal. América Latina: Revista de Artes e Pensamento, Rio de Janeiro, 1919, p. 296.

AZEVEDO Alda. A dona de casa como cidadã. *In: Revista Pedagogium*, 1921, nº 2.

BARBOSA, Júlia Alves. Systema métrico decimal. *In: Revista Pedagogium*. Natal, ano 1, n. 1, p. 40-43, Jul. 1921.

BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História** – especialidades e abordagens, Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, Eulália Duarte. **Uma escola suíça nos trópicos**: Escola Doméstica de Natal. Natal: Offset Gráfica e Editora, 2000.

BONDOC, Hélène. O que é a economia doméstica e o ensino ménangère *in: A Republica*. Typographia d' "A República" p. 4 1913.

BRITO, Arlete de Jesus. A produção de Fontes de Pesquisas para a História da Educação Matemática no Brasil. In: VALENTE, W. R. (org.). **História da Educação Matemática no Brasil**. São Paulo: LF Editorial. Editora Livraria da Física, 2014. p. 173 – 176.

BURKE, Peter. **História de Teoria Social**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. Tradução: SANTOS, Vera Maria Xavier. Editora Unesp. São Paulo. 2017.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1945.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nosso amigo Castriciano**: reminiscências e notas. Natal: EDUFRN, 2008. (Coleção Câmara Cascudo: Biografias).

CARVALHO, Isabel Cristine Machado. Palmyra Wanderley e a Educação da Mulher no Cenário Norte-Rio-Grandense (1914 – 1920). **Dissertação**. (Mestrado em Educação). Natal, UFRN, 2002.

CAVALCANTI, Celina. Discurso de Conclusão de Curso. In: Jornal **A REPUBLICA**, 1928, p. 3.

CLEOFAS & LAFER, 1951, p. 3. **Impressões da Escola Doméstica de Natal**. In: Diário de Natal, órgão dos diários associados. 1951, Natal RN.

CHARTIER, Roger. **¿La muerte del libro?** 1. ed. Santiago, Chile: LOM Ediciones, 2010.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução George Schlesinger. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHARTIER, Roger. **Inscriver e apagar**: cultura, escrita e Literatura. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural**. Tradução e organização Priscila Faulhaber e José Sérgio Leite Lopes. Rio de Janeiro: Deco do Azougue, 2012.

CHOPPIN, Alain. "O historiador e o livro escolar". *História da Educação* n.º 11 (2002): 5-24.

DELMAS, Bruno. **Arquivos para quê? Textos escolhidos**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

CRUZ, P. L. C. A. da. A educação como instrumento na construção do imaginário republicano: Grupo Escolar Barão de Mipibu (1909 – 1920). UFRN, 2014. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014

CRUZ, Marcia Terezinha J. O. Das Práticas às Representações: A experiência dos Centros de Interesse de Jean-Ovide Decroly em Sergipe (Brasil – 1920 a 1960). **Influencias Belgas em la Educación Española e Iberoamericana**. HERNANDEZ DIAZ, José Maria (Orgs). Salamanca, Edições Universidade de Salamanca, 2019.

COUTO, Dolores. O corpo e o espírito do Bebê. In: **Jornal o Lar**. Nov. 1925.

DANTAS, Manoel. **NATAL d'aqui a cinquenta annos**. Natal, RN. Typographia d' "A República". 22 páginas.

DANTAS, Manoel Medeiros. A ação Social e Educativa da Escola Doméstica de Natal. *In: Revista Pedagogium*, 1921, nº 2.

DIAS, Eliane Moreira. A educação feminina no Rio Grande do Norte (década de 1920). 2003. 129 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

FRANÇA, A. **Impressões da Escola Doméstica de Natal**. *In: Diário de Natal*, órgão dos diários associados. 1951, Natal RN.

HERNÁNDEZ DÍAZ, José Maria (ed). **Prensa Pedagógica y patrimonio histórico educativo**. Salamanca, Edições Universidade de Salamanca, 2013.

HERNANDEZ DIAZ, José Maria. **Prensa Pedagógica de Castilla y León 1793 – 1936**. Repositório analítico. 2015.

HERNANDEZ DIAZ, José Maria. **Prensa Pedagógica, mujeres, niños, sectores populares y otros fines educativos**. Salamanca, Edições Universidade de Salamanca, 2018.

HERNANDEZ DIAZ, José Maria. **Influências Suizas en la Educación Española e Iberoamericana**. Salamanca, Edições Universidade de Salamanca, 2016.

HOSFSTETTER, Rita.; SCHNEUWLY, Bernard. Penetrar na verdade da escola para ter elementos concretos de sua avaliação – A irresistível institucionalização do expert em educação (século XIX e XX). *In: HOSFSTETTER, R. VALENTE, W. R. (Orgs). Saberes em (trans)formação*. São Paulo, Livraria da Física, p. (55 – 112).

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (Tradução: Federico Carotti.)

GINZBURG, Carlo. **El queso y los gusanos: Un modelo de historia crítica para el análisis de las culturas subalternas**. Bogotá: Ediciones dede abajo, 2014.

GENETTE, G. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Adelle de Oliveira: trajetória de vida e Prática pedagógica (1900 – 1940). **Tese** (Doutorado em Educação). Natal: UFRN, 2009.

GUBIN, Elianne. Femmes rurales en Belgique. Aspects sociaux et discours idéologiques XIX^e-XX^e siècles. *In: Clio. Femmes, genre, histoire*, 16, p. 221-244. 2002.

LAMARTINE, Maria de Lourdes. O Lar ideal. *In: Jornal o Lar*, novembro de 1925.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 5^o ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Daladier da Cunha. **Noilde Ramalho: uma história de amor a educação**. Natal: Liga de Ensino RN, 2004.

LIMA, Nestor dos Santos. O Celibato Pedagógico Feminino. *In: Pedagogium*, Natal, ano 1, n.1, julho, 1921, p. 44 – 47.

LIMA, Nestor dos Santos. Síntese do nosso movimento pedagógico. In: **Pedagogium**, Natal, ano 1, n.1, julho, 1921, p. 9-25.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MARQUES, J. A. O. **Manuais pedagógicos e as orientações para o ensino de matemática no curso primário em tempos de Escola Nova**. Dissertação de mestrado – UNIFESP, Guarulhos, 2013

MARQUES NETO, Cosme Ferreira. **Henrique Castriciano de Souza: uma contribuição à educação da mulher potiguar**. Revista da FARN, Natal, v. 10, n. 1/2, p. 225-261, jan./dez. 2011.

MARQUES NETO, Cosme Ferreira. Da necessidade de uma “nova” escola só para moças: Henrique Castriciano de Souza e a modernidade pedagógica norte-rio-grandense (1911 – 1923). **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859- 1900)**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MIGNOT, Ana Cristina, SILVA, Alexandra da. TÃO LONGE, TÃO PERTO: escrita de si em relatórios de viegens. Educação em Revista. V. 27, n.01. Belo Horizonte: abr. 2011. p. 435 – 438.

MELO Veríssimo. **Juvenal Lamartine**. In: JUVENAL LAMARTINE DE FARIA (1874-1956), Reedição revisada e completada da Província/3, Natal, FJA, 1974, na comemoração do centenário de Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956). NATAL, 1994.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CÂMARA, Michele Januário. **Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica**. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (org.). Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. 4. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, p. 212- 248, 2010.

MORAIS, Isabela Cristina Santos de. A atuação de Manoel Dantas na Instrução Pública NorteRio-grandense (1897-1924). 154 p. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MORAIS, M. A. C de. Isabel Gondim: a educação enquanto prática de vida. In: MORAIS, Maria Arisnete Câmara de Moraes (Org.). **A mulher em nove versões**. Natal: EDUFRN, 2001. p. 13-14.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

NASSER, Elisabeth Mafra Cabral. **Mulheres na política do Rio Grande do Norte**. Cadernos Feministas de Economia & Política. Mulher e Democracia, 2005.

NOBRE, S. R. Introdução À História Da História Da Matemática: das origens ao Século XVIII. In: **Revista Brasileira de História da Matemática** – Vol 2 no 3, pag. 3 – 43. 2002

OLIVEIRA, Adriel Gonçalves. Ensino de Aritmética entre 1920 e 1940: um cálculo presente em periódicos de Educação. In: (org.) Brito, A. de J.; FARIAS, K. S. C. dos S. MIORIM,

M. A. **Pesquisas históricas em Jornais e revistas**: produção do HIFEM. Editora da Física, Sociedade Brasileira de História da Matemática, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, F. D. **Análise de textos didáticos**: três estudos. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). UNESP, Rio Claro, 2008.

OLIVEIRA, Marcus Adenilson. A aritmética escolar e o método intuitivo: um novo saber para o curso primário (1870 – 1920). **Tese** (Doutorado em Ciências). UNIFESP: Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, 2017.

OLIVEIRA, Marcus Adenilson. **Antônio Bandeira Trajano e o método intuitivo para o ensino de aritmética (1879-1954)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Tiradentes. 2013.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de; MARQUES NETO, Cosme Ferreira. “Um ninho de cozinheiras?” Henrique Castriciano de Souza e a “modernidade pedagógica” da escola doméstica de Natal. *Rev. Humanidades, Fortaleza*, v. 30, n. 2, p. 304-332, jul./dez. 2015.

OLIVEIRA, Maria Cristina Araújo. A matemática na Formação de Normalistas. In: PINTO, B. N.; VELENTE, W. R. (orgs.). **Saberes elementares matemáticos em circulação no Brasil**. São Paulo: LF Editorial, Editora Livraria da Física, 2016. p. 187 – 233.

PINHEIRO, Rosa Aparecida. **Educação e modernização em Henrique Castriciano**. Natal: EDUFRN, 2005.

PINHEIRO, Rosa Aparecida. **Henrique Castriciano**: educação e modernização no limiar do século XX. João Pessoa, 1996, 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, 1996.

ROCHA NETO, M. P. da. A educação da mulher Norte – Rio – Grandense segundo Júlia Medeiros (1920 – 1930). UFRN, 2005. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

RODRIGUES, Andréa Gabriel Francelino. Educar para o lar, educar para a vida: cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945). **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SANTOS, Ivanete Bastos. Saberes elementares matemáticos para o curso primário em Sergipe, 1911 – 1924. In: COSTA, D. A.; VELENTE, W. R. (orgs.). **Saberes matemáticos no curso primário**: o que, como e por que ensinar? São Paulo: LF Editorial/GHEMAT/CAPES/CNPq, 2014. p. 233 – 255.

SANTOS, Roberto Elian dos. A arquivística e os arquivos pessoais de cientistas. **Registro**. Ano V/VI, n. 5/6. jun. 2006/maio 2007. p. 52-64.

SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. Belle Époque na esquina: o que se passou na República das Letras Potiguar. Natal: Editora do Autor, 2009.

SCHELLENBERG, T. T. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas. Tradução de Nilza Teixeira Soares. 6º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SILVA, Elsa. Educação Física Feminina. In: **Jornal o Lar**. Out de 1925.

SILVA, Francinaide de Lima. **O Grupo Escolar Modelo Augusto Severo (1908-1928):** vinte anos de formação de professores. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SIQUEIRA FILHO, Moysés Gonçalves. Os programas de Ensino Primário de Arithmetica, Desenho e Geometria nos Entremeios das Décadas de 1908 e 1928: a passagem de Gomes Cardim pelo Espírito Santos e a incorporação de suas intencionalidades. In: COSTA, D. A.; VELENTE, W. R. (orgs.). **Saberes matemáticos no curso primário:** o que, como e por que ensinar? São Paulo: LF Editorial/GHEMAT/CAPE/CNPq, 2014. p. 37 – 61.

SIQUEIRA, Gabriela Fernandes de. O homem que pintava a cidade por meio de palavras: cenas urbanas natalenses construídas a partir das crônicas de Henrique Castriciano. **Cordis – Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, São Paulo, n.10, p. 93-131, jan/jun. 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SOARES, Flavia. **Fontes para a História da Educação Matemática:** Imprensa e a Matemática Moderna. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba. V.6. n.18. p. 65-77. 2006.

SOUZA, Henrique Castriciano de. Conferência realizada sobre a Educação da Mulher no Brasil. **A Republica**. Natal, RN: Typografia do Instituto. 23 de julho de 1911.

TOVAR, Isabel Pérez – Villanueva. **La Escuela del Hogar de Segovia (1928-1936):** Educación, feminismo y acción social. Estudios Segovianos, 57 (114), 387-42, Segovia. (2015).

TOVAR, Isabel Pérez – Villanueva. **La Escuela del Hogar y Profesional de la Mujer y las enseñanzas domésticas (1911-1936)**. ARENAL, 22:2; julio-diciembre 2015, 313-345.

PONTES LILLO, Amadeo: **Las escuelas profesionales femeninas en Francia, Bélgica y Suiza**. Anales de la Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, Tomo XI, Memoria 2.^a, 1914.

VALENTE, Wagner Rodrigues. **Uma história da matemática escolar no Brasil, 1730-1930**. 2. ed. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

VALENTE, Wagner Rodrigues. A matemática nos livros didáticos em tempos de pedagogia científica. In: MENDES, I. A.; VALENTE, W. R. (orgs) **A matemática dos manuais escolares – Curso Primário, 1890 – 1970**. São Paulo: LF Editorial, 2017. p. 28 – 105

VALENTE, Wagner Rodrigues. **A matemática escolar:** perspectivas históricas. SÃO PAULO: PUCSP, 2012.

VIEIRA, D. F. **As mudanças na educação do RN nos idos de 1950 e 1960:** a prática de Lia Campos. Natal, 2005. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2005.

VENÂNCIO JUNIOR, André Luiz. **A Concepção de Museu Educativo na Produção Científica de Bertha Lutz no museu nacional (1922-1932)**. 2017. 140f Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VENÂNCIO JUNIOR, André Luiz. Relações Educativas Belgo-Brasileiras: Economia Doméstica Agrícola sob a ótica de Bertha Lutz e Paul Vuyst na Associação Brasileira de Educação (1923 – 1924). In: **Influencias Belgas em la Educación Española e Iberoamericana**. HERNANDEZ DIAZ, José Maria (Orgs). Salamanca, Edições Universidade de Salamanca, 2019.

VILLELA, Lucia Maria Aversa, et al. Os Experts dos Primeiros Anos Escolares: a construção de um corpo de especialistas no ensino de Matemática. In: **Saberes elementares matemáticos em circulação no Brasil**: dos documentos oficiais às revistas pedagógicas, 1890-1970. PINTO, N. B.; VALENTE, W. R. (Orgs). São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

ZUIN, Elenice de Souza Londron. Aspectos Históricos dos Sistemas de Numeração em Um Livro de Aritmética Publicado no Ceará em 1904. In: **Boletim Cearense de Educação e História da Matemática** – Volume 14, 123 – 138, 2018.

APÊNDICES

1 BIOGRAFIA DOS PRESIDENTES DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE

Francisco de Sales Meira e Sá

Foi o primeiro presidente da Liga de ensino, exerceu a presidência a partir da sua criação, a 23 de julho de 1911 até 1920 quando veio a falecer. Foi Juiz de Direito, chefe de polícia, Desembargador, Senador da República, Vice-governador, e Juiz Federal. Um homem decisivo na consolidação da Liga de Ensino e, depois, na criação e manutenção da Escola Doméstica de Natal. Participou de modo efetivo na elaboração do currículo da escola e atuou como professor de Direito na referida instituição de ensino. Nas palavras de Cascudo (1965), Meira e Sá foi um dos homens mais respeitados do estado, por sua coerência, honradez e grande capacidade demonstrada no exercício de elevadas funções.

Meira e Sá nasceu em Souza, na Paraíba, em 1856. Fez o primário em Natal e transferiu-se depois para Recife, onde cursou humanidades no Colégio São Bernardo e bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de Recife em 1878. No ano seguinte foi nomeado promotor público em Ceará-Mirim (RN), cargo que exerceu até 1884. Chefiou a campanha abolicionista naquela cidade, dirigindo a Sociedade Libertadora de Ceará-Mirim e fundando o jornal *A Libertadora*. Em 1888, assumiu o cargo de juiz municipal e de órfãos nessa cidade, no qual permaneceria até 1892. Na área cultural, foi sócio fundador do Popular Instituto Literário, onde foi presidente, organização dotada de bom acervo bibliográfico para os padrões da época, e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, inclusive compondo a primeira diretoria (1902). Escrevia para o jornal *A Republica*. Seus artigos tratavam de questões ligadas a instrução pública, Direito e problemas da seca no Nordeste. Fundou e dirigiu o periódico *Escola*, a respeito do qual Rocha Pombo destaca que, em Ceará-Mirim (RN), inicia-se a imprensa com o referido periódico, em 1887. Publicou os seguintes trabalhos: *Simples Notas (monografia, Natal, 1903)*; *A Reforma da Justiça Federal - Unidade de Direito Privado*; *Recurso Extraordinário (Carta Aberta ao Ministro Amaro Cavalcanti)*. Rio de Janeiro; *Ecos do Sertão (tese)*. Natal; *O Direito Invertido*. Natal (1914).

Henrique Castriciano de Souza

Castriciano foi possivelmente uma das culturas mais gerais que conheci. Todos os assuntos interessavam seus olhos leitores.

Câmara Cascudo (1965).

Exerceu a função de presidente da Liga por apenas um ano, sucedendo Meira e Sá, após sua morte. Acredita-se que não tinha interesse em ocupar cargos administrativos, assumido, desse modo, o posto apenas por um período transitório até ser escolhido um novo presidente. Vasta é a produção sobre Henrique Castriciano e a quantidade de referências em relação a sua atuação enquanto educador, na literatura norte-rio-grandense. Livros, teses e dissertações, artigos, capítulo de livros, memoriais, crônicas, sendo citado em inúmeros periódicos pela sua dedicação a educação, em específico a educação da mulher. Dentre as publicações por nós inventariadas encontramos uma coletânea de textos e poesias, compiladas pelo historiador José Geraldo de Albuquerque em uma trilogia, sendo o primeiro livro com 137 publicações de Castriciano no jornal A Republica, contando de 413 páginas, o segundo traz 62 artigos publicados no referido jornal. O terceiro livro refere-se a textos compilados do periódico A Tribuna. Cumpre lembrar que, o recorte temporal usado por Albuquerque foi de 1892 a 1938.

Catriciano desempenhou na imprensa norte-rio-grandense uma posição destacada como jornalista político e cronista. Usava muitos pseudônimos, tais como, Mario Vale, João Cláudio, José Braz, Rosa Romariz, José Capitulino, Y e Erasmus Van de Does. Henrique foi vice-governador, secretário de estado, escritor, poeta e educador. “*Funções que desempenhava com destaque no pequeno estado do Rio Grande do Norte, onde muitas vezes foi ouvido nos altos conselhos do estado*” (CASCUDO, 1965, p. 45). O historiador José Geraldo Albuquerque corrobora com as afirmações de Cascudo ao destacar que,

não havia ninguém em Natal mais conhecido que o Dr. Henrique, diante de quem todos se descobriam, os velhos cafés, para se embevecer com as lições de sua experiência de deleitar-se com sua prosa e erudição literária. (ALBUQUERQUE, 1983, p. 65).

Castriciano era, de certo modo, um homem privilegiado, com uma formação intelectual sólida. Escrevia sobre o cotidiano da cidade, tecia críticas a educação, em específico a educação destinada a mulher. Foi como mencionando ao logo do nosso texto,

o idealizador da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e da Escola Domésica de Natal¹⁹⁸.

Manoel Gomes de Medeiros Dantas¹⁹⁹

Nascido no interior do Estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Caicó, em 1867, pertencente a elite seridoense, teve boa instrução, concluindo seus estudos acadêmicos na Faculdade de Direito do Recife, onde tornou-se bacharel no ano de 1889. Enquanto estudante da Faculdade de Direito do Recife, no curso de Ciências Jurídicas e Sociais, no final dos anos 80 do século XIX, defendia o direito a uma instrução para todos, independente de posição social.

Albuquerque Junior (2012) afirma que os representantes do Nordeste começam a emergir quando os filhos dos grupos dominantes nos Estados convergiam para Recife e Salvador, por estes serem, além de centros comerciais e exportadores, centros de formação na área da saúde, cultura e educação: “A faculdade de Direito do Recife e o Seminário de Olinda eram os locais destinados à formação superior, bacharelesca, das várias gerações dos filhos dos abastados rurais” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 85).

Nessa direção, Medeiros Filho (1988) pontua que,

Pela penúltima década do século passado, certos fazendeiros caicoenses tiveram a iniciativa de mandar alguns de seus filhos estudarem, no Recife e Bahia, cursos de Medicina e Direito. Tal iniciativa abriu um novo ciclo de atividades na terra seridoense, que teve alargados os seus horizontes intelectuais. Assim (...) O capitão Manuel Maria do Nascimento Silva teve também o prazer de ver um filho, Manuel Gomes de Medeiros Dantas, cursar as ciências jurídicas e sociais, àquela mesma época. (MEDEIROS FILHO, 1988, p. 192).

Ao concluir o curso de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Manoel Dantas foi contemplado com um artigo escrito pelos seus colegas de redação do Jornal *O Povo* congratulando-o por sua formação. No artigo intitulado *Manoel Dantas*,

¹⁹⁸ Para maiores informações ler: PINHEIRO, Rosa Aparecida. **Educação e modernização em Henrique Castriciano**. Natal: EDUFRN, 2005. MARQUES NETO, Cosme Ferreira. Da necessidade de uma “nova” escola só para moças: Henrique Castriciano de Souza e a modernidade pedagógica norte-rio-grandense (1911 – 1923). **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

¹⁹⁹ MORAIS, Isabela Cristina Santos de. A atuação de Manoel Dantas na Instrução Pública NorteRio-grandense (1897-1924). 154 p. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

publicado na edição do dia 7 de dezembro do ano de 1890, os redatores do jornal *O Povo* (1890) afirmam:

Perante a Faculdade de Direito do Recife prestou acto do 5º anno no dia 11 do mez passado, e recebeu gráu de bacharel em sciencias juridicas e sociaes o nosso chefe de redacção Manoel Gomes de Medeiros Dantas. Desde os seus primeiros passos na vida litteraria revelou Manoel Dantas a superioridade de sua intelligência e o amor as letras (...) Gloria da mocidade seridoense Manoel Dantas entra para a vida publica sob os melhores auspicios, visando um futuro brilhantissimo. D'aqui lhe enviamos os nossos parabens e nos congratulamos com os seus progenitores por verem tão dignamente coroados os seus esforços. (O POVO, 1890, p. 1).

Assim, ao concluir o curso, Manoel Dantas, retorna o Rio Grande do Norte ingressando na carreira política e na advocacia. Posteriormente assume diversos outros cargos, como, juiz, jornalista e Diretor da Instrução Pública. Alguns dos cargos que exercia, por vezes, eram de forma simultâneos. Esteve na Direção da Instrução Pública do Rio Grande do Norte por mais de 25 anos, sendo decisivo nas políticas educacionais do estado.

Felipe Neri de Brito Guerra

Foi o quarto presidente da LERN, exerceu a presidência de 1924 a 1942. Nasceu em 1867 na cidade de Augusto Severo, atual Campo Grande (RN), filho do Barão Luís Gonzaga de Brito Guerra e da Baronesa Josefina Augusta da Nóbrega. Coursou Direito na Faculdade de Olinda e Recife, concluindo o curso em 1890, sendo aluno de Tobias Barreto, à época. Eleito deputado estadual em 1891, exerceu o segundo mandato em 1936. Esteve no cargo de Promotor Público na Cidade de Apodi (RN), e foi Juiz de Direito de Macau, Caicó e Mossoró. Exerceu o cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça do estado. Ocupou vários cargos no estado, como escritor, professor de várias gerações e diretor do Departamento Geral de Educação do Estado, quando atuava na função de Secretário de Educação, trabalhou como professor da Escola Doméstica de Natal na disciplina de Direito.

Felipe Guerra demonstrava ser um exímio pesquisador, tendo publicado vários trabalhos, com destaque para *Seca contra a Seca*, que recebeu honras como clássico nacional. Sua posição política contrária a família Albuquerque Maranhão, rendeu a

Felipe Guerra e a outros magistrados aposentadoria compulsória (sem vencimentos), voltando ao cargo somente onze anos depois. “Magistrado culto, simples, de alta fibratura moral, era um exemplo digníssimo de saber e caráter” (CASCUDO, 1955, p. 498).

Sendo Lima (2004), Felipe Guerra chegou a Natal em 1918 e, logo depois, estava participando do corpo docente da Escola Doméstica, ensinando a disciplina Direito Usual, além de integrar o Conselho Diretor da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, do qual, posteriormente, acabaria sendo Presidente. Seu período administrativo foi o segundo mais longo na história da instituição. Igualmente aos outros membros da LERN, as filhas de Felipe Guerra foram alunas da Escola Doméstica de Natal, tendo Caetana de Brito Guerra assumido a gestão da instituição por cinco anos. O filho Otto de Brito Guerra, também formado pela Faculdade de Direito de Recife, foi Promotor Público e contribuiu decisivamente na fundação da Escola de Serviço Social de Natal e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo o primeiro vice-reitor da instituição.

Varela Santiago Sobrinho²⁰⁰

Exerceu a função de presidente da Liga de Ensino de 1942 a 1972. Varela Santiago é um nome de referência na medicina do Estado do Rio Grande do Norte. Nasceu em 1885, no município de Touros (RN) e fez o curso primário com o Professor Ernesto Nunes Tavares, se mudando depois para Natal onde aos 13 anos prestou exame para ingressar no Atheneu Norte-rio-grandense. Em 1904 entrou no curso de medicina da Bahia, cursando por quatro anos. Mudou-se para o Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1910. Defendeu a tese intitulada *Estudo Clínico das Paralisias consecutivas à sífilis cerebral*. Ao concluir o curso de medicina, convida seus amigos de classe Waldemar Antunes, Nelio Tavares e José Inácio de Carvalho para trabalharem com ele em Natal. De acordo com Galvão (2018), Varela Santiago viajou em 1911 à Europa em busca de aperfeiçoamento dos seus estudos. Esteve inicialmente em Paris na Universidade de Sorbonne, estagiando nos hospitais *Necker, Hotel-Dieu e Salpêtrière*. Viajou depois à Suíça, fazendo estágio em hospitais na cidade de Lousanne²⁰¹. Retornou ao Brasil em 1912.

²⁰⁰ Ver: GALVÃO, Cláudio. **Varela Santiago**: um apóstolo entre nós. Jovens Escribas. Natal, 2017.

²⁰¹ A REPUBLICA, 14 de novembro de 1912.

Montou consultório em Natal e, definitivamente instalado, Varela Santiago fazia consultas gratuitas as pessoas que não tinham condições de pagar, sendo estas às segundas e sextas, das 16h às 17h, em seu consultório à Rua Santo Antônio n. 32²⁰². Já em 1914 anunciava nos jornais, mas em outro endereço:

Com prática médico-cirúrgica nos hospitais de Paris e Louseanne, dá consulta das 8 às 11 e das 2 às 6 à praça Augusto Severo, 6. Possui um arsenal cirúrgico completo; faz todos os exames de química e microscopia indispensável à precisão dos diagnósticos; emprega com ótimo resultado o neosalvarsan (914) no tratamento da sífilis em todas as suas modalidades. (A REPUBLICA, agosto de 1914).

Ingressou no corpo docente da Escola Doméstica em 1915, por convite do presidente Meira e Sá, ministrando as cadeiras de Puericultura, Anatomia e Higiene. Foram inúmeras as contribuições de Varela Santiago à instituição com suas ideias e inovações. Participou de modo ativo na educação do estado, dedicando-se as campanhas de higienismo na capital e no interior.

Em 1916, o professor Luiz Soares, diretor do Grupo Escolar Frei Miguelinho, fundou uma cooperativa destinada a amparar os alunos do estabelecimento que, em sua maioria, eram oriundos de famílias carentes do bairro do Alecrim. Tal empreendimento contou com a participação de Varela Santiago, que visitava periodicamente a escola, examinando e medicando as crianças doentes. O programa de assistência aos alunos do grupo Padre Miguelinho constava com a observação das condições higiênicas do local e do estado geral de saúde das crianças. Ele ministrava palestras as crianças e professores. Assim, em nove de agosto, ministrou uma conferência sobre o tema *O álcool, sua influência na família e na sociedade: combate ao alcoolismo*. A palestra contou com a presença do Dr. Manoel Dantas, Diretor Geral da Instrução Pública.

Onofre Lopes da Silva

Exerceu a presidência da LERN de 1972 a 1984. Com a renúncia de Varela Santiago, por motivo de doença, assumiu a presidência da LERN outro médico, o Dr. Onofre Lopes. Lima (2004) afirma que Onofre Lopes recebeu ajuda financeira do governador José Augusto, 1926, para ingressar na Faculdade de Medicina do Recife. Desse modo, para se manter, trabalhou como professor de uma escola para carvoeiros

²⁰² A REPUBLICA, 6 de maio de 1913.

e como representante de laboratórios médicos. Em 1928, transferiu-se para a Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro. Na então capital federal, também trabalhou como representante de laboratórios farmacêuticos.

Foi aprovado em primeiro lugar no concurso para estagiário do Hospital da Marinha, na Ilha das Cobras. No curso de medicina no Rio de Janeiro, foi aluno de grandes mestres, como Miguel Couto e Carlos Chagas, sendo este o paraninfo de sua turma (1932). Após concluir o curso de medicina, Onofre Lopes foi aos Estados Unidos fazer estágio de aperfeiçoamento em cirurgia.

Iniciou suas atividades profissionais em Natal, atuando na Junta Médica da Inspetoria dos Portos, onde conheceu o Dr. Januário Cicco, que o convidou para trabalhar no Hospital Miguel Couto. Trabalhou também como assistente do Dr. Aderbal de Figueiredo, na clínica Urológica. Entre 1933 e 1935, atuou como diretor do leprosário São Francisco, em Natal. Além de suas atividades como cirurgião, com consultório privado, desenvolveu diversas atividades: médico legista do departamento de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Norte; médico do Instituto de Proteção e Assistência à Infância (I.A.P.I), onde trabalhou com Varela Santiago; foi membro do conselho penitenciário do estado; professor de Anatomia e Fisiologia da escola de Serviço Social e da Escola Doméstica; professor do Curso de Samaritanas da Cruz Vermelha; chefe da Clínica Cirúrgica do Hospital Miguel Couto.

Osório Bezerra Dantas

Exerceu a presidência de 1985 a 1999. Após alguns meses do falecimento de Onofre Lopes, a presidência da Liga passou a ser ocupada por Osório Dantas, filho de Manoel Dantas, que foi presidente da LERN sessenta e quatro anos antes. Professor, empresário, desportista, Osório Dantas estava sempre disponível a participar de tudo que resultasse em interesse da comunidade.

Foi jornalista, trabalhando como assessor direto de Assis Chateaubriand, nos *Diários Associados*. Destacou-se como um dos maiores conhecedores e incentivadores da cotonicultura do estado. Teve efetiva participação na UFRN como professor de Economia e Administração do Colégio Agrícola de Jundiá; professor e um dos criadores do curso de Tecnologia Têxtil, além de membro, por vários anos, do Conselho Universitário, como representante das classes empresariais.

Manoel de Medeiros Brito

Após a renúncia de Osório Dantas, por motivo de saúde, Manoel de Brito assumiu a Presidência da Liga de ensino em 25 de março de 1999. Sua atuação como membro e dirigente da LERN tem garantido um bom funcionamento até os dias atuais. Participa de modo efetivo da administração do complexo educacional Noilde Ramalho, composto pela Escola Doméstica de Natal, Colégio Henrique Castriciano e o Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). Um homem culto, educado e com uma formação ímpar, sendo referência na história política do estado.

Teve formação inicial no Seridó, estudando no Grupo Escolar Antônio de Azevedo, em Jardim do Seridó. Concluído o primário, mudou-se para Natal onde cursou o secundário no colégio Atheneu. Em 1950, ingressou na Faculdade de Direito no Rio de Janeiro e, ao concluir o curso, retorna ao Rio Grande do Norte. Período que retoma os contatos políticos, sendo então, eleito Deputado Estadual, em 1954.

Exerceu diversos cargos públicos, entre outros ressaltamos aqueles que constam nos documentos analisados: Chefe do Escritório de Representação do Governo do Estado, na Capital Federal; Assessor Parlamentar; Procurador Advogado dos Feitos do Estado; Ministro do Tribunal de Contas; Secretário Chefe do Gabinete Civil; Secretario Estadual do Interior e Justiça por oito anos; Secretário do Interior, Justiça e Segurança Pública.

Adentrando na Escola Doméstica de Natal, encontramos Manoel de Brito circulando pelos corredores, um senhor amável, de gestos simples, tranquilo e atento a tudo que diz respeito à LERN e o complexo educacional Noilde Ramalho. Numa simples conversa é possível dialogar a respeito de acontecimentos ocorridos nas quatro últimas décadas do século XX e início do século XXI, tendo a possibilidade de se inteirar das mais fascinantes histórias das cenas política partidária do RN e entender como se davam as disputas eleitorais acirradas.

2 LISTA DE LIVROS ENCONTRADOS NA BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS:
HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA²⁰³

- AYMARD, André. **Oriente e a Grécia Antiga**: civilizações imperiais do Oriente.
- BRANISLAW, Malinowski. **Libertad y civilizacion**. Buenos Aires, Editora Claridad: 1948.
- ERNESTO, Renan. **O Anti-Cristo**. Porto Chardron, 1909.
- ERNESTO, Renan. **Vida de Jesus**: Origens do Cristianismo. Porto, 1905.
- HIPPOLYTO, Raposo. **Boa gente**, Coimbra Ironca Amado. Ed 1911.
- MALHEIROS, Agostinho Marques Perdigão. **A escravidão no Brasil**: ensaios jurídicos sociais. 1944.
- MANGABEIRA, Ruy. **O estadista da República**. São Paulo, Martins. 1946.
- MANN, Ludwig Heinrich. **El Pensamiento Vivo de Nietzsche**, Editora Losada, Buenos Aires.
- MANN, Thoma. **As confissões de Felix Krull**. Editora, Boa Leitura, São Paulo.
- MANTEGAZZA, Paulo. **O elogio a velhice**. 1905
- MARIAN, Paul. **O paraíso Moscovita**, 1931.
- MARTINS JUNIOR, Izidoro. **A poesia Científica**. Recife, Imprensa Industrial, 1914.
- MASPERO, G. **Historie Generale de L'art Egypte**. G. M, Paris: Libraire Hachett et Cic. 1912.
- MASTERS, Edgar Lee. **O pensamento vivo de Emerson**. Martins, São Paulo. 1940.
- MAURIAC. Francois. **O pensamento vivo de Pascoal**. Martins – 1941. São Paulo.
- MELLO E SOUZA, Julio. **Matemática divertida e fabulosa**. Getulio Costa, 1942, Rio de Janeiro.
- OLIMPIO, J. RAMOS, Arthur. **Loucura e Crime**, 1937
- RADIN, Paul. **Indians, of South American**. Dorian Doubleday, Dorian Company, 1942.
- RALPH, J. **Conhece-te pela psicanalise**, Rio de Janeiro.
- REBAUDDI, A. **Um tirano de Sudamerica**: Francisco Solano Lopez. Buenos Aeres, 1925
- REINACH, Soloman Apollo: **Historie Generale das Arts Plastiques Professec a L'Ecole du Louvre** 1910, Paris: Hachete, 1910.

²⁰³ Os livros encontram-se na Biblioteca de Obras Raras do Centro Universitário do Rio Grande do Norte.

REVENTLOW, Conde de. **Alemanha no tribunal de Justiça**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1926.

RIBEIRO, Emanuel. **O doce nunca amargou ...** Doceria Portuguesa, Historie, Decoração e Receituário. Coimbra. Imprensa Universo. 1928.

RIBEIRO, Emanuel. **Grande Seara**: problemas de Artes. Imprensa Industrial Gráfica – 1934.

RIBEIRO, Leonidas. **Archivos de Medicina Legal e identificação**, 1933.

RODRIGUES, José Honório. **Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil**, 1945.

ROCHA, Martins. **Amoras a margem da história**, Lello, Lisboa; 1934.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação Para a Democracia**

3 CORPO DOCENTE DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL EM 1918

O corpo docente da escola, à época era composto por intelectuais da sociedade do Estado do Rio Grande do Norte, por Norte-americanas e uma professora formada no Colégio Batista em Recife.

Dr. Francisco De Salles Meira e Sá (Juiz Federal) – **português**

Dr. Henrique Castriciano de Souza – (Vice-governador do estado do Rio Grande do Norte) – **Educação Social**

Dr. Manoel Dantas (Diretor da Instrução Pública) – **Geografia, Direito Usual**

Dr. Varella Santiago (Médico do Hospital de Alienados e Diretor do Instituto de Assistência à Infância) – **Medicina do Lar e Puericultura**

Miss Leora James (Diplomada pelo Peace Institute e pela Columbia University – New York, foi diretora da Escola Superior do Estado da Virginia) – **Matemáticas, Química, Lavanderia, Caligrafia**

Miss Stella Minor – (Universidade de Missouri) – **Cozinha, Costura e Engomado.**

Miss. Alice Rives (Winthrop Normal Universidade da Geórgia) – **Agricultura, Industrias, e Inglês**

Mlle. Susanne Loison (Collegio de Charles na França) ~ **Cultura Física e Francês**

D, Beatriz Carneiro Leão (Collegio Americano Batista em Recife) - **Português e História Miss.**

Rosa James (Watts Hospital) - **Medicina do lar e Puericultura.**

ANEXOS

1 SUBVENÇÕES DA UNIÃO A LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE

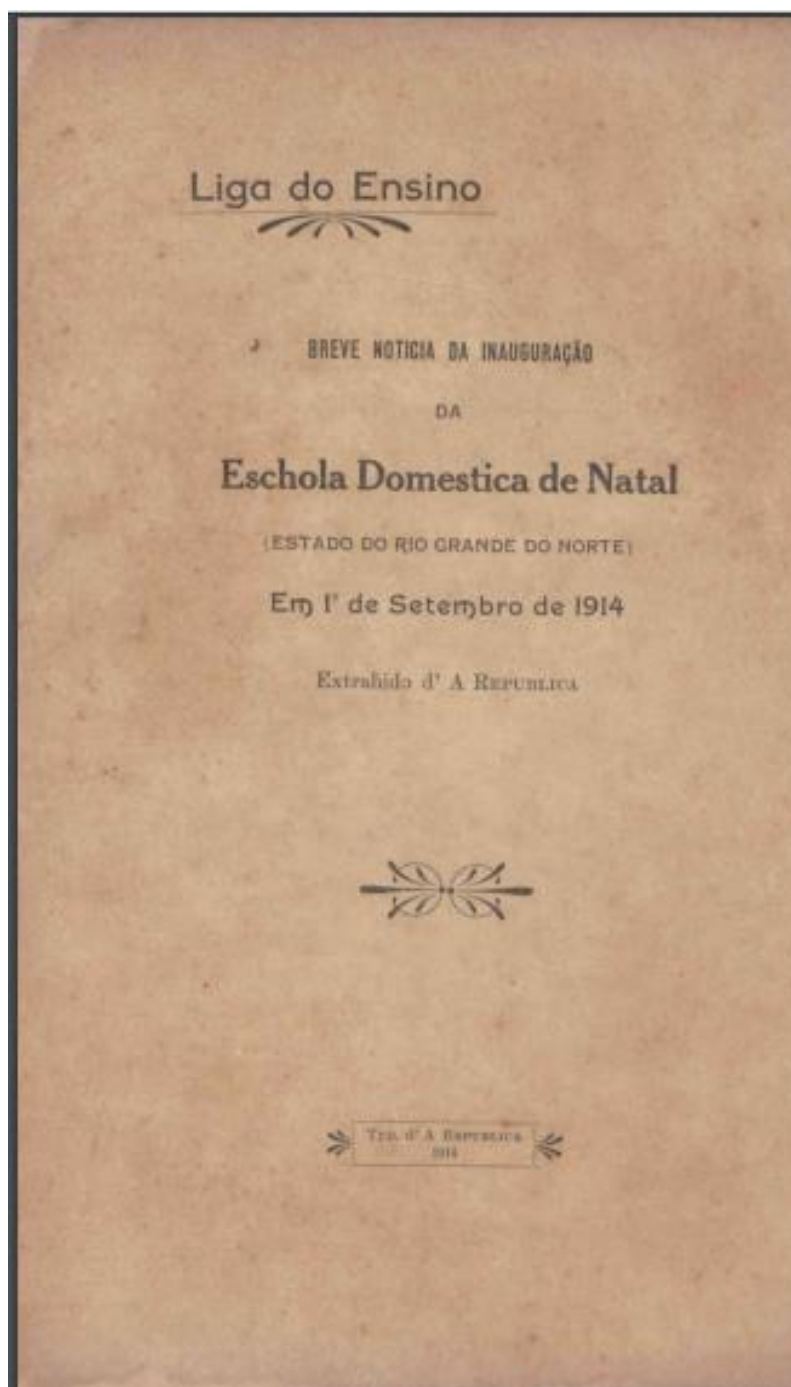
RIO GRANDE DO NORTE	
1. Associação das Damas de Caridade, de Natal.....	10.000,00
2. Associação de Caridade Mantenedora do Dispensário Sinfrônio Barreto, de Natal.....	15.000,00
3. Associação Educadora Caicoense, de Caicó.....	2.000,00
4. Colégio de Santa Águeda, de Ceará-Mirim.....	5.000,00
5. Colégio Santo Antônio, de Natal.....	10.000,00
6. Educandário Santa Terezinha do Menino Jesus, de Caicó.....	5.000,00
7. Escola de Comércio de Natal, de Natal.....	10.000,00
8. Ginásio de Nossa Senhora das Neves, de Natal.....	5.000,00
9. Ginásio Diocesano Seridoense, de Caicó.....	3.000,00
10. Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio Grande do Norte, de Natal.....	15.000,00
11. Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, mantenedora da Escola Doméstica de Natal, de Natal.....	50.000,00

Fonte: Relatório geral da União 1937

Ministério da Educação e Saúde	
1 — Associação de Caridade mantenedora do Dispensário Sinfônico Barreto — Natal.....	20.000,00
2 — Associação das Damas de Caridade — Natal.....	10.000,00
3 — Associação Educadora Caicoense — Caicó.....	5.000,00
4 — Casa do Pobre — Caicó.....	50.000,00
5 — Colégio de Santa Agueda — Ceará-Mirim.....	5.000,00
6 — Colégio Santo Antônio — Natal.....	10.000,00
7 — Escola de Comércio de Natal — Natal.....	10.000,00
8 — Escola Técnica de Comércio Santa Terezinha — Caicó.....	5.000,00
9 — Externato Salesiano de São José — Natal.....	5.000,00
10 — Ginásio Diocesano Seridoense — Caicó.....	3.000,00
11 — Ginásio Nossa Senhora das Neves — Natal.....	5.000,00
12 — Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio Grande do Norte — Natal.....	15.000,00
13 — Liga de Ensino do Rio Grande do Norte — mantenedora da Escola Doméstica de Natal — Natal.....	25.000,00
14 — Ordem Terceira de São Francisco, mantenedora da Escola São José Caicó.....	3.000,00
15 — Orfanato Abigail Afonso — Martins.....	6.000,00
16 — Patronato da Medalha Milagrosa — Natal.....	10.000,00
17 — Sociedade Escolas e Ambulatórios São José — Natal.....	5.000,00
18 — Sociedade mantenedora do Hospital de Seridó — Caicó.....	10.000,00

Fonte: Relatório geral da União 1937

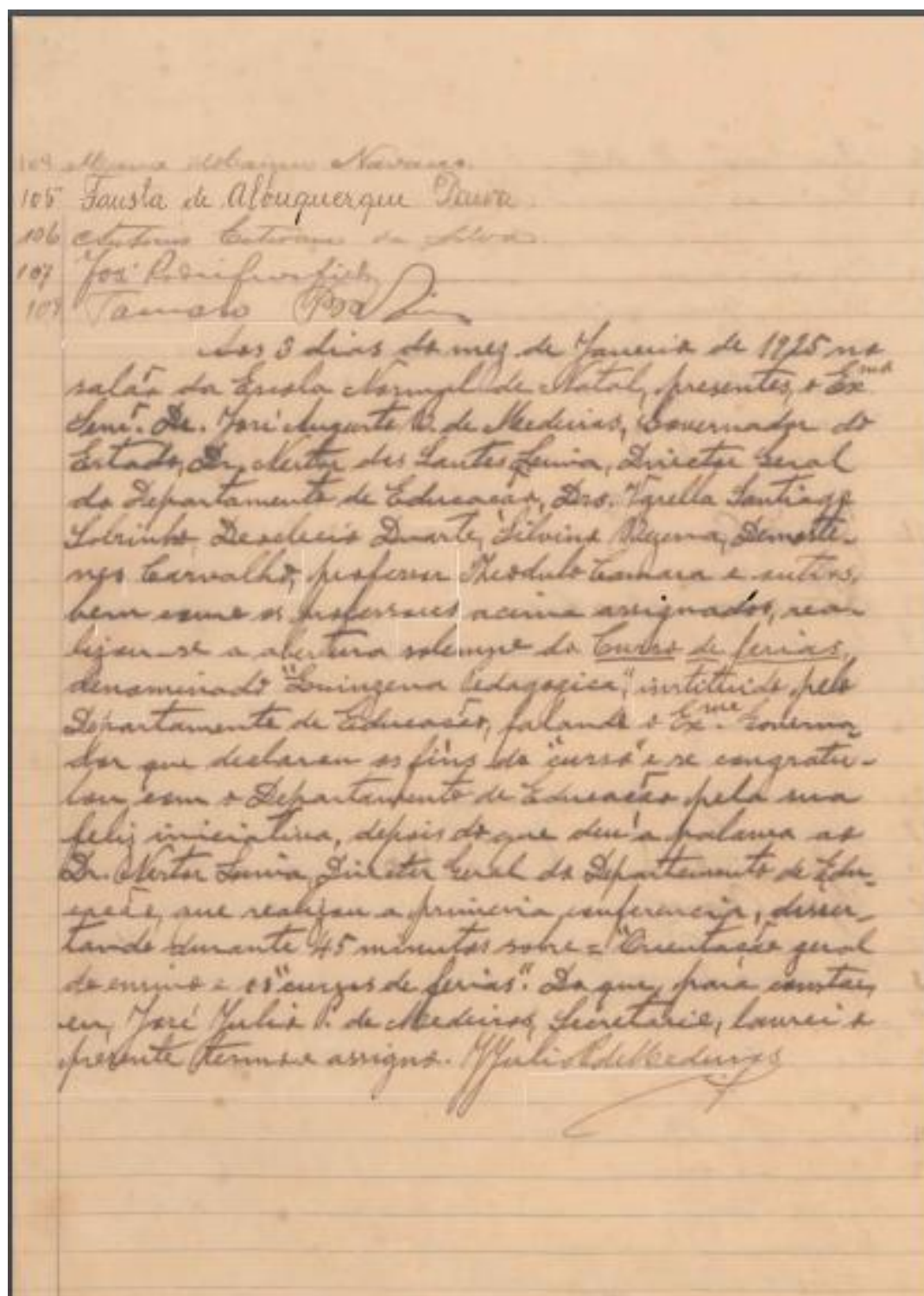
2 REVISTA DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE – BREVE NOTÍCIA DA INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL.



Fonte: Repositório do Laboratório de Imagens da UFRN – LABIM²⁰⁴

²⁰⁴<http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/bitstream/123456789/2146/1/Liga%20do%20Ensino.%20Breve%20not%c3%adcia%20da%20inaugura%c3%a7%c3%a3o%20da%20Eschola%20Domestica%20de%20Natal.%2001.09.1914..pdf> último acesso: 10/01/2020.

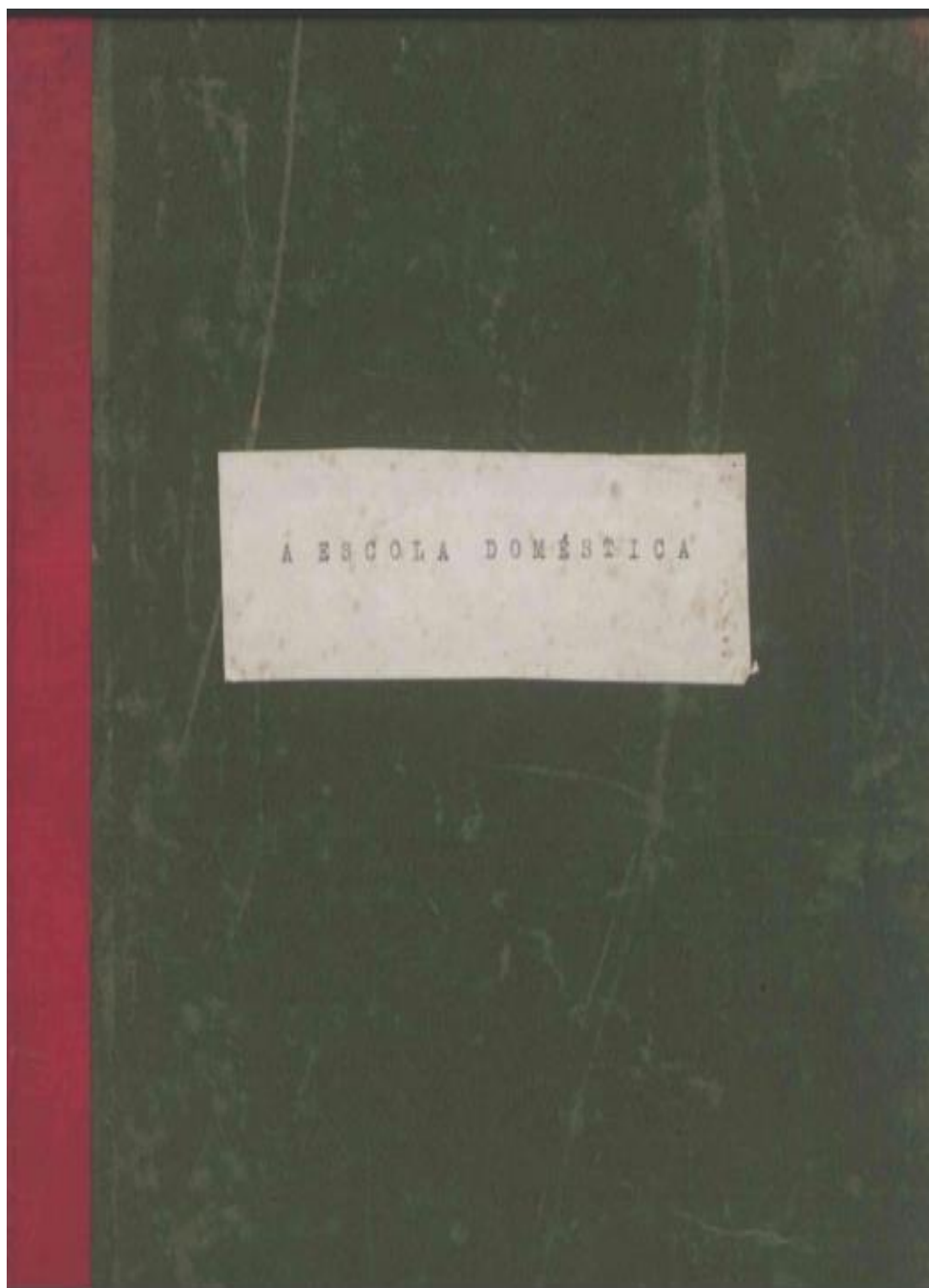
3 LIVRO DO CURSO DE FÉRIAS PARA OS PROFESSORES DO RN - 1925 E 1926



Fonte: Repositório do Laboratório de Imagens da UFRN – LABIM²⁰⁵.

²⁰⁵ <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/handle/123456789/2320> último acesso: 10/01/2020

4 LIVRO COM ALGUNS EXEMPLARES DO JORNAL O LAR



Fonte: Fonte: Repositório do Laboratório de Imagens da UFRN – LABIM²⁰⁶.

²⁰⁶<http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/handle/123456789/2052>. último acesso: 10/01/2020.

5 AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA – 1925



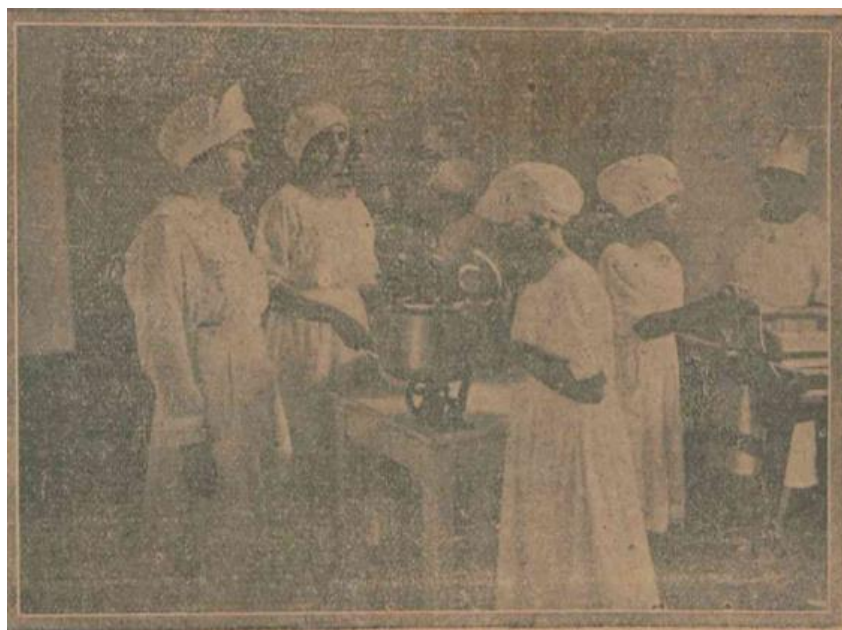
Fonte: Jornal o Lar – outubro de 1925

6 VOLTANDO DAS COMPRAS



Fonte: Jornal o Lar – outubro de 1925

7 AULA SOBRE FABRICAÇÃO DE MANTEIGA



Fonte: Jornal o Lar – outubro de 1925

8 CURSO DE MÚSICA, SOB A DIREÇÃO DO MAESTRO TOMAZ BALBINI



Fonte: Jornal o Lar – outubro de 1925

9 AULA DE COSTURA E BORDADO

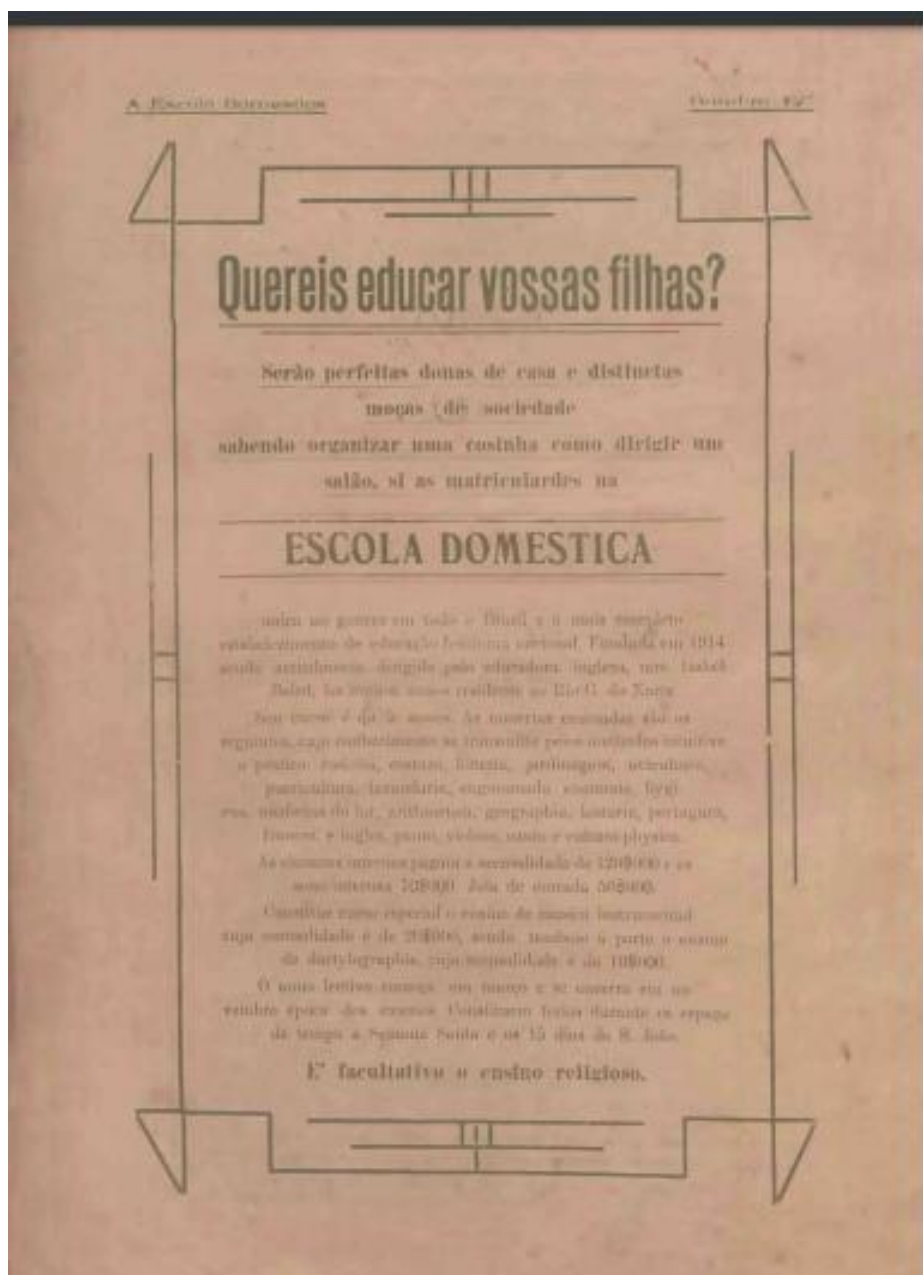


Fonte: Jornal o Lar – outubro de 1925

10 AULA PRÁTICA DE HIGIENE DO LAR, SOB A DIREÇÃO DO PROFESSOR VARELA SANTIAGO



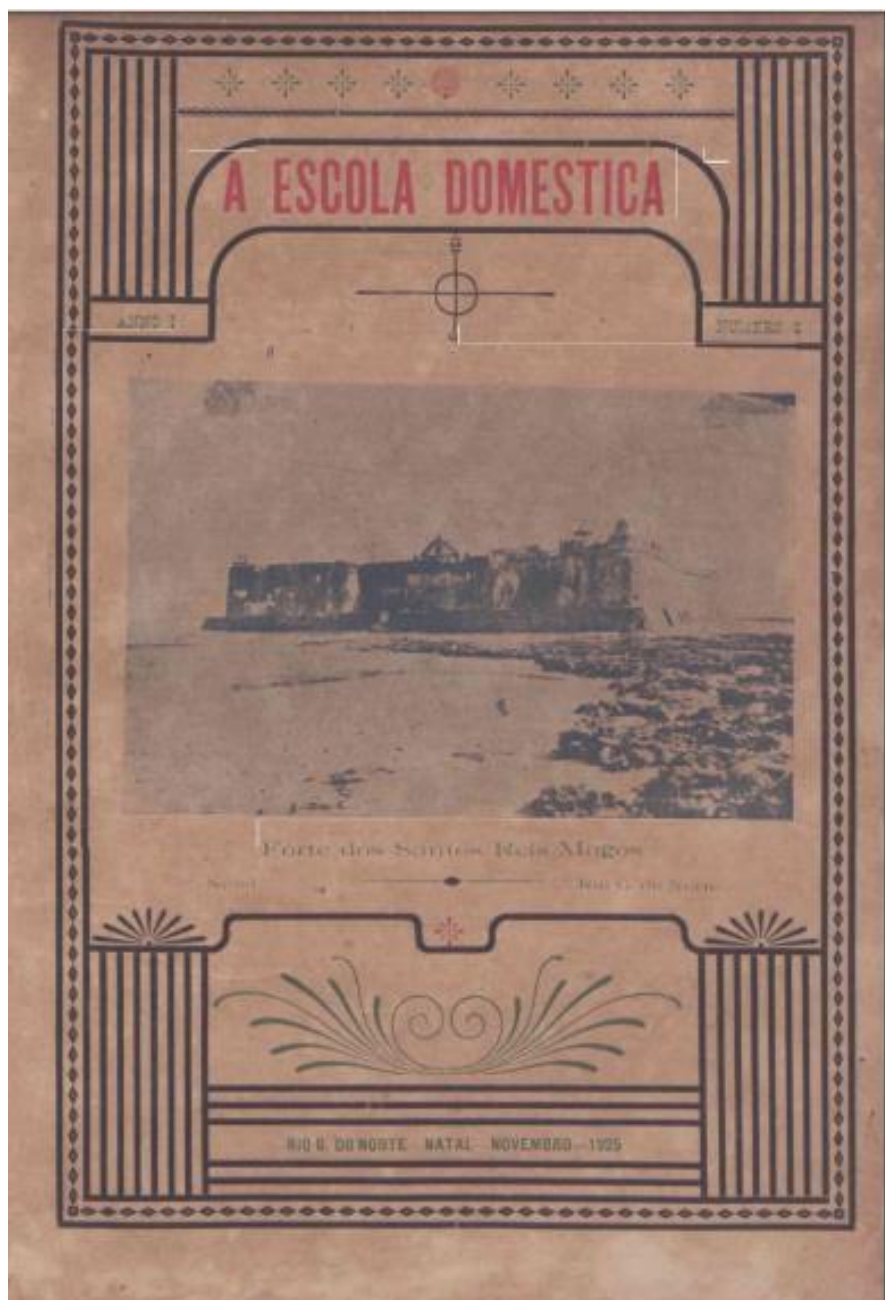
Fonte: Jornal o Lar – outubro de 1925



Fonte: Fonte: Repositório do Laboratório de Imagens da UFRN – LABIM²⁰⁷.

²⁰⁷<http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/handle/123456789/2052>. último acesso: 10/01/2020.

12 CAPA DO JORNAL O LAR, NOVEMBRO DE 1925



Fonte: Fonte: Repositório do Laboratório de Imagens da UFRN – LABIM²⁰⁸.

²⁰⁸ <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/handle/123456789/2052>. último acesso: 10/01/2020.

13 GRUPO DE FORMANDAS OU PROFESSORANDAS – 1925

Fonte: Jornal o Lar – outubro de 1925

14 PARTICIPANTES DO III CONGRESSO NACIONAL FEMINISTA EM AUDIÊNCIA COM O PRESIDENTE VARGAS – RIO DE JANEIRO /1936

Fonte: Biblioteca Nacional

15 AO DESEMBARCAR NO RIO DE JANEIRO, JUVENAL LAMARTINE DE FARIA, GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE E PATRONO DO VOTO FEMININO, É RECEBIDO POR AUTORIDADES E LÍDERES FEMINISTAS



Fonte: Biblioteca Nacional

16 I CONGRESSO INTERNACIONAL FEMINISTA NO RIO DE JANEIRO – 1922



Fonte: Biblioteca Nacional

17 BANQUETE OFERECIDO NO HOTEL GLÓRIA A JÚLIA BARBOSA, PRIMEIRA ELEITORA DO BRASIL, PELA FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO



Fonte: Biblioteca Nacional

18 FEMINISTAS NA RESIDÊNCIA OFICIAL DE JUVENAL LAMARTINE DE FARIA, GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE



Fonte: Biblioteca Nacional

19 CANÇONETA: A FEMINISTA

O TICO-TICO 8

A FEMINISTA
CANÇONETA

Allegro

De fi-mi-nis-mo sou parti-daria;
Quero a igualdade mais verdadeira;
A mulher deve ser voluntaria,
Igual ao homem, desta maneira;
Formando juntas do seu partido,
Deve ter voto nas eleições,
Embora vote contra o marido
Pela conquista das posições.

Se e-a fosse eleita p'ra deputada,
Então veriam p'ra quanto eu presto,
Pois não havia de estar calada
Nem um só dia, sem um protesto.
Protestaria contra o abuso
Destes senhores, nossos eguaes;
Contra os costumes e contra o uso
De achá-los sempre nossos rivaes.

E se eu chegasse a ser presidente
Desta republica... Ah! Que alegria...
Tudo mudava, pois, certamente,
Um outro gallo é que cantaria
Se duvidarem do que lhes digo,
Custa bem pouco experimentar
Para o futuro votem commigo
Ou no meu nome queiram votar.

NOTA—A personagem deve trazer chapéu e casaco de homem, collarinho, gravata, punhos, bengala, etc.

EUSTORGIO WANDERLEY — Recife, IX—1911

Fonte: Revista Tico-Tico, 1911

Em-bo-ra vo-te con-tra o ma-ri-do Pe-la con-quis-ta das po-si-ções

Allegro

I

Do feminis-mo sou parti-daria;
Quero a igualdade mais verdadeira;
A mulher deve ser voluntaria,
Igual ao homem, desta maneira;
Formando juntas do seu partido,
Deve ter voto nas eleições,
Embora vote contra o marido
Pela conquista das posições.

II

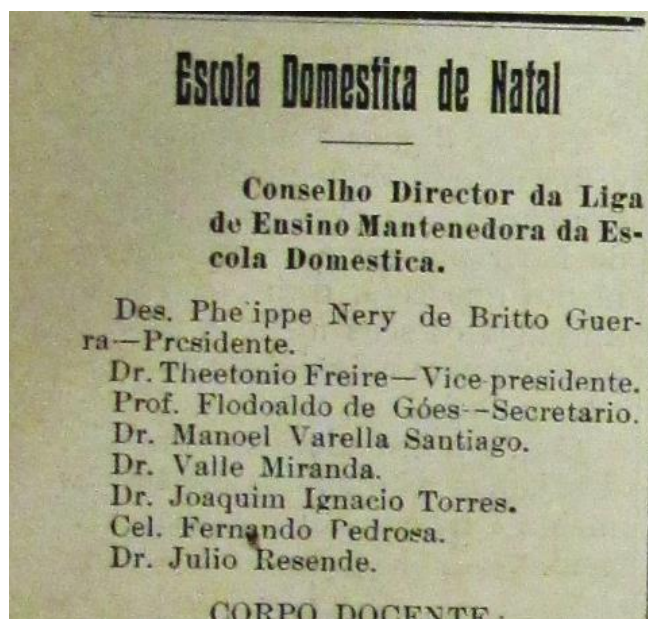
Se e-a fosse eleita p'ra deputada,
Então veriam p'ra quanto eu presto,
Pois não havia de estar calada
Nem um só dia, sem um protesto.
Protestaria contra o abuso
Destes senhores, nossos eguaes;
Contra os costumes e contra o uso
De achá-los sempre nossos rivaes.

E se eu chegasse a ser presidente
Desta republica... Ah! Que alegria...
Tudo mudava, pois, certamente,
Um outro gallo é que cantaria
Se duvidarem do que lhes digo,
Custa bem pouco experimentar
Para o futuro votem commigo
Ou no meu nome queiram votar.

NOTA—A personagem deve trazer chapéu e casaco de homem, collarinho, gravata, punhos, bengala, etc.

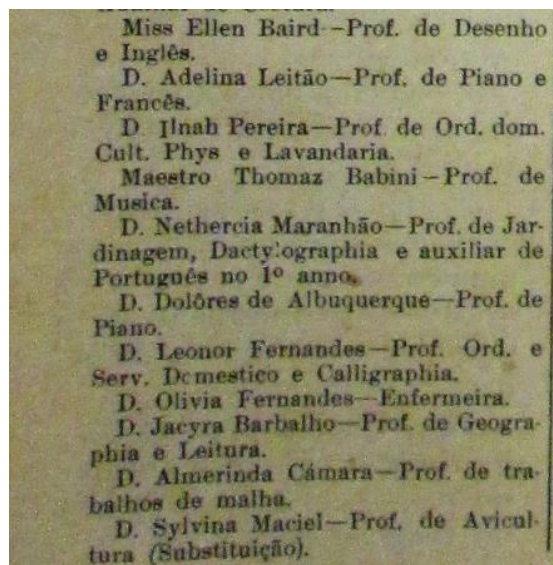
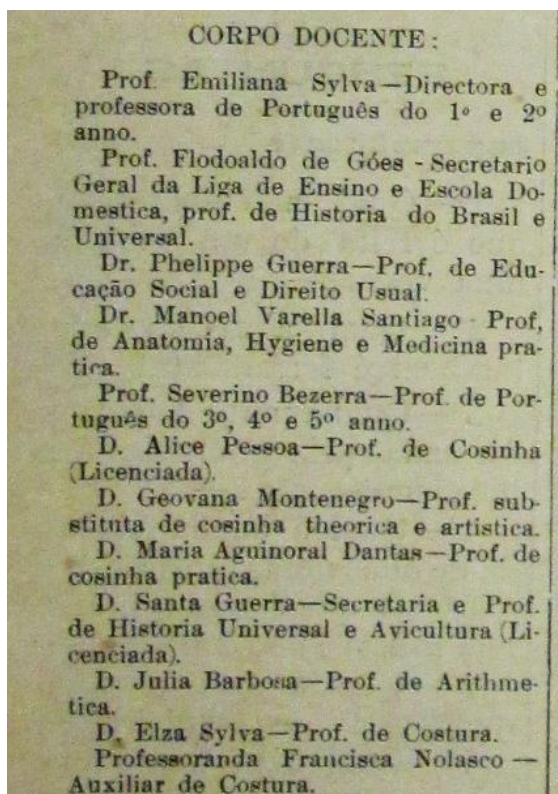
EUSTORGIO WANDERLEY — Recife, IX—1911

20 CONSELHO DIRETOR DA LIGA DE ENSINO – 1929

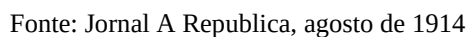


Fonte: Jornal o Lar – outubro de 1929

21 CORPO DOCENTE DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL – 1929



Fonte: Jornal o Lar – outubro de 1929



23 REPORTAGEM SOBRE A INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL

Escola Domestica

A Escola Domestica deve inaugurar-se no dia 1º de Setembro.

Esta noticia muito alegrava os que no Rio Grande do Norte se interessam pelas coisas do ensino.

O facto tem tanto mais significação quanto esse estabelecimento representa o esforço da iniciativa privada que aqui fundou a Liga do Ensino.

Essa associação da qual os homens de pouca fé tanto duvidavam realizou no Rio Grande do Norte o milagre de propagar e por fim ver realizada uma obra de cujo alcance pratico poucos ainda se apercebem.

Os povos bem avisados e, entre esses, sem favor, collocamos a Suissa, encontraram a chave do problema da educação, cuidando de preferencia de preparar a mulher, aparelhando-a para a vida moderna com uma profissão que lhe permitta ser uma concorrente capaz na lucta pela existencia.

Por outro lado, está verificado que, dada a preponderancia que tem a mulher na familia, é muito mais vantajoso para as classes medianas que ella tenha o preparo sufficiente para formar o espirito das filhas, dando-lhes firmeza de vontade e a educação civica indispensavel á vida das nações.

E' graças á homogeneidade do character colectivo que os povos se afirmam e prosperam incumbindo ás mães de familia papel de tal relevo, somente possivel si ella tem o preparo mental e moral, accommodado ás necessidades da civilização actual.

Foi pensando nessa missão educativa para uma finalidade nacional economica e politica tão vasta que os fundadores da Liga do Ensino, tendo de organizar a Escola Domestica, logo se lembraram de ir buscar á Suissa as professoras que devessem iniciar um curso moldado nos estabelecimentos congeneres existentes naquella paiz.

24 RESULTADO DOS EXAMES DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL – 1919

Escola Domestica

Resultado dos exames de 1919.

4º anno

Approvadas com distincção : Isabel Dantas, grão 9, 9; Deralice Barros, 9, 5; Maurila Guerra, 9, 4; Dulce Meira, 9.

Approvada plenamente, Emilia Oliveira, grão 8, 6.

Estas cinco alumnas receberam o diploma do curso domestico, sendo laureada a alumna Isabel Dantas.

2º anno

Algebra — Approvadas com distincção : Alzina Azevedo, grão, 9 $\frac{1}{2}$; Odette Loureiro, 9 $\frac{1}{2}$; Approvadas plenamente : Izabel Bezerra, grão 9; Eunice Nobre 8 $\frac{1}{2}$; Edelweiss Jacome, 8 $\frac{1}{2}$; Ignez Dantas, 7 $\frac{1}{2}$.

Reprovada, 1.

Anatomia — Approvada com distincção : Alzina Azevedo, grão 9 $\frac{1}{2}$.

Approvadas plenamente : Odette Loureiro, e Eunice Nobre, grã 8.

Approvadas simplesmente : Olga Loureiro e Eunice Nobre, grão 8, 6 $\frac{1}{2}$.

Calligraphia — Approvada com distincção : Alzina Azevedo, grão 9 $\frac{1}{2}$.

Approvadas plenamente : Odette Loureiro, grão 9; Olga Lamartine e Eunice Nobre, grão 8; Edelweiss Jacome, Isabel Bezerra e Ignez Dantas, 7 $\frac{1}{2}$.

Cosinha — Approvadas com distincção : Alzina Azevedo, Izabel Bezerra e Edelweiss Jacome, grão 9 $\frac{1}{2}$.

Approvadas plenamente : Ignez Dantas e Odette Loureiro, grão 9; Eunice Nobre, 8 $\frac{1}{2}$; Olga Lamartine, 8 $\frac{1}{2}$; Izabel Bezerra, 8 $\frac{1}{2}$.

Francez — Approvadas plenamente : Alzina Azevedo e Edelweiss Jacome, grão 9; Odette Loureiro, 7 $\frac{1}{2}$; Eunice Nobre, 7 $\frac{1}{2}$.

Approvadas simplesmente : Ignez Dantas, grão 6 $\frac{1}{2}$; Izabel Bezerra, 6; Olga Lamartine, 5.

Historia Universal : Approvadas com distincção: Edelweiss Jacome e Odette Loureiro, grão, 10; Alzina Azevedo e Izabel Bezerra, 9 $\frac{1}{2}$; Ignez Dantas e Eunice Nobre, 9 $\frac{1}{2}$.

Approvada plenamente : Olga Lamartine, grão 9.

Ingléz — Approvada com distincção : Alzina Azevedo.

Approvadas plenamente : Odette Loureiro, grão 8 $\frac{3}{4}$; Ignez Dantas, 8; Eunice Nobre 7 $\frac{3}{4}$ e Olga Lamartine, 7.

Jardinagem — Approvadas com distincção: Alzina Azevedo, Izabel Bezerra, grão 9 $\frac{3}{4}$; Ignez Dantas, Edelweiss Jacome, e Odette Loureiro, 9 $\frac{1}{2}$; Olga Lamartine e Eunice Nobre, 9 $\frac{1}{2}$.

Arithmetica — Approvada com distincção : Berthilde Guerra.

Approvadas plenamente : Santa Guerra, Maria de Faria, Yolanda Barbalho, Anatilde Falcão, Maria Praxedes, grão 8 $\frac{1}{2}$; Sarvia Machado, 8 $\frac{1}{4}$; Giselia Brandão, Lysette Loureiro, 8; Floripes Torres, Anna Gomes, 7 $\frac{1}{2}$; Alda Gueiros, Nensa Pinheiro, Alice Camara, Dolores do Couto, Maria de Almeida, 7.

Approvadas simplesmente: Irene Pinheiro, Lourdinha Barretto, grão 6 $\frac{3}{4}$; Digna de Faria, Irene Hypólito, 6 $\frac{1}{4}$; Ruth Torres, Ricardina Falcão, 9; Maria Antonietta Pereira, 5 $\frac{3}{4}$; Elza Silva, 5 $\frac{2}{3}$.

Reprovadas, 3.

Reprovadas, 5.
Calligraphia — Aprovadas com distincção: Ruth Torres e Sarvia Machado.

Aprovadas plenamente: Yolanda Barbalho, Irene Hypolito, gráo 9; Santa Guerra e Anna Gomes, 8 112; Maria de Faria e Berthilde Guerra, 8; Alice Camara, 7 314; Neusa Pinheiro, Maria Praxedes e Irene Pinheiro, 7 112; Giselia Brandão, Floripes Torres e Elza Silva, 7.

Aprovadas simplesmente: Lysette Loureiro gráo 6 112; Digna de Faria, Alda Gueiros, 6; Maria Antonietta Pereira, 5 112; Ricardina Falcão e Anathilde Falcão, 5.

Reprovadas, 6.

Cosinha — Aprovada com distincção: Alice Camara.

Aprovadas plenamente: Geselia Brandão, Berthilde Guerra, gráo 9; Santa Guerra, Digna de Faria, Maria de Faria, Lysette Loureiro, Sarvia Machado, 8 314; Alda Gueiros, 8 112; Irene Pinheiro, Neusa Pinheiro, Yolanda Barbalho, 8 114; Floripes Torres, 8 415; Ruth Torres, 8 115; Anna Gomes, 8; Irene Camara, 7.

Francez — Aprovadas com distincção: Santa Guerra, Yolanda Barbalho e Maria de Faria.

Aprovadas plenamente: Berthilde Guerra, Ruth Torres e Giselia Brandão, gráo 9; Lysette Loureiro, 7½; Neusa Pinheiro, 7½; Floripes Torres e Alice Camara, 7.

Aprovadas simplesmente: Alda Gueiros, gráo 6½; Irene Pinheiro, 6.

Geographia — Aprovadas plenamente: Santa Guerra, gráo 9; Giselia Brandão, Berthilde Guerra, Neusa Pinheiro, Floripes Torres, Ruth Torres, Yolanda Barbalho, 8; Maria de Faria, Digna de Faria, Lysette Loureiro, Sarvia Machado, Irene Pinheiro, 7.

Aprovadas simplesmente: Alda Gueiros, 6½; Alice Camara, Anna Gomes e Irene Camara, 6.

Historia do Brazil — Aprovadas com distincção: Santa Guerra, gráo 10; Berthilde Guerra, 9½; Neusa Pinheiro, Lysette Loureiro e Ruth Torres, 9½.

Inglez — Aprovadas com distincção: Yolanda Barbalho, Neusa Pinheiro.

Aprovada plenamente: Alice Camara, gráo 9; Alda Gueiros, Floripes Torres, Ruth Torres, Berthilde Guerra, Santa Guerra, 8½; Irene Pinheiro, 8½; Sarvia Machado, Anna Gomes, 7½; Lysette Loureiro, 8.

Portuguez — Aprovadas com distincção: Berthilde Guerra, Sarvia Machado, Yolanda Barbalho, Dolores do Couto, Irene Hypolito, Elza Silva, Anathilde Falcão.

Aprovadas plenamente: Maria Antonietta Pereira, gráo 9; Giselia Brandão, Maria Praxedes, Floripes Torres, Lysette Loureiro, Neusa Pinheiro, Santa Guerra, 8½; Maria de Faria, Ruth Torres, Zaira Gomes, 8; Irene Pinheiro, 7½; Lounsinha Barretto, Alice Camara, 7.

Aprovadas simplesmente: Digna de Faria, gráo 6½; Irene Camara, e Maria de Almeida, 6½; Ricardina Falcão e Laura de Araujo, 6.

Hygiene Pessoal — Aprovadas plenamente: Giselia Brandão, Maria de Faria, Lysette Loureiro, Santa Guerra, gráo 9; Berthilde Guerra, 8½; Ruth Torres, 8; Digna de Faria e Neusa Pinheiro, 7½; Alda Gueiros, 7½; Floripes Torres, 7½.

25 EXAME DE ADMISSÃO E EXAME DE SEGUNDA ÉPOCA – ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL

Escola Domestica

Os exames de admissão e de segunda epocha serão realizados nos dias seguintes:

1^o de Março — terça-feira — Algebra, H. do Brasil;
 2 de Março — quarta-feira — Portuguez.
 3 de Março — quinta-feira — Arithmetica;
 4 de Março — sexta-feira — Geographia, Francez;
 5 de Março — sabbado — Calligraphia.

1—E impreterivel que as alumnas precisando de prestar exames na segunda epocha se apresentem nos dias marcados. Não comparecendo nos dias determinados, a alumna não terá direito a um novo exame.

2—É necessario que as novas alumnas externas, ainda não matriculadas se apresentem para a matrícula sexta-feira e sabbado, 25 e 26 de Fevereiro, para se habilitarem a prestar os exames de admissão exigidos na primeira semana de Março.

3—A reabertura formal da Escola será na segunda-feira, 7 de Março, ás 2 horas da tarde.

4—As aulas começarão a funcionar regularmente na terça-feira, 8 de Março.

5—Exige-se a presença de todas as alumnas, externas e internas, na Escola, sabbado, 5 de Março, ás 2 horas da tarde. Exige-se tambem neste mesmo dia, a entrega dos boletins de informações distribuidos ás alumnas o anno passado.

O predio em que funciona o Estabelecimento acaba de passar por importante reforma e acha-se nas melhores condições de hygiene e conforto.

Fonte: Jornal A Republica – 23 de fevereiro de 1921.

26 METODOLOGIA DO ENSINO DE ARITMÉTICA

ARITHMETICA

O estudo da Arithmetica comportará a arithmetica propriamente dita e o systema metrico, com todas as suas applicações, desenvolvendo-se os programmas do curso elementar.

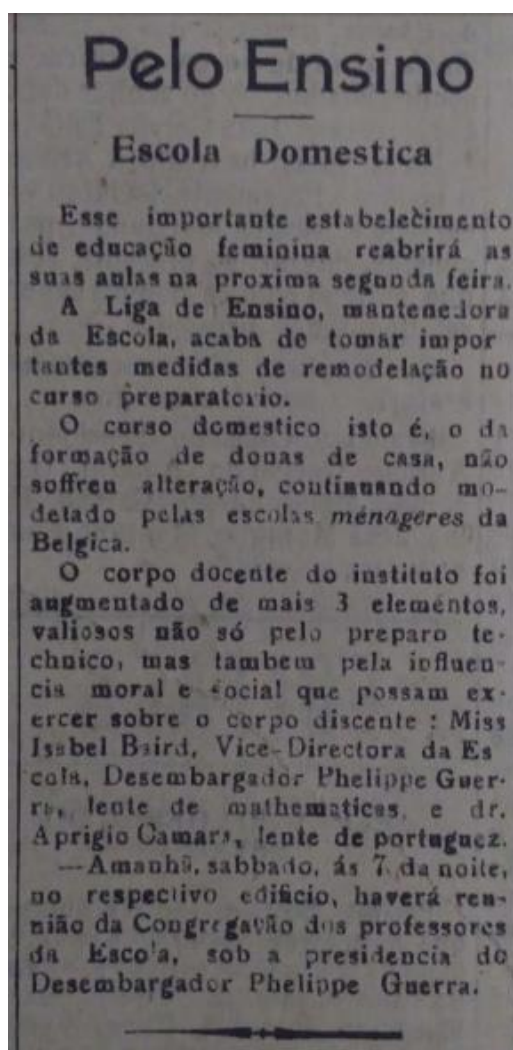
Quanto á arithmetica :

- Recapitulação da materia lecionada no curso elementar.
- Recapitulação especial da noção de potencia e de raiz, obtida desde a segunda classe elementar, e das notações correspondentes.
- Quadrado: motivo desta denominação dada á segunda potencia dos numeros; quadrado dos numeros inteiros, frações ordinarias e decimaes.
- Raiz quadrada. Effectuar praticamente a extração da raiz quadrada dos numeros inteiros, frações ordinarias e decimaes.
- Noção de numero complexo. Mostrar que todo numero complexo se pode reduzir a numero inteiro ou fração ordinaria. Problema inverso. Emprego actual dos numeros complexos apenas na medida ou avaliação do tempo e dos angulos. Sua substituição, na medida das demais grandezas, pelo systema metrico decimal. Vantagens deste em contraposição aos inconvenientes daquelle.

- Exercicios variados e problemas raciocinados abrangendo, sempre que possivel, o maior numero de conhecimentos adquiridos na materia.
- Quanto ao systema metrico :
- Revisão da materia dada no curso elementar.
- Noção de volume. Polyedros regulares e irregulares. Corpos redondos.
- Necessidade de medir o volume. Metro cubico; seus multiplos e submultiplos.
- Volumé do parallelepipedo rectangulo e do cubo, pela decomposição destes corpos em tantas secções, em cada uma das dimensões, quantas as unidades da aresta respectiva.
- Relação entre o metro cubico e seus multiplos e submultiplos.
- Ler e escrever numeros expressos em unidades de volume. Conversão dessas unidades umas nas outras.
- Exercicios e problemas raciocinados.

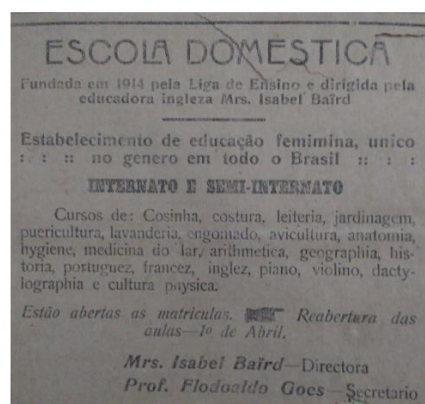
Fonte: Jornal A Republica, março de 1921.

27 CONTRATO DE TRÊS PROFESSORES PARA A ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL



Fonte: Jornal A Republica, março de 1925

28 ANÚNCIO DOS CURSOS OFERTADOS PELA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL



Fonte: Jornal A Republica, março de 1925



Fonte: Jornal A Republica, 1958.

Reforma Tarcísio Maia

Trabalho de elevação do nível educacional primário



REFORMA TARCISIO MAIA — O Clichê mostra um aspecto da primeira aula do curso sobre técnica do ensino ante-onfem instalada nesta capital, sob os auspícios da Secretaria de Educação e Cultura. As aulas são ministradas pela professora gaúcha (foto) Lia Campos.

Autênticas as fotografias do Disco Voador

Declaraciones do fotógrafo Baraúna

RIO, 24 (Asap.) — Uma nota do Ministério da Marinha em torno do caso de um submarino alemão, que se declarou ter sido fabricado em sua própria oficina, sobre o assunto foi enviado Barana, que disse que ainda era muito cedo para fazer uma encomenda de livros publicados pelo Mundo Ilustrado. Acrescentou o autor da reportagem Sr. Vinícius Lima, que não teve o mesmo objetivo e não se fez por "uma tecladista" e, em seguida, escreveu: "Coelho na página 10".

pelo Mundo Ilustrado e que este declarou terem sido fabricados em sua própria oficina. Sobre o assunto foi ouvido Barauna, que disse que ainda era amador quando fizera uma encomenda de fotos publicadas pelo Mundo Ilustrado. Acrescentou o autor da reportagem Sr. Vinícius Lima, que não teve outro objetivo se não o de fazer "uma testemunha", etc.

Concluindo a página —

Dia 28 início do pagamento do Funcionalismo

O Tesouro Estadual através a Secretaria das Finanças está anunciando para o próximo dia 28 do corrente, o início de pagamento do funcionalismo

(Continua na 2a. Pág.)

**Declarações da Professora Lia Campos —
Curso intensivo funciona no Dispensário
Sinfônio Barreto**

Materialismo é o que foi proposto pela reforma do ensino primário e normal no Rio Grande do Norte, encontrando-se em Natal a professora Lúcia Campos, a fim de administrar aulas de preparação e de orientação educacional. A orientadora técnica ganhou sua porta à disposição da Diretoria de Educação pelo IUPERJ, onde ela trabalhou até 1964, sendo substituída por D. Maria Nogueira, secretária do Plano de Educação do Rio Grande da Paraíba e responsável pela reforma de base de ensino em

professores a fim de prepará-los para a expansão da Reforma. Inicialmente salientamos os objetivos de mesma e orientamos no sentido da homogeneização das classes, isto é, o agrupamento das mesmas elevando o nível pré-adolescente.

— Julga que está mudando antigas, realmente?

— Não, mas que os alunos foram adotados, tentos de ampliar a intelectual e na classes se constituíram de alunos do mesmo nível de capacidade para aprender.

— Em seu contacto com

professores, como está "ecologicamente" da Reforma?"

— Sim, a intencionalidade, a existência e a disposição de trabalhar com as propostas para a criação do *currículo nacional* primário.

— É importante da reforma?

— Com ela serão prevenidas as finalidades preçisas da educação, levando a crise

Aproveite-os a oportunidade para extingui-la. A concessão acarreta sobre a produção

Verenigde Staten 1990

teadora Lúcia Campos e a reportagem foi dada ao menos esta: — O que tem a debruçar sobre a reforma e as cirurgias de orientação?

Em vista das declarações do Secretário de Educação, passa temas o diretor sobre a reforma do ensino primário. Adiantando que está estudando que não faz a reforma, paralelamente com o Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul e Pernambuco. De momento não prometerá efeitos de estudos para discutir e

32 CURSOS DO PROFESSOR MALBA TAHAN EM NATAL – RN – 1958

[illegible]

dencia pessoas de suas remunerações.

radadores, candidatou-se ao

Na Escola Normal Malba Tahan falou sobre os quatro Pilares da Educação

A presença do Prof. Júlio Cesar de Melo e Souza em Natal como docente do Curso de Aperfeiçoamento de Professores, instituído pela Secretaria da Educação levou ontem ao auditório da Escola Normal, onde o conhecido educador aoria sua primeira aula, escolhendo número de pessoas.

Justificando o interesse, não só por ser o visitante conferencista emérito e autoridade na ciência do ensino, como por se tratar de homem de letras, autor de mais de 80 livros de grande penetração.

Melo e Souza é o Malba Tahan das histórias orientais, da "Matemática Divertida e Curiosa", do sempre atual "O Homem que calculava".

E quem foi à Escola Normal não se decepcionou: a palavra do professor corresponde à obra do escritor.

O SECRETARIO PRESIDE

O ato foi presidido pelo Secretário da Educação, dr. Tarcisio Maia, que traçou o perfil literário do conferencista, acentuando a importância de que se revestia sua participação o Curso de Aperfeiçoamento de Professores.



A convite daquele titular, sentaram-se, ainda, à mesa, o dr. Angelo Varela, Secretário das Finanças, o Cel. José Reinaldo, Comandante da Polícia, o dr. Carlos Borges, Diretor do Departamento de Educação, o jornalista Jurandy Barroso, Diretor do Departamento de Imprensa, o Prof. Protasio Melo, Diretor do Ateneu Norte-Rio-Grandense, a Profa. Francisca Nolasco, Diretora em exercício da Escola Normal, o Irmão Miguel, Alípio, Vice Diretor do Colégio Santo Antônio, e o dr. Raimundo Nonato da Silva.

Na assistência anônima, entre outros, o escritor Veríssimo de Melo, o dr. Max Azevedo, Inspetor Seccional do Ensino Secundário, o prof. Gerson Dumaresq, o Professor Rodrigues Alves, o Prof. Joaquim (Presi-

dente da Associação de Professores), o Prof. Mario Cavalcanti o Prof. Ascendino Henrique o poeta Tales Andrade, estudantes e professores primários e secundários.

FALA MALBA TAHAN

Malba Tahan, ágil manejador das idéias, deixou de lado todo o protocolo, ao iniciar sua aula, e falou como velho e experimentado contador de histórias.

Por diversas vezes, correu pelo auditório um frouxo de riso, provocado pela maneira "suígeneris" — a classificação é do dr. Tarcisio Maia — com que se dirigia aos presentes o Prof. Melo e Souza.

Até as crianças riram, divertidas, o que demonstra saber o conferencista não somente a técnica do ensino, mas a arte de falar em público, sem cansar.

Tema: Os Quatro Pilares da Educação ou seja, Autoridade, Respeito, Amizade e Idealismo.

Malba Tahan, que chegou domingo a Natal, ficará dez ou doze dias na cidade.

E fará outras conferências, certamente muito concorridas.

EDIÇÃO DE HOJE

Cr\$ 2,00

Comissões promotoras

amanhã às quinze horas na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

IMPORTANTES ASSUNTOS SERÃO DISCUTIDOS

Na reunião de amanhã os "novos" discutirão por definitivo o programa do Congresso e redigirá o tomário e convocação, sendo indicados também os membros que deverão ir a diferentes capitais brasileiras pessoalmente convidar es-

Inaugurado um Saúde em F

Realizou-se no dia vinte e nove do mês p. passado, em Pendências, a inauguração de um Posto de Saúde naquela Cidade, trabalho que se processou pelo Departamento Nacional de Endemias Rurais em cooperação com a Secretaria de Saúde do Estado e Centro Social da Paróquia de Pendências.

O ato que teve caráter solene, foi presidido pelo prof. Manuel

Roteiro das conferências do professor Mélo de Sousa

HOJE AS 20 HORAS NA FACULDADE DE FILOSOFIA

Vem despertando o mais vivo interesse as conferências e aulas ministradas pelo professor Melo de Sousa (Malba Tahan), que se encontra nesta Capital a convite da Secretaria de Educação.

A conferência de ontem à noite do professor Melo de Sousa, foi pronunciada na Faculdade de Farmácia e Odontologia, sob o título: "Didática do Ensino Superior", estando presentes as mais importantes figuras do nosso mundo cultural.

PROGRAMA DE CONFERÊNCIAS

Continuando a série de conferências que vem pronunciando nesta Cidade, o professor Melo de Sousa juntamente com a Secretaria de Educação, organizou o seguinte programa:

Dia 10 (hoje quinta-feira) às vinte horas na Faculdade de Filosofia — "Fatos Curiosos da Vida de um Professor".

Dia 11 (sexta-feira), às vinte horas na Escola Doméstica — "As Aparências Enganam".

Dia 12 (Sábado), às vinte horas na Faculdade de Serviço Social — "Problema da Lepre no Brasil".

Dia 13 (domingo), às vinte horas na Academia Norte-Riograndense de Letras — "As Teorias do Dr. Péricles".

Associação Norte-Riograndense de Letras

Auspicia Conferência de Malba Tahan

Realiza-se, hoje, às 20 horas na sede do Instituto Histórico e Geográfico a palestra do professor Júlio Cesar de Melo e Souza e que terá os auspícios da Associação Norte-Riograndense de Letras.

O prof. Júlio Cesar de Melo e Souza é o famoso Malba Tahan de "A Sombra do Arco-Iris", "O Homem que calculava", e de interessantes estórias orientais, que vem despertando em nossa cidade o mais vivo interesse.

O presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras, académico Manoel Rodrigues, convida por nosso intermédio o público em geral, para prestigiar com sua presença, a palestra de Malba Tahan em hora e local acima determinados.



Esteve em nossa Cidade por alguns dias, como docente do Curso de Aperfeiçoamento de Professores, instituído pela Secretaria de Educação, o escritor Malba Tahan.

Por iniciativa do Secretário de Educação o conhecido matemático e contador de histórias orientais, pronunciou uma série de conferências em diferentes faculdades, colégios e academias de letras de nossa Capital.

Na foto, vemos o escritor Malba Tahan e o Dr. Tarcsio Maia, em palestra com o diretor desta página.

Prof. Mélo de Souza fala sobre o mal de Hansen

CONTA FATOS DA VIDA DOS LEPROSOS — RELATO SINCERO E HUMANO — PROGRAMA DE HOJE — NOTAS



MALBA TAHAN NA FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL — Detalhes da assistência; no alto o conferencista quando falava sobre: "O Problema da Lepra no Brasil".

Continuando com o mais absoluto sucesso o programa de conferências e aulas ministradas a convite da Secretaria de Educação, o Professor Mélo de Souza, pronunciou ontem às 20 horas na Faculdade de Serviço Social instrutiva palestra sobre o "Problema da Lepra no Brasil".

Abordou o Professor Malba Tahan o assunto de sua conferência de uma maneira interessante, historiou e comentou as origens da doença, disse ser o Brasil um dos países de maior número de leprosos no mundo, com 120.000 doentes, tendo internado apenas 21 mil leprosos. Que a lepra é uma doença infecta e de difícil contágio, que é curável, não se justificando o horror, as crendices e superstições sobre a doença, fazendo dos doentes homens que caminham sós. Sua conferência foi um alerta, relatando fatos humanos e sinceros da vida dos leprosos, mostrando que é uma doença como outra qualquer, ensinando-nos a

incutir a esperança nos doentes, pois, os leprosos não precisam nem de pena nem de compaixão, precisam sim é de solidariedade e compreensão.

Tratou ainda o conferencista que no Rio de Janeiro iria apelar para que o serviço da lepra no Estado passasse para União — Conclui na 4.ª página —

O MERCADOR NAS CONFERÊNCIA D

Fonte: Jornal A Republica, março de 1958